

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

*A construção das relações afetivas durante
a inserção do bebê na família adotiva.*

Regina Claudia Mingorance

RIBEIRÃO PRETO – SP

2006

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

*A construção das relações afetivas durante
a inserção do bebê na família adotiva.*

Regina Claudia Mingorance

Maria Clotilde Rossetti Ferreira

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP,
como parte das exigências para a obtenção
do título de Doutor em Ciências, Área:
Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO – SP

2006

Autorizo a reprodução total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de pesquisa ou estudo, desde que citada a fonte.

Capa: Reprodução parcial da obra de Gustav Klimt intitulada “Vida e Morte”.

FICHA CATALOGRÁFICA

Mingorance, Regina Claudia

A construção das relações afetivas durante a inserção do bebê na família adotiva. Ribeirão Preto, 2006.

237 p. : il.; 30 cm

Tese, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP – Dep. de Psicologia e Educação.

Orientador: Rosseti-Ferreira, Maria Clotilde

1. Relação Afetiva. 2. Apego. 3. Interação Pais-Bebê. 4. Dialogia. 5. Família.



(Gustav Klimt, "As três idades da mulher", 1905)

*"Meu coração não sabe.
Estúpido, ridículo e frágil é meu coração.
Só agora descubro
Como é triste ignorar certas coisas.
(Na solidão de indivíduo
desaprendi a linguagem
com que homens se comunicam)"*

Carlos Drummond de Andrade

Dedico:

Àqueles que, por alguma razão, encontram-se impedidos de viver, efetivamente, uma relação de adoção e intimidade;
A todos que desejam e acreditam na importância de estar com outro e de construir uma relação afetiva...

Agradecimentos

A todos que contribuíram com a realização deste trabalho:

☞ À Profa. Dra. Maria Clotilde Rossetti Ferreira, minha orientadora que, durante estes quatro anos, acompanhou meu percurso, sempre atenciosa e afetiva, compartilhando seus conhecimentos e depositando em mim uma confiança de quem, realmente, acredita na capacidade de desenvolvimento do ser humano.

☞ As famílias adotivas que me receberam, abrindo as portas das suas casas e das suas intimidades. Pela confiança e acolhimento, permitindo que eu acompanhasse de perto este momento tão importante e esperado por eles, durante anos. Por me adotarem como mais um membro da família, compartilhando momentos de alegria e lágrimas, dúvidas, descobertas... enfim, por dividirem comigo momentos de angústia e de beleza do estar vivo e em relação com o outro.

☞ À Equipe Psicossocial do Fórum, pelo auxiliou no contato com as famílias adotivas e apresentação deste universo da proteção à criança e adoção, que me tocou profundamente não somente como pesquisadora, mas como pessoa.

☞ À coordenadora do abrigo que visitei, por permitir minha entrada na instituição, possibilitando ampliar meus conhecimentos nesta área.

☞ A todos os membros do CINDEDI, mais especificamente, ao grupo GIAAA (Lilian, Carol, Fernanda, Nina, Solange, Raylla, Ana Laura, Cecília) pelo apoio, dividindo comigo as angústias inerentes a este processo de pesquisar, pelas “dicas”, nos momentos em que me encontrava perdida. Por todos os momentos que passamos juntas, não apenas produzindo conhecimento, mas também construindo relações de amizade e parceria.

☞ À Alda do Prado Roma e ao Ronie Charles de Andrade, pela disponibilidade, paciência e atenção, ajudando-me nos assuntos técnicos e burocráticos. Pelo carinho com que sempre me receberam.

☞ À Profa. Dra. Marisa Japur e à Profa. Dra. Maria Cecília Puntel de Almeida, pelas ricas contribuições no exame de qualificação que auxiliaram na continuidade e finalização desta pesquisa.

☞ À Kátia Amorim e Carla Guanaes, pela leitura atenta deste trabalho, em momentos diferentes, pelas reflexões comigo e sugestões que me ajudaram na redação, desde à qualificação até o formato final da tese.

A todos que indiretamente fizeram parte do meu percurso, durante a realização desta pesquisa:

☞ À minha família, minha mãe Neusa, meu pai Dercides, minha irmã Solange, meu sobrinho Dimitri, meu irmão Jarbas. Por estarem tão perto de mim, apesar da distância física, pela relação de carinho, cuidado, que me fazem sentir o que é viver uma adoção em família biológica. Aos meus pais, cada um com seu jeito de ser, pelos melhores valores que carrego dentro de mim, por tudo que sou....

☞ A minha amiga Adriana, minha “maninha do coração”, que há mais de 18 anos nos adotamos constantemente. Muitas brigas, muitas reconciliações, que fortalecem nossa amizade, sempre pautada na sinceridade, por mais dolorosa que, às vezes, ela possa ser. Pela paciência da minha ausência e por me mostrar o valor de uma amizade.

☞ Aos meus amigos Renata Sarti, Fabiane, Taíza, Luciana, Êrika, Tiemi, Rogério, Júnior, Eduardo, Dra. Claudia Cardoso, por dividirem comigo momentos de angústia, de sonhos, de descobertas e de conquistas. Pelas nossas conversas que sempre me abriam inúmeras possibilidades de significar a vida e a mim mesma. Pelas relações que construo com cada um e que me enriquecem como pessoa.

☞ As minhas amigas do grupo de estudo em psicanálise, Ana Rita Nutti Pontes, Marta Daud, Ana Claudia de Oliveira, Cristiana Protta. Quantos momentos passamos juntas!!! Pelo possibilidade de viver relações pautadas não somente no estudo teórico da psicanálise, mas principalmente na amizade e no acolhimento. Pelas palavras de apoio e estímulo, pelo “colinho” nos momentos em que me senti tão desprotegida.

☞ A minha primeira analista Myriam Silveira Vianna e ao meu atual analista Miguel Marques. Como colocar em palavras uma experiência tão profunda e sublime? Talvez o melhor seja agradecer pelo que vocês são, e pelo que pude e posso compreender de mim a partir do contato com vocês. Por auxiliarem no meu encontro com o que tenho de mais colorido e mais sombrio, sem medo e pudor de ser,

efetivamente, quem sou e de construir uma vida que, realmente, faça sentido para mim.

☞ À Profa. Dra. Mara I. Campos de Carvalho, que me introduziu no campo da pesquisa. Mais que minha primeira orientadora, é uma amiga, uma “mãe” adotiva, que desde 1993, me acompanha, sempre com palavras de estímulo e acolhimento, mostrando-me que uma relação de ensino é, principalmente, uma relação de intimidade e afeto.

☞ À Profa. Dra. Marisa Japur. Tenho guardada na minha memória suas aulas tão intensas, que me faziam refletir sobre tantas coisas. Meu modelo de professora, pela sua dedicação, sabedoria e entusiasmo com o processo de construção de conhecimento, buscando implicar o aluno neste processo e torná-lo menos “a luno” (sem luz) e mais “lume” (iluminado). Remeto-me a você, quando entro em sala de aula...

☞ As pessoas que atendo em psicoterapia, pela confiança em partilhar comigo suas mais profundas intimidades e pela oportunidade de vivenciar, com cada uma, experiências emocionais tão singulares, construindo uma relação de afeto e auto-conhecimento.

Enfim....Este trabalho é o reflexo dos meus encontros com cada uma dessas pessoas, além de outras, pois só o pude construir desta forma, pelo que sou, e sou fruto de todas as minhas experiências....

“Tu não és para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Será para mim o único no mundo. E eu serei para ti única no mundo...”

(Saint-Exupéry)

Sumário

Resumo

Abstract

Uma breve história sobre o percurso inicial do trabalho

1. APRESENTAÇÃO	1
2. INTRODUÇÃO	5
2.1. Adoção: os caminhos legais e emocionais na inserção da criança em uma família	5
2.1.1. Adoção: regulamentações legais.....	5
2.1.2. Expectativas, preconceitos e o sentido da “consangüinidade” na base da adoção.....	9
2.1.3. Pluralidade de discursos frente a experiência da adoção.....	12
2.1.4. A construção dos laços afetivos enredada nos múltiplos motivos, direcionalidades e sentidos da adoção.....	14
2.2. Adoção: os discursos psicológicos acerca da vinculação afetiva pais-filhos	15
2.2.1. Alguns sentidos sobre relação afetiva adulto-bebê.....	15
2.2.2. Adoção, vinculação pais-filhos e a “patologia da criança adotiva”.....	22
2.3. A Rede de Significações com forma de investigação das primeiras relações afetivas	26
3. OBJETIVO	37
4. METODOLOGIA	39
4.1. Algumas considerações sobre a relação pesquisador - objeto de estudo e o processo de investigação	39
4.2. Delimitação e construção do corpus de investigação	45
4.2.1. Primeiros contatos e visitas.....	45
4.2.2. Participantes.....	51
4.2.3. Coleta de dados.....	53
4.2.4. Procedimentos para a coleta de dados.....	55
4.2.5. Construção do corpus de investigação.....	57
4.2.6. Análise do corpus de investigação.....	63
5. UMA IMERSÃO NO CORPUS DE PESQUISA- ANÁLISE DE DADOS . 70	
5.1. Apresentando os participantes do trabalho	70

5.2. O Primeiro contato com a família.....	78
5.3. Primeiro e segundo meses de chegada do bebê: bebê com 3 meses e 19 dias e 5 meses, respectivamente.....	84
5.3.1. Relação mãe-bebê: primeiro mês.....	84
5.3.2. Relação pai-bebê: primeiro mês.....	99
5.3.3. Relação tia-bebê: primeiro mês.....	108
5.3.4. Relação mãe-bebê: segundo mês.....	118
5.3.5. Relação pai-bebê: segundo mês.....	128
5.3.6. Relação avó materna/família extensa - bebê: primeiro e segundo meses....	135
5.4. Do quinto ao nono mês de chegada do bebê: bebê com oito meses e 12 meses, respectivamente.....	142
5.5. Décimo primeiro e décimo segundo meses de chegada do bebê: bebê com 14 e 15 meses, respectivamente.....	156
5.5.1. Relação mãe-bebê: décimo primeiro mês.....	156
5.5.2. Relação pai-bebê: décimo primeiro mês.....	162
5.5.3. Relação tia-bebê: décimo primeiro mês.....	166
5.5.4. Relação babá-bebê: décimo primeiro mês.....	172
5.5.5. Visita do décimo segundo mês.....	176
6. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O PRIMEIRO ANO DE CHEGADA DO BEBÊ EM SUA FAMÍLIA ADOTIVA.....	183
6.1. A relação pesquisador-fenômeno estudado.....	183
6.2. O caráter construído das relações.....	187
6.3. A experiência de adoção.....	201
6.3.1. A guarda provisória.....	201
6.3.2. O “calar” a adoção.....	206
6.3.3. A força do discurso biológico.....	211
6.4. Algumas possibilidades de intervenções.....	215
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	223
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	227
9. ANEXOS E APÊNDICES.....	237

Resumo

No campo da adoção são comuns preocupações quanto ao processo de estabelecimento dos vínculos entre criança-família adotiva. Pesquisas nesta área, geralmente respaldadas na Teoria do Apego, acabam focando a relação mãe-bebê e os padrões de apego estabelecidos. O presente trabalho objetivou compreender a construção das relações afetivas entre o bebê e sua família adotiva, investigando, ao longo do tempo, as configurações da trama relacional no contexto familiar, focando os campos interativos estabelecidos entre o bebê e as pessoas presentes no seu contexto e a pluralidade de sentidos de relação afetiva e de adoção, construídos no aqui-agora das situações, suas alterações e mudanças. Para tal, foi acompanhado, durante 12 meses, um bebê, em situação de guarda provisória, em sua família adotiva (sem filhos anteriores) e outros adultos presentes no contexto. Inicialmente, os pais foram entrevistados através de um roteiro semi-estruturado, abordando dados de identificação, questões relativas a sua história de vida e expectativas frente ao bebê. Após o primeiro mês de chegada do bebê e no 12º mês, os pais e os adultos presentes foram entrevistados abordando suas relações com o bebê. Foram feitas gravações em vídeo, com 30 minutos de duração, de diferentes situações interativas entre bebê-adultos. No primeiro mês, as gravações foram semanais; no segundo, quinzenais, passando a mensais após o terceiro mês. Utilizou-se notas de campo para redação das impressões do pesquisador e informações sobre as visitas, além de um diário escrito pela mãe adotiva. A análise dos dados baseou-se na perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações (RedSig), em elaboração pelo CINDEDI, em interlocução com o referencial de produção de sentidos a partir das práticas discursivas. Focou-se a multidirecionalidade das relações entre o bebê e os adultos, os campos interativos em que se configuravam os papéis/contra-papéis e/ou posicionamentos assumidos e atribuídos entre o bebê e os pais e outras pessoas próximas e a construção de diversos sentidos de relações afetivas e de adoção, situadas em um contexto sócio-cultural. O contato com o material evidenciou: período de espera e desenvolvimento do vínculo mãe-bebê imaginário, recusa do pai em criar um filho imaginário e movimento de aproximação e afastamento de ambos no encontro com o bebê real; busca dos pais por uma familiaridade com a criança através de traços físicos e comportamentais; aspectos culturais, como questões de gênero e amor materno naturalizado, e pessoais influenciando

nas posições assumidas e atribuídas a cada pessoa na relação com o bebê e nos sentidos construídos no aqui-agora das situações. Construção de discursos de parcerias preferidas e preteridas pelo bebê, sendo a mãe inicialmente estabelecida como figura preferencial do bebê e posteriormente o pai, que enfatizou o sentido do afeto construído na relação. Momentos de afastamento entre o bebê e sua tia sob o ponto de vista desta e dos demais e afinidade com a babá. Posicionamento da família como adotiva na relação com a família extensa, amigos e pessoas no geral, necessidade de ocultar a adoção, em alguns momentos, bem como dificuldades em lidar com a existência da família biológica do bebê e o temor de perdê-lo para esta. As posições assumidas e atribuídas a cada pessoa, na trama relacional familiar, influenciaram seus posicionamentos no aqui-agora com o bebê. O uso da RedSig possibilitou vislumbrar: a relação afetiva enquanto uma construção influenciada pelas habilidades e competências do bebê que, dentro da trama relacional familiar, atravessada pela matriz sócio-histórica, constituem os lugares e as pessoas que os ocupam; a fluidez e o dinamismo das relações, compreendidas como um processo de construção permanente entre as pessoas em interação, possibilitando o desenvolvimento de várias relações afetivas, cuja força varia conforme os momentos interativos; a tentativa de negociação do lugar de adotivo atribuído à família na relação com o outro. Tal panorama reflete o quão dinâmico e conflitivo é processo de inserção do bebê na família adotiva, remetendo à importância de maiores discussões sobre o tema e um acompanhamento mais próximo a estas famílias.(FAPESP/CNPq)

Palavras-chave: relação afetiva, apego, adoção, interação pais-bebê, dialogia, família.

Abstract

In the adoption field, there are common worries about the bond establishment process between the adoptive child and family. Researches in this area generally based on the Attachment Theory, focus on the mother-baby relationship and the established attachment patterns. The present work aims to understand the affectionate relationships constructions between the baby and his adoptive family, investigating, along the time, relational plot configurations in the family context. It focuses the established interactive fields between the baby and the present people in his context. It also focuses the plurality of affectionate relationship and adoption meanings, which were built in here and now situations, with their changing and moving. We had followed a baby with his adoptive family, and other adults that were present in that context for 12 months, in a situation of provisional foster care. The adoptive family didn't have any children before that. The study began interviewing the parents through a semi-structured list of topics, approaching identification data, life history and expectations about the baby. Parents and present adults were interviewed about their relationship with the baby in different moments: after the first month of the baby's arrival, and on the twelfth month. Video records of 30 minutes long were produced with different interactive situations among the baby and adults. On the first month the records were weekly, on the second month, fortnightly, getting to monthly after the third month. There were taken field notes for a researcher perception writing, and visit information. Besides that, it was used a diary written by the adoptive mother. The data analysis was based on the perspective of theoretical methodological of network meaning, that is being elaborated by CINDEDI. It was used in interlocution with meanings production referential from the discursive practices. The multidirectional relationship between the baby and the adults were focused. There were taken in consideration the interactive fields with the roles/anti-roles and/or the assumed and attributed taken positions among the baby, the parents and close people. There were also considered as important the construction of affectionate and adoptive relationships in many meanings, which were situated in a socio-cultural context. There were some evidences in the contact with the material: a waiting and developing bond period between the mother and the imaginary baby; the father's refusal of raising an imaginary child, and the child and father movement of getting close and

turning away when in contact with the real baby; the search for a familiarity with the baby through physical and behavioral traits; cultural aspects as gender matters and naturalized maternal love; personal aspects that were influencing the assumed and attributed positions of each person in the relationship with the baby through here and now constructed meanings from situations. There were made some speech constructions about the preferred and despised partnership for the baby. In the beginning the mother was the one who was preferred by the baby. Later on the father had this position, who emphasized the constructed affectionate meaning in the relationship. Remoteness moments between the baby and the aunt were noticed by herself and others. It was also noticed how the baby sitter was in tune with the baby. The assumed position of the adoptive family with the extensive family, friends, and other people; the necessity of hiding the adoption in some moments, as well the difficulties in dealing with the biological baby's family existence, and the fear of losing the baby for them. The assumed and attributed position by each person in the family relationship plot influenced their here and now relationship with the baby. The use of RedSig made it possible to realize: the affectionate relationship while a construction influenced by the baby's abilities and competences, in a family relational plot that is intersected by the social-historical matrix, constituted the position of places and people; the fluidity and dynamism of the relationships, understood as a permanent construction process among the people in interaction, made the development of many relationships possible, in which their strength would vary according to the interactive moments; the negotiation attempt of the adoptive place attributed to the family in relationship with the other. Such view reflects how dynamic and conflictive the insertion baby process is in the adoptive family. It sends to the importance of larger discussions about the theme and a closer accompaniment with these families. (FAPESP/CNPq)

Key words: Affectionate relationship, attachment, adoption, parents-baby interaction, dialogy, family.

Uma breve história sobre o percurso inicial do trabalho.

Inicialmente gostaria de relatar um pouco do meu percurso no campo da adoção, por acreditar ter sido extremamente importante para a construção da presente pesquisa.

Durante meu trabalho, entrei em contato com alguns contextos importantes como o Fórum, mais especificamente com a equipe psicossocial, responsável por várias atividades, dentre elas as relacionadas à adoção; e um Abrigo que atendia bebês e crianças com até 2 anos de idade. Por meio dessas visitas pude ampliar minha compreensão sobre o universo da adoção, até então pouco conhecido por mim, sensibilizando-me para a diversidade de conflitos e problemáticas emergentes neste campo. A partir desses primeiros contatos, fui percebendo a força dos sentidos da consangüinidade, da vinculação afetiva naturalizada e da relação pais-bebê marcadas pela posse.

No segundo semestre de 2001, ao decidir realizar meu doutorado na área da adoção com casais cadastrados no Fórum, entrei em contato com uma das psicólogas da equipe psicossocial. Nossa conversa foi extremamente rica, envolvendo desde esclarecimentos quanto as atividades por ela realizada na área da adoção, até indicações de materiais, artigos, livros sobre o tema que poderiam me auxiliar a compreender melhor este campo. No primeiro semestre de 2002, mantive contatos esporádicos com alguns profissionais da equipe, objetivando ter acesso aos casais que estariam adotando bebês. Em agosto de 2002, realizei, como pesquisadora, uma reunião rápida com a equipe psicossocial, com o objetivo de lembrá-los da espera por casais adotantes para iniciar o presente trabalho. Nesta reunião, alguns membros da equipe deixaram claro o interesse em manter um contato mais efetivo e constante com o grupo de investigação sobre acolhimento familiar, abrigamento e adoção

(GIAAA) do CINDEDI para a discussão de questões ligadas à adoção, abrigamento, qualidade de abrigos, dificuldades vividas na prática cotidiana. A partir de então, iniciaram-se reuniões mensais, atualmente quinzenais, para a discussão e reflexão de diversos temas ligados à adoção. Tal espaço levou à produção de alguns roteiros de vídeo abordando diferentes temáticas no campo das medidas de proteção à criança. Essas reuniões possibilitaram-me entrar em contato mais diretamente com a prática dos profissionais psicólogos e assistentes sociais no âmbito da adoção, onde pude compreender a complexidade deste tema, as dificuldades e angústias que evoca.

A opção e decisão entre retirada de um bebê/criança da sua família biológica, o abrigamento, a reintegração na família biológica ou a escolha pela adoção são práticas envoltas por vivências de angústia, onde vários sentidos são construídos. Num jogo de figura e fundo, ora destacavam-se preocupações emergenciais com o bem estar da criança, sendo a retirada da família biológica e por vezes a adoção a estratégia mais viável, ora emergiam preocupações com o desamparo da família biológica que refletia nas situações de negligência e abandono da criança, esbarrando-se na deficiência das políticas públicas de assistência a estas famílias. Em meio a todo este enredamento encontrava-se a criança, que, em algumas situações, é abrigada quando bebê, podendo permanecer até a adolescência. Muitas vezes, parecia-me uma corrida contra o tempo, pois a lista de casais a espera de bebês é longa, porém em alguns meses este bebê abrigado deixa de ser bebê e seu crescimento mostrava-se inversamente proporcional ao acesso a uma família adotiva. Isso deve-se ao fato de que geralmente as pessoas procuram bebês pequenos para adoção, sendo a colocação de crianças acima de dois anos mais difícil e designada como “adoção tardia”[▼].

▼ Segundo Vargas (2001), adoção tardia refere-se a adoção de criança maiores. Concebe-se maior, a criança que já consegue se perceber diferenciada do outro e do mundo, que já não é mais um bebê, que

Além das reuniões com a equipe psicossocial do Fórum, também fiz algumas visitas a um Abrigo para conhecer a dinâmica da instituição. Pude perceber alguns sentidos atribuídos à adoção, ao voluntariado e às crianças. Minha presença era sempre bem aceita, onde sentia-me muita a vontade para conversar, interagindo com as pessoas presentes nestes contexto (funcionários, voluntários e as crianças abrigadas). No entanto, qualquer tentativa minha de sugestão de mudanças, como por exemplo, fazer convênios com as faculdades, como forma de melhorar o atendimento as crianças por meio de estagiários mais qualificados, causava um certo desconforto. Percebi que minha presença ali seria bem vinda contanto que não significasse qualquer alteração na estrutura estabelecida. Embora aparentemente aberta, a instituição mantinha-se hemerticamente fechada em termos da sua organização e funcionamento.

Chamou minha atenção a prática do abrigo em permitir que voluntários retirassem os bebês e crianças para passeios ou mesmo para passar o dia fora. Pude perceber, pelo relato da coordenadora, uma valorização deste vínculo entre voluntário e bebê. Ela inclusive sugeriu, em alguns momentos, que tal prática deveria ser regulamentada e utilizada pelo Fórum, pois este período de aproximação poderia evitar situações de devolução pelo fato do vínculo entre bebê e família pretendente a adoção estar se constituindo antes deste ser retirado do abrigo. Fui percebendo que circulavam no abrigo sentidos de maior ênfase na adoção e, mais especificamente, na adoção fechada, onde não há qualquer contato entre família biológica e adotiva. As mães biológicas era vetada a presença constante neste local, sendo suas visitas restritas a dois dias na semana durante uma hora. No entanto, o voluntariado era valorizado sendo-lhes permitidas visitas a qualquer hora, indiscriminadamente. Foi

tem uma certa independência do adulto para satisfação de suas necessidades básicas. Considera-se a faixa etária entre dois e três anos como o limite entre a adoção precoce e a adoção tardia.

possível identificar a influência da Teoria do Apego respaldando o discurso de valorização da adoção e do voluntariado por meio da ênfase na importância de um vínculo afetivo bebê-figura de apego, para o desenvolvimento saudável deste. Geralmente este vínculo não era associado à relação da criança com sua família de origem, pois circulavam com maior evidência sentidos de desqualificação das famílias biológicas, como desestruturadas, vitimizadoras, inadequadas no trato e cuidado com seus filhos e poucas afetivas.

Toda esta experiência possibilitou-me um maior conhecimento deste campo, constituindo-me não só como pesquisadora, mas também como cidadã, fazendo parte de todo meu caminho ao longo deste trabalho que passo a apresentá-lo a partir deste momento.

1. Apresentação

O tema adoção tem ocupado um espaço importante de discussão nos contextos nacional e internacional, gerando polêmicas e controvérsias. Ao se falar em adoção, vários são os discursos que emergem neste campo como os jurídicos, psicológicos, afetivos, etc.. Tanto no meio jurídico e acadêmico quanto no leigo, destacam-se questionamentos sobre o relacionamento afetivo entre pais e filhos adotivos, processo de adaptação - principalmente em casos de adoção tardia -, possíveis problemas de vinculação decorrentes do hiato entre o nascimento do bebê e sua chegada na família adotiva e a importância da vinculação afetiva para o desenvolvimento bio-psico-social do bebê. Como suporte a tais discussões encontra-se a Teoria do Apego desenvolvida por John Bowlby (2002).

De acordo com a Teoria do Apego (Bowlby, 2002), o homem traz consigo uma história filogenética garantindo-lhe um aparato biológico, que o auxilia no estabelecimento de vínculos afetivos com o outro, principalmente com a mãe, sendo a constância desta primeira vinculação afetiva, conhecida como apego, crucial ao seu desenvolvimento futuro saudável. Nesta teoria, verificam-se concepções, pautadas na esfera biológica, sobre a importância da constância de uma figura no cuidado dispensado ao bebê, geralmente associada à mãe, e sobre a determinação de um período sensível para o desenvolvimento do apego. Tais idéias acabam sugerindo modelos de cuidado e de relação para o desenvolvimento do bebê, além de uma fase ideal para o desenvolvimento de modalidades de vinculação, com efeitos nas relações futuras.

No caso de trabalhos sobre adoção, geralmente as pesquisas, cujo objeto de estudo é a vinculação afetiva, sustentam-se na Teoria do Apego, focando a díade mãe-criança e os padrões de apego estabelecidos (Berthoud, 1997; Chisholm, 1998, 2000;

Espinoza; Yuraszeck; Salas, 2004; Hosbergen; Riksen-Walraven; Kohnstamm, 1997; O'Connor; Marvin; Rutter; Obick; Britner, 2003; O'Connor; Rutter, 2000; Stams; Juffer; Van Ijzendoorn, 2002; Stovall; Dozier, 2000). Alguns aspectos culturais presentes em nossa sociedade, circunscrevendo a relação mãe-bebê sob a perspectiva biológica, reforçadas por discursos acadêmicos, também definem certos caminhos na forma de se conceber a relação afetiva. Tais sentidos se apresentam nas situações de adoção, em que as relações afetivas acabam sendo compreendidas sob a ótica da naturalização com o foco na díade mãe-bebê. Assim, todo o processo de estabelecimento da relação, a presença das demais pessoas no contato direto com o bebê e o contexto sócio-cultural no qual estas encontram-se inseridas, acabam ficando em segundo plano ou não sendo abordados.

Buscando ampliar a compreensão sobre o processo de desenvolvimento humano, o grupo de pesquisa CINDEDI tem elaborado o referencial teórico-metodológico da *Rede de Significações – RedSig* - (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva; Carvalho, 2004). Segundo a RedSig o homem se constitui a partir das interações múltiplas situadas no aqui-agora, em contextos específicos, envolvendo diversas pessoas com suas características individuais, todos os quais apresentam concretudes da matriz sócio-história. No contato com o outro, as relações são construídas através de processos dialógicos, onde os comportamentos de cada pessoa são recortados e significados por si próprio e pelo outro. Em todo esse processo, as pessoas dialogicamente transformam-se, transformam seus parceiros de interação e são por eles transformadas, possibilitando a vivência e formação de diferentes relações afetivas. Tal perspectiva focaliza os diversos processos interativos estabelecidos e a importância da pluralidade de sentidos construídos, possibilitando caminhos múltiplos de relações afetivas.

Tendo em vista a importância das várias interações estabelecidas entre o bebê e as pessoas presentes em seu contexto, como preconizado pela RedSig, no presente trabalho objetivamos ampliar o foco de análise das relações afetivas no campo da adoção, indo além do sentido naturalizado da relação mãe-bebê para as múltiplas relações, como um processo de construção entre o bebê e as pessoas presentes em seu contexto. Buscamos compreender: as relações afetivas que vão se estabelecendo entre o bebê e sua família adotante e demais pessoas em contato direto e constante em seu contexto de desenvolvimento; a trama relacional do contexto familiar, em dinâmica configuração, focalizando a pluralidade de sentidos de relações afetivas e de adoção construídos nos momentos interativos, suas repetições e mudanças ao longo do tempo.

Para uma maior aproximação com a temática do trabalho, apresentaremos alguns sentidos que circulam na literatura sobre a adoção e o discurso da teoria do apego pela sua hegemonia neste campo. Finalizando, abordaremos a concepção de desenvolvimento a partir da Rede de Significações, referencial teórico-metodológico em que se apóia o presente trabalho.

2. Introdução

2.1. Adoção: os caminhos legais e emocionais

na inserção da criança em uma família.

Inicialmente apresentaremos um panorama geral sobre a adoção, buscando localizá-la no contexto nacional, no campo jurídico, em termos das leis e da caracterização das crianças desejadas pelos casais adotantes e os discursos que circulam neste universo.

2.1.1. Adoção: regulamentações legais.

Desde os primórdios da história da humanidade, a prática da adoção faz-se presente no cotidiano das sociedades, sendo seus objetivos e sentidos construídos a partir do contexto cultural e do momento histórico (Paiva, 2004; Monléon, 2000; Wold, 1995). Na Bíblia, já se encontra relatada a história de adoção de Moisés, no século XII a.C. O Império Romano foi sustentado por mais de um século através de descendentes adotivos. Na mitologia greco-romana, o filho adotivo também tem seu lugar nas figuras de Édipo, Hércules, Rômulo e Remo, dentre outros (Andrei, 2001; Pereira; Santos, 1999; Vargas, 1998).

No entanto, segundo Pereira e Santos (1999), apesar do tema da adoção estar presente desde a Antigüidade e das profundas modificações éticas, políticas e jurídicas, influenciadas pelas mudanças de costumes e comportamentos sociais, esse tema ainda é tratado em meio a vários fantasmas, mitos e omissões.

Em termos históricos, no Brasil, o ato de receber uma criança alheia à família, sempre esteve presente, ocorrendo de formas diversas. Como exemplo, têm-se situações em que o cuidado da criança pode ser partilhado por diversas pessoas, como mostra Fonseca (1995), no caso da circulação de crianças; ou adoção marginal a qualquer trâmite legal, sendo conhecida, segundo Costa, como “adoção à brasileira” (apud Vargas, 1998). Do ponto de vista jurídico, no período anterior a 1916, a adoção entrou para a legislação brasileira nos mesmos moldes do direito português, oferecendo pouca proteção ao adotando, por parte da lei. A partir de 1990, com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), sustentado pela Doutrina da Proteção Integral, a adoção tomou uma nova perspectiva, priorizando os interesses do adotando, ao contrário de até então, quando discriminações e segregações eram sustentadas pela lei (Cassin, 2000; Nogueira, 1998).

De acordo com o ECA (Art. 42), qualquer pessoa maior de 21 anos, independente do estado civil, pode adotar. Entretanto, deve haver uma diferença mínima de 16 anos entre o adotante e o adotando e ausência de parentesco (irmãos e avós), devendo o candidato à adoção se submeter a um parecer técnico e/ou do juiz. Para assessorar a Justiça no processo de adoção, o ECA - nos arts. 150 e 151 - dispõe sobre a manutenção de uma equipe interprofissional que, dentre várias funções, fornece subsídios por escrito, mediante laudos, ou verbais, em audiência (Cury; Silva; Mendez, 2000; Nogueira, 1998). Compondo esta equipe, no Estado de São Paulo, estão psicólogos que, junto a assistentes sociais, são responsáveis pela avaliação, seleção e preparo dos interessados, avaliação e preparo de crianças e adolescentes em condições de serem adotados, avaliação dos pais biológicos na destituição do poder familiar, etc. (Cassin, 2000).

Todo o processo, desde a saída da criança da sua família de origem, até sua inserção na família adotante e a conclusão da adoção, pode variar muito. Esse período é marcado por uma série de procedimentos. Em situações em que o bebê é entregue pela família biológica, a equipe interprofissional procura entrar em contato com a família para investigar os motivos. Caso o motivo da entrega seja a falta de recursos materiais para cuidar da criança, os pais devem ser auxiliados por meio de instrumentos sociais, conforme o art. 23 do ECA, de forma a favorecer o retorno da criança a sua família de origem. Esgotadas as possibilidades de reinserção, o adotando é inserido na família adotiva, que assume a guarda provisória. Na guarda provisória, a pessoa que acolhe a criança responsabiliza-se pelos cuidados materiais, emocionais e educacionais desta (ECA - art 33). Durante esta fase, existe a possibilidade de retirada da criança da família adotiva, caso o ambiente e as relações constituídas entre ambos mostrem-se desfavoráveis ao desenvolvimento da criança (Paiva, 2004). Neste ínterim, dá-se continuidade ao processo de destituição do poder familiar da família biológica. Com a conclusão da destituição do poder familiar, conclui-se também o processo de adoção. Todos esses procedimentos, além das atividades convencionais do Judiciário e os ritos processuais com prazos estabelecidos, podem tornar o processo moroso.

O ECA também prevê um estágio de convivência entre adotante e adotando, com prazo estabelecido pela autoridade judiciária, conforme as peculiaridades do caso. O estágio tem como objetivo avaliar a adaptação da criança ou adolescente à sua nova família. Neste período, a equipe interprofissional procura acompanhar o processo de adaptação entre a família adotante e o adotando, sendo avaliada a qualidade do ambiente e das relações constituídas entre ambos. O estágio poderá ser dispensado se o adotando tiver menos de um ano de idade ou se, independente da

idade, já estiver na companhia do adotante tempo suficiente para se poder avaliar a conveniência da constituição do vínculo (Cury; Silva; Mendez, 2000; Nogueira, 1998). A dispensa no caso do adotante com menos de um ano de idade é justificada pelo discurso de que nesta condição a adaptação do bebê à família é extremamente provável pela sua pouca idade (Nogueira, 1998; Rodrigues, 2002). Tal discurso concebe a situação da adoção de bebês similar ao nascimento de uma criança em uma família biológica, desconsiderando a importância do processo de adaptação sob a perspectiva da família, que é resgatada por Becker (2000). No entanto, a autora o faz trazendo a importância da preparação da família em um momento anterior à integração do bebê. Ela enfatiza a necessidade da equipe interprofissional abordar junto à família adotante a suas expectativas frente à adoção e as necessidades e direitos da criança, possibilitando uma gestação psicossocial.

Embora seja ressaltada a importância do acompanhamento da família, esta é sugerida apenas no momento anterior a chegada do bebê, desconsiderando-se a experiência de receber um bebê na condição de adoção, a interação estabelecida entre ambos (bebê-família), a diversidade de sentidos construídos frente a esta experiência emocional e dos possíveis conflitos vivenciados pela família durante este processo. Tal aspecto é abordado por vários autores que ressaltam a peculiaridade da família adotiva, por ser constituída em uma tríade - pais adotivos, filho adotado e pais biológicos – sendo sua história, a forma como a família foi se constituindo e o seu contexto muito diferentes da condição da família biológica. A história de infertilidade, a ausência da consangüinidade, a chegada inesperada do bebê na família, diferente da situação de um nascimento cuja gestação ocorre geralmente durante nove meses, os discursos sociais de idoneidade da paternidade e maternidade no caso de filhos biológicos e a confrontação que os pais adotivos experimentam sendo-lhes atribuído

um lugar de menor idoneidade, são alguns dos aspetos vivenciados pelas famílias adotivas (Brodzinsky; Schechter; Henig, 1993; Espinoza; Yuraszeck; Salas, 2004, Leon, 2002).

Desta forma, apesar das facilidades introduzidas pelo ECA, ainda encontram-se muitos obstáculos no processo de adoção, devido, principalmente, aos diferentes discursos produzidos no campo da adoção relacionados aos preconceitos, expectativas, temores, perfis específicos da criança desejada pela maioria dos adotantes, dentre outros sentidos que circulam.

2.1.2. Expectativas, preconceitos e o sentido da “consangüinidade” na base da adoção.

Em estudo realizado por Pereira e Santos (1998), no Fórum de Ribeirão Preto, através do levantamento de registros entre 1993 a 1997, totalizando uma amostra de 164 casos, pode ser constatado entre os casais que: 65% preferiam crianças brancas, 71% solicitavam crianças com idade máxima de até um ano e somente 7% relataram disponibilidade em adotar uma criança com idade acima de três anos; 36% preferiam meninas, 95% e 91% recusavam crianças com problemas mentais e físicos, respectivamente. Segundo os autores, os casais buscam, pela adoção, reproduzir o modelo de família biológica, adotando crianças recém-nascidas e de cor semelhante a dos adotantes, criando-se uma configuração familiar correspondente ao padrão socialmente aceito.

Tal situação não se alterou nos últimos anos. Em um levantamento mais recente realizado por Cassin (2000), também no Fórum de Ribeirão Preto, abrangendo o período de 1986 a 1999, totalizando 502 inscrições e 327 relatórios psicológicos, foi verificado que 89,7% dos candidatos a adoção preferiam crianças de cor branca,

91,9% desejavam crianças com até um ano de idade; 37% preferiam meninas e 92,7% só aceitariam crianças saudáveis, sem qualquer tipo de problema físico ou mental.

Em trabalho realizado em uma Vara da Infância e Juventude do Distrito Federal, Costa e Campos (2003) descreveram que, até março de 2001, havia 41 crianças cadastradas para adoção, dez crianças com até três anos de idade, 23 entre quatro e onze anos e oito acima de doze anos; 27 do sexo masculino, sendo consideradas de difícil colocação as crianças mais velhas, não brancas e com problemas de saúde. Corroborando outros levantamentos, as autoras apontam que este panorama reflete o movimento dos adotantes em buscar encobrir os temores e receios com relação à história, origem e genética da criança.

Tais dados trazem à tona os vários discursos que circundam o universo da adoção. Schettini Filho (1998a) alerta para a valorização dos laços sanguíneos na cultura brasileira, cuja ligação hereditária seria um pressuposto indiscutível que ditaria as normas de valorização e continuidade familiar. Assim, a adoção seria considerada como uma configuração familiar paralela e artificial. Na tentativa de diminuir a inexistência do laço sanguíneo e solidificar a ligação parental, tanto pais quanto filhos adotivos procurariam indícios de semelhanças físicas (Schettini Filho, 1998b). Em algumas famílias adotivas, a semelhança física é tão valorizada a ponto de ser destacada como fundamental para o exercício da parentalidade e para a construção do vínculo com a criança (Costa; Campos, 2003).

Para Dolto (Dolto; Hamad, 1998), a ênfase na “lei do sangue” posiciona o ser humano como puramente biológico, um simples mamífero, levando a idéia de que as características físicas promoveriam a condição de filiação. No entanto, segundo ela, o humano não se reduz aos vínculos biológicos, sendo que é através da cultura e da linguagem que as relações se tornam estruturantes.

A ênfase no sangue também é reportada por Schneider (apud Christiansen, 2001) que pontua ser a procriação, a gestação e o nascimento significados culturalmente através de símbolos e que o símbolo mais forte na cultura euro-americana seria a consangüinidade. Embora as famílias possam ser criadas tanto pelo sangue como pela lei (no caso das adotivas), simbolicamente há uma tendência a considerar o relacionamento de sangue como mais forte que o baseado na lei. O relacionamento de sangue traz a conotação de permanência, não podendo ser terminado, já o da lei é passível de finitude. Segundo o autor, uma pessoa pode ser ex-marido, mas não ex-pai. Neste sentido, a natureza inalterável do laço sangüíneo teria um aspecto muito significativo, onde um relacionamento de sangue seria visto como um relacionamento de identidade. Desta forma, surge a idéia de que parentes de sangue partilham de uma identidade em comum, sendo que a noção de consangüinidade implicaria na idéia de identidade comum e de união duradoura. Embora a procriação seja uma função biológica enquanto a paternidade/maternidade e parentesco sejam construções psicossociais, o autor ressalta que tais processos, apesar de distintos, são confundidos e visto como idênticos. Na cultura americana, o parentesco é definido como sendo intrínseco à condição humana, diretamente determinado pela natureza, dificultando a compreensão deste processo enquanto uma construção cultural (Leon, 2002).

O discurso da consangüinidade promove a concepção de laço sangüíneo como algo desde físico até invisível e intangível. É concebido como uma força magnética proveniente do fator genético que predetermina o amor e catalisa um movimento de busca recíproca entre criança e mãe, gerando um desejo de encontro e união em detrimento da vinculação da criança com seus pais adotivos (Motta, 2001).

Acrescido aos temores da ausência da consangüinidade, é possível identificar outros discursos no campo da adoção.

2.1.3. Pluralidade de discursos frente a experiência da adoção.

Não é incomum os pais produzirem discursos em que a adoção é tomada como algo delitivo, como se tivessem cometido um roubo, gerando sentimentos de culpa e, conseqüentemente, medo de represálias. Os sentidos de punição envolvem o medo de perder a criança ou de que esta resolva retornar para os pais biológicos; também relacionam-se as possíveis críticas sociais frente à infertilidade do casal, onde os cônjuges são marcados como incapazes de gerar os próprios filhos; ou ainda a percepções da adoção como um ato de caridade (Vargas, 1998).

Outros preconceitos que circulam no universo da adoção são: a) preconceito do “sangue ruim”, intimamente ligado ao filho biológico, sendo que muitas vezes as pessoas se posicionam contra a adoção devido à crença de que a criança já traria no sangue todas as mazelas, comportamentos e caráter dos pais biológicos; b) preconceito da “criança das fadas”, refletida no comportamento dos adotantes que buscam um perfil específico de criança a ser adotada, preferencialmente recém-nascida, na tentativa de que esta tenha o mínimo de experiência que possa influir no seu desenvolvimento posterior, embora mantendo-se certo temor de que sua carga genética possa influir em seu comportamento futuro; c) preconceito racial, escancarado nos abrigos, onde a maioria das crianças não adotadas são negras ou mulatas (Andrei, 2001).

Além desses preconceitos, outros apresentam-se no discurso de pais adotivos e da população em geral como: a) culpabilização dos pais biológicos pelo abrigamento e abandono dos filhos e a atribuição ao governo da responsabilidade pelo controle de

natalidade, principalmente em mulheres pobres; b) crença de que a adoção possibilitaria “desbloquear algum fator psicológico” favorecendo a concepção de filhos naturais; c) crença de que o desconhecimento da adoção pela criança promove menos problemas, valorizando-se a adoção de bebês e o sigilo quanto à adoção; d) crença de que adoções realizadas através dos Juizados são demoradas, discriminatórias e burocráticas, buscando-se a adoção direta como alternativa (Weber, 1995, 1999).

Apesar das inúmeras crenças, a adoção pode ser a única forma factível de uma criança encontrar uma família. Neste sentido, Freire (1994, 2001a) defende o desenvolvimento de uma nova “cultura da adoção”, cuja prioridade seria a criança e não a solução dos problemas dos casais, que visam satisfazer seus desejos, como ocorre na adoção clássica. A cultura da adoção promove a chamada adoção moderna, que enfatiza a solução para a crise da criança abandonada, buscando a possibilidade desta ter um lar e condições adequadas para seu desenvolvimento integral. Segundo Freire (2001b, p. 21), “Adoção é o processo afetivo e legal por meio do qual uma criança passa a ser filho de um adulto ou de um casal [...] Adotar é então, tornar ‘filho’ pela lei e pelo afeto, uma criança que perdeu, ou nunca teve, a proteção daqueles que a geraram”.

No processo de adoção há o entrelaçamento do desejo da criança por uma família com o desejo de homens e mulheres em vivenciarem a paternidade e maternidade (Andrei 2001; Schettini Filho, 1998b). Compreender as motivações na busca de um filho, seja ele adotivo ou biológico, é importante, pois o lugar ocupado por este filho no imaginário dos pais influirá nas relações estabelecidas entre ambos (Berthoud, 1997).

2.1.4. A construção dos laços afetivos enredada nos múltiplos motivos, direcionalidades e sentidos da adoção.

No contexto do Fórum de Ribeirão Preto, as principais motivações encontradas entre os pais adotantes foram: a infertilidade ou esterilidade (89.1%), seguido de uma pequena parcela (3%) que buscava companhia e amparo na velhice, podendo também a adoção ter o sentido de caridade, pagamento de promessas, etc. (Cassin, 2000). Tal dado é corroborado pela literatura brasileira (Freire, 1994; Maldonado, 1995; Pereira; Santos, 1998; Schettini Filho, 1998a; Vargas, 1998) que aponta a infertilidade ou esterilidade como um dos principais fatores que levam as pessoas a buscarem o processo de adoção. Contudo, os autores alertam para a importância da elaboração do luto frente à impossibilidade de gerar filhos biológicos, caso contrário, pode ser atribuído à criança o papel de suprir uma necessidade dos pais e não o papel de filho.

Desta forma, Dolto (Dolto; Hamad, 1998, p. 96) traz um outro sentido para a adoção:

Adotar uma criança significa, antes de mais nada, torná-la feliz como ela mesma tem vontade de ser. Se a assumimos não é para que ela dê amor ou suporte o nosso. A família adotiva é uma família de referência; eventualmente proporciona à criança uma herança e deve lhe abrir uma rede social [...].

Independentemente de ser ou não através dos laços biológicos, toda relação pais-filhos pressupõe um ato de adoção recíproca, pois os laços sanguíneos não garantem o amor, o qual é construído na relação cotidiana (Maldonado, 1995). Assim, segundo Dolto (1989), toda criança precisa ser adotada pelos próprios pais, sejam eles biológicos ou não, sendo que a criança que não foi inserida na tradição da família do pai ou da mãe não foi efetivamente adotada.

Dentro dessa perspectiva, Vargas (2001) ressalta a importância do preparo da família adotante, auxiliando-a no desenvolvimento da capacidade de acolhimento da

criança. Afirma que a construção do laço afetivo é influenciada mais pela condição da família em perceber e responder às necessidades da criança do que às dificuldades inerentes à vivência de abandono da criança.

Muitas vezes, a experiência do abandono e a vivência de abrigamento circulam no campo da adoção, influenciando na construção de uma cultura da “patologia da criança adotiva”. Tais discursos geralmente são respaldados pela Teoria do Apego, cujo referencial de desenvolvimento infantil apresenta-se baseado em pressupostos mais naturalistas e biológicos. O temor de que o abandono ou o abrigamento possam determinar as condições de vinculação posteriores da criança acabam refletindo nos trabalhos que privilegiam a avaliação do padrão de apego desenvolvido na criança adotiva. Tendo em vista a presença marcante desta concepção no campo da adoção, serão apresentadas suas principais idéias, bem como alguns trabalhos de pesquisa que se propõem a discutir o vínculo entre pais-filhos adotivos.

2.2. Adoção: os discursos psicológicos acerca da vinculação afetiva pais-filhos

Abordaremos alguns sentidos sobre relação adulto-bebê construídos no âmbito da psicologia, ressaltando a Teoria do Apego pelo seu discurso hegemônico no campo adoção. Traremos algumas questões referentes à vinculação pais-filhos adotivos e algumas pesquisas sobre o tema, tanto no âmbito nacional quanto internacional.

2.2.1. Alguns sentidos sobre relação afetiva adulto-bebê.

Ao longo da história, principalmente a partir do século XVIII, vêm se construindo discursos de ênfase da figura materna como responsável pelos cuidados

da criança e a naturalização da relação afetiva mãe-bebê (Ariès, 1981; Badinter, 1985). A literatura psicológica não se mostrou alheia a tais sentidos, construindo também toda uma compreensão científica respaldada na figura materna, ocupando uma posição importante no processo inicial de desenvolvimento humano, tendo a Teoria do Apego um de seus principais representantes.

Pelo fato do bebê nascer bastante imaturo e dependente, ele necessita do outro social tanto para a manutenção da sua sobrevivência, em termos de satisfação das necessidades básicas como alimentação, quanto para o seu desenvolvimento psíquico (Bowlby, 2002; Brazelton, 1988; Spitz, 1998). Apesar da imaturidade geral dos comportamentos, o bebê nasce com uma gama de habilidades para a regulação social, o que sugere a importância das relações interpessoais para o seu desenvolvimento (Bussab; Ribeiro, 1998). Este processo é permeado por diversas vivências emocionais, constituindo uma forte relação afetiva entre o adulto e o bebê.

Segundo Brazelton (1988), apenas a manutenção da sobrevivência do bebê não permite o seu desenvolvimento pleno enquanto um ser social, sendo fundamental o contato afetivo. Esta ligação afetiva leva o adulto a manter uma maior atenção sobre o bebê e a organizar o ambiente de forma a propiciar-lhe condições adequadas de crescimento. Todo este cuidado do adulto torna-se um meio de encorajar o bebê a prosseguir na exploração do ambiente a sua volta, levando-o ao desenvolvimento e à aquisição de novas habilidades. Este laço original entre pais e bebê é considerado como a principal fonte para todas as ligações subsequentes da criança, caracterizando-se como um relacionamento de cunho formativo e auxiliando-a no desenvolvimento do sentido de si mesma (Klaus; Kennel; Klaus, 2000; Klaus e Kennell 1992).

Geralmente a relação adulto-bebê é transportada para a relação pais-filhos, evidenciando a valorização da família nuclear, mais especificamente, da figura da mãe, na forma de conceber o desenvolvimento humano.

Spitz (1998) enfatiza a importância da relação mãe-bebê para o desenvolvimento psíquico e somático da criança. Por meio desta relação a incompletude da criança é suprida pela mãe, que provê e satisfaz suas necessidades. Nos primeiros meses, a percepção afetiva e os afetos predominam na experiência do bebê, sendo que a atitude emocional da mãe, seus afetos influenciarão nos afetos do bebê, bem como na qualidade de suas experiências. Spitz (1998, p 101) chama a atenção para a ênfase na figura materna:

Pode-se alegar que a mãe não é o único ser humano no ambiente da criança, nem o único que tem influência emocional; que o ambiente compreende pai, irmãos, parentes e outros, podendo ter todos eles significado afetivo para a criança. Mesmo o ambiente cultural e seus costumes têm uma influência sobre a criança, já no decorrer do primeiro ano de vida. Tudo é evidente; entretanto, nem sempre lembramos que em nossa cultura ocidental estas influências são transmitidas à criança pela mãe ou seu substituto.

Estudos sobre o estabelecimento da primeira relação afetiva, denominada como apego, teve como precursores as figuras de John Bowlby e Mary Ainsworth (apud Bretherton, 1991, 1992) que, normalmente, atribuíam à figura da mãe um papel de destaque no desenvolvimento infantil.

Em sua Teoria do Apego, Bowlby (2002; apud Bretherton, 1991, 1992) concebeu o comportamento enquanto fruto da interação entre estrutura genética e meio ambiente. Segundo ele, o comportamento humano está sujeito a influências culturais, mas com a presença de algumas características comuns à espécie, adquiridas durante o processo evolutivo. Sob esta perspectiva, o autor compreende o comportamento de apego como um comportamento instintivo, conseqüente de todo um processo evolutivo. Na história filogenética, a proximidade mãe-bebê mostrou-se

de suma importância para a defesa e proteção contra os predadores. Desta forma, a ligação afetiva entre mãe-bebê mostra-se tão estável a ponto de ser considerada axiomática e intrínseca à natureza humana, havendo uma tendência entre os parceiros de manterem-se próximos um do outro, suscitando comportamentos de manutenção da proximidade (Bowlby, 1997). O comportamento de apego traria em si uma importância adaptativa, sendo a quebra precoce deste vínculo prejudicial ao desenvolvimento da criança.

No auxílio do contato com o outro, desde o nascimento, o bebê humano apresenta uma acentuada tendência para responder a vários tipos de estímulos provenientes do ser humano. Da mesma forma, já apresenta determinados sistemas comportamentais mediadores do comportamento de apego como o choro, o sorriso e a sucção, o balbuciar, o chamar, o seguir e o agarrar-se, sendo que, no decorrer do desenvolvimento, estes comportamentos dão lugar a outros sistemas mais refinados, visando a busca do contato afetivo. Tais comportamentos possibilitam um meio de estabelecimento e manutenção do contato com a figura de apego e sofrem a influência de algumas condições intrínsecas e extrínsecas à pessoa (Bowlby, 2002; Gosselin, 2000; Montagner, 1988; Rossetti-Ferreira, 1984).

A Teoria do Apego ressalta a importância de determinados períodos para o desenvolvimento do apego, chamado de período sensível, que começa a se manifestar entre três e seis meses de idade, tornando-se mais claros a partir do oitavo mês e diminuindo de intensidade por volta dos três anos. À medida que aumenta a capacidade do bebê em identificar com mais precisão sua mãe, ele manifesta mais medo e ansiedade no contato com pessoas estranhas (Bowlby, 2002; Montagner, 1988; Rossetti-Ferreira, 1984).

Bowlby (1997; 2002) enfatiza a figura da mãe no desenvolvimento da relação afetiva com o bebê, e somente inclui outras pessoas como pai, avó, entre outros, presentes no contexto do bebê, a partir do primeiro ano de vida. Apesar do autor fazer referência a essas figuras posteriormente, ele ressalta que o bebê apresentará uma preferência marcada por uma determinada pessoa, personificada na figura da mãe, sendo tal fenômeno denominado “monotropia”.

Embora Bowlby (2002) procure relativizar o processo de escolha da figura principal de apego pela criança, sugerindo a influência da composição familiar e dos cuidados dispensados pelas pessoas, a figura da mãe biológica acaba sendo muito valorizada em detrimento das demais pessoas presentes no ambiente do bebê. Sob o ponto de vista biológico, Bowlby (2002, p. 381) relata:

[...] Por um lado, a mãe-substituta não pode dispor dos mesmos níveis hormonais da mãe natural: por outro, uma substituta poderá ter pouco ou nada a ver com o bebê antes deste ter algumas semanas ou meses de idade. Em consequência destas limitações, as respostas maternas de uma substituta poderão ser menos fortes e menos sistematicamente deflagradas do que as de uma mãe natural.

Sistematizando formas de estudo sobre o apego, Ainsworth (1964; Ainsworth Blehar; Waters; Wall, 1978; apud Bretherton, 1991, 1992) elaborou uma nova proposta metodológica, denominada de procedimento da Situação Estranha. Este teve por objetivo verificar os comportamentos de apego da criança em situações de separação da mãe, em laboratório, levando a uma exacerbação dos mesmos. Os resultados obtidos através de estudos utilizando a Situação Estranha levaram à classificação dos bebês dentro de três padrões de apego, envolvendo um conjunto de comportamentos apresentados pelas crianças, definidos por Bowlby (2002) como: apego seguro, apego resistente e ansioso, apego ansioso com evitação. Posteriormente, acrescentou-se um quarto padrão: apego desorganizado e desorientado. Cada padrão estaria associado a comportamentos específicos

apresentados pela mãe decorrentes do seu próprio padrão de apego desenvolvido na infância. Desta forma, uma criança classificada como seguramente apegada teria uma mãe classificada como segura-autônoma; no apego ansioso com evitação a mãe apresentaria um desapego; no apego resistente e ansioso/ambivalente a mãe seria classificada como preocupada; e, para o apego desorganizado e desorientado, a mãe seria classificada como não resolvida e desorganizada (Main, 1998; Pierrehumbert, 1998; Brigas, 1999).

Segundo Bowlby (2002) e Ainsworth (1964, Ainsworth Blehar; Waters; Wall, 1978), a forma como se estabelece o contato entre o bebê e o adulto será a base para a seleção da figura de apego, onde mais importante que a alimentação e satisfação das necessidades básicas, está a capacidade do adulto interagir de forma adequada com o bebê. A presteza com que a pessoa responde ao choro da criança e a iniciativa para interagir socialmente com ela influenciarão na escolha da figura de apego principal e subsidiária.

Nesta breve exposição sobre alguns sentidos de relação afetiva adulto-bebê construídos no campo da psicologia e a hegemonia da Teoria do Apego, é possível verificar que, ao conceber a relação adulto-bebê, a ênfase recaía sobre a figura da mãe. Embora a teoria se refira ao contexto sócio-cultural, este nem sempre é considerado, assim como a diversidade de fatores envolvidos no momento interativo e a rede de relações configurada no ambiente familiar. Tal aspecto refletiu na forma de se analisar a constituição do vínculo afetivo, por meio do procedimento da Situação Estranha, levando a sistematização de padrões específicos de apego tanto da criança quanto da mãe, figuras focais no procedimento.

Essa forma de compreender a relação afetiva a partir da valorização do vínculo entre mãe-bebê e da classificação de padrões de apego desenvolvidos conduziu a

maioria dos trabalhos no campo da adoção, cuja compreensão da relação afetiva entre pais-filhos adotivos restringiu-se, muitas vezes, a uma série de escalas e entrevistas sistematizadas e ao procedimento da Situação Estranha como forma de avaliar a constituição da relação afetiva (Berthoud, 1997; Chishom, 1998; Espinoza; Yuraszeck; Salas, 2004; Hoksbergen; Juffer; Walraven; Kohnstamm, 1997; Hughes, 1999; O'Connor; Marvin; Rutter; Obick; Britner, 2003; Stams; Juffer; Van Ijzendoorn, 2002; Stovall; Dozier, 2000). Outro ponto diz respeito a ênfase que a teoria do apego traz na importância desta primeira vinculação afetiva e as possíveis patologias no desenvolvimento infantil previstas como decorrentes da quebra desse vínculo inicial. Tal sentido atravessa o campo da adoção, construindo-se discursos de possíveis dificuldades adaptativas da criança adotiva na constituição da relação afetiva com sua família adotiva, além do desenvolvimento de dificuldades emocionais em virtude desta quebra inicial do vínculo e da institucionalização. A título de ilustração, em um site da internet sobre adoção é possível identificar tal discurso. Neste, Balone (2003) faz uma crítica ao trabalho de Weber (1995), que procura desmistificar alguns preconceitos apresentados pelas pessoas com relação à crianças adotivas, reafirmando a veracidade de tais preconceitos:

1. Teriam medo de adotar crianças mais velhas (acima de 6 meses) pela dificuldade na educação;
Está absolutamente certo. Há grande probabilidade das crianças institucionalizadas em orfanatos terem, infelizmente, experimentado momentos de negligência e abandono maternos os quais, de acordo com Spitz, Robertson e Bowlby, poderiam resultar em seqüelas indeléveis e definitivas na constituição dessas crianças. Portanto, o medo de adotar-se uma criança que mais tarde apresentará severos problemas comportamentais e psiquiátricos é bastante sensato. (Balone, www.psiqweb.med.br/infantil/adoc.html, 2003).

Tal discurso retrata alguns dos sentidos que circulam no campo da adoção, baseados em uma concepção de desenvolvimento humano associado a determinados períodos da vida. O que sugere um desconhecimento quanto possibilidade de

plasticidade do ser humano, desconsiderando-se a importância da rede de relações da pessoa, ao longo da sua vida, possibilitando caminhos diversos de desenvolvimento como fruto desses processos interativos.

2.2.2. Adoção, vinculação pais-filhos e a “patologia da criança adotiva”.

Ao abordar a vinculação afetiva pais-filhos adotivos é inevitável depararmos com trabalhos que focalizam os padrões de apego estabelecidos pela criança como indicadores da qualidade relacional na família.

Em uma pesquisa de âmbito nacional sobre relação afetiva e adoção, Berthoud (1997), baseada na teoria do apego, discute os laços afetivos entre mãe e filho em situação de adoção, defendendo que a qualidade do apego não é prejudicada pela adoção em si, no entanto ela sugere uma idade do bebê mais propícia ao bom desenvolvimento do apego. Em seu trabalho de pesquisa, envolvendo vinte crianças brasileiras adotivas de um a três anos de idade, a autora buscou relacionar, a partir da teoria de apego de Bowlby, o padrão de apego desenvolvido pelas crianças com três variáveis: a) idade e condições de vida anteriores à adoção; b) motivos que levaram os pais à adoção e c) condições de vida proporcionadas à criança pelos pais adotivos. Como resultado do trabalho, puderam ser detectados alguns fatores de influência no padrão de apego desenvolvido, tais como: a) a idade da criança, sendo que crianças adotadas antes do sexto mês apresentariam maior probabilidade de desenvolver um apego seguro; b) a história anterior da criança e as motivações dos pais ao adotá-la; c) a sensibilidade da figura substituta às iniciativas da criança, que pode favorecer o desenvolvimento de um bom padrão de apego na criança. Para a autora, o modelo teórico de Bowlby mostrou-se adequado ao estudo da dinâmica da interação mãe-filho

em situação de adoção, não sendo observadas diferenças no padrão de apego desenvolvido nos primeiros anos de vida entre filhos adotivos e biológicos.

Relações entre padrões de apego e idade de adoção também foram observadas nos trabalhos de Chisholm (1998), ao avaliar crianças romenas adotivas. Participaram do trabalho 46 crianças, com aproximadamente 30 meses, tendo permanecido no orfanato por, pelo menos, oito meses; 46 crianças não institucionalizadas com idade semelhante às das adotadas e 30 crianças adotadas antes de completar quatro meses de idade. As crianças com permanência de, pelo menos, oito meses no orfanato apresentaram maiores índices de apego inseguro do que as crianças adotadas antes dos quatro meses de idade e as crianças não adotadas. No entanto, a autora questiona o determinismo da institucionalização no desenvolvimento do apego. Segundo ela, as experiências precoces nos orfanatos têm um impacto no apego seguro apenas quando acompanhada de outros estressores, como situações de maus tratos, abuso físico e sexual, etc.

Chisholm (2000) pontua, nos casos de adoção tardia, a importância de outras variáveis, que não a adoção em si, influenciando no sucesso desse processo. Vivências constantes de estresse, a falta de um suporte emocional e de uma rede de apoio, poderiam afetar a sensibilidade da mãe adotiva e, possivelmente, o desenvolvimento de um novo padrão de apego na criança. Assim, o sucesso da adoção também estaria relacionado a um contexto mais amplo no qual a criança se insere, e a maneira como as relações entre esta e as pessoas relevantes no seu contexto de desenvolvimento seriam constituídas e não apenas à relação da idade mãe-criança.

É possível identificar no panorama da adoção até aqui apresentado as influências da Teoria do Apego (Ainsworth, 1964; Ainsworth; Blehar; Waters; Wall, 1978; Bowlby, 1989; 2002) que enfatiza os padrões de apego estabelecidos. Ao

discorrer sobre o desenvolvimento do apego, Bowlby (2002, p. 444) ressalta a importância da qualidade da relação mãe-bebê:

“As perturbações do comportamento de apego são de muitos tipos. No mundo ocidental, muitas das mais comuns, em minha opinião, são resultantes de cuidados maternos precários ou de cuidados dispensados à criança por uma sucessão de diferentes pessoas. As perturbações decorrentes de um excesso de cuidado são muito menos comuns [...]”

A ausência de oportunidades para o estabelecimento de vínculos afetivos, bem como prolongadas ou repetidas rupturas de vínculos já estabelecidos, são enfatizados por Bowlby (2001) e seus seguidores como fatores relevantes na etiologia de possíveis distúrbios psiquiátricos na infância.

Porém, outras abordagens com relação a essa questão da psicopatologia são possíveis. Rutter (1979), em uma revisão crítica a respeito da privação materna e rupturas na relação mãe-criança, questiona a ênfase dada à importância desta descontinuidade no desenvolvimento infantil. O autor ressalta a necessidade de se analisar separadamente os efeitos de separações de uma ligação afetiva já estabelecida, compreendendo o maior número de aspectos envolvidos como, por exemplo, dificuldades econômicas e conflitos entre cônjuges, pois a reação da criança não pode ser atribuída exclusivamente à situação de separação.

Segundo Di Loreto (1997), a adoção surge no discurso leigo e técnico com o sentido de sintoma. Tendo como pano de fundo seus atendimentos a crianças adotadas, o autor questiona a adoção enquanto sintoma, trazendo para a discussão a importância da dinâmica familiar na construção dos sintomas da criança. Segundo ele, a adoção em si é um fator neutro, não havendo uma patologia intrínseca à mesma por parte da criança ou da família. No entanto, a forma com se configura a trama relacional no contexto familiar seria de suma importância para o desenvolvimento saudável da criança. Para o autor, quatro pontos seriam cruciais: função materna,

função paterna, relação de proximidade/respeito entre o casal e o apego à realidade, ou seja, relações pautadas no compromisso com a verdade. O comprometimento severo de uma dessas funções poderia levar a dificuldades no desenvolvimento emocional da criança. Para o autor, sua experiência clínica não evidencia qualquer caráter patogênico intrínseco à adoção para a criança adotada ou para os adotantes, sendo o filho adotivo psicologicamente idêntico ao filho natural.

Trabalhos dentro da esfera da adoção, compreendendo as relações de apego, acabam se respaldando na perspectiva de um possível comprometimento da criança e de dificuldades na constituição da relação afetiva com a família, em virtude do tipo de padrão de apego já estabelecido pela criança, anterior a sua inserção na família adotiva (Berthoud, 1997; Chisholm, 1998, 2000; Hosbergen; Hosbergen; Riksen-Walraven; Kohnstamm, 1997, Espinoza; Yuraszcek; Salas, 2004; Hughes, 1999; O'Connor; Rutter, 2001; O'Connor; Marvin; Rutter; Obick; Britner, 2003; Stams; Juffer; Van Ijzendoorn, 2002; Steck, 1998; Stovall; Dozier, 2000; Zeanah, 2000). Nestes sentido, muitos estudos sobre adoção, conforme levantados por Pereira e Santos (1999), são direcionados aos aspectos psicológicos dos adotantes e aos possíveis problemas emocionais apresentados pelas crianças adotivas. Os autores apontam para as divergências entre os resultados de diversos trabalhos, demonstrando a importância da continuidade de estudos acerca do tema.

Embora o tema da adoção seja de suma importância, Vargas (1998, p.32) chama a atenção para o número inexpressivo de pesquisas:

Penso que outros fatores, além da questão do preconceito e da falta de uma cultura mais desenvolvida da adoção, concorram para esta carência. A dificuldade de se fazer pesquisa, a falta de uma cultura de pesquisa nessa área ainda nova do conhecimento científico, o pouco espaço oferecido pelas instituições legais, para que os sujeitos e os processos de adoção sejam estudados num *setting* diverso do consultório, quando então, já se tornaram “pacientes”, são alguns exemplos da complexidade da situação, de tabus que ultrapassam a fronteira do tema adoção.

Buscando compreender as relações afetivas entre pais-filhos adotivos sob uma perspectiva diferente das geralmente adotadas neste campo de pesquisa, procuraremos trazer nossa concepção de desenvolvimento e sua contribuição na investigação do processo de chegada e construção dessa relação.

Dentro de uma perspectiva dialógica, o ser humano é concebido como necessariamente um ser de relação, que encontra-se inserido em uma rede de relações interpessoais desde o momento da sua concepção, sendo que esta rede vai se ampliando e tornando-se mais complexa ao longo do tempo (Carvalho, 1998). Partimos da proposição de que é nesta complexidade interativa que as pessoas se constituem, num movimento dialógico, onde uma pluralidade de sentidos se constrói no aqui-agora relacional, possibilitando configurações diversas de relações afetivas. Tal concepção encontra-se na base do referencial teórico metodológico da Rede de Significações, no qual nos apoiamos no presente trabalho e que será exposto a seguir.

2.3. A Rede de Significações como forma de investigação das primeiras relações afetivas.

Apresentaremos o referencial teórico-metodológico da *Rede de Significações*, o qual é baseado em teóricos sócio-históricos, suas concepções sobre desenvolvimento humano, relação afetiva e construção de sentidos na situação interativa. Em seguida, discutiremos as contribuições da Rede de Significações para o estudo do processo de inserção do bebê na família adotiva.

A perspectiva teórico-metodológica da *Rede de Significações – RedSig* vem sendo construída, desde 1990, a partir de diversos projetos de estudo, dentro do grupo de pesquisa do CINDEDI (Centro de Investigação sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil). Inicialmente, a elaboração desta perspectiva se fez através de trabalhos envolvendo o processo de inserção e integração da criança pequena, de sua família e das educadoras na creche (Rossetti-Ferreira; Amorim; Vitória, 1996, 1997).

Posteriormente, sua aplicação foi ampliada a outros contextos, nos quais, de modo geral, envolviam períodos de crises e mudanças intensas (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2000). Nos últimos anos, a perspectiva da Rede de Significações vem tendo seu uso estendido para a análise de outros eventos de desenvolvimento, como: a investigação sobre a continuidade e mudança no desenvolvimento de pessoas com histórico de infrações (Silva, 1999, 2003); situações de separação mãe-bebê e seus sentidos possíveis influenciando na constituição do papel de mãe (Vascelos Ferreira, 2000) e processo de inclusão/exclusão de crianças portadoras de paralisia cerebral na pré-escola (Yazlle, 2001; Roriz, 2005). Ainda, atualmente, a Redsig tem sido utilizada em pesquisas no “grupo de investigação sobre acolhimento familiar, abrigamento e adoção” (GIAAA), compreendendo levantamentos no contexto jurídico (Mariano, 2004) e no contexto de abrigos (Serrano, 2004), assim como no familiar através da investigação da construção dos papéis de maternidade e paternidade (Costa, 2005), da construção das relações afetivas entre o bebê e sua família adotiva (o presente trabalho), da construção da subjetividade da criança adotada (Eltink, 2005), dos relatos de crianças adotivas sobre o processo de adoção (Solon, 2005).

Na base da perspectiva da *Rede de Significações* estão os pressupostos teóricos de autores sócio-históricos como Vygotsky (1991) e Wallon (apud Werebe; Nadel-Brulfert, 1986). Através destes, o processo de desenvolvimento é pensado enquanto

uma intrínseca relação entre organismo-ambiente. Nessa relação, o bebê humano, que, dentre todas as espécies, nasce com maior imperícia e imaturidade, depende do adulto para sua sobrevivência (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2000). Apesar da sua imaturidade motora, os bebês demonstram possuir capacidades perceptuais e sociais precoces, permitindo uma comunicação, mesmo que primitiva, com o adulto (Santos-Oliveira; Bussab, 1996). Assim, a cada idade, estabelecem-se formas peculiares de interação entre a pessoa e seu ambiente, onde os aspectos físicos do espaço, as pessoas próximas, a linguagem, os valores e cultura constituem o contexto de desenvolvimento.

O homem é visto enquanto fruto de inúmeras interações, cujas ações são articuladas por meio da coordenação de papéis, recortados por formas ideológicas-discursivas, transitando entre papéis/contra-papéis e/ou posições, que podem ser assumidos, negados, negociados ou recriados pelos participantes em interação. Este processo é possibilitado através das interações sociais, nas quais fragmentos de experiências passadas e presentes são articulados a aspectos relacionados a perspectivas futuras, por meio de processos de imitação dos modelos e confrontos das necessidades, representações e sentidos. Neste processo, os significados atribuídos aos participantes da interação e à situação como um todo são negociados, revistos e reedificados, abrindo-se novas possibilidades. Num movimento dialético, as transformações individuais remetem a mudanças no meio onde se está inserido (Rossetti-Ferreira; Amorim; Vitória, 1996).

Nesse interjogo, a comunicação entre os parceiros, desde o início da vida, configura-se enquanto um sistema de relações sociais, incluso no ambiente cultural específico do sujeito (Lyra, 2000). Tal comunicação é caracterizada sob dois aspectos: o caráter relacional ou dialógico das trocas e a participação da história cultural através

da história ontogenética. O primeiro compreende a comunicação de forma dinâmica e contínua, como uma troca entre os parceiros, impossibilitando, na análise do processo, a separação do emissor, do receptor e da própria mensagem comunicativa. Dentro deste processo de comunicação, os parceiros são concebidos como interdependentes, cujas aquisições do desenvolvimento pertencem, ao mesmo tempo, a cada sujeito e à relação entre eles. Neste sentido, cada relação é única, tem sua própria história e possibilita o desenvolvimento de determinadas qualidades dos participantes. O segundo aspecto da comunicação, nessa proposição, está associado à teoria sócio genética, que vislumbra uma história filogenética no processo de construção da história cultural. Sob esta ótica, a pessoa é vista imersa num sistema simbólico, historicamente constituído, que irá mediar suas trocas com o mundo social e físico circundante. Assim, a comunicação entre os parceiros estará circunscrita a um sistema cultural construído, inerente a diferentes níveis da história cultural. No caso das relações entre o bebê e demais pessoas, o sistema de comunicação apresentará limites e possibilidades próprias desta história cultural como, por exemplo, as características da linguagem, os valores da cultura onde se encontram, a história do grupo social, dessa família, etc.

A metáfora da RedSig traz uma concepção de desenvolvimento multidirecional, envolvendo todos os participantes e a interação recíproca estabelecida entre eles, inseridos em um contexto mais amplo culturalmente organizado e socialmente regulado. Fazem parte de todo este processo, **os campos interativos** estabelecidos entre os participantes, correspondendo às pessoas presentes na interação, onde e como se estabelecem as relações; **as pessoas** com seus componentes individuais, suas histórias pessoais e características físicas e psíquicas; e **os contextos** nos quais se desenvolvem as interações, constituídos pelas características físicas do

ambiente, estrutura e dinâmica social, cultura e relações estabelecidas naquele meio específico. Todos estes componentes apresentam-se imersos *em* e significados *por* uma **matriz sócio-histórica**, caracterizada por aspectos ideológicos, sociais, econômicos, políticos e culturais. Os vários aspectos da matriz sócio-histórica não se encontram fora da pessoa, de suas relações e contextos, mas têm concretude nas suas ações, gestos, palavras, impregnando o sujeito e seus situados campos interacionais, pois o homem é antes de tudo um ser simbólico (Rossetti-Ferreira; Amorim; Vitória, 1997, Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2000, 2004).

Os campos interativos são concebidos como fundantes no processo de desenvolvimento. A relação com o outro é construída dialogicamente, sendo o ser humano dotado de recursos, desde o seu nascimento, para estabelecer e maximizar o contato com o outro (Bussab; Ribeiro, 1998; Carvalho, 1998; Santos-Oliveira; Bussab, 1996). Na relação com o outro, o bebê é inserido em contextos e posições sociais. Este outro é que apresenta o mundo ao bebê e o bebê ao mundo, criando-se uma diversidade de interpretações favorecendo certas direções e condições para o seu desenvolvimento (Wallon apud Werebe; Nadel-Brulfert, 1986). É no intercâmbio com o outro que papéis/posições são assumidos e atribuídos, podendo ser transformados por cada um em contextos variados, ao longo de sua história.

A pessoa com suas características pessoais se constrói ao longo da sua história interacional sendo significada nas relações situadas e contextualizadas. As pessoas se constituem e definem-se mutuamente, por meio da relação, em que sentidos são atribuídos e assumidos possibilitando o processo contínuo de construção da identidade. Nessas relações constituídas e atravessadas pela linguagem, ao mesmo tempo, criam-se certas possibilidades de descrição de si enquanto que outras são

impedidas, de modo que cada parceiro interativo ocupa certas posições¹ enquanto outras lhes são interditas. Desta forma, a pessoa vai se constituindo em suas múltiplas interações, onde a singularidade se instaura pela impossibilidade de um mesmo lugar espaço temporal e discursivo ser ocupado concomitantemente por duas pessoas. Segundo Harré (Harré; Guillet, 1999) este processo permite a construção de um senso de si individual e diferente dos demais.

Os contextos/cenários são constituídos pelo ambiente físico e social, pela estrutura organizacional e econômica, direcionados por regras, rotinas, etc. Há uma influência mútua, pessoa-contexto, onde ambos se definem, possibilitando a construção de relações em todos os níveis (afetivo, pessoal, profissional, de poder, etc) entre os protagonistas presentes no contexto. O contexto é extremamente relevante por delimitar lugares possíveis a serem ocupados pelas pessoas em detrimento de outros, demarcando o modo como as interações podem se estabelecer, dentro das suas especificidades. Assim, contexto e pessoas coexistem, constituindo-se reciprocamente.

A matriz sócio-histórica, de natureza semiótica, é composta por elementos sociais, econômicos, políticos, históricos e culturais e impregna os processos interativos presentes em contextos específicos. Ela se materializa no aqui-agora das situações, nos componentes pessoais, nos campos interativos e nos contextos (Amorim, 2002). Para Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2004, p.27) a matriz sócio-histórica apresenta-se:

[...] por exemplo, na organização de espaços, das rotinas, das práticas e dos discursos circunscritos a um determinado grupo de

¹ A noção de posicionamento diz respeito ao processo discursivo onde a pessoa se constrói na interação. Quando a pessoa fala ou age, ela se coloca em uma determinada posição, trazendo para o momento da interação sua história particular, ao mesmo tempo em que pode ser colocada em outras posições na interação com o outro (Oliveira; Guanaes; Costa, 2004). O posicionamento enfatiza o sentido que a pessoa dá a uma situação conforme a sua percepção, sua significação do contexto no qual está inserida (Harré; Guillet, 1999).

peças e contexto, e através do próprio corpo, possibilitando e delimitando os campos interativos, favorecendo certas organizações sociais, certos significados e sentidos.

A rede é constituída por esta complexa inter-relação de pessoas, campos interativos, contextos e elementos da matriz sócio-histórica, cujas conexões e articulações formam malhas interligadas, em que as configurações disponibilizam diversos caminhos entre os elementos presentes na rede. Desta forma, as transformações de um dos elementos da rede a reconfigura como um todo e afeta os demais; e, num jogo de figura e fundo, conforme o papel/posição assumido e atribuído à pessoa, há o destaque de alguns elementos – figura –, enquanto os demais permanecem latentes – fundo – até uma nova reconfiguração, pois a rede tem um caráter dinâmico, transformando-se continuamente conforme o momento e a situação (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2000; Rossetti-Ferreira, 2001). Assim, as pessoas sofrem, simultaneamente, influências, transformações e reconfigurações conforme as características físicas, sociais e temporais do contexto e das interações que aí se estabelecem (Rossetti-Ferreira; Amorim; Vitória, 1996).

As características temporais que atravessam as inter-relações são definidas a partir de quatro tempos: tempo presente, ontogenético, histórico e prospectivo. O tempo presente refere-se às interações face-a-face, que ocorrem nas situações presentes do aqui-agora, sendo evocados e combinados os discursos dos diversos tempos. O tempo vivido diz respeito às experiências ontogenéticas, onde o discurso é socialmente construído ao longo do desenvolvimento. O tempo histórico envolve o imaginário cultural de certo período, em que se constroem discursos ideológicos que possibilitam dar sentido aos fenômenos vividos (Spink; Medrado, 2000). Finalizando, tem-se o tempo prospectivo, baseado nos demais tempos, que envolve expectativas e metas futuras, com as antecipações e planos delimitando as ações e interações

presentes. As quatro dimensões temporais encontram-se dinamicamente relacionadas, sustentando-se, contrapondo-se, confrontando-se e transformando-se mutuamente. No interjogo estabelecido entre os diversos tempos presentes nos campos interativos, os significados temporais apresentam-se em dinâmica transformação (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2000, 2004). Revela-se então uma nova abordagem do tempo como devir “considerado como uma dimensão que transcorre no desenrolar dos processos, no fluxo das situações, trazendo a noção de movimento, de acontecimento em contínua mudança e reorganização, de transformação e desenvolvimento” (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2004, p. 28).

Desta forma, o desenvolvimento, sob a ótica da rede de significações, é concebido enquanto um processo contínuo, entrecortado por experiências passadas, percepções do aqui-agora, ou seja, do momento presente e perspectivas futuras, atuando conjuntamente nas interações, inseridas num mundo simbólico, possibilitando a construção dos significados de si mesmo, dos outros e da situação como um todo. A configuração da rede disponibiliza um conjunto de significados, que se constituem como mediadores das possíveis relações estabelecidas entre os participantes. Segundo Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2004), a configuração da rede delimita significados possíveis, cada qual podendo levar a trajetórias diversas. A esta noção, as autoras denominaram “circunscritor”, baseadas no conceito de canalização/*constraint* de Waddington (Silva; Rossetti-Ferreira; Carvalho, 2004) em que simultaneamente a mesma configuração da rede pode restringir e limitar certas ações, possibilitando outras e, conseqüentemente, circunscrevendo certos lugares e posições a serem ocupados pelas pessoas no campo interativo. No entanto, em contraposição à essa dinâmica, entende-se que, em virtude de estruturas mais rígidas de determinadas configurações presentes, pode haver uma tendência da pessoa à repetição de

determinadas posições e comportamentos, que são estimuladas a partir de algum elemento fortemente circunscritor da configuração, levando a pessoa a reincidir em certas posições que fogem do seu controle.

No caso do bebê humano, sua imaturidade e imperícia inicial lhe impossibilitam sobreviver sem a presença do outro. Assim, o adulto será o primeiro mediador da criança para o mundo, sendo tal mediação influenciada pelas múltiplas redes de significações que serão configuradas nas suas relações, envolvendo componentes individuais, contexto e matriz sócio-história, presentes no campo interativo adulto-bebê (Rossetti-Ferreira; Amorim; Vitória, 1996, 1997). Conforme a configuração da rede, no momento interativo envolvendo diferentes participantes (mãe, pai, tia, avó, avô, etc), o bebê poderá ser significado de maneiras diversas. As pessoas interpretam os comportamentos do bebê e a si próprias conforme os papéis/posições conferidos a cada um nas relações estabelecidas no aqui-agora da situação, imersas em um contexto sócio-cultural (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2000).

Neste processo de construção das relações, vários serão os fatores envolvidos, compreendendo desde as habilidades inatas do bebê, as características dos adultos, a comunicação estabelecida entre adultos-bebê, até as situações e o ambiente sócio-cultural no qual se encontram. Esta complexidade busca ampliar o foco de atenção do processo de construção das relações afetivas, passando a pensar tais processos dentro de uma visão dialógica, considerando as diversas relações vivenciadas pelo bebê e a pluralidade de sentidos construídos no aqui-agora das situações. Muitas vezes a relação afetiva é marcada por um discurso biológico que a circunscreve no campo interativo mãe-bebê e direciona as estratégias metodológicas de pesquisa buscando analisar os padrões de apego estabelecidos (Bowlby, 2002, 2001, 1997).

Contudo, tomando como ponto de partida a concepção de que a relação interpessoal é extremamente dinâmica, envolvendo as várias pessoas presentes no campo interativo, envolta por uma pluralidade de experiências emocionais e atravessada por movimentos de aproximação e estranhamento, consideramos como relação afetiva, toda relação com vivências emocionais múltiplas (amor, carinho, indiferença, ciúmes, raiva, inveja, etc.), independente da qualidade do afeto. Desta forma, pensar a construção das relações afetivas entre o bebê e sua família adotiva e pessoas relevantes no seu contexto, foco do presente trabalho, significa trazer à tona as múltiplas redes de significações nas quais o bebê se insere. Compreender, no aqui-agora das situações, os campos interativos, os jogos de papéis/contra-papéis e/ou posições assumidos e atribuídos entre adultos-bebê, os sentidos construídos e suas mudanças e prevalências no processo de construção destas relações.

O processo de inserção do bebê na família adotiva e o estabelecimento das relações afetivas, sob a ótica da rede de significações, deve ser pensado levando em conta, não apenas os componentes individuais do bebê como, por exemplo, suas características desenvolvimentais e condição de filho adotivo, mas também outros componentes da rede. Compreender este processo leva-nos a lançar um olhar para os campos interativos estabelecidos entre o bebê e as pessoas presentes no seu contexto, atentando para as posições atribuídas/assumidas por cada parceiro e os sentidos de relação afetiva e de adoção construídos no aqui-agora das situações, delimitando caminhos possíveis de configuração das relações, dentro de uma trama familiar. Tal produção discursiva apresenta-se influenciada por uma matriz sócio-histórica da sociedade na qual os parceiros na interação se inserem (visão biológica do ser humano, discursos sobre apego, maternidade, paternidade, adoção, etc); pelos componentes individuais das pessoas (posições assumidas nos momentos interativos

que podem se apresentar de formas diversas conforme a significação construída por cada participante em virtude da sua história de vida, características físicas, etc.); pelos campos interativos (quem interage, quando, onde e como) e contextos (casa da família, os trâmites legais da adoção, condições ambientais do abrigo onde se encontrava o bebê, etc.).

O uso da rede de significações poderá auxiliar na análise da construção das relações afetivas no campo da adoção, envolvendo as diversas relações estabelecidas entre o bebê e as pessoas presentes em seu contexto; a pluralidade de sentidos sobre relação afetiva construída no aqui-agora situacionais, as permanências e alterações desses sentidos ao longo do tempo. A RedSig poderá oferecer subsídios para uma melhor compreensão da dinâmica de inserção do bebê à família adotiva e a forma como vão se estabelecendo as relações afetivas do bebê com cada pessoa do seu contexto. No caso da vivência da adoção, procuraremos apresentar a chegada do bebê, como um processo dinâmico, onde sentidos múltiplos de relação afetiva e adoção coexistem configurando-se diversos caminhos de construção de relações afetivas entre o bebê e as pessoas próximas do seu convívio.

3. Objetivo

No presente trabalho tivemos como proposta compreender a construção das relações afetivas entre o bebê e sua família adotiva.

Procuramos investigar as múltiplas relações que foram se estabelecendo entre o bebê e as pessoas próximas presentes no seu contexto familiar de desenvolvimento e os sentidos emergentes na vivência da adoção. Assim, sob a perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações, buscamos compreender, ao longo do processo:

- a) as configurações da trama relacional no contexto familiar, focando os momentos interativos estabelecidos entre o bebê e as pessoas, os posicionamentos assumidos/atribuídos entre ambos;
- b) a pluralidade de sentidos de relação afetiva e de adoção construídos no aqui-agora das situações, os sentidos preservados e modificados.

4. Metodologia

Descrever os aspectos teórico-metodológicos presentes em um trabalho de pesquisa implica na explicitação do posicionamento do pesquisador frente ao contexto de pesquisa e a sua forma de conceber a ação de investigar. Neste sentido, apresentaremos uma reflexão sobre o posicionamento metodológico assumido neste trabalho e, em seguida, sobre a delimitação, construção e análise do corpus.

4.1. Algumas considerações sobre a relação pesquisador - objeto de estudo e o processo de investigação

Inicialmente faremos algumas colocações sobre a compreensão do processo de pesquisa, desde a delimitação do objetivo, até a análise do corpus sob a perspectiva da Rede de Significação (RedSig), adotada no presente trabalho, num intercâmbio com a perspectiva construcionista de produção de sentidos a partir das práticas discursivas.

A perspectiva da RedSig partilha da concepção de que os significados são construídos nas práticas discursivas situados em campos interativos, durante o ciclo vital, afirmando a natureza discursiva e o caráter semiótico da constituição humana (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2000). É na interação que os sentidos e significados são construídos, surgindo novos significados, bem como re-assegurando outros antes construídos. A construção de novas significações implica, necessariamente, na perda de outras possibilidades que tanto podem estar presentes no momento, como serem impedidas de se efetivar (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2000).

No campo da pesquisa, a RedSig é concebida não como uma entidade, mas como uma maneira do pesquisador se colocar frente ao processo de construção do conhecimento, apreendendo o fenômeno investigado dentro da sua complexidade e buscando compreender como os vários elementos articulam-se entre si. A construção do corpus² de pesquisa e da análise objetivam apreender os vários aspectos das redes de significações presentes na situação investigada, em nosso caso, focando os campos interativos e buscando analisar os diferentes significados e sentidos frutos dos momentos relacionais. A análise do material focaliza a produção dos sentidos nos campos interativos, visando apreender o jogo de papéis/contra-papéis e/ou posicionamentos assumidos e atribuídos entre os parceiros no momento interativo. A visão do macrocontexto - culturas, ideologias, sentidos que circulam nos contextos que diretamente ou indiretamente fazem parte do fenômeno estudado - é fundamental para uma melhor compreensão da complexidade da redsig presente no jogo interativo entre participantes envolvidos nas situações (Silva, 2003).

Partindo-se da proposta teórico-metodológica da RedSig, que concebe o pesquisador como co-participante em todo o processo de pesquisa, a elucidação do lugar do pesquisador e seu percurso tornam-se fundamentais para a compreensão do processo de construção do conhecimento (Rossetti-Ferreira, Amorim; Silva, 2004).

Segundo Valsiner e Van der Veer (2000), o fazer científico é circunscrito pelo momento sócio-cultural, envolvendo desde a delimitação do objetivo, a elaboração da hipótese, o contato com o fenômeno estudado até a sua análise pautada sob o referencial teórico adotado. O processo de construção de conhecimento envolve um diálogo do pesquisador consigo mesmo e com outras pessoas, em que o novo pode se constituir, no entanto, circunscrito pelas condições de produção do momento histórico

² O termo corpus, utilizado em diferentes tipos de pesquisas qualitativas, diz respeito a um conjunto de informações selecionadas para estudo (Bauer; Gaskell apud Guanaes, 2004).

e da própria história das pessoas envolvidas. Desta forma, o distanciamento do pesquisador com o fenômeno estudado e a suposta “neutralidade” tornam-se ilusórias, pois, ao se aproximar do fenômeno, o pesquisador o faz imbuído de concepções e influenciado pelo contexto no qual está inserido, ou seja, imerso em redes de significações (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2004).

Minayo (1999) aborda a importância do referencial teórico na construção do conhecimento, enfatizando que a prática da pesquisa não está isenta de interesses, preconceitos e subjetividade. A autora traz uma visão dialética da relação pesquisador-produção de conhecimento, considerando o pesquisador criador e criatura do seu tempo histórico. O dado de pesquisa é resultado da inter-relação teoria-prática e depende do objetivo e da escolha metodológica. A pesquisa não se restringe a um conjunto de técnicas utilizadas para o conhecimento. Ela se constitui em um instrumental ligado a diferentes modos de produção de conhecimento (Tittoni; Jacques, 1998).

Desta forma, o dado de pesquisa deixa de ser visto como um fenômeno que se apresenta espontaneamente, para ser concebido como resultante de um processo onde o pesquisador não pode ser desconsiderado. Embora a suposta “neutralidade” deixe de existir dentro do fazer em ciências sociais, é fundamental na pesquisa o conhecimento de que o pesquisador faz parte do processo, embora necessite colocar-se numa posição de estranhamento frente ao fenômeno com uma observação atenta, procurando perceber sua influência sobre o mesmo e vice-versa. A todo momento, o pesquisador influencia a emergência de significações do processo de pesquisar, assim como o fenômeno analisado impregna e transforma o pesquisador (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2000, 2004). A pesquisa passa a ser concebida como resultante de um interjogo pesquisador-objeto de investigação, estudado dentro de uma perspectiva dialógica de

construção do conhecimento, um momento ativo de construção de sentidos que possibilita a ampliação das possibilidades de significações já existentes (Guañes, 2004).

A perspectiva da RedSig considera o objeto de estudo como fruto de um processo interativo, pessoa e ambiente, onde emergem vários significados e sentidos. No entanto, as formas como se processam as pesquisas no campo da Psicologia em geral e, mais especificamente, na Psicologia do Desenvolvimento, freqüentemente separam o fenômeno estudado do ambiente que o circunscreve (Valsiner, 1987). Por um lado esta separação delimita o objeto de estudo permitindo ao pesquisador focalizar um ponto a ser analisado, por outro lado, pode incorrer no equívoco de buscar compreender o fenômeno dissociado do seu contexto.

No presente trabalho, tendo como base a RedSig, que enfatiza a produção discursiva e a construção de sentidos no momento interativo, buscou-se também uma interlocução com o referencial da produção de sentidos a partir das práticas discursivas, baseada na perspectiva construcionista (Spink; Frezza, 2000).

A perspectiva construcionista concebe o pesquisador e o objeto como construções sócio-históricas que necessitam ser questionados paralelamente à desconstrução da idéia de verdade absoluta.

Spink e Medrado (2000) conceituam “prática discursiva” como momentos ativos do uso da linguagem, isto é, momentos de rupturas, de re-significações, de produções de sentido, em que se encontram tanto a ordem quanto a diversidade.

A produção de sentidos ocorre dentro de um processo dialógico no campo da conversação. Na fala, surgem múltiplas vozes que se inter-animam mutuamente, tanto em diálogos envolvendo outras pessoas, quanto nos monólogos internos (Bakhtin 2002; Bakhtin apud Spink; Medrado, 2000). O diálogo estabelecido entre duas ou

mais pessoas, assim como o pensamento são dialógicos, pois neles falantes e ouvintes se inter-relacionam gerando a produção de sentidos.

Na interface com a teoria do posicionamento, a produção de sentidos é concebida como uma produção discursiva de pessoas em interação. “Posicionar-se implica navegar pelas múltiplas narrativas com que entramos em contato e que se articulam nas práticas discursivas” (Spink; Medrado 2000, p.56). Assim, as práticas discursivas apresentam-se como diferentes formas das pessoas, pelo discurso, produzirem ativamente realidades psicológicas e sociais (Spink; Medrado 2000).

Sob esta perspectiva, os diversos procedimentos utilizados para a aproximação do fenômeno de pesquisa, como entrevistas, notas de campo, cenas de vídeo, entre outros, passam a ser considerados meios de construção de sentidos sobre a questão estudada.

Pinheiro (2000) considera a entrevista como uma prática discursiva, uma ação imersa em um contexto em um dado momento, no qual são produzidos sentidos e construídas versões da realidade. O sentido é produzido na interação e inclui não apenas as pessoas que falam e ouvem, mas todas as demais vozes possíveis, ou seja, o diálogo envolve interlocutores presentes e ausentes.

Fogel (1993), em seu trabalho com observações da interação entre pais-bebês, também aproxima-se da concepção de sentidos construídos na relação, dentro de uma perspectiva dialógica. Para o autor, as interações são co-reguladas através de um processo contínuo de comunicação, sendo os significados construídos no momento interativo e delimitados por *constraints* (circunscritores), que possibilitam algumas significações e impedem outras. Tanto o adulto quanto o bebê participam ativamente do processo, onde as ações de ambos regulam-se mutuamente, possibilitando a criação de significados, em que alguns se tornam mais constantes ao longo do tempo.

A interpretação do material também é considerada uma construção dentro de um processo de produção de sentidos, que abre a possibilidade para novos diálogos e outros sentidos (Spink; Lima, 2000). Dentro de um campo dialógico estabelecido entre pesquisador e participante, assim como entre o pesquisador e seus pares (ao vivo ou materializados em textos), durante o percurso de construção e análise do corpus, emergem algumas possibilidades de produção de sentidos enquanto outras permanecem submersas.

Compreender a análise enquanto produção de sentido não invalida seu rigor, pois, segundo Spink e Lima (2000, p. 102):

Na perspectiva construcionista o rigor é concebido como a possibilidade de explicitar os passos da análise e da interpretação de modo a propiciar o diálogo.

Esse diálogo, desenvolvido no âmbito da pesquisa que se quer científica, não é um processo livre, encontra-se preso aos processos históricos e sociais e ainda às vicissitudes dos relacionamentos humanos. O conceito de objetividade precisa assim ser revisto e re-situado como processo intersubjetivo.

O panorama acima traçado explicita o lugar ocupado por nós, no presente trabalho, e nossos interlocutores no processo de produção de sentidos. Passaremos a descrever o percurso escolhido para o delineamento, construção e análise do corpus do trabalho, na tentativa de ampliar os sentidos sobre a construção das relações afetivas entre o bebê adotivo seus pais e pessoas próximas no seu contexto de desenvolvimento; assim como de propiciar um espaço de diálogo para a produção de novas significações.

4.2. Delimitação e construção do corpus de investigação

4.2.1. Primeiros contatos e visitas.

Antes de iniciar o trabalho, o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto–USP (Anexo1).

Durante o período de coleta de dados, percorri, como pesquisadora, alguns contextos vinculados à área da adoção como o Fórum e um Abrigo que atendia bebês e crianças com até 2 anos de idade. Minhas visitas tinham vários objetivos, desde uma aproximação para conhecer o funcionamento desses contextos, até a apreensão dos sentidos circulantes sobre o bebê adotivo e suas relações; e, mais especificamente, os sentidos construídos sobre a influência das rupturas de vínculos e separações da mãe e da família no desenvolvimento psico-social da criança, os conflitos entre priorizar o vínculo com família biológica ou destituir o poder familiar em prol da adoção e o vínculo afetivo entre bebês adotivos e seus familiares adotantes. Tais concepções norteiam as ações dirigidas direta ou indiretamente aos casais adotantes e aos bebês, influenciando na forma destes significarem o processo de adoção.

Devido ao fato do trabalho focar adoções legais, ou seja, vinculadas às atividades do Fórum, o projeto foi apreciado e aprovado pelo Juiz de Direito da Infância e Juventude de Ribeirão Preto (Anexo 2)³. Entrei em contato com alguns psicólogos e assistentes sociais da equipe psicossocial, à época, responsáveis pela avaliação dos casais cadastrados para a adoção. O contato com as famílias adotivas foi mediado pelos profissionais da equipe psicossocial responsáveis pelo caso específico.

³ A minha entrada, como pesquisadora, na Vara da Infância e Juventude de Ribeirão Preto, para a execução do trabalho, foi permitida frente a um compromisso assinado no setor de adoção.

Posteriormente, visitei um abrigo em uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Este abrigo recebia bebês e crianças pequenas (0-2 anos) nas mais diversas condições, tanto para adoção quanto sob medida de proteção, cujo processo estava em andamento sem desfecho definido.

O Quadro 1 apresenta os contextos (Fórum e Abrigo) e número de visitas realizadas, auxiliando na visualização do meu percurso como pesquisadora.

Quadro 1: Discriminação dos contextos visitados, número de visitas e de entrevistas realizadas ao longo do trabalho.

Contextos Visitados	Número de visitas	Número de entrevistas
Vara da Infância e Juventude (Equipe Psicossocial -Setor técnico)	3	
Encontros com alguns profissionais da equipe psicossocial do Fórum de Ribeirão Preto	34	
Abrigo	4	2 (coordenadora do local)

a) Vara da Infância e Juventude da Comarca de Ribeirão Preto.

Em reunião com a psicóloga indicada pelo juiz, após a apresentação do trabalho, esta se disponibilizou a fazer o primeiro contato com os pais adotivos em situação de guarda provisória. Neste contato, ela lhes informaria sobre o trabalho e a possibilidade de colocá-los em contato com a pesquisadora por telefone, para que se pudesse marcar uma primeira visita de apresentação do projeto.

A psicóloga mostrou-se bastante disponível, explicando o funcionamento do Fórum na área de adoção, o volume intenso de trabalho e apontou para possíveis dificuldades em se conseguir acompanhar casais que adotam bebês. Interessou-se pela proposta do trabalho em acompanhar os casais no primeiro ano de chegada do bebê, por acreditar ser de suma importância este período de adaptação. Segundo ela, este trabalho, embora fundamental, não era realizado pela equipe do Fórum pela falta de

condições de efetivá-lo. A equipe encerrava sua atuação após a colocação do bebê na família, havendo intervenções esporádicas até o momento da adoção ser concluída legalmente. No entanto, a psicóloga relatou sentimentos de angústia vividos pela equipe pela falta de informações sobre o desenvolvimento do contato entre a família e a criança adotada, tendo em vista o sentimento de responsabilidade quanto ao bem-estar da criança. A avaliação da equipe e seus laudos são elementos determinantes em um processo de adoção que, ao ser concluída, torna-se irreversível perante a lei. Assim, eles temem pelo tipo de relação que efetivamente está se desenvolvendo entre a família e a criança, por saberem que adotar um filho não se resume a uma questão legal. A convivência implica em momentos de conflitos e estranhamentos inerentes a qualquer relação, inclusive por haver uma distância entre o real e o imaginado/idealizado que se evidencia no encontro e ao longo do tempo.

A opção em relatar meu percurso no contexto do Judiciário deveu-se à várias razões. Por ser um contexto que me possibilitou encontros extremamente ricos constituindo-me enquanto pessoa/pesquisadora e influenciando diretamente no processo de produção deste trabalho; pela importância das ações presentes neste contexto emergindo no discurso dos familiares que acompanhei; pelas mudanças nos procedimentos desta pesquisa decorrentes das dificuldades inerentes ao processo de adoção; bem como, devido ao contato com discursos respaldados na Teoria do Apego, influenciando diretamente a atuação dos profissionais envolvidos com adoção e, consequentemente, na vida dos casais que buscam adotar e dos bebês à espera de uma família.

Ao longo das minhas visitas às famílias, o Fórum, em alguns momentos, destacou-se como figura no discurso das pessoas presentes. Procedimentos habituais como os contatos com a equipe psicossocial, telefonemas, cartas e audiências eram

vividos pelos pais como momentos de tensão, atravessados por temores da perda do bebê. Estes aspectos serão melhor abordados posteriormente (item 5).

Essa imersão no campo da adoção também conduziu ao redirecionamento do presente trabalho, pois o projeto de pesquisa original se propunha a acompanhar tanto casais biológicos quanto não biológicos (adotivos). No entanto, ao longo do percurso, o campo da adoção foi se apresentando tão instigante e carente de pesquisas desvinculadas à clínica que, após várias reflexões, em discussão com o grupo de pesquisa (GIAAA – CINDEDI), optamos por acompanhar mais sistematicamente casais em situação de adoção. Tal acompanhamento com vários casais seria inviável em virtude das condições de produção da pesquisa, principalmente no que diz respeito aos prazos para finalização do trabalho.

O desenho inicial do projeto pretendia acompanhar o bebê desde o momento da sua chegada na casa do casal adotante ou, até mesmo, ainda no abrigo. Após uma espera de quatro meses, sem a ocorrência de guarda/adoção de bebês, optamos por acompanhar uma primeira família (família 1) que já estava com a guarda provisória do bebê há quatro meses. Não foi possível acompanhar desde o início esse casal/bebê, pois a equipe psicossocial, à época da colocação, em virtude do excesso de trabalho, não entrou em contato comigo. Frente à demora por outra colocação de bebê, os próprios profissionais da equipe do Fórum sugeriram-me o acompanhamento deste casal alegando dificuldades no campo da adoção, mesmo no caso de bebês.

Todo o processo de adoção desde o cadastramento no Fórum até a colocação do bebê em famílias adotantes pode demorar meses e até anos. Isto porque há uma lista de espera maior que o número de bebês abrigados, além de que, muitas vezes, as características dos bebês abrigados não correspondem às desejadas pelos casais. Tal evento reflete a questão polêmica no campo da adoção, em que ocorre uma inversão

dos valores, através da qual destaca-se a questão da consangüinidade, temores da genética e a busca por uma criança para uma família e não uma família para uma criança, como discutida anteriormente no item 2. Apesar da morosidade até convergir os desejos do casal às necessidades do bebê, quando chega a vez do casal na lista de espera e o bebê a ser adotado corresponde ao desejado por este, o procedimento é extremamente ágil. O casal, ao ser chamado para entrevista no Fórum com os profissionais responsáveis pelo caso, entram em contato com o bebê, geralmente no mesmo dia ou no dia seguinte. Tendo em mãos a autorização do Juiz, eles realizam o desabrigo do bebê o mais rápido possível, podendo ocorrer até no dia seguinte. Desta forma, a aquisição da guarda de um bebê pode ocorrer inesperadamente, a despeito da longa espera do casal, em algumas situações. Neste sentido, a chegada do bebê na família é muitas vezes vívida como um parto, porém sem ano, mês e dia marcado.

b) Abrigo para bebês e crianças pequenas.

Procurei conhecer outro contexto importante no campo da adoção, um abrigo que atendia bebês e crianças com até 2 anos de idade, em situação de risco e à espera de reintegração familiar ou adoção.

O interesse em conhecer este contexto surgiu em função deste usualmente fazer parte da história do bebê adotivo, sobretudo em adoções por pais cadastrados, pois em algum momento ele pode passar pela situação de abrigamento, seja por dias, meses ou anos. Outro ponto, diz respeito ao casal adotante, pois alguns pais, ao decidirem sobre a adoção, vão ao abrigo visitar os bebês, visando uma aproximação com estes. Em outros casos, casais indecisos quanto à adoção fazem visitas como forma de estabelecer um contato com as crianças, auxiliando-os na decisão de adotar.

Em minhas visitas pude aproximar-me da rotina da instituição, entender um pouco sua dinâmica de funcionamento. A instituição⁴ caracterizava-se pela filantropia, sendo mantida por atividades como venda de pizzas, rifas, etc., além de doações realizadas pela comunidade em geral e por voluntários, que também prestavam serviços no local. O abrigo situava-se em uma casa adaptada, com pouca infraestrutura para o atendimento de crianças. Ele era composto por dois dormitórios e dois banheiros (um para crianças maiores de 1 ano e o outro para os bebês), um pátio coberto e um descoberto, além de cozinha, lavanderia e sala de atendimento médico. Possuía 15 berços e atendia de 13 a 30 crianças, dependendo da demanda. Segundo a coordenadora, havia períodos de superlotação, sendo necessário colocar dois bebês para dormirem juntos no mesmo berço. A equipe era constituída por 3 funcionárias e contava com a ajuda de voluntários, cujo número variava ao longo do dia, dos dias da semana e da época do ano.

De um modo geral, o abrigo atendia bem algumas necessidades básicas das crianças, promovendo mudanças físicas visíveis, como aumento de peso e maior vitalidade, segundo relato da coordenadora. Pareceu-me prevalecer uma concepção assistencialista de cuidado e desenvolvimento infantil, onde os bebês permaneciam a maior parte do tempo nos berços com pouca estimulação, sendo as interações adulto-bebês restritas, freqüentemente, às atividades de cuidado, sem planejamento de atividades que promovessem interações entre as crianças. Em alguns momentos a falta de funcionários, associada à valorização do voluntariado, configuravam situações em que fui posicionada também como uma voluntária e, assumindo este lugar, vivi situações onde fiz inalação em vários bebês, dei papinha, etc..

⁴ Esta unidade associou-se à unidade que atendia crianças mais velhas e, atualmente, o abrigo encontra-se locado em outro espaço, atendendo bebês e crianças até 6 anos de idade.

Os dois bebês que acompanhei na pesquisa permaneceram neste abrigo, Vinícius (família 1) ficou por alguns dias e Júnior (família 2) por 2 meses. Durante minhas visitas ao abrigo tive um contato rápido com Júnior, embora na época eu não soubesse que ele seria acompanhado na pesquisa.

Após esta primeira aproximação no campo da adoção, entrei em contato com os casais adotantes, em situação de guarda provisória, iniciando as visitas.

4.2.2. Participantes.

Após um primeiro contato por telefone, em que me apresentei como pesquisadora, marquei uma visita para a apresentação do projeto de pesquisa. Todos os participantes, após a explicitação dos objetivos e procedimentos do trabalho, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1, 1a), elaborado segundo a resolução 196/96 (Brasil, 1996). Neste era-lhes assegurado o sigilo sobre as informações obtidas e a identificação pessoal, bem como sobre a possibilidade de se retirarem do trabalho a qualquer momento que desejassem. Participaram dois casais adotantes, sem filhos anteriores, com seus respectivos bebês em situação de guarda provisória, bem como familiares e pessoas próximas. Incluo-me aqui como participante, pois todo o processo de pesquisa, desde meus primeiros contatos, até a escrita final do trabalho, é concebido como uma construção conjunta entre pesquisador e fenômeno estudado.

Abaixo, seguem os Quadros 2 e 3 com a descrição dos casais bem como dos demais participantes da pesquisa.⁵

⁵ As famílias foram enumeradas por ordem cronológica de entrada na pesquisa, sendo todos os nomes fictícios, exceto o da pesquisadora.

Quadro 2: Caracterização dos dados sócio-demográficos dos participantes da família 1.

Participantes/ Categorias	Idade	Sexo	Etnia	Tempo de colocação	Camada Social	Origem/ Estado	Escolaridade	Profissão
Bebê (Vinicius)	5meses e 22dias	M	Branca	4 meses	-----	São Paulo	-----	-----
Pai (Lauro)	38a	M	Branca	-----	Popular	São Paulo	2º grau	Encarregado de cobrança
Mãe (Maria)	40a	F	Branca	-----	Popular	São Paulo	2º grau	Secretária
Avó Paterna (Odila)	57a	F	Branca	-----	Popular	São Paulo	3º série	Costureira
Avó Paterno (Antenor)	66a	M	Branca	-----	Popular	São Paulo	3º série	Aposentado
Tia Paterna (Sueli)	31a	F	Branca	-----	Popular	São Paulo	Magistério	Secretária
Pesquisadora (Regina)	29 a	F	Branca		Média	São Paulo	3º grau completo	Psicóloga

Quadro 3: Caracterização dos dados sócio-demográficos dos participantes da família 2.

Participantes/ Categorias	Idade	Sexo	Etnia	Tempo de colocação	Camada Social	Origem/ Estado	Escolaridade	Profissão
Bebê (Júnior)	3meses 19 dias	M	Branca	4 dias	-----	São Paulo	-----	-----
Pai (Roberto)	39a	M	Parda	-----	Popular	Minas Gerais	4º série	Operário
Mãe (Graça)	40a	F	Parda	-----	Popular	Minas Gerais	7º série	Doméstica
Tia Materna (Carla - mãe de Tatiana)	35a	F	Parda	-----	Popular	Minas Gerais	2º grau	Doméstica
Avó Materna (Judite)	60a	F	Branca	-----	Popular	Minas Gerais	2º série	Do Lar
Prima materna (Tatiana)	12a	F	Parda	-----	Popular	Minas Gerais	5º série	-----
Babá (Marta)	22a	F	Parda	-----	Popular	Minas Gerais	2º grau	Babá
Comadre (Carmem - mãe de Tiago)	35a	F	Parda	-----	Popular	São Paulo	1º grau incompleto	Doméstica
Tiago (filho adotivo)	3a	M	Parda	-----	Popular	São Paulo	-----	-----
Pesquisadora (Regina)	29 a	F	Branca		Média	São Paulo	3º grau completo	Psicóloga

4.2.3. Coleta de dados.

Realizei contatos com as famílias tanto por telefone quanto em suas casas, sendo combinados os horários para as visitas. O Quadro 4 apresenta o contexto familiar e o número de vistas realizadas.

Quadro 4: Discriminação do contexto familiar, número de visitas e de entrevistas realizadas ao longo do trabalho.

Contexto familiar	Número de visitas	Número de entrevistas	Número de gravações (30')
Família 1*	17	10	-
Família 2	22	9	15

* A família 1 não permitiu as gravações, alegando constrangimento frente à filmadora.

a) Contexto familiar.

Em minha primeira visita ao casal da família 1, para a exposição dos objetivos da pesquisa, eles mostraram-se receptivos e atentos. Embora solícitos, pareciam-me um pouco inseguros e desconfiados, principalmente a mãe (Maria), que solicitou alguns dias para decidir sobre a participação no trabalho, tendo a concordância de seu marido (Lauro). Após alguns dias, por telefone, Maria informou-me sobre a aceitação do casal em participar da pesquisa.

O casal residia em um bairro de camada popular, não sendo do agrado da mãe, segundo seu relato. A casa era composta por uma sala de visitas relativamente pequena aonde encontrava-se um sofá, uma poltrona, um raque com a televisão e vários objetos pequenos de vidro, adorados por Maria. Ela dizia que ensinaria seu filho (Vinícius) a não mexer em nada, pois não iria retirar sua decoração da sala. Havia uma cozinha com copa grande, dois quartos e um banheiro. Embora Vinícius tivesse seu quarto, o berço ficava no quarto do casal aonde o bebê dormia. A casa era bastante silenciosa e eles diziam não gostar de barulho e bagunça e sempre falavam

em tom de voz baixo. As entrevistas com Lauro ocorreram na sala, já as com Maria na cozinha. Nossas conversas, durante as visitas, davam-se sempre na cozinha.

Em meu primeiro contato com o casal da família 2, eles mostraram-se atenciosos e receptivos durante a explicação do trabalho e seus objetivos e aceitaram participar de imediato. Desde o primeiro momento, começaram a falar sobre a vivência da adoção e todas as mudanças e agitações que estavam vivendo nos últimos dias com a chegada do bebê (Júnior). A mãe (Graça) solicitou a ampliação das gravações de vídeo para todos os meses do primeiro ano do bebê, como forma de ter uma recordação para eles e para Júnior.

O casal residia em um bairro de periferia, sendo que a irmã da mãe (Carla) e sua filha (Tatiana), à época, também estavam morando na mesma casa. Segundo Graça, o bairro era perigoso, mas ela não se envolvia com “fofocas” de vizinhança e isso os preservava de inimizades, deixando-os mais protegidos.

Quanto à estrutura física da casa, esta era pequena, com uma sala de visitas estreita, dois quartos, sendo que o quarto do bebê estava ocupado por Carla e Tatiana, e o berço estava no quarto do casal, também pequeno. A sala tinha dois sofás, um de frente para o outro, e uma estante com vários objetos decorativos. Alguns deles, ao longo do tempo, foram colocados em lugares mais altos na estante e uma das repartições baixas foi esvaziada para colocar brinquedos do bebê. No quarto de Júnior havia papel de parede e prateleiras com alguns brinquedos. No quarto do casal estava a cama, um trocador, uma cômoda e sobre ela produtos de bebê como xampu, pomadas, talco, etc, além de alguns brinquedos. De início, Graça colocava a banheira de Júnior em sua cama na hora do banho, posteriormente ela passou a colocá-la em cima de uma cômoda. Havia também um banheiro e um corredor ligando sala à cozinha. A cozinha era mais espaçosa com uma porta para o quintal, que era

relativamente pequeno. Na cozinha havia uma mesa com quatro cadeiras, um fogão, dois armários encostados na parede, pia e uma geladeira.

Os banhos de Júnior ocorriam inicialmente no quarto, em uma banheira e posteriormente no banheiro. As entrevistas ocorriam na sala de visitas. Já as gravações davam-se por toda a casa, principalmente no quarto do casal, sala e cozinha. Após as gravações ou entrevistas, todos ficavam na cozinha conversando. A casa era bastante agitada, com conversas em tom alto e música, geralmente canções sertanejas e posteriormente de ninar ou músicas infantis. Ao longo do tempo, a organização física da casa mudou, com brinquedos espalhados, objetos colocados em lugares mais altos e caixas colocadas no quintal para guardar os brinquedos de Júnior.

4.2.4. Procedimentos para a coleta de dados.

Com o intuito de apreender o maior número possível de elementos presentes nas situações interativas entre os familiares/pessoas próximas e o bebê, optamos por trabalhar com diversos procedimentos. Estes poderiam auxiliar na compreensão do processo de inserção do bebê em sua família e a forma como foram se estabelecendo as relações entre este e as pessoas presentes. Realizei entrevistas, gravações de situações interativas, telefonemas e várias visitas, que serão pormenorizadas a seguir:

Entrevistas semi-estruturadas: gravadas em áudio, realizadas com os pais e outros adultos presentes no contexto em que o bebê encontrava-se inserido, visando apreender as experiências vividas entre o entrevistado e o bebê. As entrevistas ocorreram em momentos diferentes durante o primeiro ano de chegada do bebê. Inicialmente, elaboramos um roteiro de entrevista semi-estruturada para auxiliar no contato com os pais e levantar questões que instigassem a conversa. Esta primeira entrevista, realizada nos primeiros dias de contato com os pais, abordava dados de

identificação, questões relativas à história de vida do casal (relações com os familiares e pessoas próximas na infância e no momento atual, relacionamento como parceiro e adoção), perspectivas e expectativas em relação ao bebê (Apêndice 2). Após o primeiro mês da chegada do bebê, fiz uma nova entrevista com os pais, abordando as relações entre eles e o bebê, a rede de apoio e as possíveis afinidades do bebê com determinadas pessoas (Apêndice 3).

Um segundo momento de entrevista ocorreu com os familiares presentes e pessoas muito próximas ao convívio do bebê, tanto nos primeiros meses de chegada do bebê como no décimo primeiro mês, sendo que neste momento, novamente os pais foram ouvidos. Durante estas entrevistas, a conversa baseou-se em temas envolvendo o desenvolvimento das relações com o bebê, sentimentos vividos nesta nova situação, além de percepções sobre as características do bebê e seu comportamento com as pessoas. Estas temáticas também nortearam nossas conversas informais que ocorriam durante as visitas.

Gravações em vídeo (manual e digital com alta definição): com 30 minutos de duração, focaram as diversas situações interativas entre os bebês e os adultos presentes no momento das visitas, visando apreender a interação verbal e não-verbal entre eles. As gravações compreenderam situações de banho, alimentação, momentos em que o bebê era deixado sozinho, por um curto espaço de tempo, seguido do retorno do adulto ali presente, que poderia ser o pai, a mãe ou outros, brincadeiras e várias atividades livres.

Notas de campo: para registrar minhas impressões das visitas em termos de contexto físico, de eventos e das relações entre os familiares e outras pessoas relevantes e destes com o bebê, bem como, do próprio contato estabelecido entre mim e os participantes. Os registros foram redigidos em cadernos, imediatamente após a

finalização das visitas e/ou contatos por telefone e, posteriormente, transcritos e arquivados em computador.

Além das notas de campo, Graça (família 2) ofereceu-me uma cópia do seu diário ao final da coleta de dados em 20/09/2003. Este foi escrito desde sua ida ao Fórum para obter informações sobre adoção, em 15/09/1999. Estas informações foram usadas para complementar a análise.

4.2.5. Construção do corpus de investigação.

a) A escolha de uma família.

Em ambas as famílias, realizei entrevistas com os pais, familiares e pessoas presentes no dia-a-dia do bebê, além de visitas ao longo do primeiro ano. Embora eu tenha acompanhado os dois casais, apresentarei a história da família 2, durante o primeiro ano da chegada de Júnior.

A opção por um estudo de caso focando a família 2 deveu-se a vários fatores. Primeiramente pelo fato de conseguir acompanhar a chegada de Júnior desde seus primeiros dias. Sob a perspectiva da RedSig (Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva, 2004), momentos de ruptura e mudanças são muito ricos para a apreensão de velhos e novos comportamentos e sentimentos, podendo emergir novos sentidos. Assim, pude presenciar a vivência da família 2 nos primeiros contatos com Júnior, acompanhando o período de adaptação inicial, momento este de crise e mudanças, onde o sentidos imaginados de uma relação com o bebê confrontavam-se às experiências reais do aqui-agora. Pareceu-nos uma condição privilegiada para acompanhar os primeiros movimentos de constituição das relações, diferente da família 1 que já estava como bebê há 4 meses, já tendo passado pelo período de adaptação. Enquanto na família 2

pude presenciar no aqui-agora os momentos interativos iniciais com o bebê, na família 1 tive acesso apenas ao relato dessas vivências anteriores.

Como o objetivo do trabalho era compreender a de inserção do bebê, a família 2 possibilitou-me esta apreensão, podendo acompanhar a eferescência emocional, os primeiros contatos e todo este processo inicial de forma mais intensa e aprofundada. Já na família 1, embora eu os tenha acompanhado durante 1 ano também, este não envolveu a chegada do bebê, o que impossibilitou a aproximação com estes momentos iniciais tão intensos, tornando-se um acompanhamento mais extensivo. Outro ponto referiu-se a ausência de gravações da família 1. Embora minha atenção na análise do material tenha se voltado mais para as entrevistas e visitas, as gravações mostraram-se muito ricas, auxiliando-me na visualização do processo, sob diferentes perspectivas, não somente através do discurso oral mas também pelo comportamento verbal e não-verbal, capturados nas cenas de interação entre a família e o bebê. Ademais, o diário da mãe adotiva da família 2 (Graça) propiciou mais um recurso importante para uma melhor compreensão de todo o processo de adoção e chegada do bebê.

Finalizando, o acompanhamento de duas famílias não teve objetivo comparativo. Nosso interesse maior neste trabalho foi em acompanhar a trama relacional no contexto familiar, os múltiplos sentidos de relação afetiva construídos no aqui-agora e a experiência da adoção, de acordo com os aspectos pessoais, campos interativos, contexto e matriz sócio-histórica daquela família em particular e não a pluralidade de sentidos em famílias diferentes. Por outro lado, embora um estudo de caso possa parecer oferecer uma visão limitada de um fenômeno específico, a análise aprofundada e pormenorizada do fenômeno, aliada a um conjunto de informações que permita sua representatividade social, como por exemplo, sexo, camada social, grau

de escolaridade, etc., possibilita acessar sistemas que ultrapassam o caso individual (Costa, 2005; Fonseca, 1999).

Diante desta conjuntura, partilhamos da idéia de estudo de caso proposta por Yin (2001), como uma estratégia preferida quando se quer examinar acontecimentos contemporâneos, cujas condições contextuais mostram-se relevantes no fenômeno estudado. Para este autor, a estratégia do estudo de caso é bastante abrangente e possibilita ao pesquisador lidar com uma ampla variedade de evidências obtidas por várias técnicas, dentre elas as observações diretas e as séries sistemáticas de entrevistas. Um caso pode ser definido como uma unidade delimitada (grupo, pessoa, programa etc), estudada com profundidade, através de múltiplos pontos de vista e metodologias de “coleta de dados”.

b) Contexto de produção dos procedimentos da pesquisa: caminhos múltiplos para a aproximação da história da família 2.

Como colocado anteriormente, busquei, por meio de vários procedimentos, uma aproximação com a experiência da família em receber um bebê. Percorrer esses múltiplos caminhos auxiliou-me na compreensão da configuração das relações afetivas na família de Júnior, na condição de guarda provisória, sob diferentes vértices, enriquecendo meu olhar para este fenômeno tão complexo e dinâmico.

No Quadro 5, a seguir, explicito detalhadamente os procedimentos utilizados no acompanhamento da família 2 durante o primeiro ano de Júnior.

Quadro 5: Caracterização do número e datas das entrevistas e das gravações com cada participante da Família 2, ao longo do primeiro ano de chegada do bebê (Júnior).

<i>Meses/ Procedimentos</i>	<i>Entrevistas</i>	<i>Gravações*</i>
1º mês (bebê com 3 meses e 19 dias e posteriormente 4 meses)	04/10/2002 (Graça – 1º entrevista) 07 e 19/10/2002 (Roberto– 1º entrevista) 28/10/2002 (Carla – 1º entrevista)	10/10/2002 (Júnior e Graça) 19/10/2002 (Júnior, Graça, Roberto e Carla) 25/10/2002 (Júnior, Graça, Roberto e Carla) 08/11/2002 (Júnior, Graça, Roberto e Carla, Tatiana)
2º mês (bebê com 5 meses)	04/11/2002 (continuação da entrevista com Carla) 08/11/2002 (Graça – 2º entrevista) 18/11/2002 (Roberto– 2º entrevista) 18/11/2002 (Judite – conversa informal anotada em notas de campo)	16/11/2002 (Júnior, Graça, Roberto, Carla, Tatiana, Judite, Tiago) 18/11/2002 (Júnior, Graça, Roberto, Carla, Carmem, Tatiana, Judite)
3º mês (bebê com 6 meses)	conversa informal anotada em notas de campo	13/12/2002 (Júnior, Graça, Carmem, Tiago)
4º mês (bebê com 7 meses)	conversa informal anotada em notas de campo	31/01/2003 – filmagem extra (Júnior, Graça, Roberto e Tatiana)
5º mês (bebê com 8 meses)	conversa informal anotada em notas de campo	24/02/2003– filmagem extra (Júnior, Graça, Roberto, Tatiana, Carmem e Tiago)
6º mês (bebê com 9 meses)	conversa informal, gravada e anotada em notas de campo	11/03/2003 (Júnior, Graça, Roberto, Tatiana e Carla)
7º mês (bebê com 10 meses)	conversa informal anotada em notas de campo	08/04/2003– filmagem extra (Júnior, Graça, Roberto, Tatiana, Carla e Tiago)
8º mês (bebê com 11 meses)	conversa informal gravada e anotada em notas de campo	06/05/2003 (Júnior, Graça, Roberto, Tatiana e Carla)
9º mês (bebê com 12 meses)	conversa informal gravada e anotada em notas de campo.	09/06/2003(Júnior, Graça, Roberto, Tatiana e Carla)
10º mês	Férias	Férias
11º mês (bebê com 14 meses)	13/08/2003 (Graça - 3º entrevista) 25/08/2003 (Roberto - 3º entrevista)	22/08/2003 (Marta, Júnior, Graça, Roberto e Tatiana)
12º mês (bebê com 15 meses)	05/09/2003 (Marta- 1º entrevista) 18/09/2003 (Carla - 2º entrevista) conversa informal gravada e anotada em notas de campo	23/09/2003 (Júnior, Graça e Roberto)

* Todas as pessoas presentes no local no momento da visita e que manifestavam o desejo de participar da filmagem foram filmadas. Após, a pesquisadora permanecia no local conversando com as pessoas sobre suas relações com o bebê. As informações eram gravadas e/ou redigidas em notas de campo.

Graça – mãe, **Roberto** – pai, **Júnior** – bebê **Marta** – babá de Júnior
Carla – tia materna, **Tatiana** – filha de Carla, **Judite** – avó materna
Carmem – comadre de Graça e Roberto
Tiago – filho adotivo de Carmem e afilhado de Graça e Roberto
 Todos os nomes são fictícios.

Os meses em **negrito** correspondem aos planejados no projeto, os demais foram visitas com gravações extras a pedido de Graça.

Até o 5º mês, as conversas ocorridas após as gravações foram anotadas sob a forma de notas de campo, após as visitas. Porém estas conversas eram extremamente ricas em conteúdos, provavelmente favorecidas pelo clima de informalidade e descontração, onde surgiam brincadeiras e todos falavam. Por este motivo, a partir do sexto mês, optei por começar a gravá-las com o consentimento da família.

A sala de visitas tornou-se o espaço para a realização das entrevistas. Todos os participantes, quando eu perguntava-lhes aonde gostariam de fazer a entrevista, sugeriam a sala, embora não fosse o local mais privativo, pois o quarto seria um espaço em que poderíamos fechar a porta e ficarmos mais a vontade. Durante as entrevistas, as outras pessoas presentes na casa ficavam na cozinha. No entanto, haviam momentos de interrupções por alguém da casa que passava pela sala. Apesar destas interrupções e circulação de pessoas pela casa, não me parecia haver constrangimentos, como se estivéssemos conversando de assuntos cujos sentidos eram partilhados por todos. Apenas a tia de Júnior (Carla), em raros momentos, abaixava o tom de voz, parecendo procurar assegurar-se de que não seria ouvida pelas demais pessoas da casa. Tal fato ocorria principalmente quando Carla relatava a vivência de Graça durante as tentativas frustradas de engravidar.

Quanto às gravações, para evitar qualquer constrangimento e criar um clima de acolhimento, os participantes decidiram sobre o horário e as situações que gostariam que fossem registradas, além das sugeridas (situações de banho, alimentação, momentos em que o bebê fosse deixado sozinho, atividades livres e brincadeiras). Assim, a seqüência dos acontecimentos ficou a critério da família. Inicialmente houve um certo constrangimento de todos nas situações de gravações, no

entanto, ao longo do tempo, eles foram se adaptando à situação ficando mais descontraídos frente à câmera.

Além das gravações, entrevistas e visitas gravadas e redigidas em notas de campo, também tive em mãos um diário escrito por Graça. Neste diário, Graça iniciou sua escrita no dia em que foi ao Fórum “dar entrada nos papéis da adoção”⁶ e tinha como interlocutor seu filho imaginário - que ela sempre se referia como filho, do sexo masculino, colocando o artigo feminino entre parênteses - e posteriormente com o filho real. Era um diário escrito para o seu filho, em que ela estabeleceu um diálogo vivo com ele, descrevendo sua trajetória para que posteriormente ele pudesse ler. Sua escrita era datada, com uma frequência quase diária de início, tornando-se espaçada ao longo do tempo. Chegou a ficar 10 meses sem escrever após a morte de um grande amigo da família (seu compadre - marido de Carmem, pai de Tiago). Voltou a escrever e novamente parou durante 5 meses e, ao retomar a escrita, relatou estar perdendo as esperanças de conseguir adotar. Escreveu durante alguns dias e novamente parou. Voltou a escrever após 6 meses, parou novamente e só voltou a escrever depois de 1 ano quando recebeu a notícia de que havia um bebê a ser adotado. Sua escrita focava principalmente fatos do cotidiano, privilegiando momentos alegres e de esperança. Os momentos de angústia e falta de esperança surgiam com pouca frequência sendo que, nestes, Graça interrompia sua redação. Após a chegada de Júnior sua escrita tornou-se quase diária, trazendo suas vivências e de seus familiares com o bebê, entremeados por relatos de alegrias, surpresas e temores, sendo este último com menor incidência.

⁶ Conforme escrito por Graça em seu diário.

4.2.6. Análise do Corpus de investigação.

As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas, na íntegra, por uma outra pesquisadora, psicóloga, com prática em transcrição de fitas, demarcando-se os silêncios, frases interrompidas, etc. Posteriormente, fiz a revisão, demarcando o tom de voz e expressões emocionais na fala, quando se evidenciavam. As páginas e linhas foram numeradas para facilitar a referência ao material na discussão. As transcrições foram informatizadas e passarão a fazer parte de um banco de dados coletivo. Neste se encontram os materiais coletados das demais pesquisadoras integrantes do GIAAA-CINDEDI.

Em função do volume de material, optamos por trabalhar com as entrevistas, visitas gravadas e algumas cenas de vídeo, incrementadas com as informações redigidas em notas de campos e no diário de Graça. Busquei apreender, no discurso dos participantes e nas cenas de vídeos, a configuração da trama relacional no contexto familiar, os momentos interativos das pessoas com o bebê, os posicionamentos assumidos/atribuídos entre ambos, além dos sentidos construídos de relações afetivas e da vivência de adoção, no aqui-agora das situações, suas mudanças e permanências ao longo do tempo.

Baseando-me em alguns procedimentos de análise de Guanaes (2004) e Costa (2005), meu contato com o material (entrevistas, visitas, cenas de vídeo, diário de Graça), direcionado pelo objetivo do trabalho, buscou além de padrões regulares, o inusitado, isto é, os momentos marcantes que abriam outras perspectivas de contato e compreensão da questão estudada.

a) Entrevistas e visitas gravadas.

Num primeiro momento, organizei as entrevistas e visitas gravadas realizando diversas leituras, com uma atenção flutuante, sem um foco em sentidos específicos,

apenas possibilitando a emergência dos diversos sentidos no material. Busquei demarcar, no discurso, os vários sentidos que surgiam. Num segundo momento, num jogo de figura e fundo, privilegiei como figura conteúdos relacionados ao objetivo do trabalho. Assim, realizei uma nova leitura selecionando momentos em que o entrevistado referia-se ao bebê e/ou à relação estabelecida entre ambos, ou à relação dos demais participantes entre si e com o bebê. Tais relatos foram organizados sob a forma de quatro grandes blocos discursivos:

- 1) Momentos em que os participantes falavam sobre o encontro e os primeiros contatos com o bebê;
- 2) Momentos em que os participantes se referiam a adoção trazendo suas experiência e de outras pessoas;
- 3) Momentos cujos relatos se pautavam nas relações entre o entrevistado e o bebê, bem como a forma como o entrevistado percebia a relação do bebê com os outros familiares ou com pessoas presentes no seu contexto e destes entre si;
- 4) Momentos de relatos sobre as características físicas e comportamentais do bebê.

Os recortes das entrevistas e das visitas gravadas, ao longo do um ano de coleta, foram organizados em quatro arquivos (1-Encontro e Adaptação, 2- Relações entre o Bebê e as Pessoas, 3- Adoção, 4- Características do Bebê) discriminando-se os meses em que tais produções ocorreram.

Passei a trabalhar com esses quatro arquivos, buscando aprender os sentidos construídos referentes ao objetivo do trabalho, ao longo dos 12 meses de chegada do bebê. Foram obtidos recortes de diversos momentos em que os participantes falavam sobre tais questões, onde sentidos foram construídos, alguns se mantendo e outros se

modificando ao longo do tempo. Utilizei cores diferentes conforme os sentidos, para diferenciá-los, facilitando minha visualização dos sentidos de maior ou menor frequência trazidos pelos participantes. Desta forma, alguns sentidos que se destacaram foram:

- a) De parcerias privilegiadas e preteridas: em que os participantes construíam discursos do bebê ter preferências por determinadas pessoas em detrimento de outras, produzindo diversos sentidos para tal movimento, havendo sempre uma situação de comparação entre os vários parceiros nos momentos interativos com o bebê;
- b) De amor naturalizado x construído e de estranhamento x afinidade imediata: em que os participantes traziam sentidos de estranhamentos no contato com o bebê e afeto pautado na convivência ou de afinidade e afeto imediatos pelo bebê independente da interação;
- c) De semelhanças físicas e comportamentais: em que os participantes relatavam semelhanças físicas ou comportamentais entre o bebê e a família adotiva;
- d) De posse na relação como bebê e medo da perda: em que emergiam sentidos de relação com o bebê baseada na posse deste e o temor de perdê-lo para a família biológica.

Além desse material, paralelamente organizei dois arquivos com recortes sobre a história dos pais, em virtude da primeira entrevista abordar temas da história de vida, mais especificamente, suas relações afetivas na infância e atuais.

b) Gravações.

Concomitante à leitura das entrevistas, realizei uma primeira aproximação com as gravações em vídeo, cuja organização e análise baseou-se em Amorim (2002).

Foram obtidos 15 episódios de 30 minutos de duração. Cada episódio foi observado atentamente, buscando-se descrever, de forma geral, o local onde se desenvolveu a situação, as pessoas presentes nas cenas, as atividades realizadas e as interações estabelecidas. Num segundo momento, observei cada episódio mantendo uma atenção flutuante, com o intuito de apreender cenas significativas. Foram consideradas cenas significativas: a) os momentos da interação entre o bebê e seu parceiro que poderiam ser cenas de banho, de choro do bebê, b) situações em que o bebê era deixado sozinho e suas reações ao encontro, c) situações que corroboravam ou contradiziam relatos de entrevistas, d) interações entre as várias pessoas na presença do bebê. Assim, algumas cenas foram destacadas. Busquei selecionar, pelo menos, uma cena onde o bebê interagiu com cada pessoa presente no seu contexto, cenas que evidenciavam as possíveis afinidades ou não do bebê com determinada pessoa. Nestas cenas, busquei aprender também o campo interativo estabelecido entre as pessoas e não apenas destas com o bebê.

c) Notas de Campo e Diário da mãe adotiva.

Assim como nas entrevistas e visitas gravadas, realizei várias leituras das notas de campo e do diário de Graça, com atenção flutuante, para a apreensão dos discursos que emergiam e seus múltiplos sentidos, dentro do objetivo proposto no trabalho. Nas notas de campo pude contar com minhas impressões iniciais que tomavam forma mais consistente quando me deparava com o conjunto do material que tinha em mãos. Fui apreendendo os sentidos que circulavam na família quanto à adoção, às relações afetivas estabelecidas naquele contexto e à forma como interagem comigo e as posições atribuídas a mim. Com o diário de Graça pude ter acesso a alguns momentos do seu percurso antes e após a chegada de Júnior e os sentidos que ela trazia às várias situações relativas à adoção.

d) Organização do conjunto do material: entrevistas, visitas, cenas de vídeos e diário da mãe adotiva.

Após a organização inicial do material, algumas cenas de vídeos e recortes de entrevistas e visitas foram selecionados para uma análise microgenética. Dentro da perspectiva da RedSig, a abordagem de análise microgenética apresenta-se como a mais indicada no estudo de processos, permitindo a apreensão do processo de construção e transformação das interações estabelecidas entre os adultos e os bebês (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2000, 2004). A abordagem microgenética exige um trabalho de ir e vir no corpus, onde a atenção é dirigida tanto para as partes que o compõem, quanto para o todo.

Nos recortes das entrevistas e visitas procurei apreender o campo interativo trazido no discurso, as posições assumidas e atribuídas pelos participantes; os sentidos construídos e as formas como foram se estabelecendo as relações entre o bebê e o entrevistado; bem como do bebê com outras pessoas e das pessoas entre si sob a ótica do entrevistado. Procurei apreender também a forma como o tema da adoção surgia, os sentidos construídos e as posições atribuídas e assumidas por cada participante dentro da perspectiva da adoção.

Em algumas cenas selecionadas, procurei descrever a seqüência comportamental, o campo interativo situado, ou seja, a seqüência com que cada ação ocorria e afetava o outro, as posições assumidas/atribuídas pelos parceiros no aqui-agora da situação e os sentidos de relação construídos no momento. Também foram observados e descritos os olhares e falas dos principais adultos envolvidos, além dos comportamentos não-verbais dos adultos e do bebê (choro, balbucios, olhares, posturas, movimentos corporais, sorrisos, expressão emocional), associado à situação como um todo e ao contexto no qual estavam inseridos. Sabe-se que o bebê, no seu

primeiro ano de vida age, predominantemente, por meio de olhares, posturas, choros, movimentos corporais, ritmos, vocalizações, sorrisos, onde a emoção funciona como motor de interação. Tal fato leva o adulto (pai, mãe, outros) a apresentar e interpretar as situações de forma verbal e não verbal, além de ter que captar os sinais emitidos pela criança e atribuir-lhe significados (Amorim, 1997). É nessa complexa interação verbal e não-verbal entre adulto e bebê que realizei as observações e descrições dos vídeos.

Fragmentos de notas de campo e do diário de Graça foram utilizados com o intuito de auxiliar a análise das entrevistas, visitas e cenas de vídeo, dando maior visibilidade aos sentidos relacionados ao processo de inserção do bebê na família, à construção das relações afetivas e à experiência de adoção.

Sob a perspectiva da Rede de Significações, a dinâmica das relações e o desenvolvimento dos processos não podem ser pensados separadamente uns dos outros. É na articulação destes elementos que se constituem e se desenvolvem as várias pessoas que, num processo dialógico, redefinem e constroem a suas histórias de relações. Neste contexto de relações situadas no aqui-agora e da pluralidade de sentidos construídos, que procuramos compreender a chegada do bebê na família adotiva, ampliando o foco da díade mãe-bebê e dos padrões de apego estabelecidos, para as demais pessoas presentes no contexto do bebê adotivo. Buscamos compreender as configurações da trama relacional no contexto familiar e como foram se estabelecendo as diversas relações num processo dialógico de construção de relação afetiva, voltando a atenção para os campos interativos e os diferentes papéis/contra-papéis e/ou posicionamentos atribuídos aos bebês e atribuídos/assumidos pelos adultos no aqui-agora das situações, a construção de

diversos sentidos de relações afetivas e da experiência da adoção, suas cristalizações e mudanças ao longo do tempo.

Para dar relevo a produção discursiva de cada participante e os sentidos construídos ao longo do primeiro ano de chegada do bebê, optamos por apresentar o material, a seguir, sob uma perspectiva temporal, delimitando as duplas interativas que se destacaram durante este período (mãe-bebê, pai-bebê, tia-bebê, avó/família extensa-bebê, babá-bebê). Assim, a demarcação dos meses e a separação por duplas, para a apresentação do material obtido, teve como objetivo possibilitar uma visualização dos discursos construídos e como foram se configurando as relações do bebê com cada participante ao longo do processo.

5. Uma imersão no corpus de pesquisa - análise de dados

5.1. Apresentando os participantes do trabalho

Inicialmente farei uma caracterização geral dos principais participantes da família 2 (Júnior, Graça, Roberto, Carla, Tatiana, Judite e Marta), foco de análise do presente trabalho. Para tal, tomei com o fonte de informações, tanto o discurso da pessoa ao falar sobre si nas entrevistas e visitas, quanto minhas impressões descritas em notas de campo. Coloco-me como participante e minha descrição terá como base características que, nos momentos interativos com os diversos participantes, apresentaram-se como figura e dimensionaram os posicionamentos atribuídos a mim e assumidos por mim ao longo do tempo que estive em contato com a família. Farei um breve relato dos nossos contatos ao longo do tempo que tem por objetivo, além de caracterizar o contexto de produção do material a ser analisado, também oferecer outras informações sobre cada participante.

Júnior, ficou abrigado durante 2 meses e, segundo relato da coordenadora do abrigo, foi deixado na porta da casa de uma mulher que o levou até o abrigo. Durante o tempo em que o vi no abrigo estava geralmente dormindo e, quando acordado, mostrava-se quieto. Segundo a coordenadora ele era um bebê *“tranquilo, calmo e não chorava demais”*. Disse ter havido uma relação muito forte entre ele e uma voluntária e com isso começou a chorar muito, *“só querendo colo”*, ficando próximo a ela o tempo todo e sentindo muito sua falta nos dias em que ela não ia ao abrigo. Chegou na casa de Graça e Roberto com três meses e 15 dias. Quando o vi pela primeira vez, junto a sua família, tive a impressão de não ser o mesmo bebê, pois

demonstrava maior vitalidade, sorrindo ou chorando e com o olhar muito atento ao ambiente. Era um bebê de pele bem clara, cabelos claros e olhos castanhos, quieto que se tornou mais ativo com o passar do tempo e apresentava certas dificuldades para dormir à noite, após o primeiro mês com a família. Segundo relato dos familiares, embora risonho, mostrava-se impaciente e chorava muito em situações de desconforto, principalmente quando estava com fome. Ao longo do tempo, a família foi descrevendo-o como um bebê de fácil convívio, carismático, que *“encantava as pessoas”*, mas um pouco irritadiço e bastante independente, procurando geralmente fazer as coisas sozinho e não gostando de ficar no colo, segundo Graça. No contato comigo, percebia-o como um bebê curioso, sempre olhando para algo que despertava sua atenção e bastante dinâmico, brincando e mexendo em várias coisas.

Graça, mãe de Júnior, tinha 40 anos à época da entrevista, estudou até a sétima série, era alta, magra, de pele parda e cabelos escuros, longos e lisos. Tem quatro irmãos, sendo três do primeiro casamento de sua mãe e um do segundo, o caçula da casa, sendo Graça a segunda filha mais velha. Em sua história destacou duas perdas. Uma primeira foi a do seu pai, quando tinha 6 anos, através da qual ela relatou: *“eu fiquei com aquela falta de pai”*. A segunda, do seu irmão mais velho quando ambos ainda eram jovens. Morou na cidade, durante parte da infância no Estado do Mato Grosso do Sul, mudando-se para o Estado de Minas Gerais e depois de adulta para o Estado de São Paulo em uma cidade de porte médio, aonde mora até hoje. Trabalha como doméstica há 18 anos na mesma casa, desde quando chegou na cidade em que mora atualmente. Em nossas conversas referia que, desde muito nova, lhe foi atribuída a responsabilidade de cuidar da casa e da irmã mais nova (Carla), que à época da entrevista morava com ela. Tem uma relação muito forte com seu irmão mais novo, sendo que eles se falam e se visitam sempre. É casada há 15 anos com

Roberto, seu primo de primeiro grau por parte de mãe. Desde o início de seu casamento tentava ter filhos, mas sem sucesso, até descobrir que em função de uma endometriose dificilmente poderia engravidar. Começou a pensar em adoção direta e, após inúmeras tentativas frustradas, optou pelo Fórum, ao presenciar uma adoção em poucos meses realizada pela sua comadre Carmem. Até então, ela não acreditava que seria possível uma adoção pelo Fórum pela imaginada morosidade do processo. Relatou ser uma pessoa muito responsável, decidida e preocupada em ajudar as pessoas, com certa dificuldade em falar, preferindo escrever o que sentia e pensava. Dizia ser muito amiga de Carmem, mãe adotiva de Tiago, que era seu afilhado. A relação de ambas era tão estreita ao ponto de Carmem dizer que Tiago era filho das duas, segundo relato de Graça. Em nossos contatos, no início das entrevistas, Graça mostrava-se quieta, geralmente com semblante sério, onde muitas vezes era necessário que eu a estimulasse a falar, ficando mais descontraída e manifestando suas emoções durante a conversa. No entanto, nas demais situações, ela parecia mais a vontade para falar, embora predominasse seu jeito mais contido. Sempre simpática comigo, dizia sentir saudades nos intervalos das minhas visitas e sempre me solicitava que eu não deixasse de visitá-los após o término do meu trabalho. Não era incomum Graça e sua irmã Carla prepararem jantares e cafés da tarde para me receberem, sendo geralmente, nestas circunstâncias, que conversávamos após o término das minhas entrevistas ou gravações.

Roberto, marido de Graça, tinha 39 anos à época da entrevista, era alto, pele parda e cabelos escuros, curtos e ondulados. Estudou até a quarta série e trabalhava em uma fábrica de fertilizantes cujo proprietário era o marido da patroa de Graça. Tem oito irmãos, sendo ele o sétimo. Perdeu o pai quando tinha 11 anos e a mãe com 38 anos. Relatou uma relação muito próxima com sua irmã mais velha, que, segundo

ele, era responsável por seu cuidado quando criança, e com sua mãe, que após o casamento de seus irmãos, ficou sob sua responsabilidade. Enfatizou sua função de provedor da casa ajudando a mãe no sustento e inclusive nos cuidados de um sobrinho. Morou no Estado de Minas Gerais em um sítio e, após o casamento, mudou-se para o Estado de São Paulo, na cidade onde mora atualmente com sua esposa Graça. Nunca teve problemas quanto a fertilidade e afirmou que só aceitaria ter filhos biológicos com sua esposa. Considera-se uma pessoa calma, de falar pouco e com dificuldades em se expressar quanto fica nervoso, tornando-se mais calado. Tem uma relação muito próxima com todos seus familiares a ponto de haver disputas entre eles para ser o primeiro a receber uma visita sua. Disse que as crianças também gostam muito dele e que tem uma relação muito próxima com seus sobrinhos e com Tiago (três anos de idade) que é seu afilhado. Com o falecimento do pai adotivo de Tiago, quando este tinha apenas três meses de idade, Roberto assumiu algumas responsabilidades no seu cuidado como, por exemplo, o pagamento de um convênio médico. Também estabeleceram uma estreita relação, estando sempre juntos passeando e brincando, principalmente antes da chegada de Júnior. Na primeira entrevista, Roberto mostrou-se um pouco apreensivo, ficando mais descontraído posteriormente. No entanto, na segunda entrevista, demonstrou uma maior resistência desmarcando o dia combinado. Ao longo do nosso contato, percebia-o também mais quieto, onde geralmente estimulava-o a falar, seja nas entrevistas ou nas nossas conversas informais. Após os primeiros meses, era muito comum, enquanto estávamos todos na cozinha conversando, Roberto ficar brincando com Júnior, participando da conversa apenas quando eu lhe perguntava diretamente e o estimulava a falar, enquanto Carla e Graça expressavam-se mais ativamente, às vezes, tentando direcionar a fala de Roberto. No contato comigo, estava sempre sorridente e quando

da minha chegada e partida, ele sempre me dava um forte abraço, que para mim tinha um sentido de cumplicidade, pois em nossas conversas eu me percebia procurando defender um espaço entre Carla e Graça para que ele pudesse expressar suas opiniões.

Carla, irmã de Graça, tinha 35 anos à época da entrevista, sendo separada com uma filha (Tatiana) pré-adolescente. Era magra, porte médio, pele parda e cabelos escuros, médios e ondulados. Fez o segundo grau completo e dizia ter muita vontade de fazer faculdade. Morou no Estado de Minas Gerais, mudando-se com sua filha para morar com Graça e Roberto. Coincidentemente, na época da chegada de Júnior, Carla estava na casa de Graça e a substituiu em seu trabalho durante a licença maternidade. Posteriormente, Carla foi trabalhar na casa de outra família. Após alguns meses, mudou-se para outra casa. Tentou encontrar uma casa próxima da sua irmã, mas não conseguiu, mudando-se para outro bairro, o que a impedia de estar sempre com sua irmã, restringindo suas visitas a alguns dias da semana e aos finais de semana. Considerava-se falante e pouco atrativa para as crianças. Segundo ela, as crianças aproximavam-se mais de sua irmã. Disse ter tentado engravidar na mesma época de Graça, no entanto, apenas ela conseguiu. Relatou ter sido uma mãe excessivamente preocupada com a saúde da filha, vivendo muitas dificuldades nos primeiros anos de vida de Tatiana, cujo choro excessivo era motivo para inúmeras visitas ao médico, pois Carla acreditava que poderia ser algum problema de saúde. Considerava-se muito exigente com sua filha e que, com a chegada de Júnior, ela sentia-se mais afetiva, curtindo mais a presença de um bebê nesta situação do que com sua filha, cuja relação era pautada na educação e colocação de limites, havendo pouco espaço para o lúdico. Em nossos contatos, Carla estava sempre sorridente, muito receptiva e buscando contar sobre suas experiências com Júnior. Durante as conversas informais, seu modo extrovertido e falante juntamente com um jeito mais contido de Graça e Roberto

promoviam uma dinâmica interativa, onde seu discurso predominava sobre os demais. Quando nos despedíamos, geralmente ela me dizia para não esquece-los e voltar logo.

Tatiana, filha de Carla, tinha 12 anos e estava na quinta série. Era magra, porte médio, pele parda e cabelos escuros sempre presos. Tinha suas amigas da escola, no entanto, suas relações geralmente restringiam-se ao contexto do colégio. Ficava mais em casa e, após a escola, ajudava Graça nos cuidados com Júnior. Geralmente muito calada com semblante sério, aparentemente tristonho, olhando sempre para baixo, esquivava-se das gravações e durante as visitas restringia-se a responder as minhas perguntas com tom de voz baixo. No contato com sua mãe, era extremamente obediente acatando as decisões desta sem negociação. Em algumas de minhas visitas, Tatiana colocava-se mais em uma posição de espectadora, apenas observando enquanto todos conversavam na cozinha. Preferiu não fazer entrevista por se sentir constrangida.

Judite, avó materna de Júnior, 60 anos, sempre morou no Estado de Minas Gerais onde teve cinco filhos, sendo quatro do primeiro casamento. Era branca de porte médio, cabelos curtos de tom castanho claro. Ficou viúva jovem com, aproximadamente, 28 anos e casou-se novamente tendo mais um filho. Durante o tempo que acompanhei Júnior, encontrei Judite em três ocasiões, de início quando foi visitar o bebê e no dia do aniversário dele de um ano. Relatou uma vida cercada de dificuldades, obrigada a assumir o cuidado e sustento dos filhos logo cedo, após a morte do primeiro marido. Referiu momentos de conflito com Graça que, segundo ela, responsabilizava-a pelo fato de não poder ter filhos, pois havia se casado com um homem cuja família tinha dificuldades com relação a fertilidade. Judite relatou que o pai de Graça não tinha problemas de fertilidade, mas só os homens da família tinham filhos e as mulheres não. “Só duas mulheres tiveram dois filhos e o resto não criou”.

Disse ter ficado preocupada quando Graça a comunicou de que adotaria um bebê, por “dar valor ao sangue”. Comentou sobre sua relação com os filhos dizendo: “Hoje os filhos acham que a gente não tem nada pra ensinar, mas tem a experiência. Eles acham que porque têm a teoria sabem tudo, porque tem coisa na cabeça conhece, mas livro não ensina nada, o que ensina é a vida. O que se lê não entra na cabeça. Eu tenho a experiência, mas isso eles acham que não serve de nada.”. Nosso contato foi breve e neste Judite parecia meio constrangida, aproximando-se de Júnior quando estimulada por alguém da família. No entanto, comigo mostrou-se comunicativa, expondo suas idéias sobre adoção, relação pais-filhos e contando histórias de quando Graça e Carla eram crianças, dizendo que ambas pareciam fisicamente com o pai, enquanto um de seus filhos parecia com ela.

Marta, 22 anos, tinha segundo grau completo, foi babá de Júnior, durante aproximadamente cinco meses, ficando o dia todo com ele. Era magra, cabelos longos, escuros e lisos, pele parda e de porte médio. Considerava-se uma pessoa calma, dizendo ter aprendido a gostar de criança depois que começou a cuidar de Júnior. Embora gostasse muito de Júnior, precisou sair do trabalho para voltar a sua cidade de origem no Estado de Minas Gerais, pois seu pai estava doente precisando de cuidados. Disse gostar muito de cuidar de Júnior, havendo uma forte ligação entre ambos. Nosso contato foi breve, restringindo-se a um dia de visita, onde a encontrei na saída de seu trabalho, e ao dia da entrevista. Ela ficou muito reticente e pensativa em dar a entrevista, ficando, aproximadamente, uns quinze minutos para decidir, embora anteriormente havia dito a Graça que aceitaria participar da entrevista. Dizia “*quero dar a entrevista, mas ao mesmo tempo não quero*” e “*não quero explicar por quê*”. A entrevista foi realizada na casa de Graça e estávamos sozinhas, posteriormente fomos interrompidas com a chegada de Roberto e Tatiana, que se

retiraram quando solicitei. Durante a entrevista, Marta foi extremamente reservada, restringido-se a responder ao que lhe perguntava, em meio aos longos silêncios. Sua expressão facial era de quem estava pensando muitas coisas, chegando a dizer que preferia não dizer, quando lhe indagava a respeito.

Regina, 29 anos à época da entrevista, solteira, sem filhos, psicóloga clínica (psicoterapeuta), professora universitária e desenvolvendo um trabalho de doutorado sobre a construção das relações afetivas entre o bebê e a família adotiva. Logo de início, Graça perguntou sobre meu estado civil e se eu tinha filhos. Coincidentemente, a filha da patroa de Carmem, comadre de Graça, fazia faculdade de psicologia e era minha aluna. Graça, em uma de minhas visitas, disse que havia ficado sabendo que eu era professora em uma Universidade e que tinha consultório. Em alguns dos nossos encontros tanto Graça quanto Carla procuravam me posicionar como psicóloga, perguntando-me sobre o desenvolvimento de Júnior.

Estes são os principais participantes acompanhados, seja em entrevistas ou em gravações, durante o primeiro ano de Júnior em sua família adotiva, fazendo parte da sua rede de relações. Cabe ressaltar que a família, durante este período, estava com a guarda provisória de Júnior, aguardando a tramitação do processo para a conclusão da adoção. É por meio das ações e relatos dessas pessoas que buscaremos compreender a constituição recíproca das relações que foram se estabelecendo entre estas e destas com Júnior no aqui-agora situacional, os sentidos construídos de relação afetiva, suas cristalizações e mudanças ao longo do tempo, bem como os momentos em que a temática da adoção emergia e os sentidos construídos.

Inicialmente relatarei o primeiro contato com a família pela sua riqueza em termos de uma primeira impressão de como começaram a se estabelecer as relações entre o bebê e seus familiares, assim como dos sentidos construídos neste momento

sobre relação pais-filhos adotivos e que surgiram posteriormente durante o percurso do trabalho.

Em seguida, procurarei por em relevo as relações que foram se configurando entre os participantes e destes com o bebê, conforme uma organização temporal de permanência do bebê na família, durante seu o primeiro ano, tanto em termos dos relatos obtidos pelas entrevistas, visitas, quanto através das informações em notas de campo, gravações e do diário de Graça. Apresentarei os recortes de entrevistas e visitas gravadas de forma mais extensa para possibilitar uma melhor visualização da construção do discurso ocorrida durante o diálogo estabelecido com cada participante. Destaquei em negrito as falas principais utilizadas para uma análise mais pormenorizada.

5.2. O primeiro contato com a família.

Em minha primeira visita, Júnior estava com Graça e Roberto há quatro dias. Ao chegar na casa fui recebida por Tatiana, que logo me convidou a entrar. Roberto estava na sala com Graça, que estava com Júnior em seu colo, dando mamadeira. Apresentei-me a eles e logo Júnior parou de mamar. Graça chamou sua irmã Carla e pediu para que ela levasse Júnior à cozinha e o fizesse arrotar. Eu disse que não havia a necessidade de levá-lo, mas Graça insistiu dizendo que assim ficaríamos mais a vontade.

Em meio a nossa conversa, Graça lançou uma pergunta referente a concepções de dificuldades de vinculação em crianças adotivas. Buscarei, através do recorte da fala de Graça, iniciar uma reflexão sobre meu primeiro contato com ela e os sentidos que estavam atravessando a relação afetiva que se construía entre ela e Júnior no momento.

Graça disse: “Me falaram que bebê adotado não consegue amar depois porque já teve uma perda muito grande que é a da mãe. Que eles ficam revoltados. Fico preocupada de fazer o melhor pra ele, dar muito carinho, cuidar e ele depois ficar revoltado. Já decidi que vou contar que ele é adotado, porque viver na mentira não dá e ele vai acabar descobrindo por outras pessoas. É melhor então eu contar, senão ele vai pensar que não pode confiar na mãe dele ‘Não posso confiar nem na minha mãe, que é a coisa mais importante do mundo’”.(30/09/2002 – primeiro mês, notas de campo).⁷

A fala de Graça me posicionou como psicóloga e, assumindo este lugar, disse-lhe que a relação entre eles seria o ponto mais importante para Júnior vivenciar um contato afetivo e desenvolver a sensação de ser amado e de amar. Roberto concordou comigo dizendo que a educação de Júnior era prioridade. Disse ainda que Graça tinha o hábito de se preocupar com o futuro, enquanto ele preferia viver conforme os acontecimentos.

Graça me posicionou no lugar de portadora de um saber sobre psicologia, buscando confirmações a respeito de concepções sobre adoção, mais especificamente dos temores que rondam essa temática, como o sentimento de rejeição intrínseco à criança. Neste momento, minha presença como pesquisadora se propondo a estudar as relações afetivas entre o bebê e sua família remeteu Graça às concepções sobre a patologia da adoção, presentes em nossa cultura, como as dificuldades de vinculação afetiva, muito disseminadas no campo da psicologia e da adoção (Bowlby, 1997; Pereira; Santos, 1999; Weber, 1999). Posteriormente, veremos essas concepções atravessando sua relação com Júnior, onde sentidos são construídos a partir desses aspectos culturais.

A intenção de iniciar meu percurso com este recorte objetiva alertar para a concepção de “trauma de abandono” atribuído às crianças adotadas, muito presente em nossa cultura e que se apresentou na fala de Graça. Tal concepção, num jogo de figura e fundo, circunscreveu momentos relacionais possibilitando a construção de

⁷ Nas notas de campo buscou-se redigir os fatos e falas de forma o mais próxima do ocorrido.

alguns sentidos e impedindo o surgimento de outros no campo interativo estabelecido entre o bebê e seus familiares.

A primeira visita mostrou-se extremamente rica, tanto do ponto de vista do comportamento verbal quanto do não-verbal no que diz respeito aos tipos de relações que começaram a se estabelecer entre Júnior e seus familiares.

Destacarei algumas situações descritas em notas de campo, para demarcar a história que passarei a relatar a partir deste momento acerca do meu contato com Júnior e sua família. A primeira, referente ao contato entre **Graça e Júnior** onde ela disse que ele já a reconhecia como mãe, pois ela ficava conversando com ele o dia todo e ele procurava sua voz. Segundo ela, ele não gostava de ficar sozinho e ao ser colocado no berço resmungava e começava a chorar até ela pegá-lo e levá-lo para onde ela estivesse. Disse também não deixá-lo muito em seu colo "*para não pegar manha*".

Um segundo ponto foi a relação entre **Roberto e Júnior**. O pai parecia um pouco excluído da relação aproximando-se do bebê apenas quando Graça o estimulava como, por exemplo, quando ela pediu para ele segurar o bebê. Ele o fez de forma meio desajeitada, com dificuldades em pegar o bebê e acomodá-lo em seu colo.

Também chamou minha atenção a relação entre **Carla e Júnior**. Ela estava com ele na cozinha, porém retornou à sala e colocou-o no colo de Graça dizendo que ele estava agitado, querendo a mãe. Graça disse: "*Ele não está agitado, é coisa dela. Vem no colo da mamãe, você já sabe, né? Aqui você fica tranquilo.*"

Por último, gostaria de trazer minhas impressões neste primeiro contato com a família de Júnior. Desde o primeiro momento, senti-me muito à vontade e acolhida por todos, que me receberam de forma calorosa, descontraídos e espontâneos. No entanto, fiquei muito atenta e cautelosa pois, a todo momento, me percebia com medo

de trocar o nome de Júnior e chamá-lo pelo nome o qual eu o havia conhecido no abrigo. Como se a história anterior de Júnior tivesse que ser “calada”. Além disso, chamou minha atenção a ausência de relatos sobre a vivência da adoção em si. Embora Graça tivesse questionado sobre o possível “trauma de abandono” de Júnior, o discurso predominante voltava-se mais para a valorização da figura de Graça como mãe e as vivências positivas após a chegada de Júnior. Essa impressão inicial foi se solidificando ao longo do tempo e, em minhas visitas, questionava-me sobre a ausência de conflitos e angústias frente a adoção, principalmente tendo em vista a literatura sobre adoção que traz as vivências de conflitos adaptativos na inserção de uma criança em sua família adotiva (Becker, 2000; Costa, 2005; Maldonado, 1995; Pereira; Santos, 1998; Vargas, 1998). Mãe, pai e familiares próximos frequentemente relatam sentimentos de medo, angústia, impotência, dúvidas quanto a capacidade de cuidar adequadamente de um bebê seja ele biológico ou não. Tais relatos não tomavam tanto relevo na família de Júnior. Aspectos da minha matriz sócio-histórica atravessaram meu olhar neste primeiro contato com a família de Júnior, em que eu esperava encontrar experiências na família similares às referidas na literatura. Fiquei me questionando sobre estes aspectos, sendo que quando eu focava as relações estabelecidas entre o bebê e as pessoas do seu convívio, poucas eram as situações que eu poderia considerar como peculiares à adoção. Em alguns momentos interativos, os sentidos construídos eram atravessados pela adoção, como o de “trauma de abandono” referido anteriormente. Fora este aspecto, não conseguia perceber relatos que divergissem de qualquer experiência vivida por uma família quando da chegada de um bebê. Passei a refletir sobre esta minha experiência na família indagando-me: Mas em que esta família diferiria de uma família biológica? Em que momentos a adoção tomaria revelado em suas relações com o bebê? A partir destes questionamentos, passei

a organizar o material a ser apresentado, obtido pelos participantes ao longo do nosso contato, tendo em vista o objetivo do presente trabalho.

A partir deste momento, buscarei contar como foram se desenhando as relações entre os diversos participantes, para compreender, por meio de relatos e observações, o processo de inserção de Júnior em sua família adotiva. Farei uma síntese da forma como foram se configurando as relações, para posteriormente apresentar algumas análises pormenorizadas.

Com a chegada de Júnior, iniciou-se um processo de adaptação onde vários sentidos foram sendo construídos nas relações afetivas estabelecidas entre este e as pessoas do seu convívio familiar, possibilitando diversos caminhos interativos entre os parceiros. Questões de semelhanças físicas apresentaram-se como figura em algumas situações interativas. Na dinâmica familiar, cada pessoa começou a ocupar determinadas posições nas situações interativas com Júnior, havendo tanto mudanças quanto cristalizações de sentidos. Penso que minha entrada na família com a proposta de investigar a construção das relações afetivas mostrou-se um forte circunscritor, influenciando a produção dos discursos dos participantes. Embora minhas perguntas fossem, freqüentemente, mais gerais, procurando saber como o bebê e as pessoas estavam se relacionando entre si, percebi que desde o início estabeleceu-se um padrão comparativo na família, onde cada participante atribuía e assumia posições de parceiros privilegiados ou preteridos do bebê, tendo principalmente como ponto de referência a figura da mãe. Graça, inicialmente, ocupou o lugar de preferida por Júnior já Carla posicionou-se como preterida, enquanto Roberto apresentou-se como distante. Na relação entre Júnior e Judite ora Graça, ora Carla posicionavam-se como mediadoras, procurando promover uma maior aproximação entre ambos. Estabeleceu-se uma relação de ciúmes e rivalidade entre Tiago, afilhado de Roberto e Graça, e

Júnior, em que ambos, segundo discurso dos familiares, passaram a competir pela a atenção de Roberto. Ao longo do tempo, Roberto passou a ser posicionado como preferido por Júnior, passando Graça a ocupar um lugar secundário, enquanto perpetuou-se o sentido de preterida para Carla em sua relação com o bebê. Com a chegada de Marta (babá), esta também passou a ser vista como uma figura preferencial de Júnior. Carmem antes muito presente na vida da família, passou a se ausentar, segundo relato de Graça. Neste jogo de posicionamentos atribuídos e assumidos por cada participante, vários sentidos de relação afetiva foram se construindo. Em meio a esta dinâmica interativa entre bebê e os adultos, a adoção apresentava-se ora como figura, ora como fundo, onde a família posicionava-se e era posicionada como adotiva, não na relação diádica com o bebê e sim na relação com as demais pessoas como parentes, vizinhos, conhecidos, profissionais do Fórum e eu, como pesquisadora.

Dentro desta configuração que foi se estabelecendo nas interações entre Júnior e as pessoas próximas no seu convívio, buscaremos apresentar os momentos interativos, num movimento dialógico, onde posições são assumidas e atribuídas no campo interativo, construindo-se sentidos múltiplos de relação afetiva e circunscrevendo caminhos diversos de relações.

5.3. Primeiro e segundo meses de chegada do bebê:

bebê com 3 meses e 19 dias e 5 meses, respectivamente.

5.3.1. Relação mãe- bebê: primeiro mês.

Graça parecia um pouco retraída em sua primeira entrevista, tornando-se mais descontraída ao longo da nossa conversa. Relatou que há três anos procurou o Fórum com intuito de adotar um bebê. Embora não tenha determinado o sexo da criança na ficha de inscrição, ela dizia desejar ter um menino e que, mesmo quando criança, ao brincar de “mamãe-filhinho” suas bonecas eram sempre meninos.

A partir do momento que Graça foi ao Fórum para se inscrever, iniciou-se uma “gestação imaginária”. Neste dia, ela começou a escrever um diário, relatando seu percurso, expectativas, desilusões, tristezas, para seu futuro filho. Naquele momento, estabeleceu-se um campo interativo entre Graça e seu filho imaginário:

“hoje foi o primeiro dia que fui no fórum....estava feliz porque agora sei que você meu filho(a) vai chegar. Sabe filho(a) quero escrever todas as minhas emoções um dia sei que voce vai ler e vai saber o quanto eu te amo, mesmo sem te conhecer, eu já fico imaginando como voce vai ser, a partir desse dia eu não peço em outra coisa a não ser a sua chegada. Já quero arrumar suas coisinhas, decorar seu quarto” (sic) (15/09/1999 - diário de Graça)⁸.

Graça deposita suas esperanças no Fórum, um contexto cuja forma de funcionamento e os resultados com sua amiga Carmem dão-lhe segurança para acreditar na realização do seu sonho de maternidade. Neste momento ela é tomada por uma série de emoções onde o filho imaginário passa a ser sentido como mais real. Sua vivência anterior de inúmeras tentativas frustradas de adoção direta e sentimentos de desesperança são re-significadas a partir do seu contato com o Fórum. O que antes era vivido por Graça como uma esperança, agora torna-se certeza, como se ela estivesse

concebido e gerando seu filho a partir de então. Ao escrever: “*you não está sendo gerado no meu útero, você está sendo gerado nos nossos corações*” (26/10/1999 - diário de Graça), a gestação de Graça transcende a gestação biológica, vivida por uma pessoa – a mulher - e passa a significar a gestação como simbólica e partilhada por várias pessoas.

Sobre seu contato com os profissionais do Fórum, Graça discorreu:

“Dia 26-10 as 13:30 nós eu e seu pai temos uma entrevista com a psicóloga no fórum, filho(a) eu já fico nervosa desde agora tenho medo que alguma coisa de errado e eu não consiga ter voce e te amo muito e não aguentaria ouvir que não vou ter voce, se isso acontecer vai ser meu fim.” (15/10/ 1999 – diário de Graça).

“hoje o foi dia da entrevista com a psicóloga..... eu me senti como se eu tivesse indo ao medico pra levar um teste de gravidez.... quando a psicóloga perguntou se a gente ia te contar a verdade e eu comecei a falar que assunto de adoção na nossa casa não ia ser proibido, eu disse pra ela que eu já falo pra voce deste já, porque escrevo tudo que acontece, que tenho um diario e que vou dar pra voce que é sua estória, alias a nossa” (26/10/1999 – diário de Graça).

Graça atribui ao Fórum, mais especificamente aos profissionais da equipe psicossocial o poder de decisão entre ela ter ou não seu filho, posicionando-os como os detentores do que ela mais almeja, um bebê. A situação de avaliação atravessa sua relação neste momento, sendo a temática da verdade um ponto importante e emergente como figura no campo interativo estabelecido entre Graça e seu filho imaginário. Chama a atenção o fato de que revelar sobre a adoção, durante minhas visitas, era uma temática recorrente no discurso de Graça, que dizia sempre conversar sobre adoção dentro de sua casa. Vivências de adoção já faziam parte da vida de Graça, pois ela havia presenciado a adoção de Tiago, seu afilhado tendo construído uma relação muito próxima, que será abordada posteriormente.

Para Graça a inscrição no Fórum foi significada não como uma tentativa para se efetuar uma adoção e sim como uma certeza de que ela adotaria, como um “*teste*

⁸ Os recortes referentes ao diário de Graça foram transcritos no formato original, ou seja, respeitando-se a redação da autora.

de gravidez". Caso os profissionais a qualificassem com apta a adoção, o teste seria positivo e a Graça só restaria esperar poucos meses até a vinda do seu filho.

Quando lhe perguntei sobre seus sentimentos frente a situações frustradas de adoção direta, Graça relatou sua decepção, dizendo ter jogado fora todas as roupas de bebê que havia comprado. Em seguida ela trouxe sua experiência após sua ida ao Fórum:

G: "Quando eu mudei pra cá, que eu fui no Fórum, fiz a papelada, tudo, aí, eu fiz em setembro, em dezembro eu fui na loja, comprei tudo as coisa de novo. **Comprei berço, comprei carrim, mosquiteiro, eu decorei o quarto, num dá procê, tá tudo aqui no meu, lá, só tá o papel de parede, as prateleira,** depois eu tê mostro. Que a minha irmã tá aí, né? Tá no quarto dele. **E eu fiquei três anos...**

Rg: Com o quarto decorado?

G: **O quarto decorado e eu mon, eu ia lá, punha mosquiteiro, punha o protetor, pegava uma boneca e punha lá dentro, num canto do berço. Deixava. Depois eu enfezava, falava assim: "Vai sujá." Tirava tudo e guardava.** Agora, na semana que ele chegou, eu dei tudo as coisa." (04/10/2002 - primeiro mês, linhas: 1051-1059).

O contexto do Fórum e de sua casa, mais especificamente do quarto de Júnior, apresentam-se ora como figura, ora com fundo neste campo interativo estabelecido entre Graça e seu filho imaginário, circunscrevendo possibilidades e limites. Sua inscrição no Fórum, a compra do enxoval e a decoração do quarto ao mesmo tempo que concretizam a possibilidade da vinda de Júnior, também marcam a sua inexistência física, gerando em Graça vivências emocionais oscilando entre a esperança e a irritação. A relação afetiva entre Graça e seu filho veio se desenvolvendo ao longo de anos, de forma simbólica e não apenas no momento em que ele chega concretamente em sua casa. Ela foi criando um espaço concreto e simbólico para seu filho, arrumando seu quarto, comprando suas roupas, relacionando-se com um bebê imaginário.

Graça, ao longo desses três anos, viveu uma gestação simbólica cujo filho era significado como semelhante ao pai: "*Eu sempre imaginei que ele tivesse a cara do, do meu marido. Eu sempre achei que era homem. Até no diário dele, minha irmã tava*

lendo outro dia, falô assim: “Nossa, ainda bem que cê escreveu, porque se cê ti, se ocê fosse contá, todo mundo ia falá que era mentira, né?” (04/10/2002 - primeiro mês, linhas:1079-1081, Júnior com 3 meses de idade).

Em seu contato com o Fórum novas negociações sobre o filho esperado emergiram, atravessadas por sentidos de semelhanças físicas.

Rg: E, a, quando vocês fizeram a ficha no Fórum, você, vocês chegaram a falá que tipo de bebê vocês queriam?

G: Não. Tsi, tsi. (Negativa) A gen, a, nós que, falamo lá que queria de zero a cinco meses. Recém-nascido. **Eu num, eu num citei cor, mais a X (nome da assistente social do Fórum) perguntô que, que cor da pele que eu queria. Eu falei: “Ah, eu queria uma criança parecida com nós. Não que eu num vô contá pra ela, mais eu acho assim, num precisa de pô uma placa nele que ele é adotado.” Ele tem que sabê, mais o mundo não. Pra quê? Num é?**

Rg: Hum?

G: **Se alguém perguntá, aqui em casa o assunto de adoção num é proibido. Desde quando ele chegô a gente fala. Ele vai crescendo, vai ouvino falá. Mais eu acho assim, eu num preciso levá ele, pondo uma plaqueta nele: “Sou adotado.” Eu falei: “Uma criança escura, o dia que eu fosse pegá-la na escola, ia perguntá: “Por que que cê é preta e sua mãe é branca?” Num é?**

Rg: Hum?

G: **Eu fa, aí eu falei assim: “Ó X (nome da assistente social), até uma criança parda. Não.” Eu falei: “Eu queria uma criança parecida com a gente.” Ainda comentei isso com ela. Eu falei: “Não por mim. Pela criança. Ela vai começá se sen, se senti mal, dela sê, da gente sê claro e ela sê uma criança mais escurinha.” E eu tenho sobrinha, se cê vê essa sobrinha dessa sobrinha, dessa menina que tá aí, ela é escurinha. Falei: “E eu tenho. Se eu fosse separada, alguma coisa, ia achá que o pai era de outra cor. Mais eu só casada, meu marido é claro. Nós vamo sai com ela. Eu num vô escondê ela de ninguém.” Aí ela falô: “Tudo bem.” Aí ela pensava que eu queria uma criança branca. De zero a três meses, a cinco meses, branca. Aí, um dia, uma amiga nossa, que tem amizade com, com ela, ligô pra ela porque tava demorando muito. Da minha cumadre demorô um ano, aí ela falô pra ela, a X (nome da assistente social) falô pra ela, falô: “Ó L, o problema é que saiu muita criança, mais a Graça pois que ela qué uma criança recém-nascida, branca. Se ela quisesse uma criança até parda, já te, ela já teria o filhinho dela.” Aí eu falei: “Mais eu num falei que eu queria criança branca. Falei que queria uma criança, mais ou menos que encaixasse comigo, né?” Aí eu fui lá, falei com ela, ela falô: “Graça, que cor que cêis são? Vocês são brancos. Você e seu marido.” Aí eu falei assim: “Não, então cê pode pô pardo aqui, eu quero uma criança parda. Eu num quero negra, mais parda eu quero. Eu, dá pra mim tê uma criança parda.” Que o meu irmão, esse meu irmão de Franca é, que ele ainda brinca comigo, ele fala assim: “Aí, pega uma pretinha pra falá pro tio B..” (risos)**

Rg: (riso)

G: **Que parece com o tio. Porque ele é bem moreninho, sabe? Cabelo enroladim. De preto, que o meu pai é raça de preto, né? Aí eu fui, em maio. Aí me liga e me tráis um polaco. (Rindo) (04/10/2002 - primeiro mês, linhas: 1091-1123).**

Neste momento, Graça traz a necessidade de configurar sua família nos molde de uma família biológica. Ao perceber a demora pela vinda de seu filho, ela tenta

renegociar a questão da cor, buscando através da sua família extensa justificativas biológicas para se ter um filho com determinadas características. Ao dizer: “Se alguém perguntá, aqui em casa o assunto de adoção num é proibido.... Mais eu acho assim, eu num preciso levá ele, pondo uma plaqueta nele: Sou adotado. Eu falei: Uma criança escura, o dia que eu fosse pegá-la na escola, ia perguntá: “Por que que cê é preta e sua mãe é branca? Num é?” Graça posiciona-se com alguém que aceita a adoção e atribui ao social o preconceito e a não aceitação, que acaba atravessando a sua forma de se relacionar com a questão reproduzindo a discriminação e levando-a a determinadas escolhas. Neste momento, a cor da pele atravessa a relação entre Graça e seu filho imaginário como uma característica que possibilitaria uma maior familiaridade.

Posteriormente, Graça trouxe seu temor por possíveis dificuldades adaptativas em relação a idade.

Rg: E, assim, cê tinha alguma preocupação, do jeito de cuidá de antes dele vir pra cá ?

G: (Silêncio curto) Ah, eu acho, eu acho que não. Acho que não. De bebê, assim, não. **Eu tinha medo se mandasse uma criança maior, sabe? Uma criança maior até de um ano...Que depois que eu mudei a ficha no Fórum, que eu falei que podia sê até de um ano, eu tinha medo porque a criança de um ano já conhece, né? Já tem costume. Eu tinha medo que ela, não se adaptava comigo.**

Rg: Como assim? Que qual que era a sua preocupação dela não se adaptá?

G: Ah, dela estranhá, por eu sê a estranha pra ela, né? (Silêncio) Dá mais trabalho prá acostumá. Eu sei que ia acostumá, mais ia me dá mais trabalho. Agora, ele é novinho. (04/10/2002 - primeiro mês, linhas: 1337-1344)

Embora Graça relate que a adoção não é “*assunto proibido*”, algumas características da criança como cor e idade emergem como fortes circunscritores na relação que ela idealiza com seu filho. Além da necessidade de uma cor de pele semelhante, Graça traz a questão do comportamento e seu medo em se deparar com uma criança maior pois “*já tem costume*”. Ela atribui seu medo à possíveis dificuldades adaptativas da criança com ela, posicionando a criança como alguém que

tem costumes e estranha e se posicionando como a que teria trabalho em lidar com alguém diferente dela no processo de adaptação.

Embora, ao longo do tempo, Graça fosse gestando seu filho simbólico tendo alguns referenciais como cor e idade, seu encontro com Júnior foi atravessado por sentimentos contraditórios de aproximação e afastamento, estranhamento e familiarização.

Graça: "...Chegô lá no X (nome do abrigo), que ele tava lá, eu até estranhei, **que me mostraro ele de longe, que eu olhei, assim, eu falei assim: "Nossa, que menino feio."** Num senti nada, e eu falei que se eu num sentisse nada eu não trazia pra casa. **Que alguma coisa eu tinha que senti.** Mais, e, e, num trouxe ele pra mim, sabe? A minha cumadre foi lá, dá de curiosa pra sabê qual que era a criança. Ela veio e falou pra mim assim: "É aquele neném que tá com aquela mulher, assim." Aí eu olhei assim, eu vi o rostinho dele, sabe? Eu falei assim: "Carmem que menino feio!" Num senti nada. Mais sabe que se olhá assim, praquela moça? **Eu pensei: "Gente, mais eu num posso levá essa criança pra casa. Eu num senti nada. Regina, mais a hora que ela, que a menina lá que trabalha, que foro lá dentro, arrumaro ele e trouxe ele. A minha cumadre, essa minha sobrinha que, da minha irmã, che, pensô que eu fosse desmaiaí.** Porque disse que eu fiquei verde, amarela eu ficava assim, sabe? Eu num sabia se eu pegava ou se eu num pegava. **Mais o negócio foi tomano conta de mim assim, que aí eu pensava: "E agora? É meu ou num é meu? Mais vai vim me mostrá e me tirá de novo, né?" "Vai deixá nessa angústia de novo?"** (04/10/2002/ primeiro mês, linha 1145-1156).

Graça relata, com tom de entusiasmo, seu primeiro encontro com Júnior, atravessado por inúmeros sentimentos contraditórios. O filho até então imaginário, agora tinha um rosto, muito diferente do construído.

Ao ir ao abrigo, Graça leva consigo a imagem do seu filho tanto sonhado nos últimos anos. No entanto, ao chegar no local e vê-lo no colo de outra mulher, no confronto entre o real e o idealizado há uma reconfiguração onde o lugar banhado de afeto ocupado por um bebê imaginário esvazia-se. O contexto do abrigo, sua visão de longe de Júnior no colo de uma mulher posiciona-o como não familiar, gerando em Graça estranhamentos e temores frente a suas emoções. Ao se posicionar como aquela que não sente nada em especial, Graça também posiciona Júnior como aquele que não lhe desperta sentimentos intensos, significando-o como estranho (não seu), gerando conflitos entre ficar ou não com ele. Neste campo interativo estabelecido entre Graça

e Júnior ao longe, sem o contato direto de ambos, a imagem de Júnior é recortada por Graça, porém seu comportamento, olhar, fisionomia, feições, não atuam diretamente.

O sentir algo diferente, era significado por Graça como um sinal de garantia de que Júnior era o bebê que ela almejava. No discurso de Graça, sua relação com Júnior mostrou-se atravessada por concepções naturalizadas e idealizadas de afeto entre mãe e filho. No momento em que trazem Júnior para perto de Graça, o contato direto mobiliza-lhe uma carga emocional muito intensa, onde experiências passadas atravessam o aqui-agora sobressaindo, como figura, suas vivências de frustrações em situações de tentativas de adoção, emergindo sentimentos ambivalentes de aproximação e afastamento. Por um lado, todo seu percurso no Fórum, sua ida ao abrigo, a presença do bebê eram significados como possibilidades da efetivação da adoção, gerando o desejo de aproximação. Por outro lado, a ausência de um impacto positivo, traduzido na fala de Graça como o “*não sentir nada*”, sua história anterior de inúmeras tentativas sem sucesso, contrapunham-se à vivência do momento, mobilizando sentimentos de receio e afastamento, presentes em sua fala “*É meu ou num é meu? Mais vai vim me mostra e me tirá de novo, né?*”.

Em continuação à nossa conversa, Graça relatou o momento em que Júnior estava em seu colo e novos sentidos foram criados com relação a ele.

Rg: É, que que cê sentiu, assim?

G: Medo.

Rg: Medo de quê?

G: Ai, num sei. Eu senti muito medo. Eu falei assim: “Agora, agora, será que é meu mesmo, será que eu vô podê levá, será que vai dá alguma coisa errada?” Eu pensava: “Num pode dá nada errado. Agora eu tenho que levá, porque...” **Aí eu peguei ele, assim, dei um beijo nele, ele ainda, acho que ele tinha vomitado, ele tava sujim, assim, sabe? E, ainda eu falei, eu falei, eu cochichei com ele, assim: “Ai, a mamãe vai tê dá um banho, ela vai tê levá embora, filho! Você qué a nossa casinha, né?”** **Aí ele riu, aquele sorriso dele, sabe? Ai meu marido disse que deu muita dor de estômago, nele. (Riso)**

Rg: E ele tava junto, ou não?

G: Tava. Ai eu já fui tirá foto com ele. Ai, aí eu num queria soltá ele mais.

Rg: Depois que foi pro seu colo?

G: Ai, aí acabô. **Ai, o que eu num senti com ele lá de longe, eu senti na hora que eles pusero ele no meu colo.**

Rg: Cê, assim, cê olhava pra ele e, o que que...

G: Ali, na hora?

Rg: É.

G: Que ele era meu mesmo.

Rg: E o que, no jeito dele, fez você ficar encantada, assim?

G: **Aí, o sorriso dele. Quando ele virô a cabecinha, assim, e deu aquele sorriso. Aí que eu senti que ele era meu.** (silêncio) (04/10/2002/ primeiro mês, linha 1192-1213).

No momento em que Graça pega Júnior no colo, o contexto do abrigo acrescido de sinais de vômito em Júnior, delimitam possibilidades de construção de sentidos. Graça posiciona Júnior como filho que necessita de cuidados, de banho, de casa, posicionando-se como mãe cuidadora e responsável pelo seu bem-estar. Aspectos culturais de cuidados maternos juntamente com as características pessoais de Graça, cuja história é marcada por situações de responsabilidade nos cuidados dos irmãos e de sua mãe presentificam-se, possibilitando uma maior aproximação entre os dois.

Na seqüência, Graça relata a importância do contato direto com Júnior quando o pega no colo e este sorri. O sorriso de Júnior é recortado por Graça e significado como um sinal afetivo e de reconhecimento dirigido a ela, que se posiciona como alguém querida e escolhida por ele, emergindo sentimentos de confiança e certeza do vínculo de filiação.

Posteriormente Graça não fará referências a situações de inseguranças quanto ao seu desejo em permanecer com Júnior e a adaptação deste a ela. Tal impressão era reforçada por todos em sua casa, que referiam não haver estranhamento entre Graça e Júnior.

⁹Carla: **“A gente diz que ela foi abençoada por Deus, porque ele já a reconhece como mãe”.**

Graça: **“Quando ele chegou ele me seguia com os olhos, agora ele já sabe quem eu sou e quando ele chora é só no meu colo que ele se tranqüiliza.”**(04/10/2002 – notas de campo).

⁹ Notas referentes a visita da segunda semana, onde não foi redigida a pergunta da pesquisadora que motivou tais relatos.

Regina: E com a, Graça?

Roberto: “Ai, viche, viche, com ela, ele fica, nossa senhora!! Ele fica, bem, bem, toda vida, viche!! **Ele já, já, já conhece que é a mãe dele memo, viu? Aquele lá, cê, ela já... Ela pára, ele tá no carrinho lá na cozinha e ela passa, ele vira, põe olhano, procurano ela**”.(18/11/2002- segundo mês, linhas: 506-509).

Regina: “Hum, hum... E cê, cê tava falando, né? De, de, dele parecê que tinha preferência, desde o início, quando ele chegô.

Carla: Ah, sim...

Regina: Como que você percebeu isso?

Carla: E, então, eu comecei a percebê, assim, que eu pegava ele chorava. **Ela pegava ele calava. O Roberto pegava, às veiz até ficava quietinho, num se manifestava.** Mais aí pra Graça ele já ria. A Graça passava ele olhava. Eu falava: “**Vagabundo, cê conhece a sua mãe, já? Como cê já sabe que ela é sua mãe?**”(28/10/2002 - primeiro mês, linhas: 417-424).

No contexto familiar, os participantes presentes no campo interativo recortam algumas ações de Júnior (o olhar, o ficar quieto, o sorrir) como dirigidas especificamente à Graça, significando-a como figura preferencial, desconsiderando as ações desta nesse processo. Neste momento, no contexto familiar, Graça é posicionada como diferenciada dos demais, de forma a constitui-la como mãe. Pude perceber que, sempre que possível, as pessoas da família procuravam reassegurar uma adaptação entre eles e Júnior sem conflitos, ressaltando a figura de Graça. Contudo, a contradição desta relação diferenciada entre Graça e Júnior surgiu na quinta visita:

Conversando com Graça e Tatiana na sala perguntei a Tatiana se ela ficava com Júnior. Ela disse que sim e que quando ele chorava ela o pegava no colo e nem sempre ele parava. Perguntei se ele tinha preferência por alguém, ela disse que não. Neste momento Graça olhou para ela e disse: “*Não?*” (num tom de reprovação) e Tatiana então se retratou, dizendo que no colo de Graça ele ficava mais tranqüilo, pois quando ele chorava alguns podiam pegar e ele continuava chorando e que Graça ao pegá-lo ele se acalmava. (19/10/2002 - notas de campo).

Embora haja a tentativa de destacar Graça com figura privilegiada de Júnior desde o início, Tatiana não compartilha desta construção estabelecida entre os adultos. No entanto, ao relatar não observar diferença, é repreendida por sua tia Graça, e imediatamente ela se retrata.

Ao relatar sobre sua relação com Júnior, Graça disse:

G: “Mais, cuidá de nenê num é nada apavorante do jeito que o povo fala. Pelo menos ele, comigo não. Ah, eu me dei tão bem com ele. É igual eu te falei, assim, sabe? **Eu fui mesmo abençoada mesmo por Deus. Ele me mandô o meu filho.**” O que tinha que sê meu mesmo. E eu já acertei com ele, ele parece que comigo, parece que ele me conhece.

Rg: Cê acha, é, é, que que ele faz, assim, que te dá a impressão que parece que ele te conhece?

G: Ah, ele me procura. Se eu converso ele fica me procurano, no colo de qualqué um que ele tivê, que ele tivê e fica me procurano. E aí, a hora que ele me olha ele rí. Aí eu falo: “Assô mamãe, né meu bem?” Aí ele ri. Se ele tivê chorano no colo de alguém, pegá ele, coi... essas coisinha, assim, que eu acho que ele já me conhece.

Rg: Hum, hum... E se ele tivê chorano e outro pegá?

G: Ai, me dá um faniquito. (riso) Uma vontade de i lá e pegá. Mais eu falo assim: “Não, de..., deixa. Quem sabe me dá, né?” Aí, se num me dá eu vô e peço. Então, falo assim: “Pe, parecia aquela galinha choca, né?” “O menino num pode chorá que já qué pegá.”

Rg: E se, e se ele tá chorando e um outro pega, ele pára ou não?

G: Não, às vezes, a minha irmã ele num pára não. Com o meu marido ele pára. A Carmem... Mas depende, assim, tamém, o jeito que põe ele. Porque, o meu marido fala assim que ele pára comigo porque eu encosto os peito na barriga dele, aí esquenta. Então eu ponho ele bem alinho com a barriga aqui, pra ele podê esquentá a barriguinha e pra passá a cólica, né? Falô que ele pára com isso. **Num é nada, ele pára comigo mesmo, que sô a mãe dele. Nem que num fô, também. É!**” (04/10/2002/ primeiro mês linha 1382-1401)

Na ausência do laço sanguíneo para assegurar seu vínculo com Júnior, Graça o faz através do aspecto divino, significando o encontro de ambos como algo do destino, assegurado por Deus. Os comportamentos de Júnior, olhares, sorrisos, choros, são recortados e significados por Graça de forma a sustentar sua relação de intimidade com ele. No campo estabelecido entre Júnior e Graça, os olhares e sorrisos dele são significados por Graça como indicadores de familiaridade e interesse posicionando-a como figura privilegiada, ao mesmo tempo em que ela corresponde por meio de falas estimulando Júnior. Mesmo em situações onde ele não demonstra comportamentos dirigidos a ela, como no caso relatado acima do choro, Graça procura se colocar no campo interativo estabelecido entre Júnior e o outro, posicionando-se como mãe “*galinha choca*”, única com condições de acolhimento para acalmá-lo em seus momentos de desconforto. Ela traz, na voz do marido, possíveis explicações para os comportamentos de tranquilização de Júnior. Neste momento, o confronto entre os diversos sentidos construídos frente aos comportamentos de choro de Júnior instalam-

se. Aceitar que o desconforto de Júnior é aliviado em função da forma como Graça o segura, a desqualifica como figura privilegiada, pois tal conduta pode ser tomada por outra pessoa. Contudo, Graça procura reafirmar que apesar do choro ser uma reação à cólica, ele também é significado como uma forma de comunicação que Júnior se utilizaria para estabelecer o contato com ela, posicionando-a como mãe e única com condições de cuidá-lo “*Num é nada, ele pára comigo mesmo, que sô a mãe dele*”.

No contato inicial com Júnior, Graça procurou formas de aproximá-lo do seu contexto buscando semelhanças físicas com sua família.

Graça: “Na quarta-feira que eu fui lá no X (fala o nome do abrigo) conhecê ele, a Carmem olhô, olhô pra ele e falô assim: “Graça, ele é a cara do J. Branquinho igual o J..” O J. é meu irmão. Que mora ca minha mãe. E quando eu vi, eu achei, assim, o cabelo, sabe? A cor da pele, muito parecido com o meu irmão, também. Aí, cada um foi olhando, achô ele parecido com alguém. Eu só achei, assim, a cor do cabelo, a pele dele, parecido com meu irmão, da minha mãe. A minha irmã já achô ele parecido com o meu sogro. Meu sogro era clarinho, assim, igual ele, sabe? Aí, já teve gente que falô assim que ele parece muito comigo. Eu acho a boca dele, assim, falo assim que o coraçãozinho que eu tenho aqui ele tem tamém. Mas eu tô começano a achá, assim, traços da família nele.” (silêncio) (04/10/2002 - primeiro mês, linhas: 1462-1469).

Graça: “É, eu tava dano mamã pra ele, ele soa, mais ele soa pra mamã! Cê viu que ela tava soano, né?”

Rg: Hum, hum...

G: Eu falei assim: “É, Junim, seu nome caiu certinho né? Igualzinho teu pai.”

Rg: Porque soa bastante?

G: Soa. Soa. Aí, tamém, eu acho que a gente vai inventano parentesco, viu? Vai começano a querê que parece mesmo. É, mais é...(fala interrompida com a chegada de sua sobrinha e não retomada posteriormente) (04/10/2002 - primeiro mês, linhas: 1477-1483)

Através de diferentes vozes, Graça procura diminuir a distância física entre Júnior, ela e sua família. Júnior é um bebê de pele bem clara, já Graça e Roberto são de pele parda. Na tentativa de integrar Júnior ao seu contexto familiar, tornando-o menos estranho/estrangeiro, Graça o posiciona como alguém que apresenta semelhanças físicas com sua família, podendo, desta forma, reconhecê-lo como familiar, que partilha das mesmas características. Posteriormente, ela retoma o movimento de busca por semelhanças, referindo-se à facilidade de Júnior em suar semelhante a seu marido, e dirigindo-se a mim na busca de confirmação. Quando

Embora Graça procurasse, em seu discurso, destacar a afinidade entre ela e Júnior, a primeira cena de banho entre Graça e Júnior possibilitou uma outra via de observação, do momento interativo e das negociações de posições e sentidos presentes no campo interativo entre ambos.

Graça começa a dar banho em Júnior, com o rosto sério. Segura-o deitado de frente para ela dentro da banheira, começa a jogar água no corpo dele e passar a mão no seu rosto, dizendo "Oh, gostoso!". Júnior olha para o rosto de Graça e começa a resmungar. Graça diz "Não, sem chorá, sem chorá" Júnior fica quieto e continua a olhar para Graça, ela sempre séria começa a lavar a cabeça dele, que olha para frente e depois em direção a suas pernas. Graça diz "Hum que gotoso!" e sorri, enquanto esfrega o corpo de Júnior que olha para ela e bate as perninhas. Graça diz "Nada, nada!" e Júnior olha para frente e fica parado. Graça diz sorrindo: Hum, fez xixi na água. Ah, meu Deus, Isso era hora Juninho!" e Júnior olha para Graça que diz: "Heim bem, isso era hora de fazê xixi? Agora vai ficá com xixi no corpo" Júnior olha para frente e volta a olhar para Graça, ela olha para ele e diz sorrindo "Oi, oi!" Júnior sorri, bate as perninhas, e olha em direção ao peito de Graça, fica olhando enquanto ela lava seu corpo. Graça o coloca de costas, lavá-o e o retira da água. Graça começa a secá-lo deitado no trocador e Júnior começa a chorar, Graça diz "Porque tá chorando? É soninho?" e dá a chupeta a ele que pára de chorar. Ela fica secando-o e ele olhando para o lado. (10/10/2002 – primeira gravação do primeiro mês).

Nesta cena, ocorrida na gravação da segunda semana de chegada de Júnior, pode-se observar a forma de comunicação vivenciada pela dupla. Graça parece pouco a vontade com a situação, possivelmente por ser a primeira situação de gravação. Inicialmente, não há muita troca de olhar entre Júnior e Graça. O jogar a água no rosto de Júnior é significado por Graça como algo bom. No entanto, Júnior resmunga, trazendo um novo sentido, como desconforto, que Graça repreende dizendo para ele não chorar e interrompe sua ação ficando quieta. Graça novamente traz o sentido de prazer no momento do banho e sorri e, desta vez, Júnior corresponde batendo as perninhas, o que leva Graça a dizer "nada, nada!". Em alguns momentos Graça chama a atenção de Júnior para si, através da verbalização. Em outros, Júnior chama a atenção de Graça, por meio do olhar. Júnior olha para Graça, porém sua feição séria parece pouco atrativa e Júnior, não sendo correspondido, logo desvia olhar. Graça praticamente não conversa com Júnior, porém quando o faz é correspondida através

de olhares e sorrisos ou movimentos do corpo como de bater as pernas, estabelecendo-se uma interação prazerosa. Durante o momento em que ela o seca no trocador, Graça permanece quieta e Júnior então olha para o lado. Neste momento, a interação fica restrita ao contato físico. A própria situação de banho é um forte circunscritor, em que Graça parece atribuir o sentido de interação mais ligada à higiene do bebê e aos cuidados físicos do que à possibilidade de utilizar este momento como um espaço lúdico com Júnior. Cabe lembrar que esta foi a primeira filmagem, não podendo ser desconsiderada possíveis sensações de constrangimento de Graça frente à câmera.

Já na cena de banho ocorrida na terceira gravação do primeiro mês, configuraram-se novos movimentos interativos entre Graça e Júnior.

Com música infantil ao fundo, Graça está de frente a Júnior que encontra-se deitado sem roupa no trocador. Graça sorrindo aproxima seu rosto da boca de Júnior e diz "dá beijinho na mamãe, dá? Carla, olha só" E Júnior abre e fecha a boca na bochecha de Graça e vocaliza "Ah, ah" e sorri. Graça sorri e Carla ri ao fundo. Graça repete várias vezes o jogo e ao final beija na região entre a bochecha e o pescoço de Júnior, ela também sorri ele sorri e vocaliza "Ah, ah", bate as perninhas e começa a resmungar, Graça afasta-se do rosto de Júnior e fica séria e depois sorri e diz "Qué dá beijinho ou qué tomá banho?" Júnior sorri e vocaliza "Ah, ah," Graça sorri, Júnior sorri e começa a resmungar, Graça então o pega no colo e o leva para a banheira. Joga água no corpo de Júnior e sorrindo diz "Ai que delícia!" Júnior sorri e os dois se olham nos olhos. Júnior olha para o lado, na direção do peito de Graça. Carla diz para mim "Você viu a diferença?" Júnior bate as perninhas na água e Graça diz "Nossa Senhora, a mamãe já tomô banho" Eu digo: Você diz a diferença dele batê o pézinho?" E Carla fala: "É, ele fica melhor com ela dano banho. Comigo parece que ele fica assim. Não sei se é ele ou se sou eu". Júnior olha para o rosto de Graça, que fica quieta, coloca-o de costas para ela, lava-o nas costas e o retira da banheira. Graça coloca Júnior meio de lado no trocador, seca seu rosto e Júnior então vira o rosto na direção de Graça olha para ela e ela diz "Ai que gostoso, tomô bainho" ele bate as perninhas olha para o lado, passa a mão no rosto resmungando. Graça continua secando-o. (25/10/2002 – terceira gravação do primeiro mês).

Graça parece mais sorridente e interagindo mais com Júnior. O contexto familiar, em termos de aspectos físicos, reconfigura-se com música infantil ao fundo. No campo interativo estabelecido entre Graça e Júnior a situação de banho reconfigura-se e passa ser significada como um momento lúdico de interação social, iniciando-se desde o momento em que ela retira a roupa do bebê. Porém, cabe lembrar

que, neste dia, Carla estava junto e Graça a posiciona como espectadora procurando mostrar-lhe como Júnior age com ela, chamando a atenção de sua irmã para ela ver Júnior beijando-a. Júnior responde ao convite interativo de Graça, sorrindo e olhando-a, assim como, em alguns momentos, olha para ela sendo, correspondido estabelecendo-se o contato mais direto entre ambos. O campo interativo estabelecido por Graça e Júnior é significado por Carla como mais afetivo e prazeroso, do que o estabelecido entre ela e ele durante as situações de banho. Entre Graça e Carla inicia-se uma configuração de relação com Júnior mediada pela comparação e competição.

Ainda neste primeiro momento, estimulada por questões diretas que fiz a respeito da adoção, tal tema surgiu no discurso de Graça associado ao temor da perda.

Rg: E cês tinham algum medo, assim, quando cês começaram a pensá de adotá?

G: Eu tinha, e acho que eu ainda tenho medo da, da mãe voltá, sabe? Que, querê vim atrás dele, eu tenho.(voz baixa) E eu tenho medo tamém, que ele num vai entendê que eu escolhi ele pra sê meu filho, sabe? Que ele possa me rejeitá por isso mais tarde. Eu vô contá pra ele. Aconteça o que acontecê eu vô contá e vô deixá bem claro pra ele que ele é meu filho. Que ele num saiu da minha barriga, mais ele é meu filho. Agora, aí tem que lá vê se ele vai querê i atrás da mãe, né? E se quisê i ele tem, ele tá livre pra i, também. (04/10/2002 - primeiro mês, linhas: 1074-1080, Júnior com 3 meses de idade)

G:Assim, eu ficava olhando. Agora, assim, mais pro final da semana ele fica (inaudível) “Ninguém vai mais vir buscá.” Porque, os primeiros dia, eu sentia assim, que alguém tinha pedido pra mim ficá com ele e que depois ia chegá e pegá, levá embora. A dona dele, a mãe dele? Agora não, eu já sei que a mãe dele sô eu, que ninguém vai vim cá, falá: “Eu vim buscá o Juninho.”

Rg: Hum, hum... E alguém, o pessoal do Fórum falô o que pra você? Cê chegô a comentá isso, co pessoal do Fórum, alguma coisa?

G: Não. (fala simultânea) Eu falei pra X (nome da assistente social) que eu tinha muito medo que a mãe viesse atrás...Nesse tempo que eu fico só com a guarda dele, né? Ela falô que não, que esse tempo aí é o tempo de adaptação minha com ele. Porque tem casal que pega, num se adapita e, volta pro Fórum, volta, pro Fórum, né? Que a, quando o juiz manda a criança pra adoção, que é muito difícil a mãe voltá atrás. (04/10/2002 - primeiro mês, linhas: 1292-1304)

A experiência da adoção surge do discurso de Graça, neste momento, associada ao medo da perda e rejeição. A consangüinidade emerge com um forte peso, onde Graça teme perder Júnior para sua mãe biológica, assim com teme que este possa rejeitá-la por não ser sua mãe biológica. A relação de filiação é significada

como relação de posse “*A dona dele, a mãe dele? Agora não, eu já sei que a mãe dele só eu...*” Com o passar do tempo, Graça vai construindo uma relação com Júnior que lhe suscita sentimentos de maior segurança quanto ao vínculo entre ambos. Ela passa a se posicionar como mãe e posicionar Júnior como seu filho, amenizando o temor da perda. Graça traz a figura da assistente social do Fórum tranquilizando-a quanto a este temor, construindo-se um sentido de guarda provisória como um momento de adaptação, cuja separação pais-filho adotivo só ocorreria caso os pais assim a desejassem, através da devolução do bebê.

Neste primeiro momento de contato entre Graça e Júnior, apesar dos relatos de situações de estranhamento e confrontos, estabeleceu-se na família a construção de discursos de afinidade imediata na relação mãe-bebê, tendo com figura concepções de amor incondicional. Os confrontos foram re-significados de forma a construir sentidos mais positivos de intimidade e familiaridade entre Graça e Júnior, nos momentos interativos. A temática da adoção atravessou as relações ora como fundo, quando Graça procurava semelhanças físicas entre Júnior e sua família, por exemplo, ora como figura, quando lhe perguntei diretamente sobre o tema, emergindo o temor da perda.

Nos momentos interativos entre Roberto e Júnior (pai-filho) os sentidos construídos tomaram um outro direcionamento, que apresentarei a seguir.

5.3.2. Relação pai-bebê: primeiro mês.

Enquanto Graça relatou uma gestação simbólica, durante o período de espera, Roberto referiu sua resistência em criar expectativas, quando lhe perguntei sobre o período de espera após o cadastramento no Fórum:

R: “Mais, sei que, **dentro desses três ano, aí, foi... Num passava, viu? Viche! Passava um ano, nada, outro, nada. E, agora, falô nesse daí, tamém**, nem eu, nem acreditei. Eu falei: “**não, num vô ficá alegre, não, porque, senão acontece de, tudo de novo, aí. Chega na hora num dá certo. Vai sofrê mais ainda.** Então, vamo esperá pra vê memo.” (07/10/2002 – primeiro mês, linhas: 926-930).

Ao saber sobre a possibilidade de adoção de Júnior, emerge em Roberto vivências anteriores de tentativas frustradas de adoção. Roberto passa a significar a situação atual como semelhante às anteriores levando-o a um movimento de distanciamento frente à situação como forma de se proteger de uma possível decepção. Após a chegada de Júnior na família, Roberto ainda mostra-se distante e ao dizer “*falô nesse daí, tamém*”, posicionando Júnior como um estranho, sem nome.

Em minha primeira visita, pude perceber uma maior aproximação de Graça e Carla com Júnior, enquanto Roberto mostrava-se mais distante, aproximando-se apenas quando Graça o estimulava.

Chamou a atenção o fato de Roberto não fazer referência ao seu primeiro encontro com Júnior. Durante a entrevista não perguntei à Graça sobre tal fato, no entanto, ela contou-me espontaneamente. Já Roberto não falou a respeito e eu também não perguntei, pois meu roteiro inicial tinha como objetivo abordar alguns aspectos da história de vida e as expectativas dos pais frente ao bebê.

Dentre os sentidos construídos durante nossa primeira entrevista, a ausência de relatos sobre o encontro entre Roberto e Júnior explicitou a impossibilidade, naquele momento, de se abordar este tema. Ao mesmo tempo, posicionei-me também de forma a não estimular a emergência de tal aspecto, pois eu poderia ter perguntado a respeito. Quando indaguei sobre momentos gostosos que ele imaginava poder viver com seu filho antes da sua chegada, Roberto disse:

R: “Assim, que é, eu, eu, pra falá a verdade, as criança nova, eu num só muito, assim, com criança nova, entendeu? **Eu gosto de criança com um ano pra cima**, começa andá...”

Rg: É?

R: Andá ca gente, tudo. **Mais num é que eu num gosto dele.**

Rg: Não?

R: É, entendeu? É, sempre fui assim, desde quando era, minhas, minhas irmã foi tê os filho dela eu num, num gostava de criança. Eu num pégo criança muito novinha.

Rg: Não? Por quê?

R: De caí, antes de caí o umbigo eu num pego de jeito nenhum. Eu num sei por quê. Ai...

Rg: Cê acha que cê tem medo, assim...

R: Num sei se é medo... Num sei porquê.

Rg: Que que cê acha que vai acontecê se cê pegá? (Fala simultânea)

R: **Ai, que antes de caí o umbigo eu tenho medo de, que se acontecê alguma coisa por causa do umbiguinho dele, né? Ah, e outra que ele é muito novinho. Num tem como cê ficá segurando. Ele é muito pequenininho. Cê põe, num tem jeito. Ai falo: “Não, vô evitá de pegá. Deixa quando tivé maiorzim, eu pégo. “Mais é, só por causa disso. Num sei, que a maioria gosta de ficá pegando nenezim novo, né? E eu já num, num gosto. Mais ele eu pego, num tem umbigo, que ele caiu o umbigo, já tá grandinho, com três meses. Mais eu, ah, meu, eu, eu vô achá bom na hora que ele tivé, assim, maiorzim, començando a andá pra mim ficá carregando ele pros lado, comigo, né?”(07/10/2002 – primeiro mês, linhas:1071-1090).**

Roberto traz sua vivência ambivalente com relação à Júnior, num movimento de aproximação e afastamento. Ao falar que gosta de criança com mais de um ano, indiretamente traz sua dificuldade em estar com Júnior, que tinha apenas três meses. No momento em que Roberto diz “*não é que eu não gosto dele*”, ele me posiciona como alguém que desconfia do seu afeto por Júnior necessitando esclarecer um possível mal entendido. Neste momento, eu assumo tal lugar ao repetir “*Não?*”. O momento de desenvolvimento de Júnior, de dependência, fragilidade, etc., apresenta-se como um circunscritor importante na relação, restringindo o contato direto entre este e seu pai. Roberto posiciona Júnior como um bebê frágil, ao mesmo tempo em que se coloca como alguém sem habilidades para se relacionar com ele.

Relatos de Roberto sobre os momentos de aproximação com Júnior, geralmente associava-se a situações de comportamentos de choro do bebê.

R: “**Aí cê, é, na hora que ele acorda chorando eu levanto depressa pra oiá ele, pra num deixá ele chorá, né? Falo: “Ah, num vô deixá ele chorá, não, que é mais ruim choran, dexá chorando.” E o choro incomoda a gente que nossa... Mais, então, ele veio veio calminho...”** (07/10/2002 – primeiro mês, linhas: 1030-1034).

Roberto traz situações interativas mediadas pelo choro de Júnior, atravessadas por sentidos de desconforto. Júnior é posicionado como o bebê cujo choro incomoda e

Roberto posiciona-se como aquele que procura reduzir seu próprio desconforto. Na sequência emerge outro sentido e o bebê que chora passa a ser significado como “*calminho*”. Ao significar Júnior como aquele cujas características pessoais o desagrada, Roberto traz sua vivência de desconforto neste período de chegada de um bebê na família, porém, em seguida, procura negociar tal sentido posicionando Júnior como “*calminho*”, revelando quão ambivalente se mostra a relação.

Movimentos de aproximação e distanciamento coexistiam no campo interativo estabelecido entre ambos, onde as características pessoais de Júnior e seu momento de desenvolvimento apresentaram-se como circunscritores importantes delimitando formas e possibilidades interativas entre os dois. Embora Roberto se incomodasse com o fato de Júnior ser pequeno e chorar, seu choro acabou tornando-se um mediador importante para a aproximação de ambos. Porém, aparentemente mostrou-se como uma aproximação com sentido de eliminar desconforto e não pelo prazer no contato.

O contato entre Roberto e Júnior atravessado pelo comportamento de choro do bebê é relatado por Graça em uma de minhas visitas.

“O Roberto não deixa ele chorá, ele faiz nhé e ele já corre lá pra pegá, nem deixa ele chorá um pouco. Eu disse pra ele que ele tem que dexá o nenê chorá um pouco, faiz bem, limpa o pulmão. Quando ele chora sai aquelas coisa do pulmão, mas ele já vai correndo pegá.” (19/10/2002 – notas de campo).

Embora Roberto se posicionasse como alguém com dificuldades em se adaptar com o bebê, ao longo das gravações do primeiro mês, ele era estimulado a aproximar-se de Júnior. Tal fato pode ser ilustrado em uma cena ocorrida na segunda gravação.

Após Graça dar papinha para Júnior, ela o deixa sozinho na cozinha. Ele fica quieto de olhos semi-cerrados, mexendo na manta que está cobrindo-o até a cintura, olha para a câmera e volta a olhar para suas mãos segurando a manta. Carla e Graça, começam a conversar ao fundo e Júnior retira a chupeta da boca, em seguida começa a se agitar mais, passando a mão pelo rosto. Tatiana e Roberto também conversam e Júnior movimenta-se mais mexendo braços e pernas. Graça então diz duas vezes para Roberto: “Bem, vai lá brincar com ele”. Roberto aproxima-se do carrinho e Júnior resmunga baixinho. Roberto então aproxima-se de Júnior olhando para seu rosto e diz: “Mamãe abandonô ocê aí? É fio! Nossa Senhora!, Cadê a

pepeta?” Júnior abre mais os olhos, sorri e bate as pernas. Roberto tenta colocar a chupeta na boca de Júnior, que vira o rosto e coça o olho. Roberto diz: “Tó a pepeta, num qué não, tá com sono?” e coloca a chupeta na boca de Júnior. Roberto começa a balançar o carrinho, mexe na manta e coloca um chocalho, que estava embaixo da manta, na mão de Júnior. Fica olhando para Júnior e balançando o carrinho. Júnior olha para o lado e mexe o chocalho. Júnior derruba a chupeta e Roberto a coloca novamente em sua boca. Júnior bate o chocalho na testa e Roberto pega o chocalho e fica chacoalhando na frente de Júnior. Júnior coloca a manta no rosto e depois retira. Roberto então faz o mesmo no rosto de Júnior e diz “cute”. Júnior olha para Roberto com expressão séria e olha para baixo em suas mãos. Roberto, com expressão séria, volta a chacoalhar o chocalho e Júnior olha para o chocalho, Roberto passa o chocalho no nariz de Júnior e este volta a olhar para suas mãos. Roberto balança o carrinho, Júnior mexe as pernas e retira a chupeta e Roberto a coloca novamente em sua boca. Júnior se mexe e Roberto diz “Nossa Senhora, que tanto você mexe!” e retira a manta coloca a chupeta na boca de Júnior o chocalho em sua mão. Júnior olha para Roberto que está sério e volta a olhar para o chocalho. Roberto põe uma fralda nas duas mãos de Júnior e fica balançando o carrinho olhando para Júnior com feição séria. (19/10/2002- segunda gravação do primeiro mês).

Embora não tenha protestado com a saída de Graça, Júnior não se mostra indiferente à presença das pessoas, pois passa a se agitar mais quando ouve vozes ao fundo. Todos se encontravam na casa, porém Graça insiste para que Roberto se aproxime de Júnior, falando duas vezes para ele ir brincar com o bebê. Graça procura aproximar Roberto de Júnior, no entanto ele o faz de forma pouco descontraída. No momento em que Roberto aproxima-se, Júnior, até então quieto, resmungua baixinho, indicando estar atento à aproximação de alguém. Roberto inicia sua interação com Júnior posicionando-o como abandonado *“Mamãe abandonô ocê aí? É fio!”* e este sorri e se movimenta, parecendo satisfeito com o encontro. Frente à situação estabelecida, com carrinho, chupeta, manta, Roberto passa a estabelecer um contato com Júnior por meio desses objetos. O que poderia ser uma forma de aproximação entre ambos, pareceu tornar-se um meio de afastamento, pois Júnior inicia uma interação com os objetos, enquanto Roberto posiciona-se como espectador, apenas auxiliando-o na brincadeira, em alguns momentos. Ao colocar a manta no rosto, Júnior traz uma possibilidade de brincadeira entre ambos, Roberto entra no jogo, porém Júnior mostra-se sério. A reação de Júnior parece ser significada como uma rejeição à brincadeira e Roberto, então, busca outra forma de aproximação, o

chocalho. Embora Roberto pareça procurar formas de aproximação com Júnior por meio de objetos, o mesmo fica a maior parte do tempo com a expressão séria e em silêncio. No campo interativo, momentos de aproximação e afastamento coexistem, ora Júnior sorrindo para Roberto e posteriormente interagindo com os brinquedos, ora Roberto oferecendo um brinquedo a Júnior, porém com expressão séria.

Cabe ressaltar que esta foi a primeira situação de gravação de Roberto e sua postura meio desconfortável não pode ser atribuída exclusivamente à situação do contato individualizado com Júnior. O próprio contexto de gravação pode ser pensado com um fator de inibição.

Já em uma cena ocorrida na quarta gravação, o contato entre Roberto e Júnior percorreu outros caminhos.

Júnior havia acabado de tomar banho no quarto quando Roberto entra. Carla está com Júnior no colo e Roberto diz: "O Juninho" Carla então fala sorrindo: "Olha lá o papai. Uh, achô!" e coloca Júnior sentado em seu colo de frente para Roberto, Roberto diz sorrindo: "Acho", Júnior olha sério para Roberto e em seguida sorri. Roberto aperta a bochecha de Júnior com a mão e diz sorrindo "Nossa Senhora!", Júnior olha em direção à câmera. Carla dá Júnior para Roberto que o segura, sentado em uma de suas mãos, de frente para ele, enquanto a outra o segura por baixo do braço. Júnior olha para Roberto sorrindo. Roberto diz sorrindo "Só, só, durinho, durinho", Júnior fica sério, olha para Roberto e em seguida para a câmera e volta a olhar sério para Roberto. Graça que estava atrás de Roberto dirige-se para o seu lado, Júnior olha para ela e sorri. Graça diz: "Achô, né?". Júnior abre e fecha a boca e olha novamente para Roberto que abre e fecha a boca rapidamente, Júnior sorri, olha novamente para a câmera, Graça começa a pentear o cabelo de Júnior, que olha para Roberto e depois para Carla. Graça continua penteando o cabelo dele que olha para Roberto e sorri. Roberto posiciona Júnior em direção à Graça e este sorri e abaixa a cabeça, olhando para o chão. (08/11/2002- quarta gravação do primeiro mês).

Neste momento, Roberto toma a iniciativa de interagir com o bebê, chamando-o pelo nome. Carla estimula o contato, posicionando Júnior na direção de Roberto. Roberto desde o início mostra-se sorridente. Júnior, por um instante, fica sério olhando para Roberto e depois sorri. A relação de Roberto e Júnior é atravessada pelo estímulo ao desenvolvimento corporal, onde Roberto procura estimular Júnior a ficar reto em sua mão, porém, neste momento, Júnior pára de sorrir. Ele volta a sorrir no

contato com Graça. O movimento de boca de Júnior é recortado por Roberto que repete a ação estabelecendo-se um contato entre os dois, via imitação, e Júnior sorri.

Nas interações com Júnior, Roberto parecia procurar indícios no bebê, sejam movimentos corporais ou vocalizações como mediadores para o contato, repetindo os movimentos dele ou agindo de forma a complementar a sua ação.

Assim como Graça, Roberto também procurava semelhanças físicas em Júnior, buscando integrá-lo à sua família. Ao lhe perguntar como ele imaginava que seria o bebê, Roberto, após um breve silêncio, disse:

“Ai, imaginava que ele ia sê branquim, clarim, igual nós, igual eu mais a Graça. Clarim, assim, do cabelim clarinho. **Não assim, clarim igual esse daí, né?** Esse aí ainda é muito clarim... (rindo) Ai, é o que eu falo, eu falei, é, eu tava conversando com ela, falei: **“Ah, acho que é o nosso filho mesmo, se fosse de sangue, aí, eu acho que ia sê branquim, assim, igual ele, assim.”** Que eu sô clarim, ela também bran, que, ela é branca, também. **Acho que ia sê igual esse aí memo. Ela falô: “É, mais capaz que até ia sê memo, né?”** É... (silêncio) E veio bem clarinho. Nossa senhora! Ah, tem os..., assim, os, como é que fala? Uns tra, tra, traço? **Né? Igual do meu pai. Meu pai era branquinho, assim, branco que nem ele também, assim... O jeito, tudo. Sei lá, acho que eu, foi a criança certa, viu? Acho que Deus, espera memo pra aparecê a criança... certa memo, pra, pra entregá pra gente porque... Nossa! Que ele dá muito, assim, o jeito dele, o, a cor.”** (07/10/2002 – primeiro mês, linhas: 953-963)

As contradições apresentam-se na fala de Roberto, que procura aproximar-se de Júnior por meio de características físicas. Mas, no instante seguinte, já o posiciona como diferente do que o imaginado por ele. Na tentativa de diminuir o estranhamento, ele enfatiza a cor de pele procurando aproximar o bebê real do imaginado. Porém, tal posicionamento não é sustentado, e as vivências conflituosas emergem na fala de Roberto ao dizer *“Não assim, clarim igual esse daí, né?”*. Surgem questões da consanguinidade, onde Roberto, através de características físicas de Júnior, o posiciona como o filho biológico que ele não teve, trazendo outras vezes, no caso de sua esposa, como forma de confirmação. Na tentativa de se aproximar de Júnior, Roberto posiciona-o como familiar, construindo um discurso de semelhanças com seu pai e, conseqüentemente, consigo próprio, buscando explicações no campo do

espiritual. A filiação do ponto de vista biológico mostra-se presente na fala de Roberto, que posiciona Júnior como filho a partir das semelhanças físicas. Toda a fala de Roberto me parecia mais uma forma de me convencer e convencer a si mesmo de que Júnior era a criança por ele esperada. Seus silêncios, risos meio nervosos traduziam vivências de certo desconforto frente à questão sobre o bebê imaginado por ele e o real, presente em sua vida. Posteriormente, no segundo mês, Roberto trouxe seus sentimentos de angústia vividos neste primeiro momento de adaptação.

Na seqüência, Roberto buscou uma aproximação pelas características comportamentais.

Rg: Cê falô o jeitinho dele, e o jeitinho dele como?

R: (silêncio curto) Do Júnior?

Rg: É.

R: Ah, assim, bonitinho, né? Alegrinho. **Achei, ele vai sê assim, assim, um, uma pessoa assim, alegre que nem eu, tamém, que eu num sô muito, de sê triste.** Eu tenho meus dia, assim, de sê um pouco, assim, de sim, de num conversá, tudo, mais... **Eu acho que vai sê, tê, assim, o meu jeito, um pouco.** Até meu cunhado já chama ele, até assim, meu cunhado me chama de, de palhaço, né? Me pois o apelido de paiaço. (Rindo) Que eu era muito fazedor de graça, né? Então, agora ele fica chamando ele só de paiaçim. (Riso)

Rg: (riso)

R: **Então, é, vamo vê como é que vai sê co, crescendo, convivendo, né? Ca gente.** (07/10/2002 – primeiro mês, linhas: 972-982).

Roberto oscila entre procurar em Júnior indícios mais pessoais que se assemelhem a ele, no caso o ser “alegrinho”, e perceber a possibilidade de desenvolvimento de comportamentos conforme a relação estabelecida por ambos ao longo do tempo “*Então, é, vamo vê como é que vai sê co, crescendo, convivendo, né? Ca gente*”. Na relação com Júnior, Roberto procura negociar os diversos sentidos construídos na busca de familiarização e identificação com o bebê, ora atravessados por características peculiares a Júnior, ora por comportamentos frutos da relações estabelecida entre ambos.

Assim como com Graça, a temática “adoção” emergiu no discurso de Roberto por meio de questões feitas diretamente por mim. Ao se referir à adoção, Roberto remeteu a questões da consanguinidade.

Rg: E quando que cês decidiram, assim, como que surgiu a idéia de adotá?

R: Ah... A idéia de adotá foi assim, depois que, que a minha cumade adotô o dela, né? Pegô, que a adoção dela saiu, pegô o Tiago, aí ela falô, aí ela fala: “Então vamo lá.” Aí já, ela me falô: “Que que cê acha de nós i lá fazê a ficha, tudo.” Eu num, eu num, assim, como se diz, eu num era muito.... é..., a favor de mexê com adoção e tudo. Que muita gente falava que adotá filho é perigoso, num sei o quê. É...

Rg: Qual que era sua preocupação?

R: Assim, só porque cê, cê adotá filho, assim, é, seu filho pode sê, é..., num segui o ritmo da gente, né? Que o que é, a vez, o que já é da gente já num segue o ritmo da gente, então, se ocê vai adotá um, cê num sabe de que família que vem...Num sabe, né? Aí cê punha aquilo na cabeça. Falei: “Ah, cê sabe que cê tem razão, a gente tava pensando. Ah, num vô mexê com isso, não.” Mais, depois que eu vi o menininho dela, aí, parece que as co, aí ele foi crescendo, o jeito que ele, que ela, que ele, que ele, que ela era com ele e ele com ela. Aí ela falô, falo: “Ah, então vamo no Fórum.” Né? (07/10/2002 – primeiro mês, linhas: 752-767).

Neste momento, Roberto aborda a adoção com o sentido da diferença de comportamentos “*num segui o ritmo*” e o temor da carga genética. Traz dificuldades e conflitos existentes em famílias biológicas como referência para as dificuldades na relações, onde a ausência de uma carga genética partilhada seria mais um fator que dificultaria a adaptação, pois nem sua existência seria garantia de harmonia na relação “*o que já é da gente já num segue o ritmo da gente*”. No entanto, seu contato com a experiência de adoção de Carmem (mãe de Tiago), e o acompanhamento da relação estabelecida entre eles, possibilita uma re-significação da relação pais-filhos adotivos.

No primeiro mês de contato entre Roberto e Júnior situações interativas com aproximações a afastamentos coexistiram, sendo o momento do desenvolvimento de Júnior e seu choro fortes circunscritores na relação. Roberto procurava trazer sentidos mais positivos, no entanto, sentidos de estranhamento pareceram prevalecer neste momento, configurando uma relação atravessada por sentidos de dificuldades

adaptativas. Não se pode desconsiderar o fato de que em famílias biológicas, frequentemente, também há maiores experiências de estranhamento do pai em relação ao bebê. Na dinâmica familiar, Graça e Carla procuram estimular a aproximação entre pai-bebê. A adoção surgiu com a construção de um discurso associado ao temor da carga genética e dificuldades adaptativas, que foi negociado a partir de sua experiência em acompanhar o desenvolvimento da relação mãe-filho adotivo na história de sua comadre.

Um outro participante entra em cena, Carla, tia materna de Júnior, circunscrevendo novos caminhos interativos com o bebê, que será apresentado a seguir.

5.3.3. Relação tia-bebê: primeiro mês.

Carla acompanhou todo o processo de espera de Graça por um filho, sendo que, inicialmente, ambas tentaram engravidar, mas apenas Carla conseguiu. Ao relatar seu primeiro contato com Júnior, Carla disse:

C: “O Junim, não. **O Junim, eu num achei ele feio. Foi só aquela sensação de princípio, sabe?** Que a, Carmem falou, foi isso mesmo. Então a gente olha e fala assim: “Ah, mais ele é feio.” Mais aí ele dá aquele sorriso. **Acho que o sorriso dele é que cativa a gente**”. (rindo) (28/10/2002 – primeiro mês, linhas: 679-682).

Carla, assim como os demais, traz sua vivência de estranhamento no primeiro contato com Júnior, achando-o “*feio*”. Inicialmente ela tenta negociar tal sensação que só pode ser assumida posteriormente, quando ela atribui ao coletivo “*a gente*” tal vivência. No entanto, o sorriso de Júnior é recortado por Carla, que deixa de posicioná-lo como bebê feio, passando a bebê cativante.

Embora Carla expressasse estar feliz com a vinda dele, em várias ocasiões posicionava-se como a tia preterida, enfatizando a preferência de Júnior por Graça. Na

noite anterior à chegada de Júnior, Graça trouxe, em seu diário, o desconforto vivido por sua irmã com a situação:

“...a mamãe colocou o berço no quarto da mamãe, porque a titia esta aqui e seu quarto esta as coisas dela ela diz que esta se sentindo muito mau por estar usando seu quarto mas a mamãe não se importa porque se ela não tivesse aqui voce ia ficar no nosso quarto mesmo...” (sic) (24/09/2002- diário de Graça)

Carla posiciona-se como aquela que está ocupando o lugar do bebê, materializada no quarto preparado durante tanto tempo.

C: “**Até hoje eu num transo legal aquele quarto, não, sabe? Eu me sinto demais lá. Mais é só em relação ao quarto. Sabe?** Cê sente que cê tá num espaço que num é seu. Toda hora que eu entro lá me incomoda. Tanto que eu num arrumo o quarto. Sabe? Eu acho que por isso. Eu num tenho lugar pra pô nada que é meu ali. **Tudo eu acho que num é meu. Sabe?** ” (28/10/2002 – primeiro mês, linha: 592-596)

Como colocado anteriormente, o quarto de Júnior tornou-se um local cheio de significados, imerso por sonhos, esperanças, expectativas, decepções, etc.. Carla traz a sua sensação de exclusão com a chegada de Júnior, materializada no quarto que, embora fosse ocupado por ela, não era dela. Ao dizer: “*Eu me sinto demais lá. Mais é só em relação ao quarto. Sabe?*”, Carla se posiciona como alguém cuja presença incomoda.

Em alguns momentos, a relação entre Carla e Graça aparecia atravessada pelo sentido do cuidado, onde Graça era posicionada como irmã cuidadora, uma mãe e Carla como aquela a receber os cuidados. Porém, com a chegada de Júnior, novos sentidos foram construídos e, através do quarto de Júnior, Carla trouxe o sentido de ocupar o lugar que é dele, ou seja, o lugar de filho e seu desconforto por perder o lugar de filha.

O contato com Júnior remeteu às vivências anteriores de Carla com sua própria filha, levando-a a questionar tal relação.

Rg: “Mais assim, a hora que cê olhô pra ele, né? Que sentimento que te veio?”

C: “**Ai, de felicidade. Uma emoção muito grande, sabe? Uma coisa muito boa. E é aquela sensação que eu te falei de estranhá. Foi, que eu num senti tudo aquilo pela minha filha e eu senti por ele. Então tava assim. Sabe? Tipo assim, uma culpa? “Por que que eu num senti isso pela minha filha? Eu tinha que senti pela minha filha, ela que era minha filha, né? Num é ele que é meu filho.”** (28/10/2002 – primeiro mês, linhas: 649-654).

Ao relatar sobre seu contato com Júnior, a felicidade vivida por Carla é significada de forma ambivalente, pois se por um lado a aproximou de seu sobrinho, dando o sentido de “*coisa muito boa*”, por outro a distanciou de sua filha, remetendo-a a sentimentos de “*culpa*”. Neste momento, vivências passadas com sua filha, associadas à situação presente com Júnior e aspectos culturais de valorização do amor materno, fundem-se de forma a estabelecer uma situação de conflito em Carla. Ela questiona seu afeto por sua filha quando bebê e tenta negociar consigo mesma o sentido de que Júnior não é seu filho, apesar dos sentimentos despertados no contato com ele.

Posteriormente, Carla trouxe sua vivência em se posicionar como mãe de Júnior:

C: “**Engraçado, eu num senti isso ca Tatiana.**” Sabe? E, então, esses parâmetros, sabe? **Aí, de repente, eu começava a conversá com ela, eu começava a chamá ele de filho, sabe? Eu ia falá mamãe pra ele, aí eu falava: “Não é a mamãe, é tia. Ela é a mamãe.” Sabe? Deu aquela impressão, assim, que eu tava passano por cima dela.** “Você vai sê a tia de novo e eu vô sê a mãe de novo.” (Rindo) **Acho que eu queria sê mãe dele, mesmo. Num queria sê a tia.**” (Rindo) (28/10/2002 – primeiro mês, linha: 673-678).

No campo interativo estabelecido entre Carla e Júnior, Graça mostra-se como figura importante, e Carla a posiciona como rival, procurando ocupar seu lugar de mãe, papel esse mais valorizado do que o de tia. Assim, Carla significa a relação tia-sobrinho como secundária e inferior à relação mãe-filho.

No contato comigo, em alguns momentos, eu percebia Carla procurando se destacar dos demais participantes, sempre muito atenciosa, prestativa e falante. Quando eu lançava uma pergunta a todos, durante nossas conversas informais, Carla

geralmente era a primeira a falar e, às vezes, era necessário eu estimular Roberto, Graça e Tatiana a falarem, caso contrário, eles permaneciam calados.

Ao se posicionar como tia e não como mãe, Carla atribui a Júnior comportamentos preferenciais pela sua mãe e de rejeição por ela.

C: “Mais aí pra Graça ele já ria. A Graça passava ele olhava. Eu falava: “Vagabundo, cê conhece a sua mãe, já? Como cê já sabe que ela é sua mãe?” Aí eu brincava com ele, falava assim: “Ó sua mamãe, ó mãe.” (Rindo) Sabe? A Graça: “Não, mamãe sou eu.” (Rindo) “Ela é titia. Eu sô a mamãe.” (Rindo) Sabe? E ele olhava pra Graça ele ria. Pra mim ele num ria, sabe? Essas coisinha, assim. Eu pegava ele chorava, eu ia dá mamadeira num queria mamá. Eu até te contei, logo que você começô a vim aqui. Esse muleque não gosta de mim. Porque eu pego ele chora.” (28/10/2002 – primeiro mês, linhas: 1167-1173)

Em seu relato, Carla procura enfatizar a preferência de Júnior por Graça, destacando a singularidade da figura materna para o bebê. Carla recorta os comportamentos de Júnior como o choro, a ausência de sorriso, o não mamar, de forma a posicioná-la como preterida, enquanto o sorriso posiciona Graça como preferida.

Embora Carla trouxesse em seu discurso sentidos de preferência de Júnior por Graça, as primeiras sessões de vídeo pareceram não retratar claramente comportamentos preferenciais de Júnior por uma pessoa específica. No campo interativo estabelecido, o mesmo comportamento de Júnior era recortado por Carla de forma a valorizar o contato entre Júnior e Graça e desqualificar seu contato com ele. Em cena ocorrida na segunda gravação, em que Carla dava banho em Júnior na banheira, enquanto Graça estava no quarto, é possível exemplificar as posições que Carla atribuía e assumia nessa relação com Júnior construindo determinados sentidos no momento.

Júnior deitado no trocador enquanto Carla olhando para seu rosto retira a sua roupa sorrindo e conversando com ele e Júnior bate as pernas sorrindo também. Carla o coloca na banheira de barriga para cima e Júnior olha para o seu rosto. Enquanto Carla passa a mão no rosto de Júnior ele bate as pernas na água. Carla diz: “Cê qué nadá , qué, qué nadá? Júnior olha para o rosto de Carla com a boca meio aberta. Carla então diz: “Cadê a mamãe? Num é a mamãe que

tá dano banho n'eu não, num é a mamãe. Eu já percebi que não é a mamãe". Júnior bate as pernas na água olhando para o rosto de Carla enquanto ela esfrega seu cabelo e corpo dizendo: "Cadê a mamãe?". Ela então o coloca em pé de costas e começa a esfregar suas costas e diz: "Bate a mãozinha, bate". Júnior fica parado e Carla comenta olhando para Graça "Acho que ele não gosta de tomar banho comigo não" e dirigindo-se à Júnior diz: "O bem, o que a mamãe faz com você que você faz aquela farra, heim? Conta pra titia, conta. Titia vai pará de dá banho em você, vai. Vai pará de dá banho em você. Porque só sabe chorá hora que a titia tira da água, só. Só sabe chorá essa pocaria" (fala com voz infantilizada). Carla coloca novamente Júnior deitado de frente para ela, ele com a boca meio aberta bate as pernas na água. Carla então diz: "na hora de fazê farra não qué" Carla passa a mão no pescoço de Júnior lavando-o e ele bate as pernas na água. Ela pára de esfregar o pescoço dele e ele pára de bater as pernas, ela olha para as perninhas dele e diz: "bate as perninhas, bate", pega as pernas de Júnior e depois os braços e bate na água dizendo: "Faz baguncinha". Coloca Júnior sentado na banheira pega as duas mãos de Júnior e bate na água. Júnior fica parado e Carla diz: "Não qué fazê baguncinha". Carla joga água na barriga de Júnior e diz: "Ai que delícia, que gotoso", deita-o novamente e esfrega sua perna. Depois Carla o retira da água, deita-o no trocador e começa a secá-lo, ele bate as pernas olhando para ela e ela diz: "Tá chutando a titia, porcaria", Júnior sorri. (19/10/2002 – segunda gravação do primeiro mês).

No início, Júnior sorri para Carla, ela o coloca na água e em seguida ele olha para ela. Ela traz um sentido para a situação, recortando as ações de Júnior como de estranhamento, onde ela se posiciona como não sendo a mãe e o posiciona como aquele que sente um certo desconforto dizendo-lhe: "*Cadê a mamãe? Num é a mamãe que tá dano banho n'eu não, num é a mamãe. Eu já percebi que não é a mamãe*". Ao colocá-lo de costas, Carla fala para Júnior bater as mãos. No entanto, a posição física dele restringe a situação, de forma a dificultar as ações esperadas por Carla. Júnior está em pé de costas para Carla e fica com o corpo ereto e braços esticados, parecendo procurar se equilibrar. Neste momento, a não responsividade de Júnior é significada por Carla como insatisfação deste em estar com ela "*Acho que ele não gosta de tomar banho comigo não*". Ela traz a relação entre Júnior e Graça como modelo de afinidade na relação afetiva, e as demais formas de contato passam a ser significadas não só como diferentes, mas principalmente como inferiores "*O bem, o que a mamãe faz com você que você faz aquela farra, heim? Conta pra titia, conta. Titia vai pará de dá banho em você, vai. Vai pará de dá banho em você. Porque só sabe chorá hora que a titia tira da água, só. Só sabe chorá essa pocaria*". Enquanto Carla lava o pescoço de

Júnior, ele bate as pernas e parece satisfeito. Quando ela pára, ele também o faz. Tal situação abriria uma diversidade de sentidos a serem construídos. No entanto, Carla novamente posiciona Júnior como alguém que não se diverte junto a ela, atribuindo tal experiência emocional apenas na relação deste com a mãe. Posteriormente, ao secá-lo, o bater as pernas que anteriormente era significado por Carla como diversão, “*farra*”, agora por atingi-la na barriga é significado como “*chute*”. Da mesma forma que Carla recorta as ações de Júnior, construindo sentidos de valorização da relação deste com sua mãe, ela também o faz desqualificando seu contato com ele.

Carla traz várias referências sobre a temática da adoção. Enquanto no caso de Roberto e Graça eu fazia perguntas específicas sobre a adoção, para que eles falassem a respeito, no caso de Carla o tema surgiu às vezes estimulado por mim e em outros momentos por ela.

C: Eu perguntava pra Graça, ela perguntava pra mim, a gente perguntava pro Roberto, perguntava pra Tatiana, perguntava pra Carmem: “Que que cê tá sentino? E aí, como que tá seno, né?” Então, aí que a gente começô a perguntá. **Então eu falava assim: “Eu num consigo olhá nele como adotado.” Sabe?**

Rg: Quem falava?

C: Eu falava. Ela falava assim: **“Só que tem hora que dá pena dele. Parece que ele não é seu, ainda. Eu num consigo acreditá que ele é seu.” “Tem hora que parece que alguém vem buscá ele.” “Que é de alguém que deixô aqui.” Então foi uns dois dia, assim. Com essa sensação. Adaptação mesmo.** Mais, assim, já com certeza que se alguém viesse tirá cê num, já ia sofrê demais da conta. Num pode tirá. “Cê, cê é meu, mais eu tenho que acreditá que você é.” É isso. É aquela comparação que eu tê fiz. (28/10/2002 – primeiro mês, linhas: 910-921).

C: Comparo muito com a Tatiana. Eu falo: “Num é, porque a Tatiana num é adotada.” E eu sentia. **Tipo, aquele negócio: “Aí, será que alguém vai vim me tomá ela?” Pra falá, né? O medo só muda um pouquinho de figura, ocê pensa:: “Será que alguém vai bo, tomá ele?” quando é da gente a gente fala assim: “Aí, será que vai morré?”** (rindo) Então, eu acho que num tem muito. Então, eu num sô muito ligada nisso não, sabe? Eu, sô muito assim, **ou eu amo ou eu num amo. Num pergunto porquê que eu amo.** Sabe? Eu tenho isso comigo. **Com o Juninho foi igual. Eu vi ele, amei e pronto. Num fiquei questionando porquê, não.** Ai, ai, tá veno? (Junior dá gritinhos no fundo) Ai eu ficô doidinha pra i lá vê. (28/10/2002 – primeiro mês, linhas: 933-939).

No campo estabelecido entre Carla e Júnior emerge o sentimento de pena onde ela posiciona Júnior como não sendo filho de Graça e que pode ser pego a qualquer

momento por “alguém”. No entanto, ela traz o sentido do temor da perda na relação afetiva de filiação independente da consangüinidade ao dizer: *“Num é, porque a Tatiana num é adotada.” E eu sentia. Tipo, aquele negócio: “Ai, será que alguém vai vim em tomá ela?” Pra falá, né? O medo só muda um pouquinho de figura, ocê pensa: “Será que alguém vai bo, tomá ele?” quando é da gente a gente fala assim: “Ai, será que vai morrer?”.*

Carla citou várias situações em que o temor da perda emergia nos seus contatos sociais.

C: Ah, e com o Juninho, **outro dia mesmo eu entrei dentro do ônibus e eu encanei com a mulher que tava lá, tava com o nenê no colo, mais muito parecido cum ele.** Mais muito mesmo, Regina, só que eu num consegui vê o rosto. Eu só vi o corpo, cabeça e cabelo. Sabe? Assim, vi ele de costa. **No colo da mãe. Eu olhei, ai, eu senti mal de vê o menino. E eu olhei tanto, olhei tanto, a mulher começô a me olhá, de tanto que eu olhava nela. E eu não consegui vê o rosto do menino. Eu falei: “Graça..., ó, eu, parecia que ele era irmão gêmeo do Junim, que ela tinha dado um.”** E aquilo lá me perturbô muito, sabe? **Aí eu já queria sabê quem que era a mãe dele. Pra eu sabê se ele tem irmão, sabe? Aí eu quero sabê tudo dele. Aí começô pesá. Mais agora, eu, assim, sabe? É, mais esses dia. Parece assim que, tá caíno a ficha? E, antes não. Antes eu tava assim, transpassadona, eu queria sabê só dele, dele, dele, dele. Num importava, assim, logo que ele chegô, num importava, assim, de onde ele tinha vindo. (abaixa tom de voz) Como, por que, de quem, quem é? A história dele num importava, não. Mais, aí eu já num sei se é preocupação, né? Aí, e... Aí aconteceu, tamém...**

Rg: Preocupação, de quê? (fala simultânea)

C: (Silêncio curto) Com pessoas que a gente ama, né? A gente se preocupa com pessoas que a gente ama. Igual o dia que nós saimo pela primeira vez, porque, na ficha dele, na papelada dele fala que, o endereço é dessa rua, aqui. Então nós tinha medo. **A Graça, num sei nem, se tanto quanto eu, não. Mais, às vezes até mais, né? Mais, pelo fato dela num precisá saí, ela que sabe que ela num vai precisá saí, né?** (28/10/2002 – primeiro mês, linhas: 949-967).

Carla relata dois momentos da sua relação com Júnior. Num primeiro momento, sua atenção volta-se totalmente para Júnior que é posicionado como sem uma história anterior. Na mesma entrevista, Carla dizia da sensação de que Júnior parecia ter nascido ali, ou seja, de ser filho biológico. Na interação entre Carla e Júnior, a adoção torna-se fundo, não se evidenciando. No entanto, no momento em que Carla amplia seu campo de relações, no contato com o outro, Júnior passa a ser posicionado como adotivo e pessoas com alguma característica física que se

assemelhe a Júnior são posicionadas como possíveis parentes. Neste momento, a história anterior de Júnior e a adoção “*começo pesá*”. Carla vive um emaranhado de emoções, por um lado o temor de entrar em contato com algum parente biológico de Júnior, por outro o desejo de saber sobre sua história anterior “*Aí eu já queria sabê quem que era a mãe dele. Pra eu sabê se ele tem irmão, sabe? Aí eu quero sabê tudo dele*”. Carla conta sobre a ficha de Júnior do posto de saúde cujo endereço da mãe biológica era uma rua perpendicular a rua que Graça mora. O fato de Graça não precisar sair é significado por Carla como uma situação mais confortável, que protege Graça de viver o temor de encontrar com a mãe biológica de Júnior.

Na seqüência, Carla relatou um momento em que ela, Graça e Júnior encontraram-se com a vizinha do bairro e novamente vivências e medo em encontrar com parentes biológicos de Júnior emergiram.

C: Igual o dia que nós saímo, eu, ele e a Graça, essa ela pode tê contá melhor, porque essa as, tava nós duas junta, e, aí nós saímo e a mulher da sorveteria viu ela com ele, pediu pra vê. E tinha uma mulher muito branca, uma senhora, já. Muito branca e cabelo enrolado. O cabelo da cor do dele. (Rindo) Aí, foi dando uma sensação ruim de mal estar (tom de voz bem baixo). Foi a primeira vez que nós saímo, que eu ando sempre de ônibus, sabe? E a mulher foi olhano nele, deu impressão, assim, que ela conhecia ele. Aí, eu tive uma vontade enorme de tirá ele dali. Então, assim, tem os momentos. Sabe? Que a adoção pesa. Fala assim: “Será que vai aparecé?” Como? Quando? Que hora? Alguma hora vai tentá? (28/10/2002 – primeiro mês, linhas: 986-993).

Novamente emerge o temor da perda e, neste momento, Carla recorta os traços físicos e o olhar do outro como indicadores de um reconhecimento de Júnior como alguém conhecido/com possível parentesco. O campo interativo, estabelecido com pessoas fora do contexto familiar de Carla, é atravessado pela temática da adoção, sendo que um outro estranho à família, que apresente qualquer característica que se assemelhe ao bebê, é posicionado como possível familiar biológico, emergindo vivências de angústia.

Em outro momento, quando a questão é diretamente ligada a diferença entre uma criança em família biológica e não biológica, Carla relatou:

C: Ah, o fato assim, de, isso eu acho. Porque dá a **impressão que a gente tá fazendo questão de firmá que é igual, sabe?**

Rg: Hum?

C: O **biológico. Que, muita gente pergunta se tem diferença.** Aí eu falo: “Ah, aí eu teria que adotá um pra vê, né?” (rindo) Aí eu saberia, mais, **com o Juninho, assim, com relação aos outros sobrinhos, num tem.** Agora, a Graça, num serve, porque ela num tem um biológico, também, né? **Então, acho que... pelo que eu acompanho, eu acho que num tem muito, não. Eu acho que a diferença maior é a curi, é a curiosidade da sociedade, em relação a isso. Isso que acho que tem diferença, sim. Sabe? Porque, se cê tem um filho biológico, ninguém chega nocê falando assim: “Ai, não conta isso pra ele. Ai, eu se fosse ocê escondia isso.” Ah, quando é adotado todo mundo qué que cê esconde alguma coisa. (Rindo) O outro já acha que cê num pode escondê nada, sabe?**

Rg: Do quê? Assim, de escondê o quê?

C: Ah, uns acha, assim, sobre a adoção, outros a, fala sobre a mãe, sabe? **Biológica. Aí, igual... por exemplo, teve gente que chegô na Graça e falô assim: “Ai, fala que a mãe dele morreu, que mãe dele tá lá no céu, num sei o quê.” Aí a Graça fala assim: “Ah, num vô contá não.” (tom de voz muito baixo) Aí ela fala: “Ai, eu vô falá, sim.” Aí outros fala assim: “Ah, não, num esconde nada não, porque, cê já pensô? Cê já ouviu aqueles casos, assim, que cê achô que... Aí depois acontece, vai encontrá num hospital, nessas condições, num sei como que é, e aí o filho foi doá sangue pra mãe e descobriu que era mãe dela, sabe?” “Coisa assim, que, é, ai, se ele precisá dum transplantante, que ficá...” Ai, sabe? (04/11/2002 – primeiro mês, linhas: 2059-2079).**

Carla oscila entre significar a experiência da adoção como algo singular e como igual a outras relações de parentesco. Inicialmente ela traz a necessidade de não diferenciar de outras relações *“dá a impressão que a gente tá fazendo questão de firmá que é igual”*. Ao se posicionar como tia, a relação com Júnior torna-se igual a suas relações com os demais sobrinhos. No entanto, ao trazer o contato entre Graça e Júnior, ou seja, mãe-filho, imersa em um contexto social, a relação mostra-se atravessada por vivências de conflito, principalmente com relação à revelação da adoção e da história da mãe biológica *“diferença maior é a curi, é a curiosidade da sociedade, em relação a isso. Isso que acho que tem diferença, sim. Sabe? Porque, se cê tem um filho biológico, ninguém chega nocê falando assim: “Ai, não conta isso pra ele. Ai, eu se fosse ocê escondia isso.”* A importância da consangüinidade neste momento surge com um novo sentido no discurso de Carla, se anteriormente estava associada ao reconhecimento do outro (parente biológico), pela semelhança física e

desejo de aproximação, neste momento vincula-se a um discurso médico, em que o sangue poderia revelar e provar concretamente o parentesco involuntariamente, no caso de uma doação, ou voluntariamente no caso de um transplante. Em ambas as situações, o sangue passa a ser uma prova concreta de parentesco, em que a aproximação com a família biológica embora ansiogênica possa ser necessária. Se por um lado o temor de perder um filho adotivo passa pela aproximação com a família biológica, por outro, no caso de uma doença física, cujo o sangue ou a compatibilidade genética seja necessária, a aproximação da família biológica passa a ser a única alternativa para garantir a permanência da criança adotiva.

Neste primeiro momento, Carla experienciou movimentos de aproximação e afastamento com Júnior, atravessadas pelas suas vivências com sua irmã. Situações interativas de rivalização entre Carla e Graça e ciúmes de Carla em relação a Júnior emergiram. Neste interjogo entre Graça, Carla e Júnior, Carla recortava os comportamentos de Júnior de forma a valorizar o contato dele com sua mãe e desvalorizar o seu com ele. Diferente de Graça e Roberto, que pouco se referiram à questões diretamente ligadas à adoção, Carla trouxe em seu discurso vivências emocionais de medo e persecutoriedade em relação à mãe biológica de Júnior de forma mais explícita. Seu discurso em relação à experiência de conviver com uma criança adotiva apresentava-se ora com o sentido de igualdade em relação a outras crianças, ora com o sentido de diferença. Outro ponto diz respeito aos meios de comunicação que há época começaram a veicular reportagens sobre adoção. Assim, Carla, possivelmente, por seu maior afastamento emocional com Júnior, pode trazer como figura questões da adoção. Diferentemente de Graça, que assumia os cuidados de Júnior, vivenciando um maior envolvimento com o bebê.

5.3.4. Relação mãe-bebê: segundo mês.

Após o primeiro mês de Júnior com sua família, Graça relatou diferenças no comportamento do bebê conforme o período do dia.

G: Eu já percebi que, ele dorme bem, só que ele demora mais pra dormi. De dia ele é calmo. Ele fica assim, brinca, num chora muito. **Chegô à tarde. (Silêncio curto) Ele num qué carrinho, eu num sei se porque ele sabe que tem mais gente pra pegá. Aí fica chorando, tem hora, tem dia que ele num qué mamá.**

Rg: É? Ele nem mamá, às vezes ele num qué?

G: **Não. Mais cê pega, brinca com ele, ele vai na farra. Ele qué é brincá. Assim mesmo, nós, se fô por conta dele vai até meia noite, uma hora.** (silêncio) (08/11/2003 –segundo mês, linhas: 56-62)

Durante a noite todos encontram-se em casa interagindo intensamente com Júnior. Para Graça, o choro e recusa pelo carrinho são maneiras de Júnior convidar as pessoas presentes para brincadeiras, “*farra*”, o que não ocorre durante o dia, quando ela e Tatiana estão em casa. O contexto familiar, com todas as pessoas presentes e a rotina estabelecida no ambiente delimitam outros caminhos de interação com Júnior.

Ao se remeter a sua relação com Júnior, Graça comentou uma certa constância na relação afetiva e utilizou-se dos conflitos em outras relações como parâmetro de comparação:

G: “Ah, Regina, ele parece que ele já me viu e já me conhecia, porque parece que ele num mudô muito, de quando ele veio da, pra agora. Ontem mesmo eu tava comentando com a, a Carla. A Carmem falava pra mim assim, que eu ia vê quando eu adotasse, que a gente, com o passar do tempo, a gente ia aprendendo a amá a criança. E comigo num aconteceu isso.

Rg: Não?

G: Não. Porque, eu já amava uma criança há muito tempo, desde quando eu casei. Então, quando ele chegô eu já amava ele. Então eu não aprendi a amá ele. Eu aprendi o, as coisa dele, o que ele queria, sabe? As emoção dele. Agora, aprendê a amá ele, não. Eu num tive medo de alguém vim e me tomá ele.... Só o, outro dia, assim, que eu tava ali limpano o quarto, ele tava dormino, aí eu fui e olhei pra ele, pensei assim, de repente: “Se a X (assistente social do Fórum) ligasse e me falasse pra mim: “A mãe dele apareceu.” Que que eu ia fazê?” porque, eu vivi 15 anos sem ele, só que agora eu num vivo mais, né? Tem um mês só que ele tá comigo, agora, se tirá ele, nem sei o que vai sê de mim. Aí eu pensei: “E se ela ligá e falá pra mim que a mãe dele apareceu? Que que eu vô fazê? Pra onde eu vô?” Pra onde eu vô acho que eles vai me achá, né? E depois, com essa bestera, ela teve três mês pra procurá ele comigo, agora num vai mais, né? Daí... sumiu, aquele pensamento. Mais eu num.... Agora, ele comigo, eu num sei se, se eu transmiti isso pra ele, que eu já tinha muito amor pra dá pra ele, que eu já amava ele desde o momento que eu vi ele, mesmo antes deu conhecê ele, por isso ele tem essa segurança,

porque parece que ele tem segurança comigo. Num sô eu que percebo isso não. Comigo ele é mais seguro. Porque eu percebo que ele é uma criança feliz. E o Tiago eu nunca percebi isso. O Tiago, parece que ele rejeita a Carmem. E com ele, eu num percebi isso. Que ele me rejeita. Agora, o Roberto, sim. O Roberto ele num acei, num, assim, num é que ele num aceitô. O Roberto, pra ele foi estranho.

Rg: É?

G: Porque os primeiro dia, ele olhava pra ele, assim, sério, ficava olhando...

Rg: O Júnior olhava..

G: É...

Rg: O Roberto?

G: O Júnior. Olhava pro Roberto sério, sabe? Ficava assim, olhano. **Quando ele chegava, o Rober, o Roberto ia lá beijá ele: “Ó, o papai, o papai.” Ficava olhando.** Eu não, eu chego, desdo primeiro dia. Eu chego perto dele, desdo X (nome do abrigo). Ele já olha ne mim rino. **Agora não. Agora ele, ele até chora pro, pro Roberto pegá ele. E comigo ele num mudô essas...** Ah, com, o sentimento dele. Do mesmo jeito, o primeiro dia que eu trouxe ele, ele tá até agora. E, continua me procurano, ele me vê ele, ele sorri. Se ele tá nervoso, eu pego, ele acalma.” (08/11/2003 – segundo mês, linhas: 184-215).

Novamente, Graça refere o não estranhamento entre ambos, posicionando Júnior como conhecido. Graça foi constituindo um espaço afetivo ao longo da espera por um filho e com a chegada de Júnior, ela o posiciona como ocupando este espaço, de um amor incondicional, independente da relação real e concreta estabelecida por ambos. Quando ela diz: *“Então eu não aprendi a amá ele. Eu aprendi o, as coisa dele, o que ele queria, sabe? As emoção dele. Agora, aprendê a amá ele, não”*, Graça traz sentidos diversos de relação afetiva. Uma baseada na condição de amor incondicional e relação pautada no afeto e outra associada à relação construída onde o contato possibilita o conhecimento do outro. A temática da adoção surge como um circunscritor direcionando seu discurso, emergindo o temor da perda. Falar do contato afetivo e de sua relação com Júnior remete-a ao medo de perder tal condição. Agora seu afeto está personificado na figura de Júnior, onde o amor não é mais por qualquer bebê, mas sim por ele especificamente. Embora ela diga que não aprendeu a amá-lo, o jeito de Júnior, suas características, suas emoções e as características de Graça, suas emoções, bem como o contexto de valorização de seu contato com Júnior por parte das pessoas ali presentes, possibilitou a construção desta relação. Neste momento, seu medo passa a ser o de perder Júnior e esta relação vivida por ambos, ao dizer: *“eu vivi*

15 anos sem ele, só que agora eu num vivo mais, né?”. Graça reflete sua vivência emocional com Júnior comparando-a com a de sua comadre que também tem um filho adotivo. Utiliza-se da figura de Carmem para abordar as dificuldades inerentes ao processo de contato e adaptação na relação com o outro, mais especificamente, no caso da adoção. Vivências de rejeição são tratadas através das figuras de seu marido e de Carmem, onde então Graça pode falar sobre os estranhamentos.

No entanto, em seu diário, Graça procura um diálogo sobre questões de rejeição com seu filho imaginário. No dia em que foi ao Fórum para a primeira entrevista com os profissionais, Graça escreveu:

“...se algum dia mamãe ficar zangada com voce te colocar de castigo não pense nunca filho que o que eu fazer é porque voce é adotado qualquer coisa que eu faça é porque amo voce e voce é meu filho...”(sic) (26/10/1999 – diário de Graça).

Ao buscar esclarecer possíveis conflitos, Graça traz a preocupação de que seus comportamentos, sentidos como negativos por seu filho, sejam significados, por ele, como decorrentes do fato dele ser adotivo.

Poucas eram as situações em que Graça referia sobre possíveis conflitos vividos frente à adoção espontaneamente. Em alguns momentos, eu tinha a impressão de que se eu não trouxesse alguns aspectos conflituosos referentes à adoção estes não surgiriam na nossa construção discursiva de forma direta.

Ao lhe perguntar se ela havia conversado com o pediatra sobre o fato de Júnior ser adotivo, Graça disse que sim completando *“Não percebi que ele mudô”*. Neste momento, ela trouxe a figura da mãe biológica e de Carmem e comentou sobre a relação de ambas com Júnior, tendo a adoção como pano de fundo:

G: **Agora, já abri mão duma barriga, que alguém carregô ele pra mim.** Então, outra mãe, dagora pra frente, não. Aí eu tenho ciúme. Eu num quero. (Silêncio curto) Igual, a Carmem fala assim, que o Tiago é o nosso filho, né? **Que eu ainda num falei que o Junim é o nosso filho. Mais eu num tive vontade, ainda, de falá que ele é nosso. Ele é meu!**

Rg: Cê diz: “Nosso.” De quem, assim?

G: Igual, a Carmem...

Rg: Hum?

G: Ela falô o Tiago, meu e dela.

Rg: Ah, tá...

G: Assim, ô, a gente vai nos lugar, eles fala assim: “De quem é?” Porque ele se parece muito comigo. Ai eu falo assim: “É meu.” Ela deixa. Ela num me corta. Eu num sei e era por pena, se era dó, ou se realmente ela achava que ele era meu e dela mesmo. Ai ela falô, outro dia ela falô pra mim assim: “Você ainda num falô que o Junim é nosso. “ Meu e dela. Eu num dei resposta. Eu acho que eu num vô falá que é nosso. Se alguém perguntá, falá: “É, nosso.” (silêncio breve)

Rg: Hum, hum...

G: Num, sabe? Isso daí num, eu num sei porque, mais, abri mão, com outra mãe, com ele, não. (Silêncio curto) Pode pegá, fazê o que quisé, igual vem, eles lá, elas pega, dá banho, dá papinha, fala que tá sentino uma coisa, outra, faiz isso, faiz aquilo. Eu faço, num me incomoda nenhum. Mais pra chamá a outra de mãe, não..... Só eu. Esperei tanto. (Riso) Num vô dividi, não. (08/11/2003 – segundo mês, linhas: 322-340).

Graça fala da sua relação com Carmem, trazendo uma maternidade partilhada a partir da relação com Tiago. Ela recorta a semelhança física entre ela e Tiago como um meio de aproximação e constituição de filiação sob o ponto de vista do outro. Com a chegada de Júnior, altera-se a relação entre Graça e Carmem, que ressalta sua exclusão na relação de maternidade com Júnior. Neste momento, Graça traz a força da palavra “mãe”, dizendo não se incomodar com as relações de cuidado que as pessoas possam estabelecer com Júnior, contanto que somente ela seja chamada de mãe. Ao logo do tempo, Graça fará poucas referências à Carmem, que também praticamente não aparecia na casa de Graça durante minhas visitas. Tal fato será abordado posteriormente.

Ainda sobre a temática da adoção, quando lhe perguntei sobre o sentido de comportamentos intrínsecos à Júnior ou construído na relação com o outro, Graça comentou:

Rg: Hum, hum... E tem coisas, assim, que às vezes, quando você olha pra ele você fica pensando em será que isso é dele, será que isso é, num é, será que agora ele tá assim porque tá aqui? Às vezes cê pensa coisa assim, ou não?

G: Não, só onte, que onte a Carla, que nós tava conversano sobre a, a mãe dele, aí eu peguei e olhei nele e falei assim: “Filho, se ocê num tivesse aqui, onde será que cê tava? Como será que cê tava, heim?” Foi só essa hora, mais eu num penso, não.

Rg: Não?

G: Tsi, tsi. (Negativa)

Rg: Num te vem curiosidade, assim?

G: Da outra família?

Rg: É?

G: Não. Eu acho que eu peguei um, uma borracha e apaguei que ele nasceu da outra. E eu num quero sabê. Nem ca, nem pensá, sabe? Em como seria a outra. Se ele faz alguma coisa que ele puxô lá pra outra. Eu, cada coisa que ele faz eu falo assim, porque na hora que ele chora que ele qué mamá, que ele fica nervoso, eu falo: “Ah, Roberto, cê num sabe esperá nada.” É o Roberto pai. E eu falo assim que ele, já, eu já, é, puxô para ele. “Ah, cê tinha que chamá Roberto mesmo, cê é igualzinho seu pai.” Eu nem lembro lá, que ele é da outra. Que ele ca pe, pega as coisa de lá, né? Ah, eu acho que num fundo é porque eu num quero pensá. (Silêncio curto) Na outra família. (voz baixa)

Rg: Por quê?

G: Ah, num sei. Num vai me lavá a nada. Num vô ficá me martirizano. Ficá imaginano: “Ele é assim, será com quem que ele parece, lá?” (silêncio longo)

G: Então, eu num tenho culpa do que aconteceu. Então, do dia que eu peguei ele pra cá, ele faiz parte da minha família. (08/11/2003 – segundo mês, linhas: 442-463).

Ao colocar para Graça sobre os comportamentos de Júnior e se em algum momento ela pensa sobre a possibilidade da história anterior dele influenciar, Graça demonstra seu desconforto através dos silêncios e tom de voz baixo. Pareceu-me um terreno que não deveríamos percorrer. Ela revela o desejo de não pensar na família biológica de Júnior e da tentativa de “apagar” o fato de Júnior ter uma mãe biológica, buscando identificar em seus comportamentos semelhanças com o pai adotivo, Roberto. Para ela, posicionar Júnior como adotivo e com uma história anterior tem o sentido de martírio e, para não viver este martírio, ela procura demarcar um rompimento entre a família biológica e a adotiva de Júnior, no momento em que chega em sua casa “*Então, do dia que eu peguei ele pra cá, ele faiz parte da minha família*”.

Posteriormente, Graça questionou sobre a interface entre o genético e o ambiental, utilizando para tal sua relação com Júnior em comparação com a relação de sua comadre Carmem com seu filho adotivo Tiago:

G: “O Juninho, parece assim, eu num sei se influencia, o fato da rejeição, de quando a mãe dá, a criança. Porque ele ficô nove mês na barriga dela. Parece, assim, que ela passô muita coisa boa pra ele. Porque ele é as, ele é uma criança, parece que ele é uma criança feliz. O Tiago nunca sorriu, na idade dele.....O Tiago, eu lembro que o Tiago foi começá a, a ri mesmo, assim, ele tava com quase um ano. Então eu falei pra Carla assim: “Eu num sei se foi, porque eu quis muito ele, durante esses 15 anos.” “Eu amei ele demais, e quando eu vi ele eu já passei isso pra ele logo de imediato, porque ele não me rejeitô, e a Carmem

nunca quis, ela adotô por causa do marido dela.” (08/11/2003 – segundo mês, linhas: 717-729).

G: “Mais eu acho que no começo ela (Carmem) passô muito pra ele que não queria ele....**Agora o, eu num sei se ele já é, já, e tinha que sê mesmo uma pessoa fechada, triste,** assim, porque com o Roberto ele não é....Comigo. De bebê ele num ria era pra ninguém.o Tiago na idade do Juninho num ria igual o Juninho ri. Ele só olhava.... **Eu acho que foi o jeito que foi criado, sabe?”** (pausa) (08/11/2003 – segundo mês, linhas: 798-803).

Neste momento, Graça traz um sentido positivo para a possibilidade de que experiências anteriores de Júnior com sua mãe biológica possam ter influenciado no seu jeito de ser *“ele ficô nove mês na barriga dela. Parece, assim, que ela passô muita coisa boa pra ele. Porque ele é as, ele é uma criança, parece que ele é uma criança feliz.”* No momento seguinte, ela procura negociar tal sentido, fazendo referência a sua relação com o bebê e comparando com a relação entre Carmem e Tiago. Contudo, tanto em uma situação quanto na outra, Graça constrói em seu discurso o sentido de que na relação afetiva mãe-bebê a mãe possa transmitir sentimentos para o bebê, favorecendo o desenvolvimento tanto de características positivas de alegria, quanto negativas, de tristeza, no bebê.

Embora Graça relatasse procurar não pensar na família biológica de Júnior, neste mesmo dia, antes de iniciarmos nossa entrevista, ela comentou:

Graça comentou que o Fórum cometeu um erro e que veio um papel com o endereço da mãe biológica de Júnior e que este endereço era da rua perpendicular à rua em que ela mora. Disse que **por um lado fica com medo dos vizinhos descobrirem, mas por outro não. Um dia passeou de carrinho com Júnior na rua do endereço da mãe biológica, mas que o número marcado não existia.** Conversou com a assistente social e esta confirmou que o endereço era aquele, mas que o número estava errado, pois eles do Fórum também não encontraram a casa. Graça disse que **Júnior tem uma ficha no posto do bairro. Na ficha estava escrito RN (recém nascido) de X (nome da mãe biológica) e que os funcionários do posto chamam Júnior dessa forma. Ela foi uma única vez lá para vaciná-lo, ficou apavorada e não quis voltar mais, porque tinha medo de que iriam descobrir que ele estava com ela e iam saber quem era ele na hora em que o chamassem para a consulta. Disse que esperou vencer a carência do plano de saúde para levá-lo ao pediatra e que contou isso à assistente social quando esta perguntou se ela já havia levado Júnior ao médico. A assistente concordou com a medida de Graça em não levá-lo ao posto. Graça disse que às vezes tem medo da mãe biológica querer ele de volta, mas que prefere não pensar nisso. Disse que sua irmã, Carla, falou que “traço não se apaga e se a mãe ver Júnior é lógico**

que ela vai reconhecer, porque toda mãe sabe quem é o seu filho mesmo no escuro e se ela ver Júnior ela vai saber que é ele". (08/11/2002 – notas de campo).

Graça vive um conflito entre o desejo de conhecer esta mãe biológica e o medo de encontrá-la inesperadamente. Por um lado, teme que a família biológica encontre Júnior, e para tal não frequenta o posto de saúde, por outro, deseja este encontro, chegando a passar na frente da suposta casa da mãe biológica. Na relação mãe-filho biológico, através da voz de Carla, ela traz a ênfase no sangue e o reconhecimento com o sentido idealizado *“traço não se apaga”* e *“toda mãe sabe quem é o seu filho mesmo no escuro e se ela ver Júnior ela vai saber que é ele”*.

Ao final da entrevista, Graça retomou a temática da adoção, neste momento sem que eu tivesse referido diretamente à questão. Trago um recorte mais extenso para possibilitar a uma melhor visualização da construção discursiva, naquele momento.

Rg: E assim, ah, pra gente finalizá, fazê uma brincadeira com você: se hoje aparecesse a lâmpada do Aladim, e **você pudesse fazê três pedidos pro gênio, que que cê pediria?**

G: Que que eu pediria?

Rg: É. Três pedidos.

G: **Primeiro que ele continua sendo como eu acho que ele é feliz. Segundo..., que essa mãe dele não aparecesse e, se um dia, terceiro, se ele encontrasse ela, que ele voltava pra mim. Fosse lá, visse quem era mais continuava sendo o meu Juninho.**

Rg: Cê, cê, cê tem é, assim, cê tá falando o seu primeiro pedido, que ele continuasse sê...

G: Feliz.

Rg: Essa criança feliz que ele é? É, que que cê pensa, assim, do futuro, é, de depois que passá esse período, dele neném...?

G: Pra ele? Ah, aí, num sei... Ah, eu penso que, como outra criança qualqué. Chegá a idade de i pra escola, i pra escola. **Agora, eu num sei quando eu vô contá pra ele que ele é adotado. Isso eu ainda num, num sei. Vai dependê quando ele me perguntá, né? Porque eu já falo pra ele hoje, que papai do céu que me deu ele....Tem o diário que eu faço pra ele, né? Não, eu acho que, é o que eu penso, a vida corrê normal. Como qualqué outra criança.**

Rg: E o que e cê acha que poderia acontecê pra ele não sê uma criança feliz?

G: **Eu tenho medo, quando ele descobri o fato dele sê adotado. Que isso vá torná ele uma pessoa infeliz.**

Rg: Por quê?

G: **Pelo fato da mãe verdadeira não tê ficado com ele. Nu, num sei se vai mexê. Eu tenho medo que mexa.(pausa longa) Ah, porque essa rejeição da mãe possa interferi em alguma coisa na vida dele.** Eu num queria que mexesse nele em nada. Com o sentimento dele.(pausa)

Rg: Cê acha que ele pode num se senti bem?

G: Não, eu num acho que ele, num vá, num vá se senti bem. Eu tenho medo que mexa com o sentimento dele.

Rg: Hum, hum... Mexê como, assim?

G: Ah, mudá, ele achá que num vale mais a pena amá ninguém porque, a pessoa mais importante num amô ele, né? Num quis ele....(pausa longa). A mais, sei lá. Tem gente que fala pra mim que isso vai dependê de como eu falá pra ele. Eu vô falá o quê? Eu num sei nada..... A única coisa que eu sei é que eu quis ele. Que eu escolhi ele pra sê meu, né?....

Dela eu num sei nada..... Igual, outro dia a Carmem falô, falô assim: “Cê ocê soubesse onde ela morava, cê levava ele?” Falei: “Levava.” Ela falô: “Eu num levo. Se ele quisé i ele vai e num volta, o Tiago.” Falei: “Não, é um direito que ele tem de sabê da, de onde ele veio. E isso eu num vô tirá dele, não. Só que eu vô deixá sempre claro pra ele, que eu escolhi ele pra sê meu. Espero que ele também escolha eu pra sê a mãe dele pro resto da vida dele, né?” (fala muito pausadamente e com a voz firme parecendo convicta) “Mesmo que um dia ele encontre a outra.” Que num vai tê carinho pela outra.... Ele tá é comigo a vida inteira. Ele pode até i atrás, mas eu acho que por pura curiosidade, pra sabê o porquê, né? Porque isso eu num vô podê respondê pra ele. (pausa)

Rg: Você tem medo que a mãe volte?

G: Ah, eu tenho! Ai, daqui uns 10, 15 ano essa mulher resolve aparecê e querê ele? Ah, se fô 15, ainda tá bom. Que aí ele tem opinião própria, né?

(silêncio)

G: A única coisa da adoção que a, que dá meio medo é, é isso, da outra querê apron, voltá atrás, né? (Silêncio) Do resto, não. Ou do pessoal fazê diferença, num senti isso ainda em ninguém. (Silêncio) .

Rg: Aí cê falô do seu terceiro pedido, do seu terceiro desejo.

G: Isso, que ele vai e volta. Se ele quisé sabê dela.

Rg: Hum, hum... Você tem medo que ele possa não..caso ele, um dia ele veja a mãe ele possa não querê voltá?

G: Se eu tenho medo?

Rg: Hum, hum...

G: Não... Eu tenho medo agora, enquanto ele é pequinininho. Dele, (aumenta o tom de voz) dela querê ele de volta. Mas, depois que ele tivê grande, dele i atrás, sa, querê sabê a história dele, atras, e, eu num tenho medo que ele vai e fique. (pausa) Porque aí, se eu num consegui fazê ele me amá, num vai sê pelo fato dele sê adotado. Que foi eu que num passei isso pra ele, como mãe e filho mesmo..... Não, agora, de pequeno, eu tenho medo dela. Porque aí ele é pequeno, né? Depois dele grande, não. Ele tá, aí já tem opinião própria, o sentimento dele já tá formado. Tenho medo, assim, que ele possa reagí aí, a esse fato dela tê abandonado ele, achá que nada vale a pena, sabe? Acha que num...., que não tá nem aí com o mundo. Porque uma mãe num quis ele. Mais ele vai tê um, outro lado, né? Que outra quis. (fala muito pausadamente e com a voz firme parecendo convicta)
Pausa longa (08/11/2003 – segundo mês, linhas: 829-893).

Neste momento, Graça reflete sobre seus temores frente à adoção. Num movimento ambivalente, quando vou lhe questionando sobre seu medo, ela tenta relativizar e, em meio a silêncios, ela procura reasssegurar seu afeto por Júnior com um tom de voz firme, parecendo procurar se convencer e me convencer do que estava falando. Na possibilidade de escolha de realização de três desejos, Graça associa todos à adoção: 1) desejo de que Júnior seja sempre feliz, não se revolte por ser

adotivo, 2) que a mãe biológica não apareça e 3) caso Júnior encontre a mãe biológica, que ele fique com Graça. Ao dizer *“Eu tenho medo, quando ele descobri o fato dele sê adotado. Que isso vá torná ele uma pessoa infeliz.”*, Graça posiciona Júnior com criança abandonada, rejeitada pela mãe biológica, que ao seu ver é a figura mais importante na vida de uma pessoa *“achá que num vale mais a pena amá ninguém porque, a pessoa mais importante num amô ele, né?”*. Ela traz outras vezes que a posicionam como responsável pelo bem estar e aceitação da adoção por parte de Júnior, ao dizer *“Tem gente que fala pra mim que isso vai dependê de como eu falá pra ele.”* Graça tenta negociar sua relação afetiva com Júnior, trazendo o sentido da escolha e do afeto construído na relação. Graça posiciona-se como mãe com um amor incondicional, enquanto posiciona Júnior como filho a desenvolver um afeto. O temor da perda, neste momento, passa pela impossibilidade de escolha de Júnior, por ser pequeno, em que a consangüinidade falaria mais alto, pois a mãe biológica teria o direito de ficar com a criança, em virtude de não ter assinado a perda do poder familiar *“Eu tenho medo agora, enquanto ele é pequinininho. Dele, (aumenta o tom de voz) dela querê ele de volta...”*. Ao pensar no futuro, Graça traz um outro sentido para a perda de Júnior, associada a incapacidade dela, como mãe, de despertar nele um amor filial. *“Mas, depois que ele tivê grande, dele i atrás, sa, querê sabê a história dele, atras, e, eu num tenho medo que ele vai e fique. (pausa) Porque aí, se eu num consegui fazê ele me amá, num vai sê pelo fato dele sê adotado. Que foi eu que num passei isso pra ele, como mãe e filho mesmo.....”*.

Em outra visita realizada, Graça comentou sobre o processo de adaptação mãe-bebê adotivo.

Graça contou que logo ela receberia a certidão provisória de Júnior. Nesta há o nome da mãe biológica e o nome que Graça e Roberto escolheram para o bebê, no caso Júnior. Mais tarde viria a certidão definitiva. Perguntei o porque disso e Graça me explicou que a assistente social lhe disse que este procedimento era normal durante o período de adaptação do casal, pois havia casos de desistência. Graça disse **“Acha que coisa mais esquisita? Ela disse que teve um casal que desistiu porque a mulher não se adaptou ao bebê. Parece coisa de**

mercadoria. Se não gosta do produto, ou vem com defeito então pode devolver. Procom é para mercadoria, não pra gente, mas a assistente social disse". (16/11/2002 – notas de campo).

Neste momento Graça posiciona-se como alguém indignada com a possibilidade de não adaptação entre mãe-bebê adotivo e devolução, onde o bebê é posicionado como mercadoria, objeto passível de ser devolvido caso não vá ao encontro das necessidades e desejos dos pais. No entanto, em momento anterior, Graça havia referido seu temor em relação a dificuldades na adaptação caso o bebê fosse mais velho.

Em outra visita, o tema sobre relação pais-filhos adotivos emergiu sob uma outra perspectiva. Estávamos (eu- pesquisadora, Graça, Carla e Judite) na cozinha quando surgiu o tema do "Caso Pedrinho¹⁰":

Graça disse achar um absurdo aquela situação e que se fosse o rapaz teria muita raiva da mãe adotiva porque ela o roubou da sua "*mãe de verdade*" (expressão usada por Graça). Já Carla disse que ele não deveria ter raiva porque ela que o criou e a outra era uma estranha para ele. Graça insistiu que ele deveria ter raiva porque é diferente de quando a mãe abandona o filho e outra adota e que neste caso ele iria amar a adotiva, mas no outro caso não, porque a mãe não o abandonou, a outra é que o roubou. Disse: "*todo o filho quer ficar do lado da mãe*". Graça disse à sua mãe "*Se a senhora tivesse me roubado da minha mãe biológica, eu ia ter muita raiva sua e ia querer voltar para a minha mãe biológica, porque ela que é minha mãe de verdade*" (16/11/2002/segundo mês – notas de campo).

Neste momento, outro sentido sobre relação mãe-filho adotivo é construído, através do qual Graça traz a valorização da mãe biológica e a idéia de maternidade e relação afetiva de filiação garantida pelo vínculo de sangue, desconsiderando a vivência emocional ao longo do tempo. Concepções de valorização da mãe biológica presentes em nossa cultura evidenciam-se.

Ficou claro o conflito, para Graça, entre afeto naturalmente dado e socialmente construído, que num primeiro momento (em minha primeira visita) foi traduzido

¹⁰ Caso muito difundido na mídia sobre um menino que foi retirado da mãe biológica na maternidade por uma mulher, que o criou como filho legítimo até sua adolescência quando toda a verdade veio à tona. Tal fato gerou muita polêmica sobre a questão da relação afetiva entre pais e filhos biológicos, garantida pelo sangue, e entre pais e filhos adotivos com uma história de convívio.

através de vozes sociais e atribuído à Júnior possíveis sentimentos negativos frente a vivência de abandono e adoção; e neste segundo momento (após um mês), aspectos pessoais de Graça entraram em cena, como figura, onde ela referiu sentimentos de revolta, caso vivesse a situação de impedimento em conviver com sua mãe biológica.

Neste segundo momento, as situações interativas entre Graça e Júnior configuravam-se mantendo-se o sentido de aproximação entre ambos. Os conflitos inerentes ao processo de adaptação na adoção emergiram na forma dos contatos entre Júnior e seu pai e da relação da sua comadre com seu filho. Graça trouxe movimentos ambivalentes em relação à mãe biológica, se por um lado desejava esquecer a família biológica de Júnior, por outro procurava aproximar-se desta mãe. Construiu um discurso de relação afetiva pautada na convivência, sob o ponto de vista do bebê e de amor naturalizado, sob o ponto de vista da mãe, com sentido de estranhamento e indignação frente à possibilidade de não adaptação na relação mãe-bebê adotivo.

5.3.5. Relação pai-bebê: segundo mês.

Após o primeiro mês, Roberto trouxe vivências ambivalentes no contato com Júnior, com momentos de aproximação e afastamento.

Após Graça relatar que Júnior havia chamado Roberto de “papá”, abordei o assunto com Roberto, que falou:

R: Então, nós tava, a, eu tava, a cumadre, nossa cumadre mudou aí pra perto, ali, né? Num sei se a Graça tê falô? Uma, a mãe do meninim, do Tiago, lá. Ah, nós tava lá, no, ajudano a ajeitá as coisa, num sei se foi no outro dia, foi no outro dia que nós tava. Aí ela foi, é, o Juninho tava lá. **Acho que a Graça tava com ele no colo.** Aí conversano. E começo, ele, eu tava lá na mesa, mexeno, num sei se eu tava procurando, eu tava tomano, tava tomano coca, comeno, pão. Num sei o que que era, que eu tava lá na mesa. **Sei que ele falô: “Papá.” Aí a Graça, a Graça falô assim: “Aí, Carla, tá falano papá. Óia Ca.” Aí, ela ficô meio assim, né? Aí quando ele veio e falô de novo. Aí bem, ele tá falano papai, aí. Eu fiquei na minha, né? Ah, num vô, até estranhei...**

Rg: Ficô quieto?

R: Pra mim, é, eu até estranhei. Um menino desse tamanho me falou papá? Nunca vi, meu. Mais, é, até Carla achô, assim, que viu, até, as duas queria me dá bronca, depois. (Riso)

Rg: É? Que que elas falaram?

R: Que eu num fiz por conta. (fala simultânea) Ah, falou que, que eu num liguei a mínima pro menino e era pra mim ficá mais, mais contente, era pra pegá ele, fi, brincá com ele mais, num sei o quê.

Rg: E o que...

R: Falei: "Ah..." Eu falei assim: "Mais num é, num é que eu num fiquei contente. Ué, é meu jeito, uai. É só, eu, fiquei meio, assim, que ele, né? Dele falou papai assim, sem, criança desse tamanho já falou, desse jeito que ele fala papai?" Falô, pa, mais bem dizê, certim, entendeu? Ai ela ficô, maior satisfação, né? Era doída que ele fala mamãe, assim, certim, primeiro. Ele pegô e falou, sem querê ele falou papai. (silêncio) (18/11/2002- segundo mês, linhas: 34-53).

No campo interativo estabelecido entre Graça, Carla, Roberto e Júnior, Roberto traz as múltiplas vozes na negociação de sua proximidade com Júnior. Através da voz de Graça, os balbucios de Júnior tomam o sentido de palavras dirigidas a ele. Movimentos de aproximação entre Júnior e Roberto são trazidos por intermédio de Graça e Carla, onde situações são recortadas buscando posicionar Roberto como figura significativa para Júnior. No entanto, ele mostra-se pouco à vontade. Roberto posiciona Graça e Carla como as que legitimam a sua paternidade, posicionando Júnior como aquele que o reconhece como pai e o convida para a interação. No entanto, Roberto não se posiciona de forma complementar, não assumindo o papel de pai e de figura significativa para Júnior. Neste momento, a falta de iniciativa de Roberto para interagir com Júnior, reforçando seu comportamento de chamá-lo de pai é significado como rejeição por parte de todos. Roberto precisa então se explicar "*num é que eu num fiquei contente*", trazendo seu estranhamento com o fato, do qual ele recorta o balbucio de Júnior como um ato involuntário - "*Ele pegô e falou, sem querê ele falou papai*" - e não como voluntário, conforme significado por Graça e Carla. Tal fato traz momentos de dificuldades e ambivalências de Roberto em se posicionar como pai de Júnior e aproximar-se deste, ao mesmo tempo em que traz, nas figuras de Carla e Graça, o estímulo para a aproximação.

Posteriormente, Roberto falou sobre seu conflito na relação com Júnior e Tiago, seu afilhado. Ao conversarmos sobre o fato de Júnior ser adotivo e sua relação com ele e com Tiago, Roberto disse:

R: Ah, o Regina, óia, é, o tempo que eu tenho era pra tá, viu? (Rindo) Ah, porque, por e, ah, sei lá, **parece que o meu sentimento, do, filho Juninho e do filho Tiago, eu num sei se, eu sinto como se os dois fosse meu filho, entendeu? Eu tenho, o Tiago é, é filho mais velho e depois o Junim, mas é o contrário, assim, primeiro o Juninho e depois o Tiago.** Mas eu, o sentimento que eu tenho por um eu tenho pro outro. Num sei se...Eu, eu, eu penso assim. Entendeu? É num, num, num consigo mudá. É..., **a Graça pode ficá brava comigo, querê me dá bronca, negócio deu, o jeito deu tratá o Tiago, num consigo mudá, num, quanto à ele. Ele é...**

Rg: Mas como assim?

R: É...

Rg: Do que que ela fica brava?

R: Não, ela fala que o fio, que eu tenho que, é, eu fico, fa, eu faço assim, por exemplo, é, é, que ela que achava que eu deixo muito o Juninho de lado por causa do Tiago. **Num é que eu deixo o Junim de lado por causa do Tiago. É porque o Tiago, ele é maior e o Junim ainda é pequenininho. Pelo fato dele sê cri, criança. Na hora que ele pegá um ano, aí eu tê muita coisa com ele, que aí ele já, é, eu vô pô ele num veletrol, brincá com ele, tudo, mais, o Tiago, agora já tá grande, já posso, é, posso pô ele numa bicicleta, saí brincano com ele de bicicleta pra rua. Mais é, é só isso daí. Eu, é, até ele pegá aí uma idade maior, depois, aí, na hora que ele pegá, o, mais que aí, aí o Tiago já cresceu mais tamém, já num vai querê ficá com muita coisa comigo.** (18/11/2002- segundo mês, linha: 80-97).

Roberto traz como figura, no campo interativo estabelecido comigo, seu conflito na relação afetiva com Júnior e Tiago, conflito este que reflete sobre o sentido da filiação por ambos, já que com ambos ele se posicionou como responsável. Com Tiago, Roberto já tem uma relação de longa data, sendo que o próprio momento de desenvolvimento dele, que já tem três anos, segundo relatos de Roberto, acaba favorecendo o contato. Roberto, em algumas situações, traz suas dificuldades com crianças muito pequenas e sua atração por criança mais velha, com quem pode brincar e passear. Situações estas que ocorrem entre ele e Tiago, possibilitando uma relação mais próxima e prazerosa. Além disso, Roberto assumiu os cuidados de Tiago, após a morte de seu pai adotivo, estabelecendo com ele uma estreita relação de pai-filho. Desta forma, a condição de Júnior como adotivo e bebê são circunscritores fortes, que no momento promovem um maior distanciamento por parte de Roberto. Tanto Tiago

quanto Júnior não são filhos biológicos, porém Júnior ocupa o *status* de filho perante a lei, o que não ocorre com Tiago. Roberto traz na fala de Graça a necessidade de diferenciar os lugares ocupados por Tiago e Júnior no contato consigo. No entanto, ele reluta em fazer tal diferenciação, embora viva sentimentos de ambivalência, principalmente frente ao contexto familiar, cujos papéis e interações entre os participantes estão se estabelecendo atravessadas por concepções de família nuclear e tentativa de se estabelecer uma estruturação familiar similar à biológica. *"Não, eu, eu, é, antes do Júnior chegá, eu tinha o Tiago como um filho meu. É, ele é meu afilhado, tudo, mais eu tinha ele como se fosse meu filho. Fazia de tudo pra ele, como seu filho. Agora o Ti, o Júnior chegô, eu num vô fazê tudo pro Tiago, igual eu vô fazê pro Júnio. Não porque, eu acho que eu tenho que fazê, agora eu tenho que fazê pra ele, pra, assim, é, papel de padrim, pra ele, né? (18/11/2002- segundo mês, linha: 356-359).*

Quanto aos sentimentos de Roberto em relação à Júnior, este comentou:

Rg: Hum, hum... E cê acha que mudô, assim, o seu sentimento de quando ele veio pra agora? Seu sentimento com ele?

R: Ah, mudô um pouco, viu Regina.

Rg: Como a, como que era e como que tá?

R: (Silêncio longo como se estivesse pensativo)

Rg: Como assim, que mudô?

R: Ah, parece é... (silêncio longo) Quando ele che, é, quando ele chegô e dagora?

Rg: É.

R: **Aí, quando ele chegô, eu, parece que foi assim, eu num, num ligava muito. Né? Pra, é, eu ficava meio assim, eu ficava meio assim....** "Aí, é, num é meu fio, tal." (baixa o tom de voz) **Mais aí, acho que eu passei mais é a parte da convivência, conforme o dia vai passando, vai tomano amor, né? Mais num é assim, agora, agora, não. Viche! Agora, nossa, eu tenho maior coisa dele, tenho a maior coisa, tenho uma coisa dele que, nossa! (ênfase) **Aí, quando ele chegô eu fiquei meio assim, aí eu, eu nem me mostrá muito que eu achava que ela ia achá que eu num gostava dele, que eu num queria que adotava, entendeu?** Num é, num é, eu falo pra ela: "Num é isso que, que eu num gosto dele. Que eu num queria te adotado ele." **É porque, chega, de uma hora assim pra outra, assim, eu num tenho costume, num é, assim, é, filho biológico da gente.** Então, tem que chegá, tem que. É num sei se ela tomô amor, assim, rapidinho, pegô amor rapidinho. Eu já num sô, tenho que passá, con, con, conviveno pra mim, i pegano. Quando ele chegô, assim, eu num tinha, assim, aquele amor por ele! (ênfase) **E, num tem, aí, né? Chegô com três mês, se fô vê, num dá pra tô, chegá, pegá, esse amor, não. Eu gostava dele, assim, ele chegô, eu já gostava, mais, não esse a, amor assim. Agora, não. Agora, já, assim, nossa, eu tenho o maior amor por ele, nossa, senhora. Agora eu, eu faço tudo, por causa, por causa dele.** Pensá em largá do serviço, primeiro eu tenho que pensá, primeiro eu pensava na Graça. Agora não. A, penso nele primeiro. Pe, pra mim saí dum serviço, tudo. E, agora, viche, eu tenho um amor, nossa,**

agora eu gosto dele, viche! Agora um filho, como se fosse, filho meu mesmo a, assim, sem sê adotado memo. Viche, agora... (silêncio curto)

Rg: E por que que cê acha que mudô tanto assim?

R: Ah, eu, uma porque, assim, **cada dia que passa vai tê, assim, acostumano, já, com é, ca i, com, assim, com ele, vai acostumano ca gente, vai, vai aprendeno a conhecê a gente, né?** Eu chego, ele já, já me conhece. (18/11/2002- segundo mês, linha: 50-94).

Embora Roberto relate mudanças em seus sentimentos em relação à Júnior, seus momentos de silêncio prolongado podem ser indicativos de certa dificuldade em falar sobre o assunto. Quando pergunto sobre mudanças, posiciono-me como alguém que pressupõe mudanças e Roberto então procura se colocar no lugar de quem sentiu a mudança. Neste momento, Roberto relata claramente seu estranhamento nos primeiros contatos com Júnior, fato não verbalizado anteriormente. Ele concebe a consangüinidade como garantia do não estranhamento e da vinculação afetiva e traz a convivência como meio para a construção da relação. O sentimento de amor é significado por Roberto como fruto do “*costume*” e de um processo onde ambos vão se conhecendo através de uma construção social.

Vivências de ambivalência apresentaram-se em algumas situações na relação entre Roberto e Júnior com aproximações e distanciamentos. Uma cena na primeira gravação do segundo mês, retrata um momento interativo entre ambos, em que Júnior pareceu convidar Roberto a estabelecer um contato mais direto.

Carla retirou a roupa de Júnior para dar banho, estavam Graça e Roberto juntos no quarto. Todos saíram e deixaram Junior sozinho sobre a cama. Júnior olha para a câmera, levanta as pernas coloca a mãos em seus pés e vira-se em direção à câmera onde estava Carla que diz: “Qualquer coisa você grita Regina” eu disse “Pode deixar”. Júnior volta na posição inicial de barriga para cima olha para o lado oposto ao da câmera, volta a posição inicial e levanta as pernas e olha para seus pés, abaixa as pernas, olha para frente sorri e bate as perninhas. Volta-se em direção à câmera, grita coloca as mãos nos pés. De longe o Roberto sorri, Júnior grita, há vozes no ambiente, as pessoas encontram-se na sala ao lado do quarto. Roberto fala (inaudível), Júnior volta o corpo de barriga para cima e começa a resmungar, Roberto diz: “Azedô?” Júnior continua resmungar encolhe as pernas, as estica e volta a encolhe-las com os bracinhos esticados. Graça diz: “Pega ele lá” Roberto aproxima-se e diz: “O que que foi, enjou de ficá aí sozinho?” Júnior estica as pernas e abre os braços sobre sua cabeça rapidamente, Roberto chega mais próximo de Júnior, que sorri, bate as perninhas. Roberto pega Júnior no colo de frente para si e Júnior abre a boca, Roberto diz rindo: “O bocão”, Júnior olha para a câmera. Roberto faz barulho com a boca e Júnior olha para ele e abre a boca novamente. (16/11/2002 – primeira gravação do segundo mês).

Ao ser deixado sozinho, Júnior parece bastante a vontade, olhando para os lados, pegando seus pés, chegando a sorrir e bater as perninhas como se estivesse interagindo com alguém. A sua frente há uma parede decorada com figuras do pato Donald, Mikey e outros bichinhos. Júnior parece tranqüilo e dá um grito, neste momento Roberto sorri. Eu me encontro na porta, assim não é possível a entrada de ninguém. Todos estão na sala ao lado, onde é possível ouvir as vozes. Júnior parece sensível às vozes, principalmente de Roberto, pois quando este fala, Júnior imediatamente começa a resmungar. Embora Júnior pareça estar bem sozinho, ao perceber a presença de Roberto, ele começa a resmungar. Seu comportamento é significado por Roberto como um desconforto, que pergunta “azedô?”. Neste momento, Graça o estimula a se aproximar de Júnior, dizendo para ele pegá-lo. Quando Roberto aproxima-se de Júnior, este faz um movimento com os braços e pernas como solicitando que Roberto o pegasse no colo, sorri e bate as perninhas. Tais comportamentos parecem demonstrar a satisfação de Júnior com a presença de Roberto.

Em outro momento, Roberto trouxe um movimento de afastamento, acreditando que sua relação com Júnior se intensificará quando este crescer mais.

R: “Ele, ele vai pegá, assim, gostá, acho que mais, muito, de mim memo, vai sê quando ele ficá maiorzinho, assim, começá é, ou que tivé andano, muito, tivé, com, com 10 mês, 11 mês, aí, né? Mais antes, acho que num, ele pode assim, gostá assim de mim e tudo, assim, mais não assim, igual com elas, né? **Que já fica mais junto, é, e a mulher, a mulher que tem mais jeito de brincá com criança do que, que home. Acho que num é só eu, não. Acho que, todos home, acho que é...**” (18/11/2002- segundo mês, linha: 529-534).

Em seu relato, Roberto traz como figura aspectos culturais, como discursos de gênero, como forma de significar sua relação com Júnior. Dificuldades de se relacionar com bebês, antes significado por Roberto como uma característica pessoal, agora é atribuída a uma questão de gênero, onde homens teriam menos habilidades em brincar com bebês que mulheres. Roberto posiciona Graça e Carla como mulheres

com mais recursos para interagir com Júnior e conseqüentemente preferidas por este. Posiciona-se como homem sem habilidades para interagir com Júnior, mantendo um certo distanciamento e significando a relação por eles estabelecida como pouco atrativa. Ao se referir à adoção Roberto comentou:

Rg: Cê acha que, que é, cê acha que tem diferença, o fato dele sê adotivo? Se ele fosse biológico seria diferente do que tá sendo, pelo fato dele sê adotivo? De você com ele?

R: Não, eu acho assim, se fosse, assim, por exemplo, é, a diferença tem no, no, nuns pontos e noutros não. Eu acho assim, **se ele fosse filho nosso e ele, assim, que nem é biológico, aí já e, já vinha, assim, com aquele amor, já, desde quando, quando ele ainda, assim, engravidô, né?** E, já vinha, é, de dois mês, três mês, grávida, até os nove mês. Aí, cê já vinha mais, é, perto dela, junto com ela, ali, é, ca barriga pra ela i crescenço, cê já vai acompanhano tudo aquilo ali. Né? Aí o, aí, cê já vinha, o, **a criança já vinha, é, tem, vê ele nascê, a gente já vem aquele amor** nela, já, doído pra ela, no que ela nascesse pra vê o jeito que, que a criança ia sê, tudo. Aí já ia nascê, aí já ia nascê, às veiz, **aquele amor, que já, já tá dentro da barriga, já vai passano é, vai passano aquele amor pra criança, tudo. É, agora, não. Agora, assim, por exemplo, o Junim chego, É, é diferente, porque, ele já chegô, assim, de outra pessoa, já num tem aquele amor, que, pois antes, como, da gente mesmo, com, a gravidez, tudo.** Mais, aí como, como eles chegô, já, com três mês....” (18/11/2002- segundo mês, linha: 303-315).

Ao falar sobre a adoção, Roberto traz o sentido do desenvolvimento do afeto ao longo da relação. Um filho biológico possibilitaria o acompanhamento ao longo dos nove meses de gestação, favorecendo a vinculação afetiva durante este período *“aquele amor, que já, já tá dentro da barriga, já vai passano é, vai passano aquele amor pra criança”*. No caso do adotivo, a ausência do acompanhamento da gestação impossibilitaria este primeiro momento de vinculação, sendo que a relação teria início no momento em que o bebê chega na família *“É, é diferente, porque, ele já chegô, assim, de outra pessoa, já num tem aquele amor, que, pois antes, como, da gente mesmo, com, a gravidez”*.

Neste segundo momento, situações de aproximação e afastamento coexistiam. No entanto, Júnior parecia, em alguns momentos, lançar convites a Roberto para uma interação. Roberto trouxe movimentos de afastamento, em alguns momentos atravessados por conflitos relacionados a sua relação de afinidade com seu afilhado,

em outros construído com sentidos de diferenças de gênero. Quanto à temática da adoção, esta emergiu com o sentido da dificuldade adaptativa.

5.3.6. Relação avó materna/família extensa - bebê: primeiro e segundo meses.

Ao longo do meu contato com a família de Júnior, tive a oportunidade de conhecer sua avó materna, que estava de visita na casa de Graça. No discurso de Graça e Carla, em alguns momentos, emergiram relatos sobre a família adotiva extensa de Júnior e a reação desta frente à situação de adoção e no contato com Júnior. A seguir, trarei alguns relatos para dar relevo aos sentidos construídos por Judite na contato com Júnior, bem como à forma como as reações da família extensa foram significadas por Graça. Por último, trarei uma nota de campo para ilustrar um momento interativo entre Júnior e Carla, no segundo mês, já que não houve uma segunda entrevista com ela, após o primeiro mês de chegada de Júnior na família.

Logo no primeiro mês da chegada de Júnior, Graça fez uma viagem à casa de sua mãe para apresentá-lo aos seus parentes. Em uma de minhas visitas, Graça relatou que:

“...todos de sua família *“vibraram”* com Júnior, parecendo como se fosse a primeira criança da família, fizeram muita festa. Acharam-no muito bonito e bonzinho, pois nunca chorava, só quando estava com fome” (19/10/2002 – notas de campo).

Graça relata a aceitação de Júnior por todos de sua família. Júnior é posicionado como uma criança diferente *“como se fosse a primeira criança da família”* sendo-lhe atribuído o sentido de *“bonzinho”* associado ao fato de não chorar. Em seu diário ela comenta: *“todos te amarão. Como eu já te contei não tinha aonde a gente chegava que todos não ficarão feliz”* (12/10/2002- diário de Graça).

Durante a entrevista do primeiro mês, ao conversar com Carla sobre as preocupações de Graça em relação à aceitação da adoção por sua mãe, Carla relatou o movimento de sua família no contato com Júnior:

C: porque todo mundo, **ninguém teve esse pudor de ficá, sabe? Porque tem gente que é, que fazê questão de fazê de conta que é, legítimo. (Rindo) Sendo que é adotado. (Rindo) E lá num teve isso, não. Todo mundo falô da adoção dele, legal, sabe? Mais todo mundo amô ele como se fosse legítimo, mesmo? É, assim, não bem legítimo, que eu quero falá, assim..... Genético?**

Rg: Biológico?

C: **Biológico. Como se ele fosse filho biológico mesmo. Da Graça e do Roberto, sabe? Eu num senti diferença, não. Que, teve um irmão do Roberto que xingou muito a mãe dele, sabe? (Riso) Ai, a Graça num incomoda de falá a mãe dele, sabe? A, mãe biológica. Ai... Ela fala, sabe? Que mãe é ela. Que ela que cria, né? Mais, que ela jamais vai ensiná ele a odiá ela. A mãe biológica dele. Porque, ela num vai ensiná pra ele que ela é uma mulher má, irresponsável. Porque, ninguém sabe que que aconteceu. Então, nessa hora eu falei pro (inaudível), sabe? Que eu vi a Graça conversano, é o que eu ia tê falá agora, mais eu vô tê falá o que eu falei primeiro, que, eu, eu acho assim, que a gente não tem que ensiná eles, que. Igual, teve muita gente que falô, que era pra falá que a mãe morreu, o pai morreu. Tal. E, a Graça também num aceita mentira, não, sabe? Mais....Assim, eu num consigo enxergá a mãe que abandona o filho, uma má pessoa, sabe? Irresponsável, incoseqüente, é....., sem, de má coração. Maldosa. Eu num consigo enxergá ela assim. (28/10/2002 – primeiro mês, linhas: 1103-1121).**

Carla traz a adoção como um fato vivido pela família extensa de Júnior sem “*pudor*”, ou seja, sem constrangimentos e tentativas de tornar algo velado, não dito. No entanto, ao referir sobre o sentido da experiência emocional vivida por seus familiares, ela traz o amor associado a consangüinidade “*Mais todo mundo amô ele como se fosse legítimo, mesmo? É, assim, não bem legítimo, que eu quero falá, assim..... Genético?*”. Experiências de conflitos frente à adoção emergem associadas à figura da mãe biológica, alvo de críticas “*xingô muito a mãe dele*”. Carla, através das vozes de terceiros, traz o conflito entre assumir a existência de uma outra mãe e um outro pai, os biológicos, ou negar “*falá que a mãe morreu, o pai morreu*”. Em outros momentos, Carla volta a relatar as críticas feitas à mãe biológica, que é posicionada como “*irresponsável, incoseqüente, de má coração, maldosa*” por haver abandonado um bebê.

Ao se referir à relação entre sua mãe (avó de Júnior) e Júnior, Carla explicitou sua vivência de ciúmes frente ao bebê. Chama a atenção que, com o passar do tempo, na família foi se criando o sentido de ciúmes de Carla com Júnior.

C: Não, porque eu acho, não, ela falô porque. Aí ela sentô a gente e falô pra mim, porque ela achô mesmo que eu estava inciumada... (rindo) Sabe? Porque é, eu num tava, mais, eu acho que ela me incomodô o negócio dela tá diferente com ele... Dos demais netos, sabe? E, mais num tava falso. Porque, quando ela é falsa a gente percebe, sabe? Porque é mãe, né? A gente conhece. Tava verdadeiro. Mais, por quê? Eu acho que isso tava me incomodano. Porque todos ela fez festa demais. Mais cum ele ela tava assim, naquele mimo, excessivo, sabe? Não que ela num tivesse com os outros. Teve, mais, cum ele ela tava além. E aí eu falei pra ela. Acho que toda hora eu falava pra ela. Aí ele durmiu, nós sentamo na cozinha, na mesa, aí ela falô, falô assim: “Olha Carla, eu vô te falá uma coisa, e você vai tê que entendê. O Juninho, ele é diferente e ele vai se diferente (tom enfático na voz). Por dois motivos, primeiro, porque ele fez a minha filha muito feliz, ele trouxe essa felicidade toda pra minha filha, então, ele já é diferente por isso. E outra, pelo fato dele sê adotado, porque eu tenho dó. Eu não consigo olhá nele e imaginá que uma mulher teve coragem de fazê isso.” (28/10/2002 – primeiro mês, linhas: 1080-1093).

O incômodo de Carla na relação entre sua mãe (Judite) e Júnior é significado por ela, a partir da voz de sua mãe, Judite, como ciúmes. No entanto, Carla tenta negociar tal sentido atribuindo à relação estabelecida entre Judite e Júnior como diferente de qualquer outra relação avó-neto, estando a adoção, neste momento, como fundo no campo interativo. Num segundo momento, a adoção passa à figura, onde Carla traz, na voz de Judite, a confirmação de que a relação entre ela e Júnior é diferente, sendo este posicionado como fonte da felicidade de Graça, além de abandonado e adotivo.

Apesar do meu breve contato com Judite, eu a percebia, em alguns momentos, pouco a vontade com Júnior, geralmente distante fisicamente sendo estimulada sua aproximação através de Graça ou Carla.

Em uma breve conversa que tive com Judite ela, sempre séria, comentou sobre sua concepção de adoção.

Judite falou que de início ficou preocupada com o fato de Graça querer adotar. “Eles falam que eu dô muito valor pro sangue e dou mesmo, eu não aceitei de início que ela pegasse uma criança. A gente não sabe da família, de onde veio, o que pode virar depois. Também tem aquela coisa de se revoltar. É comum a gente ver filho que descobre que é adotivo e se revolta, principalmente quando vira adolescente. Aí fica com ódio da mãe

adotiva, fala que ela não é a mãe e quer procurar a biológica. É disso que eu tenho mais medo, porque aí ela vai sofrer porque ela tá dando amor e depois o filho se revolta. Apesar de que pode acontecer o contrário, como o rapaz da tv (caso Pedrinho) que quer ficar com a mãe adotiva de todo jeito. Acho que importante é a criação, se a criança não é rejeitada isso é tudo. Porque se a criança vive numa família que não é boa, e ela é rejeitada, aí ela pode virar um marginal, ou se revoltar, mas se ela é querida e sente isso aí acho que não”.

Perguntei como ela se sentiu quando viu Júnior e ela disse: “Acho que Deus escreve certo, esse tempo que demorou pra ele chegar, porque eu acompanhei, eu fui me preparando psicologicamente. Eles achavam que eu não ia aceitar, porque de início eu fui contra, mas agora eu vejo ele como meu neto. Parece que quando ele veio ele já conhecia a Graça e ela já conhecia ele, como se ele tivesse nascido aqui. É como se fosse igual aos outros mesmo. Não vejo diferença entre os netos, todos são iguais. Ele achou uma mãe e ela achou um filho. Agora ela tem um filho e ela tá feliz e aí eu fico feliz também.”

Perguntei das preocupações. Ela disse que tinha preocupação com o futuro, com o quê ele podia carregar no sangue, mas que “só Deus para saber” e que “o jeito é esperar”. (18/11/2002-notas de campo).

No discurso de Judite aparecem mais claras as representações sobre adoção. Ela enfaticamente fala da importância do sangue e do temor frente ao desconhecimento da origem da criança: *“A gente não sabe da família, de onde veio, o que pode virar depois”*. Reforça o sentido de que filho adotivo pode gerar problemas futuros como a revolta e a rejeição pela mãe adotiva, através de experiências vividas por outras pessoas. No entanto, emerge em seu discurso uma experiência contrária, vivida entre mãe filho não biológico (caso Pedrinho), cujo filho preferia ficar com a mãe não biológica. Neste momento, ela re-significa o sentido da força dos aspectos genéticos como determinantes na constituição da pessoa, passando a vislumbrar a importância do contexto, da relação estabelecida entre a criança e sua família adotiva, enfatizando a experiência emocional de aceitação *“Porque se a criança vive numa família que não é boa, e ela é rejeitada, aí ela pode virar um marginal, ou se revoltar, mas se ela é querida e sente isso aí acho que não.”* Ao lhe perguntar sobre seus sentimentos quando encontrou com Júnior, Judite traz a importância do tempo e, dentro de um discurso religioso, atribui ao divino a demora pela adoção como uma forma de prepará-la *“psicologicamente”* para aceitá-lo como neto. Ela significa a relação entre Graça e Júnior como familiar, sem estranhamento, associando tal sentido

à consangüinidade e posicionando Júnior como semelhante aos seus outros netos “..como se ele tivesse nascido aqui. É como se fosse igual aos outros mesmo. Não vejo diferença entre os netos, todos são iguais.”. Novamente o temor dos aspectos genéticos emerge, traduzindo a vivência conflitiva de Judite frente a situação da adoção de Júnior. Embora ela não tenha referido as possíveis diferenças entre Júnior e seus outros netos, Carla em momentos anteriores havia relatado tal fato, como já abordado. Em nosso contato, Judite demonstra seu movimento ambivalente, ora procurando posicionar-se como aquela que aceita a adoção e se relaciona com Júnior posicionando-o como familiar e sem discriminação, ora trazendo seus temores sobre a ausência da consangüinidade e posicionando-o como um desconhecido, sendo que “o jeito é esperar”.

Em uma das filmagens, Judite estava na casa de Graça. Quando iniciei a gravação, Graça disse-me que sua mãe iria dar banho em Júnior. Perguntei a Judite se ela se incomodaria em participar da gravação e Roberto disse, rindo, que ela queria ser filmada. Judite ficou quieta e pegou Júnior no colo. Na seqüência, trago o episódio do banho que ilustra uma situação interativa entre Judite e Júnior.

Judite com Júnior no colo de frente para ela em pé e apoiando o pé em sua barriga. Ela sorrindo diz: “Que perna forte!” beija-o no rosto e diz: “Que perna forte mô Deus! Vamo tomá banho, vamo?” e coloca-o na banheira semi-deitado. Sorrindo ela olha para ele, passa a mão pelo seu corpo, Júnior olha para frente. Judite passa a mão no rosto de Júnior, ele bate os pés na água e Judite diz: “O gostoso!. Pergunta para Graça: “Vai lavá a cabeça? Graça diz: “Pode”. Judite olha para o rosto de Júnior séria e ele olha para frente. Graça diz: “Filho dá um banho na vovó”. Judite sorri e fala (inaudível) com Júnior enquanto passa a mão na perna do bebê. Ela fica séria e continua a dar banho nele. Júnior olha para frente. Judite fala para Graça: “O cabelo dele tá escurecendo né Graça?”. Coloca-o em pé de costas para ela, enquanto esfrega as costas de Júnior, séria, diz para Graça: “Nossa, mas ele tá pesado!”. Graça diz: “A senhora vai dá conta de segurá ele?”. Judite responde: “Vô”. Graça aproxima-se de Judite e Júnior e aponta para uma mancha nas costas de Júnior dizendo: “Ele tem uma pinta aqui igual a senhora, ô! Tá vendo?”. Judite começa a rir e diz: “Agora eu vi. Ai que gracinha!!! Ô trem safado!!! Filho mais você tá muito novinho pra ficá em pé, filho”. Judite sorrindo tira Júnior da banheira de costas para ela e coloca-o no trocador deitado e sorrindo diz: “Pronto, pronto, ota gostoso, ota gostoso!!” Júnior bate as pernas no trocador. (16/11/2002 – primeira gravação do segundo mês).

Inicialmente, Judite procura estabelecer um contato com Júnior conversando e sorrindo para ele, porém ela parecia pouco a vontade. Ele, por sua vez, parece não corresponder, ficando grande parte do tempo voltado para frente olhando na direção da câmera. Judite e Graça estabelecem um breve diálogo e Judite volta a ficar séria olhando para Júnior, que não mantém contato visual com ela. Graça então parece procurar aproximar Júnior de sua avó dizendo “Filho dá um banho na vovó”, o que posiciona Judite no lugar de parceira de interação com Júnior e esta, assumindo este lugar, volta a sorrir e conversar com Júnior. Júnior mantém-se sem contato visual com Judite, que volta a ficar séria e a procurar contato com Graça. Após um breve diálogo entre as duas, Graça novamente busca estimular a interação entre Judite de Júnior, mostrando a sua mãe a marca no corpo do bebê, como característica em comum entre ambos (Judite e Júnior). Chamou minha atenção a mudança na expressão emocional de Judite, que começa a dar risada, parecendo satisfeita e tornando-se mais espontânea na forma de conversar com Júnior. Neste momento, o fato de Júnior apresentar uma marca física igual a da avó possibilita a aproximação desta, que parece posicioná-lo como semelhante a ela e tornando-a mais a vontade na forma de lidar com ele.

Em relação à Carla, neste segundo mês, prevaleceu o sentido de preterida na sua relação com Júnior. Em alguns momentos, seu contato com ele, que se iniciava com sentido prazeroso, era re-significado como desagradável. Tal fato pode ser percebido na seqüência descrita em notas de campo a seguir:

Tatiana e Judite começam a falar que Júnior está resmungando porque quer “colo de mãe”. Graça então pega Júnior no colo, mas ele continua resmungando e agitado. **Carla então o pega no colo e diz com voz infantilizada e tom alto: “Eles estão achando que eu quero dormir, mas eu quero farra, quero brincar” e beija-o no rosto. Júnior começa a sorrir e Carla diz: “Ah, que coisa linda! Gostô de tá no colo da tia? Agora para ficar mais feliz só faltava você mamar, se você fizer isso eu te dô uma mordida.”.** Graça diz com expressão séria no rosto “Não vai morder ele não. Olha só mãe o que ela tá falando, que vai morder ele!” Carla ri e diz que não vai fazer isso. (18/11/2002 - notas de campo).

Ao estar no colo da mãe e não parar de resmungar, Carla posiciona Graça como insensível às reais necessidades de Júnior, no caso, de brincar. Ao pegar Júnior no colo e este sorrir, seu sorriso é significado por Carla como um sinal de satisfação no contato com ela, que imediatamente lança um convite condicional: se ele mamar ela o morde. Neste momento, a “mordida” de Carla é significada por Graça como algo negativo e Carla sai da posição de quem dá prazer para Júnior posicionando-se como alguém que maltrata. Dentre inúmeros sentidos possíveis para o ato da mordida, Carla assume a mordida com sentido negativo e imediatamente se retrata dizendo que não o fará.

Após os dois primeiros meses de chegada de Júnior em sua família, novas situações foram se configurando, onde alguns sentidos construídos neste primeiro momento permaneceram enquanto novos sentidos foram construídos. Para compreender como foram se configurando as relações a partir de então, trarei relatos das visitas, ocorridas ao longo do tempo e, posteriormente, das entrevistas realizadas no décimo primeiro mês e a última visita do décimo segundo mês.

5.4. Do quinto ao nono mês de chegada do bebê:

bebê com oito meses e 12 meses, respectivamente.

Ao longo das visitas, nos campos interativos estabelecidos, o discurso de todos foi atravessado por sentidos de parcerias privilegiadas por Júnior. Além destas questões, temas ligados à adoção emergiram em vários momentos. A seguir, trarei alguns recortes de visitas para melhor visualizar os sentidos que foram sendo construídos, naquele momento, no que diz respeito as relações vividas entre Júnior e seus familiares, bem como aspectos ligados à adoção.

Chamou minha atenção o fato de que, durante minhas visitas, era muito comum Carla expor suas idéias, em alguns momentos monopolizando a conversa, enquanto Graça e Roberto se posicionavam como espectadores. O fato de Carla ser mais extrovertida e Roberto e Graça mais fechados favorecia esta dinâmica interativa, sendo que, em algumas situações, eu me percebia tentando introduzi-los no diálogo, lançando questões voltadas a eles. Mesmo nestas situações, era comum eles começarem a falar e logo em seguida Carla relatar seu ponto de vista e no campo interativo ali estabelecido, Carla posicionava-se como “falante” e Roberto e Graça como “ouvintes”.

No quinto mês de permanência de Júnior (8 meses de idade), Graça começou a relatar mudanças no comportamento dele, que passou a demonstrar maior preferência pelo pai, conforme descrita em notas de campo:

Logo chegou Roberto, ao ouvir sua voz Júnior começa a mexer a cabeça de um lado para outro. Roberto se aproxima na frente de Júnior, que arregala os olhos sorri e começa a bater as perninhas e as mãozinhas. Graça diz que agora mudou e que Júnior está preferindo o pai e que faz a maior festa quando o vê. Roberto pega Júnior no colo e ele dá gritinhos. Roberto levanta Júnior para o alto, ele estica o corpo todo, olha para Roberto, que sorri e olha para Júnior. Pergunto o que ele está achando de Júnior e Roberto responde: “Agora tá melhor, né? Ele já tá mais crescido”. (10/02/2003 – notas de campo).

Ao longo das visitas, no contexto familiar, o discurso vai se mantendo, onde Roberto é posicionado como preferido de Júnior, Graça como importante, mas secundária e Carla como preterida. Surge uma nova figura, a babá de Júnior, que passa a ser ressaltada como uma figura também preferida por ele. Questões sobre educação emergem como figura nos campos interativos, onde Graça posiciona-se como a que deve educar e conseqüentemente dar limites à Júnior e sendo preterida por isso. Roberto é posicionado como o que não educa, não colocando limites quando necessário, tornando-se preferido.

Em visita realizada no sexto mês, estávamos eu, Graça, Carla, Roberto e Júnior conversando sobre como eles estavam se percebendo na relação com Júnior e vice-versa e emergiram novos sentidos para a relação entre Júnior e seus familiares.

G: Agora parece, assim, que ele sabe que ele é daqui. Antes parece que ele ficava meio perdido, né, Carla? Ele olhava...

G: Olha, agora, acho que ele sabe que fa, faz parte, né? Faz parte. A mamãe que num cai. (fala para Júnior)

C: Sabe? Antes, a gente num tava acostumado com a presença dele. E hoje cê chega e num vê ele, tá faltano, sabe? E antes, é, tinha falta de uma criança, nós já te falamo nisso, né? Mais, num tinha presença. Agora não. Agora já tem a presença. Então a falta, parece que ficô mais acentuada. Porque antes, assim, olhava tudo, porque sempre teve coisa de bebê na casa dela, né?

G: Mais num tinha o bebê.

G: Não, num tinha você. (fala olhando para J)

C: Parece que tava faltando alguma coisa. Agora não. Agora já tá faltano ele mesmo. Sabe? Num sei se eu tô conseguino...Passá bem, assim? (11/03/2003- visita do sexto mês, linhas: 273-286).

Em momentos anteriores, Graça relatou o não estranhamento de Júnior quando da sua chegada em sua nova família. No entanto, neste momento, um novo sentido surge, o de estranhamento inicial de Júnior, como uma forma de reassegurar sua adaptação e sua sensação de inclusão atual. Carla, na seqüência, traz sua vivência na relação com Júnior, onde o sentido da convivência surge e a sensação de falta, que antes era significada como ausência de uma criança, agora é atribuída especificamente a Júnior.

Ainda dentro da temática da convivência, procurei explorar os sentidos que Roberto, Carla e Graça atribuíam ao desenvolvimento do vínculo afetivo.

Rg: Que que cê acha que acontece que vai tomando mais amor? (pergunto diretamente a Roberto)

R: **Ah, num sei não, Regina. A convivência, né? Com, convivemo com o outro, as brincano, chegano, brincano com ele...**

G: **Meu peito vai estorá, então...! (riso)**

(risos)

R: Hum?

Rg: Seu, seu peito vai estourá, Graça? (rindo)

G: De tanto amor...

Rg: Que que cê acha, Carla, que faz a pessoa ir, se ligando mais? Que que cê acha que fez com que vocês fosse se ligando nele e ele com vocês?

C: **Ah, eu acho que é o jeito. (fala simultânea) Porque eu acho que é, é, o, sei lá, porque se cê fô falá de a, de convivência, a convivência gera o, amor, mas gera antipatia também, né? (riso)**

Bebê: Aaaaahh..

C: **Então... (rindo) Eu acho que é, de (inaudível) mesmo que eles têm que conquista a gente, sabe? Porque, é o jeitinho deles sê, sabe? O, aaa...**

Rg: Jeitinho, como?

R: (???) (fala simultânea)

C: Não o Juninho, propriamente, mais criança...

R: Deu remédio pra ele, não?

G: Hum?

R: Deu os remédio?

C: **É muito meigo, né? Eu acho isso, também Porque as coisinha que faiz, que vai, tomano parte, fazeno parte do dia da gente? (11/03/2003- visita do sexto mês, linhas: 973-985).**

Ao falar sobre sua relação com Júnior, Roberto traz o sentido da convivência pela brincadeira, ação partilhada pelos dois no momento interativo, como promotor do seu sentimento de amor por Júnior. Graça, em tom de brincadeira, diz “*Meu peito vai estorá, então*”, como se o estar junto quotidianamente fosse o suficiente para desenvolver o sentimento de amor, independe da relação estabelecida. Já Carla introduz a importância dos aspectos pessoais de Júnior promovendo a construção de um vínculo positivo na convivência, que, por si só, poderia tanto gerar “*amor*” quanto “*antipatia*”.

Em relação à temática da adoção, geralmente esta emergência a partir de alguma pergunta lançada por mim.

Rg: O Graça, e quando as pessoas falam, né? Da história dele sê adotado. Que que cê sente, assim?

G: (silêncio curto) Num, num me incomoda. Num sinto nada. E, eu num falo. Eu falei que eu num vô pô uma placa nele: “Sô adotado.” Igual, no caso, ainda, que eu voltei, quando o centro, voltei a trabalhá ca: “É, é, de quem que é?” “É meu?” “Seu? Mais quanto tempo ele tem?” O, o primeiro foi o cobrador. Ele falô assim: “Que nenê lindo. De quem é?” Eu falei assim: “Meu.” Aí ele falô assim: “Seu? Mais faz só um ano que eu saí da linha. Quanto tempo ele tem?” Eu falei: “Sete meses.” “Mais num deu tempo docê ficá grávida!” Aí eu ri, falei assim: “Mais eu num fiquei. Eu adotei ele.” Aí ele falô assim: “Aí, que legal, né?” Ele falô assim: “Se ocê num fala, se eu num tivesse, fazê, num fizesse só um ano que eu tinha saído da linha, ele parece muito com você.” Só que tem uns que falam que parece comigo, outros fala que parece co Roberto. Então, num, num me incomoda de falá. Só me incomoda quando, a, entra no assunto da mãe. Negócio...

Rg: É?

G: Aí, assim, se eu conheço, eu minto, eu falo que num conheço, que eu num sei nem, que eu, que eu falo que ele veio de Campinas, né? Por medo dela aparecê. Mais falá que ele é adotado, não. Porque, eu nunca escondi, né? O, negócio que eu num podia tê um filho. (11/03/2003- visita do sexto mês, linhas: 1263-1280).

Graça fala da sua experiência no ônibus, que geralmente ela pega para ir ao seu trabalho. No campo interativo estabelecido entre Graça, o cobrador e Júnior, há uma negociação inicial por parte de Graça para que a adoção não se apresente como figura, na tentativa de não colocar a “placa” “Sô adotado” em Júnior. No momento em que fica insustentável a omissão da adoção, pois cronologicamente seria impossível Júnior ser filho biológico, segundo o cobrador, Graça então revela que Júnior é adotivo. Imediatamente Graça traz, através da voz do cobrador, a semelhança física entre Júnior e ela como forma de contrapor-se a adoção. No campo interativo ali estabelecido, o posicionamento como mãe e filho adotivo é atravessado pela figura da mãe biológica e Graça procura afastar a possibilidade de encontro com esta mãe, construindo o discurso de que Júnior nasceu em outra cidade.

No sexto mês, novamente emergiram questões sobre possíveis sentimentos de abandono atravessando as relações entre o bebê adotivo e seus familiares.

G: Outro dia a Carla falou pra mim assim, que ele tava, aí parô de dormi. Até o pediatra dele passô um, um calmantinho pra dá pra ele, porque daí, voltava a dormi. E eu num quis dá. Quando eu num tô perto, que eu saio, deixo ele, às vezes, no sábado eu num levo ele pra

trabalhá comigo. Eu deixo ele ca Carla. Que foi? (fala para Júnior) Aí com, quando ele, e a Carla disse que ele fica normal. Num dá trabalho de jeito nenhum. **Mais eu chego, ele começa a ficá assim. Aí, num sei, acho que é a Ana, passô da, e falô pra ela assim que isso é, a perca que ele já teve da mãe. Então, quando ele percebe que eu num tô perto, ele começa a volta, volta isso na cabeça dele, medo de me perdê de novo. Já perdeu uma mãe, né?** Não puxa o cabelo da mamãe (fala para Júnior). Aí a Carla pegô, aí disse pra ela e a Ana tava conversano, falaro isso, que eu vô tê que trabalhá muito com ele pra ele tê segurança, que num vai me perdê, né? Aí fica, faz assim ne mim, olha ne mim e ri. Aí eu abra, eu abracei ele deitado, lá na cama e peguei e falei pra ele, falei.. (riso) “Num precisa cê tê medo. A mamãe num vai te deixá.” Aí ele foi ficano calminho e durmiu. Eu abracei ele, fui beijano, dano beinjim nele, beijano ele, assim. Ah, ia fazeno carinho nele, ele durmiu. E não acordô. Lembra que eu te falei assim (referindo-se a mim), ô: “Eu, a mamãe ontem teve uma conversa séria comigo, eu não vô ficá chato, mais?” Lembra que eu te falei assim: “Eu num falei que ele voltava a dormi? Do jeito que ele perdeu o sono ele acha?” Aí eu fui falano pra ele, sabe? Falei: “A mamãe não vai te deixá. Não vai ficá só.” (11/03/2003 - visita do sexto mês, linhas 390-409).

Neste momento, Graça atribui a Júnior o papel de bebê que viveu um abandono, trazendo consigo experiências emocionais negativas. Os comportamentos do bebê foram significados conforme este lugar por ele ocupado na situação interativa estabelecida com ela. Graça refere duas situações diferentes, porém significadas de forma semelhante, a de reencontro dela e Júnior, após seu dia de trabalho, e as dificuldades de Júnior para dormir. Em ambas as situações, segundo Graça, Júnior fica agitado, irritado, às vezes chegando a chorar. Nestes contextos, onde diversas emoções estavam presentes, Graça significa os comportamentos de Júnior como reações contra vivências de separação, como uma reedição da sua experiência anterior de abandono, e posiciona-se como mãe continente a experiência de desamparo de Júnior. Seu contato afetivo com Júnior, através do qual ela conversava com ele, enquanto lhe fazia carinhos, pareceu ter sido vivido pelo bebê como algo prazeroso e acolhedor. A vocalização de Graça, o contato físico e toda a atmosfera criada de aconchego possivelmente favoreceram sentimentos de tranquilidade em Júnior, levando-o a adormecer. No entanto, Graça atribuiu maior importância à sua fala de que não abandonaria seu bebê como responsável por acalmar Júnior, do que necessariamente sua continência e todo o clima emocional vivido - o ambiente em que

se encontravam, o quarto tranquilo onde os dois estavam deitados na cama, seu tom de voz e o contato físico com beijos e abraços. No primeiro encontro com Graça, seu discurso do “trauma do abandono” é construído com a função de questionar o desenvolvimento de um vínculo afetivo por parte de Júnior, já este mesmo discurso, num momento posterior (sexto mês), pareceu como uma função de aproximação, posicionando-a como figura de continência para seu filho.

Em minha visita do oitavo mês, surgiu entre o discurso dos familiares de Júnior um novo participante, a babá Marta. Enquanto conversávamos (eu, Roberto, Graça, Carla, Tatiana e Júnior) na cozinha sobre os comportamentos de Júnior com as pessoas da casa, eles trouxeram a figura de Marta, até então ausente na construção discursiva dos familiares durante minhas visitas.

C: Mais assim, na hora que tem que fazê as coisa, né? Ai com eles (Graça e Roberto), ele já faz mainha. Então, cada coisa é uma coisa que ele faz diferente. Eu, ele manda calá a boca. É, ele fala para pra titia, porque a titia fala demais, bate na titia. Ai, e ca Marta, a menina que cuida dele...Ele num faz nada, ele num judia dela, num puxa o cabelo, ele num morde, ele num bate, num faz nada, só comigo.

G: Mais ele tem carinho com ela, porque ele num pode vê ela.

R: Nossa, ele gosta da Marta! (fala simultânea)

Rg: É?

C: Mas ela também tem com ele.

G: Ela também tem com ele.

Rg: O quê? Heim?

G: Eu chego lá na Carmem, e ela fica, chama ele de Juju: “Ai Juju, o Juju.” Ai ele só joga os bracinho pra ela.

Rg: É, faz quanto tempo que ela tá aqui com ele?

G: Um mês. Tá fazendo um mês. Um mês? É...

C: A gente até brinca com ela, que ela que é a mãe dele, que ele já tá com a mãe dele, a mãe biológica. (rindo) “Ai Marta, ocê que teve ele aí, deu, agora veio pra cá pra cuidá dele. É, só pode sê de sangue.” (rindo)

G: Eu acho que ela cuida bem porque ele gosta dela, sabe que criança gosta, né?

C: Não, ele num pode vê ela! Ai, ele começô, viu?

G: E ela fica de cabelo solto, ele num pu, eu num solto mais cabelo. É eu soltá ele puxá. (06/05/2003 – visita oitavo mês, linhas: 173-201).

No diálogo estabelecido entre Graça, Roberto, Carla, surgem comentários sobre as diferenças de comportamentos de Júnior com cada pessoa no seu contexto.

Carla posiciona Júnior como manhoso na relação com seus pais e como agressivo com ela “*manda calá a boca*”, “*bate na titia*”. No entanto, no discurso de Graça, que é reforçado por Roberto, a ausência de comportamentos em Júnior de bater e puxar o cabelo na relação com Marta o posiciona como amoroso com sua babá. Na construção discursiva, no campo interativo ali estabelecido, as ações entre Júnior e Marta são recortadas de forma a singularizar a relação afetiva entre ambos, onde as diferenças dos comportamentos de Júnior com sua mãe e sua tia em relação à sua babá, posicionam Marta como diferente e querida por Júnior. Carla então significa o afeto entre Júnior e Marta como o vivido entre mãe e filho biológico, constituindo o sentido de vínculo consangüíneo.

Chama a atenção que o sentido construído neste momento é de um amor de Júnior por Marta, independente da relação. Carla inicia dizendo que Júnior não maltrata Marta e posteriormente Graça refere que o carinho de Marta decorre do afeto de Júnior para com ela “*Eu acho que ela cuida bem porque ele gosta dela*”. Como se o gostar fosse independente da relação estabelecida entre os parceiros no contato.

Nesta minha visita do oitavo mês, prevaleceu no discurso construído entre os familiares de Júnior questões ligadas à educação do bebê, emergindo conflitos entre Roberto e Graça, sendo que ele achava que o bebê deveria ter mais liberdade, enquanto Graça, apoiada por sua irmã Carla, reforçava a importância do limite. Ao final de minha visita, perguntei diretamente sobre o Fórum e só então tal temática foi abordada.

Graça disse que sua comadre falou que saiu no Diário Oficial que estão procurando a mãe biológica de Júnior. Disse que não está apreensiva. Quando perguntei se ela estava com medo, ela negou, porém disse: “A Carmem disse que se ele voltar para o x (nome do abrigo) vai todo mundo acampar lá”. Abraçou Júnior e disse: “você é da mamãe, ninguém vai te tirar”. Graça falou que acha que este deve ser um procedimento normal do Fórum porque a “mãe abandonou a criança”, mas precisa legalizar a perda do poder familiar. Ela sabia que ele já era o terceiro filho que a mãe abandonara. (06/05/2003 - notas de campo).

Chamou minha atenção que, apesar da importância do fato, este só pode ser trazido no discurso ali construído, quando perguntei diretamente sobre o Fórum. Embora Graça diga não estar preocupada, imediatamente ela traz o sentido do temor da perda de Júnior através da voz de Carmem.

Procurei explorar em minhas visitas, além de questões sobre a adoção, os sentidos construídos acerca da relação de Júnior com outras pessoas próximas do seu convívio como Tiago e Carmem.

Na visita do nono mês, quando procurei compreender um pouco mais sobre a relação de Júnior com Carmem e Tiago, Graça relatou:

Rg: E com o resto do pessoal, como que ele tá? Com a Cleusa, o Tiago?

G: Carmem.

Rg: Ah, é Carmem?

G: Tá, tá normal.

R: Olha aí.

Rg: E o ciúme dele do Tiago?

G: Continua. Piorô. (riso)

C: Que agora ele grita mais. (rindo)

G: É, agora, se o Roberto pegá o Tiago ele começa a gritá e chorá até o Tiago descê. (09/06/2003 - visita do nono mês, linhas: 300-308).

Graça se limita a falar da relação entre Carmem e Júnior, significando-a como “normal”. Minha falha ao trocar o nome de Carmem me pareceu bastante significativa, denunciando minha pouca familiaridade com ela. Embora Graça tenha dito, logo quando iniciei meu contato com a família, que ela e Carmem eram muito amigas, foram raras as situações que Carmem estava na casa de Graça. Em uma de minhas visitas, Graça comentou que Carmem havia se afastado e ela achava que era por ciúmes. Na sequência do diálogo, pergunto do ciúmes de Tiago, sentido este que circulava no contexto quando se referiam a relação entre Júnior e Tiago. A atenção volta-se para a relação entre Roberto, Tiago e Júnior, atravessada pelo sentido do ciúmes por parte de Júnior. Embora Roberto estivesse presente, no momento da conversa, este manteve-se calado, falando apenas quanto lhe perguntei diretamente.

Rg: O Roberto, cê acha que ele, que ele tem ciúme do Tiago, ainda, ou não?

R: Tem. Sô pai do Tiago e pai dele.

G: Cadê a chupeta dele?

R: Vai tê que pegá os dois, que aí o Tiago num de, num desce pra mim pegá ele.

Rg: E aí, como que cê faz?

R: Ah, eu ponho um de cá, um de cá. Tem hora que eu tenho que ficá no chão, já munto os dois nas costa. Nossa... (09/06/2003 - visita do nono mês, linhas: 343-349).

Roberto fala da sua paternidade com Tiago e Júnior. No campo interativo estabelecido, ele se posiciona como pai e posiciona Tiago e Júnior com filhos, procurando interagir com ambos de forma semelhante, sem priorizar um ou outro “*Ah, eu ponho um de cá, um de cá. Tem hora que eu tenho que ficá no chão, já munto os dois nas costa.*”.

A construção discursiva entre os familiares de Júnior, sobre a relação de proximidade deste com Roberto, foi se solidificando ao longo do tempo. Trago uma cena ocorrida na gravação do nono mês para ilustrar uma situação interativa de Júnior com cada um dos participantes (Graça, Roberto, Carla e Tatiana):

Júnior está sozinho na porta da sala, olhando para o corredor de fora da casa, Tatiana no corredor que dá acesso a cozinha faz: “Psiu” e vai para o quarto, Júnior anda em direção ao corredor e pára. Tatiana, do quarto faz “psiu” Júnior caminha no corredor próximo à porta do quarto, Tatiana sai do quarto ri e Júnior continua andando em direção a cozinha. Tatiana o segue e o abraça, ele se solta e ela vai até a sala e se esconde na cortina. Júnior a segue até a sala. Tatiana faz “psiu”, Júnior vai para o corredor, olha para o quarto. Graça na cozinha, de frente para Júnior diz “Oi, ó a mamãe, ó” e Júnior segue em frente na direção de Graça, que está agachada de braços abertos. Júnior aproxima-se dela de braços abertos Graça diz: “Devagar, devagar” chega perto de Graça vai na direção de uma cadeirinha de criança e senta-se. Graça diz num tom de brincadeira “Cê me engano, bem olha lá bem” (fala com Roberto). Júnior segue na direção de Roberto, Carla e Tatiana e vai para a sala. Ele vem pelo corredor em direção a cozinha e Graça diz para Roberto: “Bem vem cá comigo” e os dois agacham-se um do lado do outro na direção de Júnior. Graça abre os braços e Roberto fica com um braço abaixado e outro encostado no chiqueirinho, que está ao seu lado. Graça diz para Júnior “Ca mamãe ou co papai?” e Júnior anda na direção de Roberto e se encosta em sua barriga, olhando para a cadeirinha. Roberto o abraça na cintura e diz: “Eh, paizão”. Todos riem e Júnior se afasta de Roberto e anda até a cadeirinha, que está do lado de Roberto na frente do chiqueirinho. Graça diz: Oh Juninho, se faz isso com a mamãe?!” e Júnior vai em sua direção, Roberto o segura pela cintura, mas ele continua a andar em direção a Graça de braços abertos, ele se desequilibra e Graça e o pega pela cintura e diz “Ora que ce cai ce chama a mamãe, né?”, abraça-o. Júnior afasta-se dela e retorna em sua direção, Graça diz: “Mamãe, mamãe” Júnior com os braços levantados aproxima-se de Graça e vira-se na direção de Roberto e se aproxima dele colocando suas duas mãos no rosto de Roberto, que o pega na cintura. Todos riem. Júnior acomoda-se no meio das pernas de Roberto, ficando encostado no seu abdômen de frente para a o ambiente. Roberto o beija no rosto. Júnior afasta-se e vai na

direção das gavetas do armário. Tatiana e Carla agacham-se uma do lado da outra, Tatiana diz: “Juninho” estica os braços e movimenta a mãos com o sentido de chamar, Carla bate na mão de Tatiana e diz “Não chama que é covardia porque ele não vem comigo, qué apostá? Júnior abre a gaveta e mexe em seu interior. Roberto diz não e Carla diz “Não, não, não, tia não deixa”, com rosto sério. Roberto aproxima-se e fecha a gaveta, Júnior sai de perto da gaveta. Posteriormente, Carla o chama, “Júnior vem, vem tia, vem”, Júnior segue Roberto que sai da cozinha. (09/06/2003 –gravação do nono mês).

Neste recorte, inicialmente Tatiana e Júnior estão brincando de esconde-esconde. Ao ouvir “psiu” Júnior vai a procura de Tatiana, e a encontra, o que não ocorre da segunda vez, quando ela se esconde na cortina e ele vai procurá-la novamente no quarto, local que ela estava anteriormente. O engajamento da brincadeira é quebrado quando Júnior não encontra Tatiana e, neste momento, é chamado por sua mãe. Graça o chama e ele responde, dirigindo-se até ela. No campo interativo estabelecido entre Graça e Júnior, quando esta o chama e ele anda em sua direção com os braços abertos, Júnior posiciona-se como receptivo ao convite para a interação. Graça ocupa o lugar de figura atrativa, porém quando Júnior muda sua direção e vai para a cadeirinha, sua ação é significada por Graça como rejeição, que sente-se “enganada” e chama seu marido para partilhar do seu desapontamento. Graça então convida Roberto a estabelecer um jogo com Júnior, que é colocado no lugar de quem deve escolher entre as duas figuras, pai ou mãe. Embora Graça o estimule a se dirigir até ela, Júnior vai na direção de Roberto, que se encontra quieto, no entanto, seu olhar está dirigido para a cadeirinha. Neste momento, a ação de Júnior é recortada como uma clara evidência de preferência por Roberto, embora ele também não fique com Roberto, dirigindo-se até a cadeirinha. Contudo, este segundo momento de Júnior não é recortado entre as pessoas presentes. No campo estabelecido entre as pessoas ali presentes, os comportamentos de Júnior que demonstram preferências por Roberto são evidenciados, assim como aqueles que posicionam Graça como preterida. Num segundo momento, Júnior vai na direção de Graça e é

interceptado por Roberto, porém sem sucesso. Roberto mostra-se mais ativo, diferente do primeiro momento em que ele se colocou de forma passiva, apenas olhando para Júnior. Quando Júnior perde o equilíbrio, Graça o pega criando-se o sentido de que Júnior apenas a aceita quando está em perigo. Ao dizer: "*Ora que ce cai ce chama a mamãe, né?*", Graça atribui o sentido de "chamado" a ela ao fato de Júnior aceitar seu amparo ao se desequilibrar. Neste momento, de figura secundária ocupada até então, ela passa a posição de figura principal. Durante a brincadeira estabelecida entre Júnior, Roberto e Graça, todos riem, dando o sentido de aprovação ao movimento de Júnior em direção a Roberto. Quando Carla e Tatiana tentam fazer o mesmo jogo, Júnior não se mostra receptivo, continuando a mexer na gaveta. Mesmo quando Roberto interdita a gaveta, Júnior não vai na direção de Carla, que o chama, posicionando-a como preterida. Júnior mostra uma busca de proximidade com o pai ao segui-lo quando ele sai da cozinha.

No campo interativo estabelecido as ações de cada participantes foram recortadas e significadas entre eles construindo-se sentidos de parcerias preferidas e preteridas por Júnior. Ações de Júnior em direção à Roberto são destacadas construindo-se sentidos de preferência deste pelo pai em detrimento da mãe, da tia e da prima.

Ainda no nono mês, a temática da adoção presentificou-se por meio de uma carta de intimação do Fórum recebida por Graça e Roberto. Quando cheguei para a visita, Graça comentou sobre a carta e tal fato foi retomado por mim durante nossa conversa gravada. Estávamos conversando, eu, Graça, Roberto e Carla. Neste dia, grande parte da produção discursiva dirigiu-se para questões da adoção, possivelmente mobilizadas pela carta do Fórum que a família havia recebido e da

informação de que a mãe biológica de Júnior estava sendo procurada para assinar a destituição do poder familiar.

Rg: *Cê tinha, eu queria saber de curiosidade. Cê tinha falado que o pessoal do Fórum mandou uma carta pra vocês. É uma carta do quê?*

G: *É intimação, aqui não fala nada, ó. Fala que é pra comparecer lá. Nunca me chamaram. Depois que veio ele. Deve sê alguma coisa relacionada ao registro, né? (silêncio)*

Rg: *Aí, cê falou que cê não vai levá o Júnior, né?*

G: *Então, porque aí não fala nada que é pra levá ele, né? Eu vô deixá ele ca, ca menina. Seis e meia.*

Rg: *E cê tem idéia, pra que que é essa carta?*

G: *Não, eu vô mandá pra L. pra vê se ela sabe. Ela é minha advogada (silêncio curto) Então, mas deve sê alguma coisa relacionada ao registro dele se a gente vai ficá mesmo, né? Porque. Do tempo também, que se a gente quisesse devolvê, né? Deve sê alguma coisa, num sei, eu num tô nem preocupada, não. (riso) Porque, da Carmem mandaro essa intimação pra ela, mas tinha, acho que uns 15 dia, só.*

R: *Foi quando... (longe)*

G: *Não, foi quando o X (pai adotivo de Tiago) morreu, que ela achô que era até pra pegá o menino de volta. Acho que tava com três meses e já era o, o registro. Talvez seja pra isso, né? (09/06/2003 - visita do nono mês, linhas: 1-15).*

Embora Graça relate não estar preocupada, seu silêncio sinaliza o desconforto em falar sobre o assunto. Ela se remete a experiência de sua comadre Carmem, significando a carta como a possibilidade de ser uma convocação para receber o registro de Júnior. Graça procura significar tal fato como um indicador de efetivação da sua permanência com Júnior. No entanto, Roberto constrói outro sentido, o medo da perda, com pode ser visto a seguir na continuidade de nossa conversa.

Rg: *Que que cê tá achano dessa carta que veio do Fórum?*

R: *Ah, tô meio preocupado, heim? Num sei o que que tá aconteceno, a Graça num sabe, né? E me manda esses papel aí, de intimação pra gente. Que esses tempo atrás tava procurano a mulher, né? Pra pegá, pra assinatura dela lá, pra assiná papel lá. Sei não, viu.*

C: *O Graça, só quatro prato. A Tatiana já jantô. (rindo)*

Rg: *Que que cê tá achano que pode sê?*

R: *(silêncio curto) Ah, Regina... (silêncio curto) Bom, tirá de nós num tira mais, né!*

Rg: *Hum, hum...*

R: *Mais a gente fica assim, meio preocupado, né?*

G: *Eu num tô, não. Você tá?*

R: *Ah, eu tô..*

C: *Só pegá assim, com arroz? (fala simultânea)*

G: *Por quê?*

R: *Ah... Nós num sabe que que tá aconteceno. Aquele dia eles só falô que, tava procurano a muié pra pegá, assiná, pra ela assiná um papel, num falaro mais nada, uai.*

Bom, pode sê também que conversa, né? (silêncio) (09/06/2003 - visita do nono mês, linhas: 350-365)

Roberto relata seu temor pela intimação e traz como figura a informação de que a mãe biológica de Júnior estava sendo procurada para assinar a destituição do poder familiar. Encontrar a mãe biológica pode significar a retirada de Júnior de sua família adotiva, caso ela o deseje de volta. Roberto então procura, em tom de afirmação e dúvida, uma certeza de que a permanência de Júnior com eles está garantida quando fala: *"Ah, Regina... (silêncio curto) Bom, tirá de nós num tira mais, né!?"*. Neste momento, ele parece querer se posicionar no lugar de quem pode lhe dar uma certeza de que Júnior não seria retirado. Graça posiciona-se como indiferente, dizendo não estar preocupada e questionando o porquê de o marido estar.

Posteriormente, Roberto e Graça iniciaram um diálogo sobre o diário que Graça escrevia para Júnior e novamente a questão da adoção surgiu, havendo uma negociação por parte de ambos acerca do sentido dado ao diário e à experiência de Júnior em ser filho adotivo. Trago um recorte mais extenso para possibilitar uma melhor visualização da dinâmica interativa e o processo de negociação estabelecidos naquele momento entre Roberto e Graça.

R: Uai, pega, uai, tem a vida dele desdo começo. Ele vai falá assim: "Poxa, caramba! Mais eu arrumei uma, e arrumei uma famia, eu achei que eu ia ficá no maior sossego, agora eu vô ficá leno essas coisa aí, esse meu passado aí?" (09/06/2003 - visita do nono mês, linhas: 593-595)

Rg: Mas, Roberto, por quê cê acha que ele não ia gostá de, de lê coisas do passado?

R: Ah, isso aí num acho não, viu Regina! Mais o dia que ele gostá de lê, que esse diário dele aí não, pra sabê que que é a vida dele.

G: Que que é a vida dele, bem?

R: Uai, bem, porque, ele num é filho adotivo? Então... (fala simultânea)

G: E que que tem isso demais?

C: Ela num vai contá?

R: Ah, num sei. Eu penso assim, uai. Eu penso assim.

Rg: Cê acha e ele num i, ele num vai gostá de lê, de lê isso?

R: Ah, se ele fô um pouquinho do meu lado ele num vai querê lê, não. (riso)

G: Num tem nada a vê, não. Ele, se eu num escrevê eu vô contá.

R: Não, eu num tô falano isso, bem, de contá bem. Tô falano isso de contá.

G: Cê tá falano de deixá registrado. É uma coisa que tá aí pra marcá, que qualqué hora os outro pode sabê? Se ele num quisé contá, então, é isso?

R: Não, cê tá, é, que todo mundo vai sabê. Ela fala pro, quase todo mundo ela conta, uai!

G: Ah, então num entendi isso, não.

R: Não, Graça, é porque a, ó, Graça, ele, ó, nasceu, depois perdeu, a mãe num quis ele. Entregô e deu ele. Num foi isso? Então, pra que que ele vai ficá quereno lê, ficá leno aquilo ali? Cê vai gostá de lê?!

G: Mais lá, eu num tô falano da mãe dele. (fala simultânea) Eu tô falano de mim. Eu não rejeitei ele.

R: Ah, mais...

G: Eu quis ele. Eu tô falano de mim pra ele.

R: Mais cê num escreveu desdo começo que lá, como que foi, lá, num tava assim?

G: Eu num falei mal da mãe dele.

R: Hei, num tô falano que cê falô mal da mãe dele. (tom de voz bravo)

G: Eu conto que ele é adotado.

R: Cê num escreveu o diário desdo primeiro, primeiro dia? Então, uai?

G: Desdo primeiro dia, que nós fomo no Fórum.

R: Então, uai?

G: Depois, o dia que ele chegô...

R: Uai, cê num pois, a sua mãe te aban, largô aqui, num quis...

G: Não, eu num puis isso, não.

R: Ah, sei...

G: Eu num sei os motivo que a mãe dele entregô ele.

R: Ah...

G: Eu sei?

R: Eu não. Cê...

G: Então, se ocê lesse cê ia entendê. (corte/fim do lado A da fita) (09/06/2003 - visita do nono mês, linhas: 605-643).

O tema do diário inicia-se com Graça queixando-se que Roberto ainda não havia lido o diário de Júnior, posicionando-o como desinteressado pelas coisas do bebê. Roberto procura defender-se, construindo um novo sentido para seu comportamento de não ler, o de que não concorda em falar do passado de Júnior, atribuindo ao bebê o lugar de quem está em uma família adotiva que deveria proporcionar “*maior sossego*” para não pensar no seu passado. O diário, que para Graça tem o sentido de um relato da sua relação com Júnior da experiência de viver a adoção, para Roberto traz o sentido do abandono, falar de um passado de abandono de Júnior pela mãe biológica e não de um encontro com a família adotiva. Em meio a negociação entre Graça e Roberto surge a questão da revelação. Graça compreende a rejeição de Roberto frente ao diário como uma tentativa de não se falar da adoção e diz “...*se eu num escrevê eu vô contá*.”. Roberto tenta negociar este sentido construído por Graça, trazendo a questão do abandono e não da adoção. Para Roberto o diário

significa uma história que Júnior não gostaria de saber “...*pra que que ele vai ficá quereno lê, ficá leno aquilo ali? Cê vai gostá de lê?!*”. Ao final, Graça atribui ao desconhecimento de Roberto sobre o conteúdo do diário o motivo do seu desagrado: “*Então, se ocê lesse cê ia entendê*”.

A partir de agora, trago novas entrevistas, realizadas no 11º mês, bem como a visita do 12º mês em que novos sentidos foram construídos enquanto outros permaneceram.

5.5. Décimo-primeiro e décimo-segundo-meses de chegada do bebê: bebê com 14 e 15 meses, respectivamente

5.5.1. Relação mãe-bebê: décimo primeiro mês.

Ao conversar com Graça sobre sua relação com Júnior ao longo dos 11 meses, ela relatou:

G: “É essa a diferença. **Ele já pegou o nosso jeito, a gente pegou o jeito dele...**

Rg: Hum. Qual jeito de vocês que você acha que ele já pegou?

G: **Esse negócio de fazer birra, começar a chorar e o Roberto não querer que bate.** Porque ele faz muita birra mais com o Roberto do que comigo. Se o Roberto fala assim, “A sua mãe, eu vou chamar a sua mãe”, ele olha ne mim e resmunga. Quando eu dou bronca nele, ele dá em mim. Só que aí ele não faz, e com o Roberto ele faz. **Ele sabe que o Roberto deixa, que o Roberto não bate, que o Roberto não quer que bate... Faz os denguinho dele. Então, eu sou mais assim, continuo sendo, pra fazer as coisas. O Roberto é pra brincar, pra deixá ele fazê o que ele quer, pra mexer onde não pode.**

Rg: E como você sente, assim, disso, dessa situação? De você sendo a que faz as coisas e o Roberto que faz a brincadeira?

G: **Tem hora que eu tento não corrigir, eu falo: Por que só eu? Por que só a mãe?.. Quando o Roberto fala assim, “Ó, vou chamar a sua mãe”, eu falo: “Porque, ele não tem pai? É só mãe?”. Aí eu tento não fazer, mas não está em mim deixar fazer o que não pode. Aí eu tento ir deixando, e ele... Até o Roberto vê se perde a paciência e tenta corrigir um pouco. Mas, quando eu percebo que eu estou corrigindo muito, que eu estou sendo muito brava, eu paro. Daqui a pouco ele vai falar assim, “A minha mãe é só brava”, né. Aí eu paro. Porque ele vai ficar perdíndinho aqui nesta casa... (risos) Tudo o que ele faz é motivo de graça. Se acha a aten... eu chamo a atenção dele, “Pára, Juninho, não é pra fazer isso, isso não pode”. Aí ele – ele não fala, né – ele fica resmungando, ele faz com o dedinho**

pra mim assim, eu falo, “Não faz assim pra mim que eu sou a sua mãe! Eu faço pra você!”. (faz o gesto de J apontar o dedo para ela) (13/08/2003 – décimo primeiro mês, linhas: 48-74).

Inicialmente, Graça traz no campo interativo estabelecido com Júnior o sentido da convivência e adaptação de um ao outro “*Ele já pegou o nosso jeito, a gente pegou o jeito dele*”. Questões sobre práticas educativas delimitam, neste momento, a relação de ambos e Graça refere as dificuldades no contato com Júnior vinculadas ao limite. Ela posiciona-se como a que deve educar “*fazer as coisas*” e conseqüentemente passa a ser significada como figura aversiva para Júnior, enquanto Roberto é posicionado como o permissivo tornando-se figura preferencial. Quando Graça procura negociar sua posição com Roberto, tentando sair do lugar de quem corrigi e torna-se “*só brava*”, ela sente dificuldades. Suas características pessoais prevalecem no campo interativo estabelecido com Júnior “*Aí eu tento não fazer, mas não está em mim deixar fazer o que não pode.*” que, juntamente com a posição ocupada pelos demais de maior condescendência, acabam delimitando algumas possibilidades de contato entre Graça e Júnior, configurando-se situações interativas atravessadas por práticas educativas mais rigorosas. Contudo, no discurso de Graça, educar e dar limites vêm associado com “*bronca*” e “*bater*” e, em alguns momentos, suas relações com Júnior mostram-se recortadas por esses episódios, passando a ser significadas como negativas.

Posteriormente, Graça comparou a relação de Júnior com ela e com Roberto, onde o choro de Júnior, com a saída do pai, traz o sentido de protesto sendo significado por Graça como sinal de maior afinidade:

G: “Ah, ele tem mais esse negócio com o Roberto porque o Roberto deixa mais ele fazer as coisas. Procura mais ele... Mas se eu e o Roberto estiver aqui na sala, assistindo televisão, ele fica numa boa. Ele pega os brinquedos, ele brinca. **Se eu vou pra cozinha, ele vai pra cozinha, ele fica grudado nas minhas pernas...** **Aí ele, às vezes ele pede colo, eu pego ele um pouquinho... Ele desce, e volta pra sala.** Acho que ele lembra “E o meu pai? Será que o meu pai tá na sala?” **Mas ele não chora se eu saí da sala e for pra cozinha. Se o Roberto**

levantá e for pra cozinha, ele já levanta chorando. Pra i atrais do Roberto. Comigo não. Se eu saí, ele faiz tchau pra mim. Pro Roberto ele chora, que ele qué i junto.”

Rg: E te incomoda, isso?

G: Não, eu acho engraçado. (risos)

Rg: É?

G: Minha mãe... Não, falei assim, “É, ô mamãe, o Juninho não pode ver o pai dele. É só ver o pai dele, acabou, esse moleque não tem mãe mais”. Ela falou, “Você achou que ia ser diferente?” Eu falei, “Não, mas podia ter sobrado um pouquinho pra mim, né?!” (13/08/2003 – décimo primeiro mês, linha: 505-519).

A ação de Júnior em seguir Graça até a cozinha e pedir colo a posiciona como alguém importante, onde Júnior busca interação. No entanto, o choro de Júnior com a saída de Roberto é significado por Graça como um indicativo do desconforto e discordância com a separação. Já com Graça, Júnior se despede quando da sua saída e tal ato toma o sentido de aceitação da separação, onde Graça parece se posicionar como menos significativa para Júnior em comparação ao seu marido.

Em meio a nossa conversa, sobre como Graça estava percebendo Júnior e suas relações com as pessoas, surgiu o tema da adoção. Em situações anteriores, geralmente a temática da adoção era abordada por mim como pesquisadora. Neste momento foi Graça quem a recuperou em seu discurso, através de uma reflexão sobre as relações entre Júnior e sua família extensa.

G: Dele? Ah, eu até já comentei com a Carla... que... **no começo, lembra que eu te falei que a Carmem falava assim que tudo, as pessoas, tinha mais carinho com o Tiago, agradava mais, parece que tinha mais dó porque o Tiago era adotado? Falei pra Carla, “eu nunca pensei nisso”. Ai, em X (cidade em que mora sua família extensa), toda vez que eu vou lá a festa dele não acabou, da vez que ele chegou até agora.....Tem um tio meu que toda vez que me vê com ele chora. Eu falei pra minha mãe que eu não entendo o porquê disso, de ele chorar, será que é porque eu queri...todo mundo sabia o tanto que eu queria, agora me vê com ele, vê que eu estou bem, que eu estou feliz por ter ele, né? Será que é isso que faz ele chorar? Ou será que é porque ele é adotado? Ai, eu falei aí nessa hora aí eu lembrei: será que tudo isso é porque ele é adotado? Ai eu comentei com a Carla, a Carla falou assim. Ou falei, é porque ele é meu filho? Por tanto que eu queria ele, e as pessoas têm esse carinho comigo e o Roberto. É diferente da família, trata ele assim diferente. **Tem hora que eu fico com vergonha, eles brincam tanto com ele e não pegam outras crianças, sabe? Porque as outras crianças vai brincá aí choram, não querem, resmungam, e ele não. A Carla falou, “Ah, acho que é porque ele não estranha, ele é muito carismático, então ele cativa as pessoas”. Ele é muito risonho, ele é muito alegre, sabe? Então, acho que ele passa isso pras pessoas. Que não é pelo fato dele ser adotado. Né, igual a Carla falou, “Acho que não é por ele ser adotado nem ser teu filho. É por ele mesmo, que ele cativa as pessoas.”** (13/08/2003 – décimo primeiro mês, linha: 154-181).**

Num primeiro momento, através da voz de Carmem, Graça se remete as relações estabelecidas entre uma criança adotiva e as demais pessoas mediada pela “dó”. Tal sentido, antes atribuído à relação de seu afilhado (Tiago), agora passa a ser construído na relação de seu filho (Júnior) com seus parentes “*será que tudo isso é porque ele é adotado?*”. Graça recorta a relação entre seus parentes e Júnior como diferente das por eles estabelecidas com as demais crianças “*Tem hora que eu fico com vergonha, eles brincam tanto com ele e não pegam outras crianças, sabe?*”. Neste momento, ela procura negociar os vários sentidos para esta relação trazendo, ora o sentido da dó por Júnior ser adotado, ora da satisfação por ela ter realizado seu sonho de maternidade e ora das características pessoais de Júnior. Por fim, através da voz de Carla, Graça traz a importância do comportamento de Júnior, na forma como as relações vão se estabelecendo entre ele e as pessoas “*Carla falou, “Acho que não é por ele ser adotado nem ser teu filho. É por ele mesmo, que ele ele cativa as pessoas.”*”

Na seqüência de nossa conversa, ao se remeter as características pessoais de Júnior, Graça disse:

G: Ele dorme cinco minutos, já recarrega de novo, e está com a pilha toda. Então, é isso acho que é dele. **Eu falei, “Ah, isso deve ser parte genética”, né? de pai e mãe.** Sei lá. **Mas é dele mesmo.** Aí eu fico olhando ele assim, eu imaginava assim que fosse ser uma criança chata, chorona. E ele não. **Todo mundo fica em cima, “Que gracinha, ele não te dá um pingô de trabalho”.** “Ele é muito bonzinho, ele não chora, não cansa...”.

Rg: **Você falou esse negócio da parte genética, né. É uma coisa que você pensa assim?**

G: **Hum-hum (como “não”). Não, porque eles falam muito assim, que ele tem muito da minha família.** Inclusive lá na festa, eles pegô e falô assim: “**Nossa, ele é igual ao pai dele, ele não desliga**”, o Roberto, né? **Falou assim, “É outro Roberto”.** (pausa) (13/08/2003 – décimo primeiro mês, linha: 192-200).

Ao falar sobre os comportamentos de Júnior, Graça traz o conflito entre os aspectos genéticos e os construídos na relação dele como os pais adotivos. Inicialmente ela atribui ao genético o fato de Júnior ser ativo, “*bonzinho, ele não chora, não cansa...*”. No entanto, quando eu recorto o sentido do genético e pergunto

se é algo no qual ela pensa, tendo como fundo a família biológica, Graça nega e traz um novo sentido para os comportamentos de Júnior, agora associados à sua família adotiva *“ele tem muito da minha família”* e mais especificamente ao pai *“Nossa, ele é igual ao pai dele, ele não desliga”, o Roberto, né?*. Sua pausa ao final pareceu-me um sinalizador de que este é um assunto do qual ela prefere não se estender.

Quando procurei buscar aprofundar a compreensão da forma como Graça estava significando sua experiência na relação com Júnior, ela retomou o sentido da adoção:

Rg: Uma coisa, assim. Uma coisa é quando a gente pensa, né, como que eu vou ser e como eu vou me sentir junto com aquela criança que eu estou imaginando. A outra coisa é depois que a criança chegou, que ela tem o jeitinho dela de ser... Como você assim, está sentindo tudo isso?

G: **Aí, eu agora estou mais segura. Eu no começo tinha, assim, não sei se é medo, acho que receio de acontecesse que acontecesse alguma coisa, de eu perder ele. Hoje eu não tenho esse medo mais. Tenho, às vezes eu nem lembro que eu adotei ele. Igual hoje, a mulher do meu serviço falou assim, “Já está perto, já fez um ano que você está com ele?”.** **Aí eu falei assim, “Acho que já”,** **Aí eu pensei assim, “Não, faz onze meses, que ele vai fazer onze meses que eu estou com ele”.** **Mas eu nem lembro disso mais porque eu. Sabe assim, eu não consigo pensar... Às vezes eu vou falar dele, eu falo “Quando eu tive o Juninho”, porque eu tive ele naquele dia que eu busquei ele. Aí outro dia eu comecei até a rir, eu falei assim: “Quando eu tive o Juninho..., até parece que eu fui lá na maternidade ganhar nenê, né?”.** **Eu falei, assim, “Ah, mas eu ganhei, foi a única que ganhou fui eu, né?”.** **Falar assim, “Eu tive ele” mesmo, porque pra mim ele nasceu naquele dia. Mas eu tinha aquele medo, acho que uma insegurança de não dá alguma coisa certa, vou ter que levar ele de volta... Igual da vez que o Fórum chamou, eu fiquei com medo de a mãe aparecer e eu ter que devolver ele, eu falava que devolver ele eu não devolvía, que se virasse do jeito que se virasse... (13/08/2003 – décimo primeiro mês, linha: 250-269).**

Embora minha pergunta não envolvesse a questão da adoção, Graça traz a adoção atravessando sua relação com Júnior, referindo o temor de perde-lo logo de sua chegada. A adoção perpassa seu discurso num jogo de figura e fundo e, apesar de muito presente, Graça procura construir um sentido de indiferença *“às vezes eu nem lembro que eu adotei ele.”* Lembrar que Júnior é adotivo, remete-a a existência de uma outra mãe e a possibilidade de perdê-lo caso esta o deseje de volta *“Igual da vez que o Fórum chamou, eu fiquei com medo de a mãe aparecer e eu ter que devolver*

ele, eu falava que devolver ele eu não devolvia, que se virasse do jeito que se virasse..."

A relação entre Graça e Júnior, em alguns momentos, é travessada pela figura da mãe biológica, muito presente, apesar da sua ausência física. Mais uma vez Graça e Júnior são posicionados como aditivos por meio do discurso de terceiros, neste caso, a carta do Fórum.

A seguir trago um recorte onde Graça se referiu a mãe biológica e a forma de apresentação desta mãe para Júnior, construída no momento.

G:.....Eu perco qualquer coisa por ele. Aí eu sei que ela ficou conversando, eu falei, "Perder ele eu não vou, você pode ter certeza que eu não vou." Eu vou lutar, de todas as forças que eu tiver eu vou, pra mim ficar com ele.

Rg: Foi aquele período que veio aquela carta?

G: Foi, que eu tinha que ir lá, lembra? Aí, que não era nada, que o promotor não estava querendo que mandasse ele pra adoção, porque a mãe na tinha assinado o pátrio poder... E o juiz falou que já deveria dar o caso por encerrado, porque não achava ela... Acabou, dando, né. Porque de fato não achou mesmo.

Rg: Ela não apareceu?

G: Não sabe nada, nada, nada.

Rg: E mesmo aquele endereço que tinha?

G: Tudo falso. Não sabe nem se o nome é verdadeiro. Só que essa história eu não gosto que comentar com ele. Eu acho que machuca, amanhã eu chegar nele e falar... Porque eu vou ter que falar pra ele que eu não sei nada dela... O nome que eu tenho é esse, não sei se é verdadeiro. Mas ficar falando, "Sua mãe te abandonou", eu acho que isso vai machucar ele. Então, quando fala assim, alguma coisa, eu não gosto que se refere a ela uma má pessoa, perto dele. Porque eu não sei até onde ele guarda as coisas. Se ele hoje já percebe isso.

Rg: Como assim?

G: De falar, assim, e gravar no subconsciente dele. Porque eu acho que vai tê, tem uma diferença muito grande de falar pra ele assim, "A tua mãe não te quis por um motivo que a gente não sabe o que é, porque ou ela não teve condições, foi obrigada a fazer isso, ela pode até ter te dado por amor", do que falar "Ela não te quis, ela te abandonou porque ela e, ela não prestava". Eu acho que isso machuca ele. Já me perguntaram: "Você vai contá pra ele?", eu falei: "Vou. Eu não vou esconder dele." Como que eu vou contar? ?Falei: Não sei, vai depender das perguntas que ele fizer. (13/08/2003 – décimo primeiro mês, linha: 286-311).

As atuações do Fórum junto à família são significadas por Graça como ameaçadoras, com o sentido da possibilidade de perda de Júnior para sua mãe biológica. Neste momento, Graça remete-se a idéia de "subconsciente" mediando sua relação com Júnior, atravessada pela figura dessa mãe biológica. Por desconhecer

“até onde ele guarda as coisas” Graça procura, em seu discurso, apresentar a Júnior uma mãe biológica como alguém impossibilitada de cuidar dele, sendo obrigada a deixá-lo e não como alguém que “não prestava”.

Ao final do primeiro ano de chegada de Júnior, novos sentidos nas situações interativas entre ele e Graças emergiram, onde esta passou a ser posicionada como preterida em relação ao marido. Questões ligadas à práticas educativas e colocação de limites surgiram como fortes circunscritores, em alguns momentos interativos, configurando novas caminhos na relação entre ambos. Na temática da adoção, prevaleceram sentidos do temor da perda, conflitos entre aspectos genéticos e socialmente construídos. Graça mostrou um movimento ambivalente frente à relação entre Júnior e seus familiares, onde a relação afetiva foi atravessada pelo sentido da diferença. Tal diferença passou a ser significada por Graça de várias maneiras, em que ora Júnior era posicionado como abandonado, suscitando sentimento de dó nas pessoas, ora como um bebê cativante e que atraía a atenção dos outros para si.

5.5.2. Relação pai-bebê: décimo primeiro mês.

Refletindo sobre seu contato com Júnior, ao longo dos onze meses, Roberto disse:

“R: ...No começo, não tinha assim como filho, né?. Ele chegou, de repente – nós táva esperando assim, mas a Graça tava assim, preparada, né?. Eu falo, eu não vô ficá tão entusiasmado porque vai que não dá certo, né? Mais deu certo, falei, agora eu tenho que i mudando pra... O comportamento dele, depois que ele passou... ta entendendo, assim, a cada dia que passa ele tá entendendo mais e tá mais agarrado comigo, né? (inaudível) **Porque eu faço tudo o que qué, na medida do possível, né? Tem hora em que eu dô umas cortada aí mas não adianta. Agora, assim, eu tenho ele mais assim como um filho meu memo, entender? Do que quando ele chegou. Quando ele chegou, eu não... Eu ligava, mas não tanto igual eu ligo agora, né. Agora tem, nossa, ixe, Nossa Senhora!**

Rg: O que você acha do comportamento seu que mudou com ele?

R: Ah... Tratar ele assim melhor, né....., como diz, é... Assim, **tem mais carinho, mais amor, é... Tem que ter mais, assim, um pouco de paciência, não ficar nervoso com ele, não perder a paciência. E saber educar, né? senão...** Mas agora assim está bem melhor do que quando ele chegou. Vixe! Cada dia que passa, nossa!, vai melhorando, vai ficando mais apegado com ele ainda. Vixe!

Rg: Vai melhorando assim o que?

R: Ah, a convivência, né. Eu com ele, ele comigo. **Pode até ver que ele larga da Graça pra ficar comigo. E outra coisa: ele já mudô muito porque ele tá mais... ele tá assim, ele já sabe se vim ele comigo, eu deixo ele fazê as coisa, né. Agora, ele que pegá as coisa, a mãe dele não deixa, ele vem pro meu lado, pra dá as birra dele, pra mim pegá pra mim deixa ele fazer. E acho que por isso é que ele tá mais apegado comigo. Porque quando ele chegou ele não sabia, tá com três mês né?... E depois vai crescendo, né? Foi ficando mais... Igual eu falo, cê vai vê, quando ele tivê com dois ano cê já perdeu ele.**

Rg: É?

R: Né? Não vai chegá aos dois ano, não. **Tem hora que ele não liga muito pra ela, fica mais é comigo.** (25/08/2003 – décimo primeiro mês, linha: 18-52).

Roberto traz inicialmente seus sentimentos de estranhamento frente a Júnior, e sua dificuldade em se aproximar do bebê e percebê-lo como filho. O temor da perda emerge neste momento, em que o afastamento dele com Júnior é significado como uma estratégia para não se vincular, caso o processo não se efetivasse. Embora neste período o casal estivesse apenas com a guarda provisória, o tempo de estada de Júnior na casa foi significado por Roberto como uma garantia de permanência. Roberto associa seus sentimentos de carinho, amor e paciência com Júnior como indicadores do seu vínculo com o bebê. No entanto, ao relatar sobre o contato de Júnior com ele, Roberto traz a figura de Graça como parâmetro de comparação e se posiciona como o permissivo, tornando-se mais atrativo para Júnior. Os sentimentos vivenciados pela dupla (pai-bebê) deixam de fazer parte da relação, que passa ser significada, no âmbito familiar, como uma relação de ausência de limites, muitas vezes, com um tom pejorativo. Ao mesmo tempo, estabelece-se entre Roberto e Graça uma relação de competição, onde Graça vai “perder” a atenção de Júnior. Neste momento, o jogo de posições entre Graça, Roberto e Júnior, em que cada pessoa vai se atribuindo e assumindo lugares diversos, Roberto posiciona-se como aliado de Júnior e figura preferida pelo bebê.

Graça relatou, em seu diário, as diferenças de comportamento de Júnior com ela e com Roberto e os movimentos de competição de Roberto com ela:

“Sei que voce me ama, voce ainda e pequeno, mas já demonstra sentimentos, seu pai fica falando que voce gosta mais dele do que de mim, mas não é voce gosta de cada um diferente” (sic) (14/05/2003- diário de Graça).

Em uma das visitas pode-se perceber a forma como se configuravam, naquele momento, as interações de Júnior com seu pai e sua mãe:

“Roberto estava dando comida para Júnior, ele esperava Júnior se aproximar para comer e o seguia para onde ele fosse. Ele se sentou no chão e tentava chamar a atenção de Júnior fazendo barulhos de carro – “brum, brum” – quando Júnior estava distraído com outra coisa, ele tentava retomar sua atenção fazendo brincadeiras e mostrando um carrinho que estava com eles. Enquanto Roberto acompanhava Júnior e tentava chamar-lhe a atenção, Graça ficava a todo momento impedindo Júnior de pegar as coisas e falava não, mostrando a mão e dizendo que iria bater.” (08/04/2003 - notas de campo).

Este comportamento de Roberto de acompanhar Júnior, muitas vezes era significado por Graça e Carla como falta de limite, enquanto os comportamentos de Graça de restringir os lugares de exploração de Júnior e mostrar a mão falando de bater, tinham o sentido de limite e educação.

Cabe ressaltar que tais mudanças na configuração das relações não pareceram incomodar Graça. Pelo contrário, aparentemente ela demonstrava certo orgulho, geralmente rindo ao dizer que Júnior estava mais ligado a Roberto. Inicialmente Graça procurava estimular o contato entre Roberto e Júnior, com momentos de questionamento pelo distanciamento entre ambos, como retratado em seu diário, no terceiro mês de permanência de Júnior:

“às vezes eu acho que ele ainda não se acostumou com voce, a única coisa que sei é que eu te amo o resto não importa” (sic) (02/12/2002 – diário de Graça).

Percebia em Graça, durante nosso contato, que a atual ligação entre Roberto e Júnior parecia ser sentida por ela como positiva, indicativa do afeto de ambos.

Em um outro momento, Roberto trouxe o comportamento de choro de Júnior, assim como o fato dele ser homem como mediadores da relação entre eles:

R: “Ah, eu acho que é porque, assim, que ele é mais apegado ne mim porque: uma, eu não dô bronca nele. Por mim, ele pode... Se quisé virá a casa de perna pra cima, pode virá, não tô nem aí. Eu quero é que... **Eu não gosto assim, não gosto é de criança que fica chorano. Aí, se ele tá chorano, eu dô um jeito de arrumá alguma coisa para ele faze bagunça pra ele largá de chorá. Mas... Aí já é uma das coisa por que ele é mais apegado.** Agora, eu sou mais apegado nele porque assim, é... Demorei pra ter filho, né. Casou, moramos esse tempo todo... tentamos ter o filho da gente, mas a gente não conseguiu. Agora veio ele. **Então, a cada dia que está passano eu estou ficano mais apegado nele, porque, uma: ele vai cresceno, né, quer... É hominho. Vai cresceno, vou carregá ele sempre comigo, né. Aí, se eu vô num lugar e ele vai comigo, eu vô ficano assim... Parece que eu to ficano, é... mais agarrado com ele.** (25/08/2003 – décimo primeiro mês, linhas: 484-495).

Roberto traz o sentido do apego como uma experiência emocional vivida tanto por ele quanto por Júnior, construindo sentidos diferentes para o desenvolvimento do vínculo. O choro de Júnior é recortado por Roberto com algo desagradável, levando-o a procurar alternativas para eliminar este incômodo. Neste momento, Roberto posiciona-se como alguém que elimina o desconforto e promove situações agradáveis à Júnior, favorecendo o apego de Júnior para com ele. Por outro lado, o momento de desenvolvimento de Júnior, com maior maturidade física e sua condição de ser homem mostram-se fortes circunscritores. Emergem questões culturais de gênero e Roberto posiciona Júnior, do mesmo sexo, como alguém que partilha das mesmas preferências, favorecendo a aproximação de ambos.

Quanto ao tema da adoção, Roberto apenas fez referência quando lhe perguntei diretamente.

Rg: E teve assim, algum momento, em que você ficou preocupado, desse tempo em que você esteve aqui, com o pessoal do Fórum, alguma coisa assim?

R: Não, desse tempo que ele veio até hoje, **eu não fiquei preocupado. Só fiquei preocupado naquele dia lá, que mandô aquela intimação pra nós ir lá no, naquele dia. Eu não fiquei assim, eu não demonstrei que fiquei tão preocupado, mas depois a...** Estava falando pra Graça, “Será que é alguma coisa que não vai dar certo, que a mulher não vai assinar o papel lá, não conseguiu. Será que eles vai levá ele embora?” Puxa, agora que nós já acostumou tanto com ele, e ele com nós aqui, vai, já vai embora? Mas ela falou “Não, não deve ser isso não” (25/08/2003 – décimo primeiro mês, linhas: 342-350).

No campo interativo estabelecido entre mim e Roberto, eu trago diretamente o contexto do Fórum para falar sobre adoção. Chamou minha atenção o fato de que eu poderia ter feito uma pergunta mais ampla, de como ele estava vivendo a situação da

adoção, no entanto, fiz uma relação direta entre o Fórum e preocupação com a adoção. Penso que minha construção discursiva deve-se ao fato de que, ao longo do tempo, em que estive acompanhando a família, não era incomum Roberto fazer referência à adoção apenas em situações de intervenções do Fórum, como cartas ou entrevistas. Falar de adoção com Roberto significa trazer o contexto do Fórum, uma instituição com poder decisório sobre a permanência ou não de Júnior junto a ele. Roberto, então, traz o sentido do temor da perda em sua relação com Júnior, no momento em que ele constrói o sentido do costume atravessando a relação de ambos *“Será que eles vai levá ele embora?”. Puxa, agora que nós já acostumou tanto com ele, e ele com nós aqui, vai, já vai embora?*

Após meses de contato entre Roberto e Júnior, surgiram novos sentidos nas relações vivenciadas, agora significadas como mais próximas e de maior afinidade. Os momentos de aproximações mostraram-se mediados pelo choro e por comportamentos de menor restrição de Roberto aos comportamentos de Júnior. Momentos de rivalização entre Graça e Roberto ocorreram na relação com Júnior, onde Roberto posicionava-se como preferido. Questões sobre adoção surgiram nos momentos de intervenção do Fórum, construindo-se o sentido do temor da perda do bebê.

5.5.3. Relação tia-bebê: décimo segundo mês.

Carla conviveu diariamente com Júnior durante oito meses. Neste momento, ela já havia mudado de casa. Em nossa conversa, Carla reforçou sua posição de preterida pelo bebê.

Rg: Como você tem percebido o seu jeito com ele, o jeito dele com você, de quando ele veio pra hoje.

C: Eu acho que continua... Não tem muita... dele pra mim acho que não tem muita diferença, não.

Rg: Hum?

C: Porque... **Eu não sei se você lembra, eu te falava assim, eu te falava que ele não gostava de mim. Lembra?**

Rg: Lembro.

C: **Lembra, que eu falava assim: “Ah, esse moleque não gosta de mim”? Hoje, a mesma coisa. (risos)**

Rg: Você acha?

C: **Ele brinca comigo de longe, sabe, não.. sabe... Aquele negócio de vim, abraçá... mas eu sei que ele gosta. Não é que ele não gosta, não, essa é a brincadeira que eu faço por causa do comportamento dele.**

Rg: Como é, assim, o comportamento dele?

C: Porque ele é assim, ele sente a minha falta. Por exemplo, quando eu não venho aqui, a Graça fala que ele chama: “Titia”, sabe? Aí quando eu chego, ele... Porque eu faço muito escândalo quando ele fala, né, aí ele fica assim... “Titia, titia”... Só que depois de um tempo que eu tô aqui, ele começa a esnobá, sabe? Ele olha... **Só que ele faz uma gracinha, ele aprende uma coisa nova, ele chega perto de mim e começa a fazer aquilo me olhando, sabe...** Como se diz, “Tá vendo o que eu aprendi?”, pra eu fazer farra com ele. **Então, acho que ele gosta por isso, mas... Eu falo assim... sabe, aquele chamego igual com a Graça que chora... Por exemplo, se ele chora, se ele está nervoso ou alguma coisa do tipo, aí ele não me quer.** (18/09/2003 – décimo segundo mês, linhas: 39-66).

Neste momento, Carla, ao relatar sobre sua relação com Júnior, reafirma sua posição de preterida, porém em seguida procura negociar seu lugar, dizendo que é uma brincadeira, atribuindo ao comportamento dele seu posicionamento. Em seu discurso, o comportamento de Júnior de não abraçá-la a posiciona como pouco significativa. O campo interativo estabelecido por ambos, baseado em brincadeiras, é significado por Carla como menos expressivo em termos de afetividade. Emerge como figura a relação de Júnior com Graça, como parâmetro de comparação, atribuindo a esta uma maior afetividade, proximidade e relação de cuidado. Enquanto a sua relação com ele é construída com o sentido de mais distante, onde seu papel não é de cuidadora e sim de parceira de brincadeira.

O lúdico e a brincadeira como jogo interativo estabelecido entre Carla e Júnior foi relatado por Graça em seu diário, em momentos anteriores:

“...sua titia continua uma boba com voce, ela fica sempre te ensinando a fazer gracinha e cada vez que voce aprende ela fica toda feliz.” (sic) (29/03/2003 – diário de Graça).

Ao conversarmos sobre os comportamentos de Júnior com ela, Carla relatou:

Rg: Você estava falando, né, do comportamento dele. Como ele é hoje com você?

C: Ah, do jeito que eu estou te falando. Porque quando ele era pequenininho acho que ele sabia se expressar menos, né. Mas ele nunca foi de aceitar muito as minhas brincadeiras. Ele brincava comigo sempre de longe, sempre de longe. Eu ainda brincava que ele não gostava de mim, falava com a Graça. É engraçado, né, diz que criança percebe quando a gente é falsa, quando a gente não gosta, eu mesma sou cheia de falar isso, falei: “Agora o Juninho está acabando comigo!”. Porque ele age comigo como se eu fosse falsa com ele. Brinca mas, sabe, chega pra lá?..... Agora, o Juninho não, ele não me aceita. Nessas horas que eu te falei, quando está doente, está machucado, que caiu, que bateu, ele não aceita eu pegar.” (18/09/2003 – décimo segundo mês, linhas: 217-224/ 240-241).

Frente a minha pergunta, questões do passado emergem no discurso de Carla posicionando Júnior como arredio e se posicionando como “falsa”, configurando-se um movimento de aproximação e afastamento no campo interativo por eles estabelecido. O comportamento de distanciamento de Júnior remete Carla a se posicionar como “falsa” na interação de ambos, por não ser correspondida em seus movimentos de aproximação. O afastamento de Júnior nos momentos de fragilidade (doença, machucados, quedas) são significados por Carla como rejeição. O contato afetivo, o vínculo associado ao cuidado e manutenção da sobrevivência parecem presentes no discurso de Carla.

Ainda sobre seu contato com Júnior Carla relatou:

C: “Agora, ele pra mim... O dia em que ele resolve me dar um abraço, um beijo, eu quase desmonto de paixão (rindo). Nesses últimos dias em que ele estava em casa, aí ele veio, me abraçou, aí ele veio e me deu um beijinho assim que até chupou assim bochecha com os lábios, de estralinho... E eu peguei ele e abracei e falei: “Aí, que gostoso!”, aí ele ficou assim... (faz barulho de beijo três vezes). Porque ele sabe que eu gosto, né, mas acho que ele tem um pouco de medo de mim, sabe... (risos) Porque eu grito mais que todo mundo... Você pode ver que a Tatiana também é calminha, né, mesmo que ela está gritando ela está assim, “Aaaaaiiii!”, sabe? E eu não, eu pego, eu grito, eu pego, eu aperto, eu jogo, sabe? Então, acho que ele tem medo, é isso. Eu acho que ele tem um pouco de medo de mim. Fala: “Ah, eu não vou chegar muito perto não, porque com ela dói...” (risos) Eu acho que é por aí.” (18/09/2003 – décimo segundo mês, linha: 326-336).

Embora Júnior demonstre comportamentos afetivos com Carla, esta se posiciona como uma ameaça e Júnior como temeroso. Seu tom elevado de voz, antes significado por Roberto e Graça como ansiogênico para Júnior, agora é assumido por Carla, onde esta se posiciona como preterida, por seus comportamentos serem pouco

afetivos e acolhedores. Seu abraço é significado como aperto, sua fala como grito e sua aproximação como dor.

Além da relação entre Carla e Júnior, procurei compreender os sentidos que Carla estava construindo sobre a relação do bebê com seus pais.

Rg: “E como ele é com o Roberto, com a Graça?

C: Hum, muito apegado. Muito, muito, muito. Só que ele tem esse negócio que eu estou te falando. **Tem hora que ele quer o Roberto, tem hora que ele quer ela.**

Rg: Que horas, assim, que você acha que ele quer mais um ou mais outro?

C: Ai, antigamente... (risos) Antigamente, não... **Até um tempinho atrás, eu achava que era assim: que na hora de... das necessidades físicas e biológicas ele queria ela; fora dessas necessidades, ele queria ele. Só que agora eu acho que não, eu acho que é conforme ele sente mais falta. Sabe? Por exemplo, eu acho assim, que se ele está mais tempo longe da Graça e mais com o Roberto, aí ele quer mais ela. E ao contrário, sabe? Se ele fica mais sem o Roberto, mais com a Graça, ele quer o Roberto.**

Rg: Que necessidades assim físicas e biológicas que você acha que...?

C: Ah, por exemplo, se ele faz cocô e quer trocar, ele sabe que é ela que vai trocar, ele quer ela. Se ele está precisando de banho... Não, hoje não, (risos), hoje banho ele já quer o Roberto. Porque ele quer banho toda hora, e a Graça não deixa, né, aí ele pede pro Roberto. Então, banho ele já está indo mais pro lado dele. **Mas até esse tempo que eu te falei que eu via assim, era hora de banho, hora de mamadeira, hora de sono, sabe, essas horas assim... A hora em que estava doente... Aí ele queria ela. E o Roberto não, o Roberto ele queria pra brincar, pra curtir, pra passear, em festas, essas coisas, ele queria o Roberto.”** (18/09/2003 – décimo segundo mês, linhas: 244-263).

Em seu discurso, Carla traz mudanças nas interações entre Júnior, Graça e Roberto. De início as relações eram mediadas por atividades específicas, sendo as necessidades físicas associadas ao campo interativo mãe-bebê e as demais atividades vinculadas as interações pai-bebê. Posteriormente, ela traz um novo sentido, a vinculação mediada por sentimentos de saudade, sendo a ausência da figura o fator de influência na aproximação de Júnior, independente da atividade. Graça e Roberto, antes posicionados com preferidos segundo suas ações específicas, agora ocupam lugar de destaque, conforme o tempo de ausência no contato com Júnior.

Em continuidade a nossa conversa, Carla trouxe a figura de Marta, a ex-babá de Júnior, estabelecendo comparações no contato do bebê com sua babá e sua mãe.

Rg: Teve uma época em que ele só comia com o Roberto, né?

C: É, então, agora ele já aceita a Graça. Depois que ele saiu daqui eu acho que mudou, que a Marta parou de ficar com ele, eu acho que ele mudou foi aí.

Rg: Ah, é?

C: Eu acho. Eu nem comentei isso com a Graça não, sabe. Mas eu acho que foi sim, porque ela também comenta que parece que ele está mais apegado nela depois que a Marta parou de cuidar dele. Que... Ele tava assim, eu acho que porque ele estava mais tempo com a Marta, e a Marta estava fazendo todas as necessidades que a Graça fazia, a Marta tava fazendo. Então eu acho que ele transferiu isso pra Graça, pra Marta, né? E agora, como a Marta não está mais com ele, aí está lá, tem as moças que faz, mas eu falo assim pelo fato de ambiente. De mudança de ambiente, ele já sabe que está indo lá para ser cuidado por alguém, que ele não está mais na casa dele. Eu acho que ele já tem essa percepção, sabe. Porque se a Graça leva, ele deixa a Graça lá, ele, a Graça deixa ele lá... A Graça deixa, e quando a Graça vai deixá-lo lá, e ele vê que a Graça está saindo, ele chora. E quando a Graça chega pra pegar, ele fica todo feliz, ri pra ela, né. E aqui não, ele chegava... “mamãe”, sabe, ficava feliz, mas ele já estava no ambiente dele, não tinha aquela necessidade de voltar pra casa. (18/09/2003 – décimo segundo mês, linhas: 264-280).

Ao retomar a questão de cuidados com necessidades básicas, como a alimentação, e Roberto desempenhando um papel até então atribuído à Graça, Carla traz a figura a ex-babá de Júnior, Marta. Neste momento, ela remete à comparações, através do seu discurso e da voz de Graça, onde Marta é posicionada como concorrente de Graça no afeto de Júnior. O fato de Júnior permanecer no contexto familiar, um lugar conhecido, é significado por Carla como um facilitador na relação entre ele e Marta. A babá é posicionada como ocupando o lugar da mãe no contexto familiar. No entanto, ao ser levado para a creche, onde há uma mudança de contexto, Carla destaca o ato de Graça deixar Júnior neste ambiente, não tão familiar, como importante para ele perceber a separação e o reencontro. Carla traz o contexto como um aspecto fundamental, circunscrevendo possibilidades relacionais no campo interativo de Marta e Graça com Júnior. O ambiente estranho remetaria a uma valorização da figura materna, enquanto o ambiente familiar favoreceria o contato entre Júnior e a babá.

Com relação à temática da adoção, Carla também trouxe o sentido da perda durante nossa conversa.

C: “... Acho que eu até já comentei com você que eu não via diferença entre uma criança adotada e uma criança biológica, que eu achava que a diferença era assim de adaptação. Agora, depois de tudo isso, (risos) das chamadas no Fórum, eu vi que tem essas diferenças por isso. Dá esse medo, sabe, de levar embora. Se bem que quando é biológico acontece outras coisas que deixam a gente com medo também, né, então, então eu acho que com o passar do tempo isso está, sabe, está sentindo assim mais a gente mesmo. Eu julgo isso pela última vez, que na segunda... Na primeira vez que a X (nome da assistente social) falou nem era nada com o Fórum, era por causa de você, logo que ela desligou o telefone ela explicou passô. Ai quando chamaram ela no Fórum aconteceu tudo isso, sabe, esse medo todo, porque teve dias, né, que teve dias pra gente pensar, saber, aquela apreensão mesmo, né, de saber o que estava por vir. Porque já tinha vencido o processo, né. O que a gente conhecia de adoção através do Fórum era através da Carmem, com ela não houve nada disso então nós ficamos meio assim.” (18/09/2003 – décimo segundo mês, linhas: 128-140).

Carla procura construir discursos diferentes entre “criança adotada” e “biológica”, atravessados pelo sentido da adaptação. No entanto, ela relata as intervenções de convocação do Fórum, ao longo do tempo, como experiências peculiares à vivência da adoção e que geralmente eram significadas como momentos de expectativas, quanto a permanência de Júnior em sua família adotiva. No momento seguinte, ela procura negociar este sentido, referindo a presença de experiências de temor da perda também com filho biológico. Neste processo de negociação, as atividades do Fórum retornam em seu discurso e Carla então relata sentimentos de apreensão por não saber o desfecho do processo de Júnior. Utiliza-se da experiência de Carmem como referência, para dar sentido a sua própria experiência, mas, ao se deparar com realidades diferentes no processo de adoção, sentidos de apreensão emergem *“O que a gente conhecia de adoção através do Fórum era através da Carmem, com ela não houve nada disso então nós ficamos meio assim.”*

Neste segundo momento de conversa com Carla, sentidos de preterida construídos na relação entre ela e Júnior permaneceram, ora atravessados pelas suas características pessoais de falar alto e significados com algo desconfortável, ora pela valorização de relações mediadas pelo cuidado, sendo as situações interativas de ambos atravessadas pelo brincar, significadas como menos importantes. Carla trouxe

novos sentidos para a relação de Júnior com Graça e com Roberto. Antes situações interativas entre Júnior e Roberto eram atravessadas pelo lúdico e as com Graça pelo cuidado e proteção. Agora surge a dimensão da saudade, onde Júnior aproxima-se daquele que está a mais tempo sem contato. Também remete à figura da babá, comparando a relação de Júnior com ela e com sua mãe, que é posicionada como preterida. Em relação especificamente à temática da adoção, Carla procurou negociar sentidos diferentes entre crianças adotivas e não adotivas, atravessado pelo temor da perda. No entanto tal sentido não se sustentou, pois em ambos ela propôs a experiência destes sentimentos.

5.5.4. Relação babá-bebê: décimo segundo mês.

Júnior ficou sob os cuidados de Marta durante aproximadamente cinco meses. Meu contato com Marta restringiu-se a um dia de visita, em que ela já estava ao final do seu turno de trabalho, e ao dia da nossa entrevista. Como colocado anteriormente, nossa entrevista foi atravessada por vários momentos de silêncio de Marta, que parecia apreensiva.

Ao lhe perguntar sobre seu primeiro contato com Júnior, esta o referiu como afetivo, sem estranhamentos e conflitos.

Rg: E como foi, logo no início, quando você chegou, como ele era com você?

M: O Juninho?

Rg: É.

M: Hum, deixa eu lembrá... (risos) Ah, ele era pequeninim, né. **Ele gostava muito de mim. Assim... Ah, ele nunca me estranhô quando eu vinha olhá ele...** (silêncio longo) (05/09/2003 – décimo segundo mês, linha: 37-45).

Marta, desde o primeiro momento, posiciona-se como querida por Júnior, onde ela recorta o comportamento de não estranhamento deste significando-o como um indicador de aceitação.

Posteriormente, quando lhe perguntei se houve mudanças no comportamento

de Júnior, ela relatou:

Rg: E você acha que ele mudou o jeitinho dele com você de quando você chegou pra depois?
 M: **Ele mudo. Mudo. Eu acho que mudo. Ele... Nossa, ele não ficava quieto, a gente pegava ele no colo, ele ficava pulano, bateno os braços, nem sei como ele fazia. E, depois que passei a cuida dele, parece que ele assim, acalmo, viro um menino assim, calmo. A gente pegava ele no colo, ele ficava quietinho. E antes d’eu olha ele, nossa, ele era muito agitado. Agitado demais. (05/09/2003 – décimo segundo mês, linha: 130-135).**

No campo interativo estabelecido entre Marta e Júnior, ela o posiciona como agitado necessitando de cuidados e calma e se posiciona como cuidadora. Neste momento, dentre os vários sentidos possíveis para os comportamentos de agitação de Júnior, inclusive o de estranhamento no contato com ela, Marta os significa como uma característica pessoal de Júnior, desconsiderando o interação estabelecida entre ambos.

Ao procurar compreender os sentidos que Marta atribuía à relação de Roberto e Graça com Júnior, Marta relatou:

Rg: Você percebe se é diferente o jeito do Júnior com a Graça e o jeito do Júnior com o Roberto?

M: É.

Rg: É? Como ele reage?

M: Ah, eu não sei. Quando é.. o... Quando ele (inaudível), é totalmente diferente com o Roberto, totalmente. **Quando ele vê o Roberto, ele nem quer saber da Graça, ele só quer ficar com o Roberto. Não sei se você percebeu. Pode notar que, quando o Roberto chega, ele corre pro Roberto. E a Graça vai pegar... Ele não qué . Ele não qué.**

Rg: Você acha que ele é mais ligado no Roberto?

M: Mais ligado no Roberto.

Rg: Você acha que o Roberto é diferente com ele, o jeito que é o Roberto, o jeito que é a Graça? Eles são diferentes com ele?

M: Ah, eu... **Totalmente assim, na fami... entre um casal, tem um diferente, né, com a criança. Um tem que ser mais bravo, né. Porque um adula, o outro tem que ser mais... né. Porque a mãe convivi com os filhos, ela sabe, né, se o que o filho faz e o que o filho não faz. Ele não, ele não convive com ele... Pra ele, tudo é festa. Pra ela não. Ela tem trabalho de cuidar dele, né. É igual um pouco comigo. Comigo ele não dava trabalho.**

Rg: Não?

M: E a **Graça fala que com ela dá trabalho. Que ele mexe nas coisas, que ela falava pra ele não mexer, que ele mexe. E comigo, não.** Eu estava aqui com ele. Estava a televisão ligada, ele ia, apertava. Eu falava: “Juninho, não mexe!”. **Ele saía, ele não mexia.** Se ele fosse pegar... Tinha boneca... Ó, o que tinha aqui ela pegou e pôs lá em cima. Tinha boneca aqui... “Não mexe!”, ele não mexia. E com ela, “Não mexe!”, ele mexia, ele pegava. Do jeito que ela conta... Ela fala, fala, dá na mesma. Comigo ele não mexe, não mexia.”(05/09/2003 – décimo segundo mês, linha: 176-201).

Marta traz a figura de Roberto como preferida por Júnior, onde o pai é posicionado como afetivo, o que “*adula*”, enquanto à mãe é atribuído o papel de cuidadora e “*brava*”, necessitando ocupar tal posição como um contraponto na relação do casal com o bebê. Ela associa o comportamento enérgico de Graça ao fato do trabalho de se cuidar de um bebê. Possivelmente como forma de amenizar sua crítica frente à Graça. No entanto, em seguida, ela não sustenta sua associação de cuidado com trabalho e uso da severidade, trazendo sua relação como modelo, posicionando Júnior como obediente à ela e desobediente à Graça. Ela estabelece comparações com Graça, cuja relação com Júnior é compreendida como atravessada pelo limite mais severo, enquanto a sua teria um sentido mais positivo.

Na seqüência de nossa conversa, Marta falou claramente da preferência de Júnior por ela.

Rg: E, assim, quando você chegava, qual era a reação dele? O comportamento dele, quando você chegava?

M: Ah, ele estava dormindo...

Rg: Estava dormindo?

M: Estava dormindo...

Rg: E na hora de você ir embora?

M: Ah, na hora de eu ir embora? **Eu falava “Tchau!” e ele ficava doidinho, querendo ir comigo. Aí precisava... a Graça sair com ele atrás de mim pra eu ir embora. E ele queria ir comigo. Não queria ficá com ela. Queria i comigo. E chorava, chorava mesmo... Pra poder ir comigo.**

Rg: **Ele sempre foi assim desde o início, ou não?**

M: **Sempre, sempre...** (silêncio) (05/09/2003 – décimo segundo mês, linha: 276- 287).

Marta recorta o choro de Júnior e sua recusa em se afastar dela, mesmo na presença da mãe, como indicadores de sua preferência por ela, relegando a figura de Graça. Ao lhe perguntar se sempre foi assim ou não, Marta traz a concepção de um vínculo imediato, desprovido de uma história. No contato com Júnior, Marta parece atribuir uma concepção naturalizada do vínculo, desconsiderando a construção e o processo ao longo do tempo.

Em seu diário, Graça trouxe seu temor pela relação entre Júnior e Marta.

“A tata (Tatiana) diz que hoje quanto a Marta foi embora voce começou a chorar por causa dela. Filho voce pode gostar de quem voce quiz mais não me troque nunca. Já comecei a ficar com ciúmes dela. Amo voce”. (sic) (08/04/2003 – diário de Graça).

Em visita realizada, foi possível observar uma situação de interação entre Marta e Júnior onde foram negociadas posições atravessadas pela temática do limite:

“Na cozinha, começamos a conversar e perguntei há quanto tempo ela cuidava dele. Ela me disse que há 6 meses, mas que sairia porque o pai estava doente e ela precisa cuidar dele. Comentou que quando disse isso para Graça, Júnior ficou olhando atento à conversa e quando ela parou de falar “ele começou a falar, do jeito enrolado dele, olhando para as duas e com os olhos cheios de lágrimas”. Marta disse que embora ele não fale ainda, ele entende tudo que acontece. Neste momento Júnior começou a abrir as portas do armário. Marta disse: “Não Juninho” com voz suave e fechou a porta.. Ele foi para outra porta e abriu. Ela tornou a dizer “Não Juninho” e fechou. Ela deu a ele um bolacha e ele pegou, ficou olhando para ela e saiu de perto do armário. Marta disse: “Ele me respeita, quando eu falo não, ele pára. Já a Graça, ela fala, repete e ele continua”. (22/08/2003 – notas de campo).

No contato com Júnior, Marta parece delicada, com tom baixo de voz ao falar com ele. Em uma situação de proibição, Marta inicialmente fala “*não*”, porém sem sucesso. Posteriormente ela tenta negociar com Júnior o não abrir a porta do armário, através da barganha, dando-lhe uma bolacha, que é aceita por Júnior que pára de mexer no armário. Em seguida, Marta ressalta situações onde Graça procura dar limites a Júnior, porém este não aceita, marcando a diferença de relação dele com ambas.

Embora Marta não tenha feito referências explícitas à temática da adoção, durante nossa entrevista chamou minha atenção sua postura apreensiva, sempre muito pensativa e chegando a verbalizar que estava pensando várias coisas sobre Júnior, mas que preferia não falar. Neste mesmo dia, após a entrevista com Marta, Graça me perguntou se realmente meu trabalho não tinha relação alguma com o Fórum. Achei estranha sua pergunta e voltei a explicar-lhe sobre o grupo de pesquisa (GIAAA – CINDEDI) e que nossas atividades eram independentes do trabalho do Fórum. Perguntei-lhe o porquê da dúvida, neste momento, após quase um ano de

acompanhamento. Ela explicou-me que foi convocada para uma entrevista no Fórum. Nesta a assistente social lhe perguntou sobre Marta e sobre meu trabalho e se ela estava incomodada com minhas visitas. Coincidentemente, no dia seguinte, eu telefonei pedindo para marcar a entrevista com Marta. Ela, então, fez uma associação entre o interesse da assistente social do Fórum e meu telefonema. Ao conversar com sua irmã Carla sobre o fato, levantaram a hipótese de que eu poderia estar fazendo este trabalho para o Fórum, no sentido de avaliar a adaptação de Júnior na família adotiva, “*se estava indo tudo certo*”. Diante disso, fiquei pensando na possibilidade de Graça ter conversado com Marta, antes de nossa entrevista, e que então ela poderia ter ficado apreensiva com o que poderia dizer, temendo uma possível intervenção do Fórum.

Neste segundo momento, Marta apresentou-se no discurso de todos os participantes como figura importante para Júnior. No contato com Júnior, Marta construiu sentidos de afinidade imediata, estabelecendo-se situações de rivalização entre ela e Graça, em que Marta se posicionou como preferida pelo bebê.

5.5.5. Visita do décimo segundo mês.

Meu último contato formal com a família de Júnior foi no 12º mês de visita. Digo formal pois, posteriormente, fiz várias visitas a convite de Graça para, segundo ela, “*matar as saudades*”.

Neste dia estávamos eu, Roberto, Graça e Júnior, conversamos sobre vários temas, destacando-se as relações de Júnior com Graça e Roberto.

G: Ah, Regina, antes ele me procurava por necessidade. Porque tinha a Marta com ele, eu acho que ele estava vendo na Marta mãe.

Rg: Hum?

G: Porque eu chegava tarde, né. Por mais que eu ficava com ele, eu ia brincá com ele, ele não tinha manifestação de carinho, não. Ele tinha com o Roberto, comigo não.

Rg: O que ele fazia com o Roberto?

G: Ah, às vezes ele ia, deitava no colo dele, dizia: “Papai! Papai!”. (23/09/2003 - visita do décimo segundo mês, linhas: 549-555).

Graça relata diferenças no comportamento de Júnior com ela, após a saída de Marta, a babá. No campo estabelecido entre Graça, Júnior e Marta, Graça posiciona Júnior como aquele que a procura apenas para sanar suas necessidades, enquanto Marta é posicionada como a “mãe”, que vivência uma relação carinhosa com o bebê. Graça atribui a relação de Júnior com Roberto e com Marta o significado de uma relação mediada por manifestações de carinho, enquanto sua relação com Júnior é atravessada pelo sentido da “*necessidade*” e não do afeto. Ela procura atribuir à restrição de tempo entre ela e Júnior a possível causa para tal diferença na relação de ambos, em comparação à de Júnior com Marta, que ficava como bebê durante o dia todo. Embora Roberto estivesse presente fisicamente no momento de nossa conversa e também no discurso de Graça, ele não fez qualquer referência a questão conversada, colocando-se em uma posição de observador, daquele que procura não opinar sobre o tema.

A título de ilustração, a gravação desta última visita retrata, alguns momentos interativos entre Júnior Roberto e Graça, e a maior afinidade de Júnior com seu pai.

Na cozinha, Roberto brinca com Júnior enquanto Graça permanece observando. Roberto coloca Júnior dentro de um tambor. Júnior bate a boca na borda do tambor Graça diz: “Ai, bateu a boca” e Júnior resmunga. Roberto pega Júnior no colo e passa a mão na boca do bebê. Júnior pára de resmunga. Roberto coloca Júnior no chão e se afasta. Júnior com os braços esticado na direção de Roberto o segue resmungando. Graça diz: “Vem com a mamãe, vem, vem com a mamãe.” Roberto anda ao redor da mesa da cozinha e Júnior o segue resmungando. Roberto pára e fala com Júnior (inaudível). Graça diz: “Pára de fazer o menino chorar”. Júnior aproxima-se de Roberto e resmungando diz: Mãeeeeee. Roberto diz: Mãe é aquela lá” e aponta na direção de Graça, que se encontra próxima a Roberto e Júnior, encostada na pia, Júnior diz: “Baaaaae”. Roberto pega Júnior no colo, o bebê fica quieto. Graça com o rosto sério diz: “Vem com a mamãe, vem”. Júnior resmunga arranha seu rosto e se inclina na direção do tambor. Roberto fala (inaudível) anda na direção do tambor e diz: “Quer de novo?” e coloca Júnior dentro do tambor. Júnior resmunga e agarra-se na perna de Roberto. Roberto empurra o tambor com Júnior dentro e o bebê sorri olhando em direção ao rosto de Roberto. (23/09/2003 –gravação do décimo segundo mês).

Em outro momento, emerge a temática da relação de Júnior com as outras pessoas presentes em seu cotidiano, mais especificamente envolvendo Carmem e Tiago. Roberto incluiu-se na produção discursiva estabelecida entre mim e Graça.

G: **Aí ela brinca com ele, dá umas coisas no chão, dá bronca, igual eu sempre fiz com o Tiago. Mando o Tiago dar as coisas, pro Juninho, falo pra ele: “Dá pra ele porque ele é pequenininho...”. Mas no começo ela ficou enciumada.**

Rg: **A Carmem?**

G: **É, fugiu daqui. Tento em tirar o Tiago, mas era ela quem estava com ciúme. Ficou falando que o moleque tinha que ir pra escola. (pausa) Aí nós não tomamos muito conhecimento, continuamos tratando o Tiago do mesmo jeito, aí passou.**

R: **Porque eu acho que... Acho que ele falou, o Juninho chegou não precisa eu mudar o jeito com o Tiago. Não tem nada a ver, né?. O Tiago, quando o Tiago veio, ele nem sonhava que o Juninho ia chegar. Mas aí foi crescendo, eu faço pra ele as mesmas coisas que eu faço pro Juninho. Ele vinha em casa, deixava mexer, não achava ruim. Põe ele no carro, ele mexe no carro, é a mesma coisa. Aí, então pra que vou mudá com o moleque, uai? Só por causa que o Juninho chegou? Eu vou falando, vai fazer as coisas pro Juninho, e fazer pro Tiago. Se der pra fazer pro Juninho e pro Tiago eu faço.**

G: **O Tiago com o Juninho tem uma diferença, até hoje. O Tiago, mesmo o Roberto falando se pode mexer que o Roberto deixa, se eu ou a Carmem falasse para ele: “Não!”, ele não mexia. O Juninho não espera nem falar que pode. Aonde é que ele leva mais bronca. (23/09/2003 visita do décimo segundo mês, linhas: 745-761)**

A presença de Júnior reconfigura as relações entre Roberto, Graça, Carmem e Tiago. No campo interativo estabelecido entre Graça, Júnior e Tiago, Júnior é posicionado como privilegiado *“Dá pra ele porque ele é pequenininho...”* e Tiago é posicionado com aquele que deve abrir mão dos brinquedos. Segundo Graça, esta nova dinâmica interativa suscitou sentimentos de ciúmes em Carmem, que afastou-se do contato com sua família. Roberto procura estabelecer uma relação com Tiago e Júnior de forma a não privilegiar Júnior, procurando manter sua relação com Tiago semelhante ao que era antes da chegada do bebê *“Aí, então pra que vou mudá com o moleque, uai? Só por causa que o Juninho chegou?”*.

Em relação à adoção, a temática emergiu a partir de uma questão que lancei sobre o cadastro e o desejo de adotar um bebê.

R: **Nós queríamos uma criança pequenininha para nós criarmos do nosso jeito. Uma criança de três anos? Você vê, o Tiago está com três anos, né. Se ele vir, vai demorar mais pra entrar no nosso ritmo. E nós entrar no ritmo dele também.** Mas, assim, sobre a idade,

não é assim que a gente não quer pegar uma criança grande. Eu acho que pegar uma criança com um mês, dois meses, recém nascido eu acho que é mais fácil pra gente, né?

Rg: Mais fácil como assim, Roberto?

R: Mais fácil pra gente já i criando, dá a educação da gente, né? O Juninho tem três meses e eu já acho que ele está sendo assim, já tá criando do nosso jeito, né ?.

G: Pra estragar, né? Aos três anos já vem estragado._(23/09/2003 visita do décimo segundo mês, linhas: 198-206)

Roberto traz o sentido da adoção tardia como promotora de maiores dificuldades de adaptação “*entrar no ritmo*”. O desejo de adotar um bebê, pela possibilidade de educá-lo de forma a desenvolver os valores que circulam no contexto da família adotiva “*educação da gente*”, tendo como fundo o sentido de que filho tem que ser igual aos pais. Graça traz de forma mais explícita as dificuldades em educar uma criança, que também pode ser “*estragada*” pela família adotiva, enquanto uma criança mais velha “*aos três anos já vem estragado*”, ou seja, apresentando comportamentos que desagradam a família.

Posteriormente, Graça contou que ela, Roberto, Carla e Júnior foram até o abrigo em que Júnior esteve, para que as funcionárias o vissem. Chegando lá, entrou em contato com uma menina mais velha e comentou sobre sua experiência, trazendo a questão da adoção tardia.

G: Ela veio com tudo, eu falei: “Solta! Coisa feia!”. Falei: “Que coisa mais feia, você é tão bonita e fica fazendo coisa feia!”. Parou. Fico assim me olhando. Falei: “Você é muito bonita pra fazer isso”. Subindo em cima da mesa, as tias falando, e ela pulando... Nossa, aquela parece que tem dez dentro dela. Ai a Carla falou que se ela pudesse, ela adotaria aquela. Eu falei: “Essa em dois dias eu devolvo ela, em dois dias!”.

R: É louca...

G: Pra ficar com ela, tem que ser uma pessoa com punho forte mesmo. Não bater, porque eu acho que bater não educa ninguém. Ser bem enérgica com ela, sabe? Por limite mesmo, porque não tem limite, não tem nada aquela menina, um pingo de educação._(23/09/2003 visita do décimo segundo mês, linhas: 319-329).

Graça comenta sua experiência com uma criança mais velha abrigada, posicionando a menina como sem educação, por não acatar de imediato o que os adultos dizem ,e posicionando-se como alguém que não aceitaria construir uma relação com uma criança com estas características “*Essa em dois dias eu devolvo ela,*

em dois dias!. Graça posiciona-se como sem habilidades para se relacionar com uma criança que demandaria maior atenção *“Pra ficar com ela, tem que ser uma pessoa com punho forte mesmo”*.

Em meio a nossa conversa, perguntei a Graça sobre seu questionamento de que criança adotiva poderia trazer uma “revolta”, lançado a mim em minha primeira visita:

G: É que me falaram que a criança adotada já vem com uma revolta.

Rg: O que você acha agora...

G: Hoje eu acho que não!

Rg: ... depois de um ano do Júnior aqui com vocês?

G: Hoje eu acho que não! Acho que não, porque senão ele já teria manifestado alguma coisa. E eu não acho ele diferente porque ele é adotado, diferente das outras crianças. Eu acho ele mais inteligente, eu gosto às vezes. As gracinhas que ele faz é mais bonitinhas que as outras crianças... Mas eu não acho que ele é diferente das outras crianças. Igual os meus sobrinhos, que é filhos biológicos da Carla, dos meus irmãos. Eu não acho que ele é diferente porque ele é adotado, não. Ele é mais manhoso, mas culpa minha e do Roberto, porque mima mais.. Batendo, não deixando tudo... Mas isso tanto faz ele ser adotado ou não, o nosso filho ia ser isso aí. (silêncio) Outro dia... o que foi? Ah, acho que foi... **Eu estava cantando pra Carmem dele, do dia em que ele me abraçou ali no chão. Aí ela falou pra mim assim: “A gente não quer que seja diferente criança adotada, mais é”. Eu falei: “Por que?” “Porque criança adotada, ela é mais carinhosa”. Aí eu falei: “Então, na minha família todo mundo é carinhoso, todo mundo é adotado!”.** Porque todo mundo chama, de nós, os filhos e a mãe, fala assim: “Esse é filho da Judite”, porque a mãe mimou demais. Não, minha mãe fala assim pra mim até hoje. (inaudível). **Então, eu acho que isso veio da minha mãe, que nós passamos para os nossos filhos.** (23/09/2003 visita do décimo segundo mês, linhas: 819-832).

Graça procura posicionar Júnior como igual aos seus sobrinhos que não são adotivos, no entanto em seu discurso ela atribui a Júnior uma diferença, o de ser mais inteligente. Nesse momento, a tentativa de colocar Júnior em um lugar de igualdade com seus primos surge com o sentido de procurar não desqualificá-lo, pois para Graça criança adotiva é sinônimo de *“revoltada”*. Graça traz à tona a discussão de alguns comportamentos como característicos de criança adotiva, ou como fruto da relação com a família. Ao relatar um momento em que Júnior foi carinhoso com ela, Graça traz a voz de Carmem significando tal comportamento com característico de criança adotiva *“A gente não quer que seja diferente criança adotada, mais é”. Eu falei:*

“Por que?” “Porque criança adotada, ela é mais carinhosa”. Graça procura negociar tal sentido, questionando a lógica de Carmem, onde toda sua família seria de pessoas adotivas, pois todos eram carinhosos. Ela traz a importância da relação estabelecida entre mãe-filho, na construção de uma relação atravessada por manifestações de carinho “Então, eu acho que isso veio da minha mãe, que nós passamos para os nossos filhos.”.

Em meio a nossa conversa, tendo o tema da adoção ora como fundo e ora como figura, Roberto relatou a convocação do Fórum emergindo questões ligadas ao medo da perda.

R: Eu achei que eles tinha chamado lá pra pegar o registro. Enquanto não pegar o registro não está sossegado, né?

G: Ela que me falou, que tinha um outro promotor criando caso. Porque acho que já foi complicado procurando pela mãe, foi a oficial duas ou três vezes.

Rg: Vocês estão falando do negócio do registro... O que pra vocês, assim, teria importância o registro?

G: Pra mim hoje nenhuma. A única coisa é que vai tirar o nome dela. Porque ele continua sendo chamado pelo nome dela no posto de saúde. No convênio não, no convênio já é o nome dele. Mas vacina, eu só levo ele pra tomar vacina no posto. Porque isso eu tenho que (inaudível), de chamar e falar, porque (inaudível) pode falar que o registro é falso. Se for falso, quem deu esse nome sabe que deu um nome falso, não sabe? É disso que eu tenho medo. De falar o nome, e a pessoa que deu o nome falso vai saber que é ela, saber dele. E querer ver ele, eu não vou deixar.

Rg: Por que você não deixaria?

G: Ah, não, (inaudível) dela comigo eu não quero não. Só depois dele adulto, ele resolver... depende dele. Mas ele pequenininho agora, não. (23/09/2003 visita do décimo segundo mês, linhas: 906-925).

Roberto refere o desejo de ter a adoção de Júnior concluída com o registro definitivo para se sentir “*sossegado*”. Graça remete ao medo de que a mãe biológica de Júnior possa querer vê-lo. Neste momento, ela atribui à figura da mãe biológica o sentido de ameaça, pois sua presença significaria a perda de Júnior por este ser ainda pequeno e não ter livre arbítrio. Ao dizer “*dela comigo eu não quero*”, Graça demonstra seu desejo de não ter qualquer contato com a mãe biológica do bebê e que

a aproximação desta com ele só se daria motivada por Júnior: *“Só depois dele adulto, ele resolver... depende dele.”*

Procurei, a partir dos recortes apresentados das produções dos vários participantes, apresentar uma visão geral dos campos interativos estabelecidos entre as pessoas e destas com o bebê e os sentidos de relação afetiva e adoção construídos em cada momento. Cabe ressaltar que, tais recortes nos possibilitam uma compreensão das relações estabelecidas, situadas em momentos específicos, em que emergiam alguns sentidos, sendo alguns preservados enquanto novos foram construídos, ao longo do tempo. Por meio deste material, passaremos a uma reflexão sobre a construção das relações afetivas e a vivência da adoção na família no primeiro ano de chegada do bebê.

6. Algumas reflexões sobre o primeiro ano de chegada do bebê em sua família adotiva.

A partir do acompanhamento de Júnior e sua família, alguns aspectos se impuseram dentro da dinâmica estabelecida entre eles, assim como deles comigo como pesquisadora, configurando determinados caminhos de relações afetivas. A minha influência como pesquisadora, o caráter construído das relações, a condição da vivência de adoção e a importância de trabalhos de intervenção no campo da adoção, nos pareceram bastante relevantes e passarão a fazer parte da nossa reflexão, na tentativa de ampliar nossa compreensão sobre a chegada de um bebê em uma família adotiva, em situação de guarda provisória, e a construção das relações afetivas neste contexto.

6.1. A relação pesquisador-fenômeno estudado

Ao me posicionar como pesquisadora com um objetivo específico, o de compreender as relações afetivas desenvolvidas entre o bebê e as pessoas presentes no contexto, cada participante, possivelmente, passou a olhar para a sua relação e a dos demais com maior atenção para posteriormente relatá-las durante minhas visitas e entrevistas. Assim, os recortes apresentados encontraram-se circunscritos ao que pude apreender durante minhas visitas, ou seja, a momentos específicos a partir do contato com cada participante. Nestes momentos, a atenção despendida pelos participantes mostrou-se atravessada por aspectos pessoais e discursos sobre adoção, maternidade, paternidade e questões de gênero. Nas visitas, no período inicial de chegada de Júnior, não havia espaço para conflitos e questionamentos, principalmente na relação dele

com Graça, já entre ele e sua tia e seu pai surgiram relatos de estranhamento, até mesmo como forma de reassegurar a afinidade na relação mãe-bebê. Desta forma, nos primeiros meses de chegada de Júnior, no contato comigo, os participantes buscavam construir apenas sentidos positivos na relação entre Graça e Júnior, procurando reafirmar a adaptação dele.

Cabe lembrar que os profissionais do Fórum mediarão meu contato com a família, que estava apenas com a guarda provisória do bebê e não com a adoção concluída. Embora eu tenha esclarecido, desde o início, minha autonomia junto ao trabalho da equipe psicossocial, o temor de que minha presença poderia ter um sentido avaliativo, influenciando na decisão do Fórum em concluir a adoção, apresentou-se em alguns momentos na família. Na condição de pesquisadora, em algumas situações, era preciso redimensionar os objetivos do trabalho, na tentativa de negociar o lugar de avaliadora a mim atribuído. Assim, é possível que, ora a família procurasse não relatar suas vivências de angústia relacionadas à adoção, provavelmente pelo temor de que seus relatos pudessem interferir na conclusão da mesma; ora procurasse se assegurar da permanência do bebê na relação comigo, como pesquisadora, atribuindo-me o lugar de representante do Fórum com uma função de fiscalizar as condições da família em ficar com o bebê e de um saber sobre a qualidade da relação família-bebê.

Abordar, neste primeiro momento, os conflitos adaptativos e temores frente a adoção pareceram associados à possibilidade da devolução do bebê, já que a família encontrava-se apenas com a guarda provisória. No aqui-agora das situações, as várias dimensões temporais atravessaram as relações estabelecidas. Experiências prévias com a equipe do Fórum, em que o período anterior à conclusão da adoção era significado como um período de adaptação; os discursos construídos ao longo da história de valorização da figura materna no desenvolvimento do bebê e de qualidade

de relação associada à ausência de conflitos e angústia; e as expectativas de permanência ou não de Júnior a partir das experiências vivenciadas, apresentaram-se de forma à família construir relatos de adaptação imediata entre Júnior e sua mãe adotiva, trazendo em seus discursos poucos momentos de angústia frente à adoção. Sabe-se que, durante o período de guarda provisória, a equipe psicossocial tem como umas das atividades a de avaliação das condições da família, havendo a possibilidade de retirada da criança da família adotiva, caso o ambiente e as relações constituídas entre ambos mostrem-se desfavoráveis ao desenvolvimento dessa (Paiva, 2004). Assim, dentre as várias possibilidades de valorização de alguma figura para reassegurar a adaptação do bebê na família, a figura da mãe foi destacada em detrimento de outras. Tal fenômeno evidencia os aspectos da matriz sócio-histórica que trazem a figura da mãe como principal responsável nos cuidados do bebê e no desenvolvimento saudável deste, circunscrevendo a relação afetiva à díade mãe-bebê, marcada por um discurso biológico (Badinter, 1985; Bowlby, 2002; Brazelton, 1988; Gosselin, 2000; Klaus; Kennell, 1992; Klaus; Kennell; Klaus, 2000; Spitz, 1998). A figura materna também é focada no campo da adoção, em que a maioria dos estudos, cujo objetivo é a investigação dos vínculos afetivos desenvolvidos entre a criança e a família, enfatiza essa figura, muitas vezes desconsiderando as outras pessoas presentes no contexto da criança. Mesmo quando o foco não é a mãe, as estratégias de pesquisa, utilizando-se metodologias baseadas na Teoria do Apego, acabam trazendo a figura da mãe de forma indireta em virtude da ênfase dada a esta para a qualidade do apego desenvolvido pela criança (Berthoud, 1997; Chishom, 1998; Espinoza; Yuraszeck; Salas, 2004; Hoksbergen; Juffer; Walraven; Kohnstamm, 1997; O'Connor; Marvin; Rutter; Obick; Britner, 2003; Stams; Juffer; Van Ijzendoorn, 2002; Stovall; Dozier, 2000).

Outro ponto diz respeito à construção de discursos, dentro da família, de parcerias privilegiadas e preteridas pelo bebê. Cabe aqui um questionamento do quanto o foco do trabalho, em que procurei compreender a forma como as relações afetivas entre o bebê e as pessoas estavam se estabelecendo, mostrou-se como um forte circunscritor delimitando os sentidos construídos pelos participantes a partir da comparação. Chama a atenção o fato de que apenas uma pergunta da entrevista, realizada com os pais no segundo mês, referia-se especificamente a possíveis preferências do bebê, sendo que as demais intervenções, ao longo do tempo, não apresentaram este caráter diretivo. Contudo, no momento em que a família passou a observar as relações ali configuradas, as possíveis afinidades do bebê passaram a fazer parte de um discurso partilhado por todos. Em alguns momentos, quando eu perguntava sobre as demais relações do bebê, sob o ponto de vista do entrevistado, este estabelecia comparações a partir da sua própria experiência. Poderíamos pensar o quanto que falar de relações afetivas implica em, indiretamente, destacar parcerias privilegiadas ou não, pois, independente de ser situações de adoção, ou relação pai-filhos, em qualquer relação afetiva, há uma tendência a se construir sentidos de afinidade e uma tendência a manutenção de uma proximidade física. Entre as pessoas acompanhadas, falar das relações afetivas implicava em ter outra relação como referencial, ou seja, pensar sobre os lugares ocupados pela dupla, no momento interativo, e o sentido de relação afetiva construído naquele momento, levava-as a se remeterem aos lugares ocupados por cada um da dupla em outras relações, com outras pessoas e os respectivos sentidos construídos. Não é incomum vermos amigos, casais, mães com filhos ou pais com filhos que procuram estar juntos partilhando atividades e que tal afinidade é ressaltada a partir da comparação com outras relações. A título de

ilustração¹¹ em revista de circulação nacional, uma mãe trouxe sua angústia por ter uma relação mais próxima com um dos filhos, enquanto os demais queixavam-se desta diferença reivindicando uma relação igual.

Sob a perspectiva de que o pesquisador participa de todo o processo da pesquisa, pensar a produção apresentada no presente trabalho, significa considerar minha rede de significações, em dinâmica constituição, a partir dos meus contatos pessoais e profissionais (Fórum, GIAAA-CINDEDI), influenciando a forma como organizei a introdução teórica, a produção do material dentro da relação estabelecida com vários participantes, a delimitação do corpus, a análise do material e os pontos destacados para a discussão a serem abordados.

6.2. O caráter construído das relações

Durante o primeiro ano de Júnior, as relações foram se constituindo a partir de uma trama relacional envolvendo as diversas pessoas presentes no contexto do bebê. Refletir sobre o caráter construído das relações afetivas implica em atentarmos para os aspectos culturais, a pluralidade discursiva presentes na matriz sócio-histórica e a forma como estes se concretizam no aqui-agora das situações, construindo-se vários sentidos de relação afetiva, por meio dos aspectos pessoais de cada parceiro no campo interativo. Assim, a relação afetiva se constrói na trama das relações, em que as habilidades e o momento de desenvolvimento da criança influenciam o outro, assim como toda a trama relacional, atravessada pela matriz sócio-histórica, que constitui os lugares ocupados por cada pessoa no campo interativo.

A condição inicial de fragilidade e dependência de Júnior, em virtude do seu momento de desenvolvimento, circunscreveram inicialmente relações baseadas

¹¹ Revista Claudia, nº 10 ano 44. Seção: Família e Filhos, artigo: Dilema de mãe: O filho preferido.

principalmente no cuidado. Aspectos da matriz sócio-histórica, em que os cuidados apresentam-se associados à figura feminina, organizaram os lugares possíveis a serem ocupados por cada pessoa nos contextos interativos, situados naquele momento. Entre as mulheres (mãe, tia, babá) tal condição possibilitou movimentos de maior aproximação com o bebê significados como uma afinidade imediata. Implícita a essa construção discursiva é possível identificar uma concepção essencialista. O Essencialismo confere ao homem uma essência, um *a priori*, uma constância e universalidade do comportamento, independente do momento histórico e aspectos sócio-culturais. As teorias evolucionárias respaldam esta noção de universalidade e determinação genética ao fenômeno humano (DeLamater e Hyde, 1998). Desta forma, a mulher seria provida de um instinto materno que possibilitaria esta aproximação imediata com o bebê (Badinter, 1985). O vínculo entre mãe-bebê e a situação da maternidade passam a ser vistas, sob a ótica do essencialismo, como naturais, biologicamente determinadas, bem como, a distinção entre o feminino e masculino. Tal concepção presente na matriz sócio-histórica atravessa as relações cotidianas em que a visão popular concebe o vínculo como fruto de uma condição natural/hormonal da mulher que possibilitaria um “apaixonamento” imediato pelo filho (Brodzinsky; Schechter; Henig, 1993).

Num segundo momento, a maior autonomia do bebê, em termos de locomoção e exploração do ambiente, pareceu delimitar situações de maior confronto com sua mãe; enquanto na relação com seu pai, a idade de Júnior e a igualdade sexual, surgiram como facilitadores, estimulando situações de maior aproximação pela identificação desse com o bebê. Num jogo de figura-fundo, o confronto mãe-bebê e aproximação pai-bebê mostraram-se, em algumas situações, atravessados por questões ligadas às práticas educativas. Discursos sobre cuidados e educação associados à

figura feminina também atravessaram as relações, sendo atribuídos à e assumidos pela mãe na relação com seu filho. Graça posicionava-se como a educadora, que atrelada as suas características pessoais de maior controle, estabelecia, em alguns momentos, relações com Júnior circunscritas a práticas educativas mais rigorosas. A diminuição da afinidade do bebê por ela foi significada a partir desta dinâmica. Já Roberto ocupava o lugar de parceiro de brincadeiras e negligente quanto a educação e colocação de limites em Júnior e tal fato era significado como facilitador da afinidade do bebê por ele. Estabeleceu-se entre Graça e Marta (babá) uma relação de rivalização, pois a relação entre Marta e Júnior era significada como uma relação carinhosa, apesar desta também assumir o papel de educadora, em algumas situações.

Sob esta perspectiva, dois pontos são importantes de serem ressaltados, os aspectos culturais presentes nos discursos sobre cuidado e educação associados à figura feminina e as características pessoais possibilitando a construção de formas interativas variadas, a partir desses discursos.

Ao longo da história, a mulher foi assumindo diversas responsabilidades como mãe, desde os cuidados com as necessidades básicas do filho como higiene e alimentação, até a educação e o desenvolvimento emocional (Badinter, 1985). Segundo Vieira (1990) as características biológicas da mulher como a capacidade de gestação, amamentação, fornecem bases para a construção da idéia de “natureza feminina”. A partir disso, decorrem as representações sociais do feminino delimitando os papéis e lugares que a mulher pode ocupar numa determinada sociedade, tendo em vista seus atributos “naturais”. No entanto, a forma como as práticas educativas são organizadas também é influenciada pelas características de cada pessoa, conforme sua história, ou seja, a matriz se concretiza no aqui-agora conforme as particularidades de cada participante e do campo interativo estabelecido entre eles (Amorim, 2002). No

caso das relações entre Júnior e sua mãe e Júnior e sua babá, em que ambas foram atravessadas, em alguns momentos, pelo sentido do limite, enquanto a primeira configurava-se como uma relação de maior conflito e menos afetiva, a segunda era significada como mais afetiva e de menor confronto, possivelmente em virtude das características pessoais de cada participante implicando em interações peculiares a cada dupla.

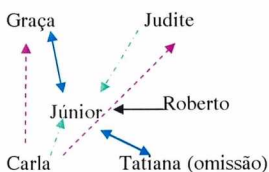
Além da afinidade imediata atrelada à relação mãe-bebê, em outros momentos, emergiram produções discursivas de estranhamento inicial na relação. Na tentativa de vivenciar um encontro inicial sem conflitos e estranhamentos, prevaleceram discursos de afinidade. No momento em que a relação tornou-se mais consistente, houve uma re-significação da experiência anterior em que a ausência de familiaridade pôde ser expressa. Sentidos de afinidade construídos na relação tomaram relevo em vários discursos como no do pai, da tia, da comadre, no entanto no discurso da mãe prevaleceu o sentido de vínculo imediato. No campo interativo estabelecido, vários eram os sentidos que circulavam a respeito dos aspectos que promoveriam a construção da relação afetiva atravessadas por concepções de gênero presentes na matriz sócio-histórica. Embora os sentidos de maternidade e paternidade apresentem um caráter dinâmico, sendo construídos no dia-a-dia, conforme os campos interativos constituídos no aqui-agora das situações (Costa, 2005), culturalmente, a relação mãe-bebê é concebida como uma vinculação naturalizada, enquanto na relação pai-bebê sobressai-se o caráter de construção através do contato social. O fato do homem não passar pela situação da gestação, favorece uma maior possibilidade de compreensão da relação afetiva como algo dinâmico e construído ao longo do tempo, diferente da compreensão da relação mãe-bebê circunscrita à ordem do biológico.

Questões de gênero também tomaram revelado na dinâmica familiar estabelecida, não apenas ligadas à educação do bebê, mas nas relações em geral estabelecidas entre os familiares. Cuidados com a casa, de modo geral, envolvendo limpeza e alimentação eram atribuídas às mulheres (Graça e Carla), apesar destas trabalharem, já o pai (Roberto) assumia a posição de provedor da família. Ariès (1981, p. 207) aborda a influência do gênero na configuração da família no século XVI, que podemos presenciar também nos dias atuais:

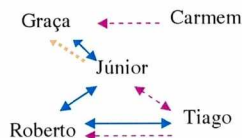
Sob a influência particular dos holandeses, o retrato de família muitas vezes seria tratado como uma cena de gênero.....Daí em diante, a família seria retratada num instantâneo, numa cena viva, num certo momento de sua vida cotidiana: os homens reunidos em torno da lareira, uma mulher tirando um caldeirão do fogo, uma menina dando de comer ao irmãozinho. Daí em diante, torna-se difícil distinguir um retrato de família de uma cena de gênero que evoca a vida em família.

A partir deste panorama geral, traremos uma síntese de alguns campos interativos, através de esquemas, para uma melhor visualização da forma como foram se configurando as relações, situadas em alguns momentos interativos, conforme a produção discursiva dos participantes.

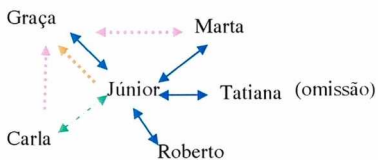
Configuração inicial



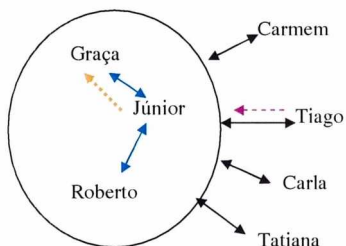
Configuração após cinco meses



Configuração após oito meses



Configuração final



(afinidade) (ciúmes) (ambivalência) (rivalização)

(afinidade não preferencial) (contatos menos frequentes)

Através dos esquemas acima, podemos vislumbrar o quão dinâmica é a relação afetiva, cuja força pode variar entre as pessoas, conforme as interações situadas no aqui-agora e ao longo do tempo. Significar a relação como fluída é compreendê-la como se constituindo em uma construção permanente envolvendo os campos interativos e os vários contextos. Ao concebermos a relação afetiva como uma

construção social, situada em um dado momento, em que participam ativamente as pessoas envolvidas na interação, é importante darmos relevo a vários aspectos: a dinâmica relacional entre as pessoas presentes no campo interativo e entre o grupo familiar de forma geral, ou seja, a trama familiar, não focando apenas a dupla, pois as pessoas influenciam-se mutuamente; a matriz sócio-histórica com seus discursos sobre gênero, afeto e relação afetiva presentes na cultura e que se presentificam nas situações interativas e as particularidades de cada parceiro no campo interativo que, num jogo de posicionamentos atribuídos e assumidos, delimitam caminhos possíveis de construção das relações afetivas.

No contato com a família, vimos que a relação estabelecida entre o bebê e seu parceiro não foi, necessariamente, estabelecida com uma única figura em especial. A forma como se dava a interação bebê-outro, situada naquele contexto específico, foi fundamental para a construção da relação, pois a comunicação é vista como um processo onde os parceiros são interdependentes, influenciando-se mutuamente dentro de um campo dialógico (Rossetti-Ferreira; Lyra, apud Lyra, 2000). Assim, tanto os comportamentos do bebê quanto dos seus parceiros, no momento interativo, são fundamentais, delimitando caminhos possíveis de relações. Concebemos que a capacidade expressiva do bebê apresenta-se como um forte mediador no contato com o outro, que responde a esta comunicação constituindo-se um importante campo interativo (Bowlby, 2002; Braten, 1998; Brazelton, 1988; Gosselin, 2000; Klaus; Kennell, 1992; Klaus; Kennell; Klaus, 2000; Montagner, 1988, Santos-Oliveira; Bussab, 1996, Spitz, 1998). Desta forma, no campo interativo estabelecido entre o bebê e os adultos, os comportamentos de Júnior eram significados de forma a possibilitar uma pluralidade de posicionamentos do outro implicando na construção de diversos caminhos de relação.

Focando as duplas interativas, o interjogo entre os vários tempos, histórico, ontogenético e prospectivo, no aqui-agora, e a trama relacional entre os vários participantes circunscrevem algumas possibilidades de relações, situadas dentro daquele contexto.

Nas múltiplas relações que foram se estabelecendo, Tatiana (prima), sempre calada e num posicionamento de omissão, traduzia seu lugar constituído dentro da dinâmica familiar. Experiências dela com sua mãe Carla, a colocava, em alguns momentos, no lugar do bebê de difícil cuidado, cuja relação foi atravessada mais pelas preocupações com a educação que pelo vínculo amoroso. Tal condição presentificou-se ali nas relações estabelecidas, seja comigo, como pesquisadora, em que ela estava sempre quieta e “bem educada”, como se não houvesse espaço para sua espontaneidade; seja nas relações em geral, em que prevalecia seu jeito contido, parecendo excluída das relações. Mesmo com Júnior, dificilmente ela manifestava um comportamento mais descontraído, um sorriso, nas várias situações em que tive a oportunidade de presenciar momentos de interação entre ambos. Embora, segundo o discurso dos familiares, entre eles houvesse uma relação muito próxima.

Carla (tia), ora questionava sua relação de menor carinho com sua filha, quando bebê, em comparação a sua relação com Júnior, ora rivaliza com sua irmã, desejando ocupar seu lugar de mãe, ora rivalizava com o Júnior, aparentando ciúmes, por este ter ocupado seu lugar de “filha” nos cuidados despendidos por sua irmã e por ter uma maior atenção de sua mãe Judite. Neste interjogo atravessados pelos vários tempos, foi se construindo entre Carla e Júnior, em alguns momentos, uma relação marcada pela ambivalência.

Quanto à Judite (avó), suas vivências anteriores de dificuldades na aceitação da adoção emergiram e esta mostrou-se ambivalente frente ao bebê e tanto Graça

quanto Carla procuravam mediar tal relação, na busca de favorecer uma maior aproximação de ambos. Carla trouxe o sentido do preconceito na forma como sua mãe se relacionava com Júnior.

Carmem (comadre), que tinha uma forte relação com Graça e Roberto, ocupando o lugar de mediadora da adoção, e partilhando uma maternidade com Graça através de Tiago, seu filho, passou a se distanciar ao longo do tempo. Antes, Tiago ocupava o lugar de filho tanto de Carmem quanto de Roberto e Graça. No entanto, com a chegada de Júnior, este passou a ocupar o *status* de filho. Graça demarcou tal condição havendo uma reorganização das relações. Embora Carmem procurasse negociar seu novo lugar de “comadre” e de Tiago de “afilhado”, questionando o porque não partilhar novamente a maternidade, Graça não aceitava. Já Roberto que experienciou a paternidade com Tiago, procurava significar as duas relações como relação pai-filho. Graça procurava configurar as relações entre ela, Roberto e Júnior dentro de um modelo de família nuclear. Possivelmente tal reconfiguração influenciou no afastamento de Carmem e Tiago, significado, por Graça, como ciúmes. Entre Júnior e Tiago foi se configurando uma relação, em alguns momentos, atravessada pelo ciúmes por Roberto e competição pela atenção desse. Já a relação entre Carmem e Júnior, pouco era referida pelas pessoas da família.

Entre Júnior e Marta (babá) pareceu ter se estabelecido uma relação de afinidade imediata, gerando sentimentos de insegurança e ciúmes em Graça. Com a saída de Marta e entrada do bebê na creche, a relação entre Graça e Júnior sofreu influências, passando a ser significada como mais carinhosa e de maior proximidade.

Procurando lançar um olhar panorâmico sobre a organização das relações entre as várias pessoas presentes no contexto de Júnior, houve uma reconfiguração na dinâmica relacional entre elas. Carmem e Tiago, antes muito presentes no cotidiano

da família, passaram a se distanciar. Enquanto Graça procurava significar a relação de Tiago com sua família como diferente da de Júnior, através do sentido de parentesco, Roberto trazia o sentido de igualdade, sendo ambos posicionados como filhos, o mais velho e o mais novo. Cabe lembrar que Tiago perdeu seu pai adotivo quando tinha três meses de idade e Roberto passou a ocupar o lugar de pai na relação com ele. A relação entre Roberto e Tiago faz alusão ao fenômeno de circulação de crianças abordado por Fonseca (1995, 2002). A autora, em seus trabalhos, desde o início dos anos 80, em bairros populares de Porto Alegre, traz uma outra forma de estabelecimento de laços afetivos, por meio do fenômeno da circulação de crianças. Nesta dinâmica, o parentesco é visto de forma mais abrangente, em que a criança é “criada” por várias pessoas, apresentando-se novos modelos de parentesco não atrelados à concepção de família nuclear.

Chama a atenção que, ao longo do tempo, a família de Graça foi se configurando de modo estritamente nuclear. Antes, Carmem, Tiago, Carla, Tatiana e Marta estavam mais presentes no contexto familiar de Júnior e seus pais, no entanto, com o passar do tempo, além das restrições nas visitas de Carmem e Tiago, Carla e Tatiana mudaram-se de casa e Marta deixou de cuidar de Júnior, que passou a frequentar uma creche.

Toda esta configuração nas relações vivenciadas pelos vários parceiros no campos interativos nos faz questionar a relação afetiva e noções de parentesco atrelado a uma convenção seja ela de cunho biológico ou jurídico. Lévi-Strauss (1982), em seus estudos sobre o “tabu do incesto”, põe em discussão a desnaturalização da família rompendo com a perspectiva do biológico, através do laço de sangue, focando o parentesco por meio do fato social, envolvendo as alianças e a expansão da família. Desta forma, a proibição do incesto possibilitaria a dependência

mútua de várias famílias, formando-se uma rede social mais ampla, em contrapartida a situações de incesto, onde se criariam famílias isoladas socialmente. Para o autor, as relações familiares definem-se, simultaneamente, pelas pessoas envolvidas, bem como pelas excluídas.

Assim, nos vários campos interativos estabelecidos, situados naquele contexto, o posicionamento de um dos parceiros constituía possíveis lugares a serem ocupados pelos outros que podiam ser ou não assumidos. Ao se posicionar como mãe, Graça posicionava Carmem como comadre, Carla como tia, Marta como babá. Ao posicionar Júnior como filho, Roberto era posicionado como pai, Tiago ocupava o lugar de afilhado e Tatiana de sobrinha. Contudo, tais lugares, a partir de um *status* juridicamente constituído, gerava momentos de conflito, pois tais papéis sociais podiam se contrapor aos sentidos construídos, por cada participante, nas relações com o bebê ou entre eles, a partir das experiências emocionais vivenciadas.

No momento em que os vínculos afetivos e/ou familiares passam a ser visto sob o ponto de vista da construção social e atravessados pela experiência emocional, e não mais do biológico/genético, conflitos frente aos papéis desempenhados emergem. Rivalizações entre as mulheres quanto ao exercício da maternidade, assim como conflitos frente às relações afetivas e necessidade de hierarquizar-las, em que a relação pais-filhos era posicionada como mais importante em comparação a relação tia-sobrinho, padrinho-afilhado, babá-bebê. Contudo, em termos da vivência emocional, as relações afetivas mostraram-se com uma maior complexidade, implicando em vivências de conflitos entre o socialmente instituído e o emocionalmente experienciado. Quando o sangue não se impõe como mediador destas relações, a experiência emocional, o contato afetivo decorrente das relações estabelecidas entre o bebê e as diversas pessoas presentes no seu contexto destaca-se. Nestes momentos, os

papéis sociais são colocados em questão, pois não necessariamente o vínculo mãe-bebê ou pai-bebê é mais importante e mais significativo para a criança ou seus pais apenas pelo fato dessas pessoas ocuparem o *status* de pai ou mãe seja pela consangüinidade, seja pela lei.

Na família biológica há uma circunscrição forte com relação ao papéis desempenhados, marcada pelo vínculo de sangue. A partir disso, a relação afetiva pode passar a ser significada, não necessariamente pela experiência emocional, mas pelo formalismo imposto na condição de filiação biológica. Na família adotiva, a ausência do laço biológico implica em um maior investimento na relação para que essa se constitua efetivamente, evidenciando o caráter construído das relações afetivas. Daí um dos temores de perda do bebê, pois no caso da família biológica os pais não têm a possibilidade de devolução da criança caso vivencie situações de um vínculo mais negativo ou dificuldades adaptativas ao longo do tempo. Muitos pais biológicos não adotam seus filhos, apenas partilham de um mesmo espaço físico, mas não necessariamente estabelecem relações afetivas de acolhimento e parceria; já na família adotiva, a permanência do bebê só se dá se efetivamente for possível vivenciar uma relação de proximidade. Além disso, há todo um investimento maior nesta relação, tendo em vista que a adoção mediada pelo Fórum exige da família um olhar constante para as relações que estão se constituindo, em virtude da condição de avaliação vivenciada por essa. Como o próprio nome sugere, na família adotiva necessariamente tem que haver a adoção e o desejo de permanecer com aquele bebê, pois a possibilidade de dissolução da relação é fato, o que marcaria claramente a dificuldade de se construir uma relação de maternidade, paternidade e de filiação. Não queremos dizer que neste caso não haja adversidades e conflitos, apenas estamos querendo colocar em pauta que no caso da família adotiva, cuja adoção foi mediada

pelo Fórum, o relacionamento afetivo toma uma dimensão peculiar, pois a efetivação da adoção depende muito do desejo desses pais em ficar com o bebê e da adaptação deste à família. No caso da biológica, muitos pais não desejam ficar com seus filhos, assim como a recíproca é verdadeira, gerando situações de extrema angústia em que o contato só permanece pela impossibilidade de outras alternativas para a separação. No entanto, já é possível ver casos, principalmente em situações de separações de casais, em que um dos pais deixa de ter contato com os filhos. Nestes casos, mais uma vez, é possível ver claramente o quão efêmero é o laço de sangue, pois o que marca uma relação é a sua construção, o investimento, em cada momento e ao longo do tempo.

Assim, a chegada de uma criança em uma família, seja biológica ou não, requer um processo de adoção, que pode ou não ocorrer. A relação com o outro é atravessada por várias vivências emocionais despertadas *pelo* e influenciando *o* campo interativo estabelecido. No contato com o outro, experiências passadas atreladas às expectativas futuras e aspectos da matriz sócio-histórica, despertam uma pluralidade de emoções. O interjogo dessas forças, acrescido das habilidades e competências próprias do momento de desenvolvimento da criança e dos seus parceiros de interação, constituem determinados lugares possíveis de serem ocupados pelos participantes no campo interativo, configurando as relações afetivas situadas em um dado contexto. Além disso, a trama relacional mais ampla, em que a dupla se insere, constitui em mais uma força que atravessa a relação no aqui-agora.

Ao atentarmos para a dinâmica da configuração familiar de Júnior, podemos ressaltar que esta não difere de qualquer outra situação de chegada de um bebê em uma família, quando focamos pontualmente as relações estabelecidas entre os adultos e o bebê. No processo de construção da relação, tradicionalmente o homem adota mais tarde, em virtude de toda a dinâmica familiar e da constituição do masculino, em

nossa sociedade, como inapto a lidar com bebês. Contudo, tal condição vêm se alterando a ponto de muitos pais reivindicarem o cuidado de seu filhos quando bebês, desejando exercitar a paternidade também associada ao cuidado, e à guarda dos filhos em situações de separação. No caso da família de Júnior, esta foi se configurando dentro de uma organização de família nuclear tradicional, em que a mãe estabelecia com a criança uma relação mais próxima desde o início associada ao cuidado, enquanto o pai foi, ao longo do tempo, construindo uma relação pautada principalmente no lúdico.

Todo este contexto apresentado, despertou-nos reflexões sobre as relações afetivas constituídas e a vivência da adoção de bebês, foco do presente trabalho. O momento de desenvolvimento do bebê, circunscrevendo relações mais voltadas ao cuidado, pareceram não criar situações na dupla adulto-bebê cujos sentidos poderiam ser construídos a partir do discurso da adoção. Porém, será que a medida em que a criança vai se desenvolvendo e as relações passam a não ser tão circunscritas pelo cuidado, os discursos atravessados pela adoção poderiam emergir com maior força? Neste primeiro período de desenvolvimento do bebê que acompanhamos, a negociação do bebê se dá, predominantemente por meio de choros, vocalizações e comportamentos não-verbais, sendo que tais comportamentos podem ser significados pelo outro de inúmeras formas. Esta pluralidade de sentidos, neste momento, estão sujeitas a uma menor negociação do bebê. Assim, a condição de imaturidade do bebê e maior vulnerabilidade ao outro possibilitaria um menor confronto na dupla e, conseqüentemente, sentidos conflituosos construídos a partir da adoção não emergiriam? Ao longo do desenvolvimento da criança, sua maior autonomia, o desenvolvimento da linguagem e compreensão dos discursos sociais em que circulam sentidos múltiplos sobre a adoção poderiam deflagrar situações de embates na relação

familiar associados à adoção? Como o presente trabalho focalizou adoção de bebê, podemos fazer referências a construção das relações apenas neste período. No entanto, o próprio processo de pesquisar implica no surgimento de novas questões a serem investigadas. Estes são alguns pontos por nós levantados na tentativa de ampliarmos as discussões dentro do campo da adoção, no que diz respeito as relações afetivas construídas, chamando a atenção para maiores reflexões sobre a possibilidade da experiência da adoção mudar com o desenvolvimento da criança e a importância de trabalhos de pesquisa que contemplem tal aspecto.

Enquanto na relação adulto-bebê a adoção pareceu não se impor, esta emergiu como figura em outras situações conforme abordaremos a seguir.

6.3. A experiência da adoção

No acompanhamento de Júnior, a condição da adoção pareceu se impor com maior força na relação com terceiros (equipe psicossocial, pesquisadora, pessoas nas relações cotidianas, família extensa, amigos, etc.) em que a Júnior e sua família eram posicionados como adotivos. A experiência da guarda provisória, que remetia a família, em algumas situações, ao temor da perda do bebê; o movimento de calar a adoção, seja na relação com o bebê, através da busca por semelhanças físicas, seja no contato com o outro, em que se procurava negociar o posicionamento de adotivo; e o discurso do biológico muito presente em nossa sociedade, foram alguns aspectos que chamaram nossa atenção.

6.3.1. A guarda provisória.

Durante o primeiro ano de Júnior em sua família, toda a tramitação legal, mais especificamente as atividades desenvolvidas pela equipe psicossocial, posicionavam a

família de Júnior como adotiva, emergindo vários sentidos, dentre eles, o temor da perda. Tal sentido inicialmente mostrou-se associado a possibilidade de receber um bebê e, posteriormente, de mantê-lo junto à família.

Em um primeiro momento, a importância da atuação da equipe psicossocial emergiu, no discurso da mãe adotiva, com um sentido avaliativo, sendo atribuído aos profissionais a autoridade em considerar a família adequada ou não para receber um bebê. No campo interativo estabelecido entre o casal e a equipe, os profissionais assumiram um lugar de poder, detentores do que o casal mais almejava, um bebê. Para a família, a adoção era concebida como um meio de realizar o sonho da maternidade e paternidade, atravessado pelo sentido de possuir um filho. Contudo, para a equipe do Fórum, a adoção constitui-se em uma possibilidade de encontrar uma família que acolha uma criança, como preconizado pela cultura da adoção (Freire, 2001).

Posteriormente, durante o período de acompanhamento da família, em situações em que eles recebiam alguma informação sobre o processo de adoção, emergiam vivências de temor da perda do bebê. A família de Júnior vivenciou a condição de adoção fechada, em que a família adotiva não tem qualquer contato com a biológica, diferente de adoções abertas em que ambas se conhecem. Era perceptível a dificuldade de todos em tratar sobre o processo de adoção, que surgia por meio de alguma intervenção minha, como pesquisadora, com perguntas, sendo construídos discursos de não aceitação da retirada do bebê. O período em que a família fica com guarda provisória é envolto por momentos de intensa angústia pelo temor de que a família biológica possa requerer o bebê de volta¹². Para que ocorra a adoção é

¹² O temor da perda se impôs de tal forma no discurso desta família que optamos por discuti-lo em um artigo sob o título “Os temores da perda do bebê vividos pela família adotante, durante o período de guarda provisória” Mingorance, R.C. e Rossetti-Ferreira, M.C. Tal artigo será publicado no livro de artigos do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP-USP.

necessária a destituição do poder familiar da família biológica, conforme o art. 45 do ECA (Cury; Silva & Mendez, 2000; Nogueira, 1998). Desta forma, faz parte do processo de adoção entrar em contato com a família biológica, caso esta esteja com o poder familiar, para investigar os reais motivos da entrega do filho. Este trabalho, realizado pela equipe interprofissional, é fundamental para a criação de um espaço em que esta mãe possa refletir e ponderar melhor sobre sua decisão podendo, inclusive, rever sua opção e decidir ficar com seu filho (Paiva, 2004). Embora este primeiro contato com a família biológica seja realizado antes da inserção do bebê na família adotiva, nem sempre a destituição do poder familiar ocorre neste período. Apenas com a conclusão da destituição do poder familiar é que se pode concluir o processo de adoção. Desta forma, o bebê, muitas vezes, é colocado na família adotiva, na condição de guarda provisória, como ocorreu no caso de Júnior, gerando vivências de angústia na família frente à possibilidade de perda do bebê, mesmo que remota sob o ponto de vista da equipe interprofissional. A partir do momento em que o bebê é colocado em uma família adotiva dificilmente há a retirada, salvo situações em que há a devolução realizada pela família, em virtude de dificuldades adaptativas, ou da identificação, pela equipe interprofissional, de inadequação da família na relação com o bebê.

Vivências de angústia diante da possibilidade da perda durante o período de guarda provisória também foram referidas no trabalho de Costa e Campos (2003). Um dos casais participantes relatou que a longa espera pela concretização do registro poderia ser mais angustiante se comparada à espera para acolher uma criança, pois, na relação com a criança, com o passar do tempo, o vínculo se fortalece e aumenta o temor de um possível rompimento.

Em alguns momentos, os sentidos de temor da perda atravessaram, não somente as situações de intervenções da equipe psicossocial do Fórum, como também

alguns contatos cotidianos com pessoas estranhas, que remetiam à existência da família biológica de Júnior. Entre famílias adotivas, o temor de encontrar a família biológica ou de que o filho deseje retornar a sua família de origem não é incomum (Maldonado, 1995, Weber, 1999). Vivemos em uma sociedade cuja relação pais-filhos, historicamente, foi se constituindo através do sentido da posse (Ariès, 1981). Assim, embora a cultura da adoção preconize a possibilidade de uma família acolher uma criança, vimos na família acompanhada a adoção com o sentido de possuir um filho gerando, conseqüentemente, o temor de perdê-lo para a família biológica. Sob a perspectiva da posse na relação de filiação, a consangüinidade seria a marca indelével que garantiria a relação de parentesco, ou seja, a ligação hereditária seria um pressuposto indiscutível que ditaria as normas de valorização e continuidade familiar (Christiansen, 2001). O laço biológico/sangüíneo seria mais forte do que afetivo, construído nas relações ao longo do tempo (Motta, 2001; Schettini Filho, 1998b; Christiansen, 2001; Leon, 2002).

No caso da família de Júnior, a condição de guarda provisória daria o sentido da provisoriidade, da incerteza da permanência do bebê, enquanto a adoção ratificaria a relação que passaria a ser vivida como indissolúvel, não pela consangüinidade, mas pela lei. Assim, a tramitação legal realizada pelo Fórum, em alguns momentos, era significada como uma ameaça à permanência do bebê. Schreiner (2001) esclarece que, nos casos em que ainda não houve a execução de todas as etapas do processo judicial, há um certo risco da perda da guarda do filho, em virtude da não destituição do poder familiar da família biológica. Somente após a entrega legal do filho por parte da mãe e destituição do poder familiar, a criança ou o adolescente estariam aptos à adoção (Nogueira, 1998). O temor da perda é um ponto presente entre casais adotivos, antes da conclusão da adoção por medo do indeferimento do Juiz e, após, por medo de que

o filho se revolte pela sua condição e, muitas vezes, queira procurar os pais biológicos, ou que estes voltem e reivindicuem a criança (Maldonado, 1995; Motta, 2001; Vargas, 1998).

Tal panorama nos remete ao questionamento sobre a dicotomia posse/perda. Como garantir a posse para não haver a perda, quando estamos tratando da condição humana que é extremamente efêmera? Procuramos a todo momento construir sentidos de estabilidade e permanência em nossas relações. No entanto, a posse de uma pessoa não pode ser garantida nem pelo sangue e nem pela lei, pois a todo momento estamos sujeitos a separações e perdas. No caso do bebê, a possibilidade de haver uma maior frequência de contato com uma determinada pessoa pode auxiliar na construção da relação afetiva, no entanto, como vimos anteriormente, tal condição não determina a qualidade da relação. Além disso, a oportunidade de se construir uma relação afetiva não necessariamente precisa estar atrelada à condição de filiação. Muitas relações entre pais-filhos biológicos são atravessadas pelo distanciamento e ausência de contato, sendo a consangüinidade o único ponto em comum mediando a ligação, não havendo efetivamente uma relação afetiva amorosa. Poderíamos pensar que a condição de adoção fechada, em que a família adotiva não conhece a biológica e não há qualquer possibilidade de contato, e a relação afetiva associada à posse acaba por favorecer a constituição de lugares em que a família biológica e a adotiva podem se posicionar como rivais, na disputa do bebê? O temor de perder o bebê para a família biológica estaria associado também ao temor de perder os papéis de mãe e pai, e não somente ao temor de perder o bebê, pois tal relação poderia se manter se fosse possível um contato mais amistoso entre família biológica e adotiva? Estas são algumas questões que nos sensibilizaram a partir desta dicotomia posse/perda e família biológica e adotiva.

6.3.2. O “calar” a adoção.

Enquanto no campo interativo estabelecido entre o bebê e sua família nuclear, a adoção geralmente apresentava-se como fundo, no contato com a família extensa e nas relações sociais cotidianas, Júnior e seus pais, em alguns momentos, eram posicionados como adotivos. Tal condição apresentava-se em situações variadas e Graça procurava negociar tal situação, ora não aceitando os sentidos construídos a partir do lugar de adotivo atribuído a Júnior, ora procurando evitar situações em que ambos pudessem ser posicionados como adotivos. Nestes contextos, vários sentidos circulavam como o temor da perda de Júnior, questões ligadas à revelação, medo da carga genética do bebê, etc.

Com relação à família extensa e pessoas próximas, tanto relatos de Graça quanto os de Carla foram construídos a partir do sentido de aceitação e acolhimento de Júnior. No entanto, o discurso de ambas trouxe, por meio de outras vozes, o posicionamento de Júnior como abandonado, como aquele que inspira compaixão na relação com o outro; assim como Graça era posicionada como a que finalmente estava realizando um sonho. No discurso de Judite, a avó, o encontro entre Graça e Júnior era construído com um sentido reparatório, em que ambos se complementavam, ele por ter encontrado uma mãe e ela um filho. Tal posicionamento, em algumas situações, era negociado por Graça que procurava não significar a relação estabelecida por ambos ou de outras pessoas com o bebê, sob o ponto de vista da adoção. No entanto, se anteriormente Graça atribuía à afetividade de sua família extensa o sentido de satisfação e alegria pela chegada de Júnior, ao final do primeiro ano, ela passou a questionar tais relações. Neste segundo momento, ela atribuiu à relação de maior afetividade entre seus parentes e Júnior como atravessada pelo sentido da “dó” em que o bebê era posicionado como adotivo.

Pensar em adoção implica em concebermos o contexto em que esta família se insere, sendo que este inclui todo o ambiente de socialização da criança envolvendo a estrutura familiar com suas práticas educativas, o sentido de adoção construído pela família refletindo nas suas atitudes e comportamentos, e as atitudes comuns sobre adoção presentes na comunidade (Brodzinsky; Schechter; Hening, 1993; Leon, 2002). Na família de Júnior, os discursos sobre adoção e criança adotiva mostraram-se presentes nas relações estabelecidas no aqui-agora da situações, o que remete a importância do contexto social no processo de vivência da adoção pela família adotiva. Os discursos da mãe pareciam mais associados a sua relação com o bebê atravessada pelo cuidado e preocupações quanto ao desenvolvimento dele. A adoção ficava como fundo, como, por exemplo, nas situações em que ela procurava identificar nos comportamentos de Júnior as características de seu marido. No entanto, Graça trazia na voz de terceiros, como na de Carmem, sentidos construídos a partir da adoção, como no caso em que os comportamentos carinhosos de Júnior com ela eram significados a partir da adoção. Os discursos de Carla e Judite traziam os sentidos de adoção presentes em nossa cultura, como os temores da genética influenciando na personalidade da criança, o vínculo sanguíneo possibilitando à mãe biológica a capacidade de identificar seu filho em qualquer situação.

Schreiner (2001) alerta sobre os preconceitos sociais e a importância dos meios de comunicação como formadores de opinião. Reportagens, entrevistas, matérias em jornais, atingem um grande público, sendo fundamental a sensibilização da população de um modo geral sobre questões da adoção. Embora diretamente muitas pessoas possam não estar atreladas ao campo da adoção, indiretamente o estão, pois no campo interativo estabelecido entre elas e pessoas que vivem situações ligadas à adoção, podem emergir sentidos de preconceito, em que famílias adotivas passam a

ser posicionadas como inferiores, por não se considerar a filiação adotiva como legítima pela ausência do laço sanguíneo (Leon, 2002).

Em nossa sociedade, a noção de vínculo afetivo e parentesco, baseado no laço biológico, direciona o olhar para a adoção através da perspectiva da perda: a criança que perde seus pais biológicos, os pais adotivos que perdem a possibilidade de ter um bebê biológico e os pais biológicos que perdem seu filho biológico (Leon, 2002). Os vários personagens que fazem parte da história da adoção passam a ser vistos sob a lente do estigma social. Tanto Judite, quanto Carmem, construíram discursos sob essa perspectiva e com o passar do tempo, Graça, que anteriormente procurava negociar este lugar atribuído a ela e a Júnior, num segundo momento, passou a cogitar a idéia de que o afeto do outro pelo bebê podia estar associado ao fato dele ser adotivo.

Outras situações passaram a posicionar Júnior e seus pais como adotivos, como por exemplo, o diário escrito por Graça, as intervenções do Fórum, além da minha presença enquanto pesquisadora. Num jogo ambivalente entre o velado e o explícito sobre a adoção, havia situações em que a família parecia restringir as produções discursivas sobre esse tema, envolvendo o processo de adoção de Júnior, suas características associadas aos aspectos genéticos e sua família biológica. Em outros momentos, Júnior era posicionado como adotivo no próprio contexto familiar, através do diário de Graça. Tal diário trouxe momentos de conflito entre Graça e Roberto. Ao escrever sobre todo o processo de espera, chegada e acolhimento de Júnior, o bebê e sua família passavam a ser posicionados como adotivos, de forma concreta, através de uma história documentada, agora não pelas pessoas de outros contextos sociais, mas por Graça no próprio contexto familiar, sendo tal posicionamento rejeitado por Roberto.

A configuração dos campos interativos estabelecidos entre a família desta com outras pessoas, atravessados pela tentativa de calar a adoção em alguns momentos, lança um questionamento sobre a condição de se viver efetivamente a adoção. No campo da adoção é muito comum discutir-se a importância da revelação, sendo a presença da verdade nas relações estabelecidas entre pais-filhos adotivos estimulada por diversos autores (Brodzinsky; Schechter; Hening, 1993; Di Loreto, 1997; Dolto e Hamad, 1998; Leon, 2002; Maldonado, 1995; Paiva, 2004; Schettini Filho, 2001, Weber, 1999). Um dos pontos avaliados pela equipe interprofissional é exatamente as condições da família para receber a criança, destacando-se a disponibilidade desta em revelar à criança a adoção (Paiva, 2004).

Contudo, atrelar à relação pais-filho adotivo o sentido da revelação implica em uma primeira condição de não se falar a respeito da adoção, pois só se revela aquilo que está velado. Acreditamos que receber um bebê em adoção significa não apenas aceitá-lo na condição de filho, mas também aceitar a condição de ser pais adotivos, em que a adoção passa a ser uma característica daquela família. Neste sentido, assumir a criança em adoção implica em um processo de negociação dessa condição de adoção na relação com o outro, em que a adoção possa ser falada ao longo do tempo e não apenas revelada em uma situação específica, ou em uma idade específica, como alguns pais questionam. Viver a adoção remete a um processo de elaboração ao longo do tempo, em que a adoção faça parte do cotidiano da família e que possa ser conversada nas relações intra e inter-familiares.

Em situações de adoção de crianças mais velhas o processo de elaboração da adoção se dá desde o início pela própria condição da criança ter o conhecimento da sua condição de estar constituindo uma relação de filiação com pais adotivos. No caso do bebê, este inicialmente não tem tal conhecimento, em virtude do seu momento de

desenvolvimento, o que gera uma situação parecida com a de uma família biológica, cuja relação adulto-bebê é atravessada basicamente pelo cuidado.

Embora a família adotiva procure configurar-se nos moldes de uma família biológica, conforme abordado na literatura (Cassin, 2000; Costa; Campos, 2003; Motta, 2001; Pereira; Santos, 1998), a família adotiva apresenta suas peculiaridades, sendo uma delas o fato do bebê necessariamente ter uma mãe/família biológica, uma história anterior ao seu ingresso na família adotiva e uma mãe/família social (adotiva). A família adotiva sempre será constituída em uma tríade - pais adotivos, filho adotado e pais biológicos - (Espinoza; Yuraszeck; Salas, 2004, Leon, 2002). Mesmo em situações de adoção de bebês em que a vivência da família com este possa aproximar-se muito da condição vivida por uma família biológica, sempre haverá diferenças relacionadas à história da família adotiva, aos meios pelos quais os pais tiveram seu filho e ao contexto em que a família foi se constituindo (Brodzinsky; Schechter; Henig, 1993).

Assimilar esses vários aspectos que atravessam a situação da adoção mostra-se fundamental para que a família possa efetivamente viver tal experiência. A chegada de um bebê em adoção implica em todo um processo de elaboração em que o sentido pejorativo da adoção possa ser re-significado e a criança possa, então, ser assumida como filho adotivo na relação com o outro, sem o temor de que esta, ou a família, possam ser desqualificados. Implícito aos muitos preconceitos associados à adoção encontra-se a força do discurso do biológico presente em nossa sociedade, que passaremos a abordar.

6.3.3. A força do discurso biológico.

Em uma sociedade em que a visão biológica do ser humano é extremamente difundida e valorizada, sentidos construídos a partir desta concepção apresentaram-se nos campos interativos estabelecidos com o bebê. Na família acompanhada, vários conflitos e temores atravessaram os campos interativos como, por exemplo, temores de que aspectos genéticos pudessem influenciar o comportamento posterior do bebê implicando em dificuldades adaptativas e conflitos na família; a valorização da mãe biológica significava como mãe verdadeira e possíveis revoltas da criança ao ser-lhe revelada a condição de não estar com esta mãe e sim como uma mãe adotiva (social); afinidade afetiva com o sentido da consangüinidade; busca por semelhanças físicas construindo-se sentidos de familiaridade e identificação com o bebê; temor de que a mãe biológica encontrasse o bebê e o requisitasse tendo em vista que esta ainda possuía o poder familiar.

Tanto nos relatos de Roberto quanto nos de Judite, avó de Júnior, emergiram discursos sobre o temor da carga genética do bebê adotivo. Enquanto Roberto resignificou tal sentido a partir da experiência de acompanhar a relação entre Carmem e Tiago, Judite oscilou referindo experiências positivas e negativas no campo da adoção e da família biológica. A concepção de homem sob a perspectiva biológica presentifica-se nas relações, onde não só entre famílias adotivas, mas na sociedade em geral, a adoção passa a ser vista com o sentido de uma relação de risco por não se saber a origem da criança e o grau de influência que a carga genética teria no desenvolvimento da personalidade da pessoa (Andrei, 2001; Balone, 2003; Berthoud, 1997; Maldonado, 1995; Schettini Filho, 1998b; Weber, 1999; 1995).

Algumas características físicas ou comportamentais de Júnior eram significadas por seus familiares como indicativos de semelhança, na tentativa de

diminuir o estranhamento e possibilitar a aproximação. Ao confrontar os sentidos de características herdadas e socialmente construídas em Júnior, Graça procurou negociar tais sentidos. Ela ressaltava a importância do contexto, na tentativa de ocultar a existência de uma outra família, na qual Júnior poderia partilhar algumas características, e de identificá-lo como semelhante a sua família adotiva. Dificuldades da família em ter como filho alguém muito diferente emergiram nos relatos que fizeram sobre a adoção tardia. Neste momento, a ênfase era no desejo de se adotar um bebê para que este se desenvolvesse partilhando os valores e comportamentos da família.

A tentativa de construção de discursos de semelhanças físicas ou comportamentais entre o bebê e a família traz implícita a necessidade de tornar invisível a adoção, na tentativa de não serem posicionados com uma família adotiva na relação com o outro. A procura por traços físicos, como forma de aproximação com a criança adotiva e constituição de parentesco não é incomum entre as famílias adotantes (Costa e Campos, 2003; Schettini Filho, 1998a, 1998b; Schneider apud Christiansen, 2001).

No entanto, não se pode considerar esta valorização apenas sob o ponto de vista das famílias adotivas, estando presente em nossa sociedade, desde o surgimento da noção de família nuclear. Ariès (1981), em seu trabalho sobre a história da família na Europa, resalta o nascimento do sentimento de família nuclear a partir dos séculos XV-XVI, em que os laços de sangue estariam presentes e correspondiam a uma necessidade de proteção. Sob o ponto de vista da antropologia, o sistema de parentesco pode englobar tanto relações dadas por laços de sangue quanto por laços sociais, sendo o segundo assegurado pela dimensão cerimonial. No entanto, a

consangüinidade atrelada ao conceito de “família verdadeira” encontra-se em diferentes povos, e não somente em nossa sociedade (Souza, 2004).

Schneider (apud Leon, 2002) enfatiza que a cultura americana considera a “carne” e ao “sangue” como um fato concreto que contém a identidade dos pais da criança e a força, na qual impele profundos sentimentos de amor entre pais-filhos, significando relação entre ambos como “natural”. A biologia da reprodução tornou-se, via cultura, associada ao amor e vínculo natural entre recém-nascido e progenitor, que são definidos como parentes “reais”. No caso da família adotiva, a ausência da vinculação biológica, que em nossa sociedade caracteriza a noção de parentesco, mais especificamente de paternidade e maternidade, a posicionaria como uma família de segunda categoria (Brodzinsky; Schechter; Henig, 1993). Na condição de família de segunda categoria, por não estar de acordo com os moldes estabelecidos socialmente, a família adotiva, segundo Motta (2001), procura negar a possibilidade de diferença entre uma família adotiva e uma biológica como alternativa de negociar tal condição.

Compreender o laço sangüíneo com o sentido da familiaridade e a vinculação pais-filhos adotivos como estranha, não se restringe ao senso comum, pois alguns juristas, ao conceituar o fenômeno da adoção o fazem posicionando a pessoa adotiva no lugar de “estranha” à família. Carvalho (1995, pg. 126) cita algumas definições:

“Sílvio Rodrigues registra ser a adoção ‘o ato do adotante pelo qual traz ele para sua família e na condição de filho, pessoa que lhe é estranha’ na mesma linha de Clóvis Beviláqua, para quem ‘a adoção é o ato pelo qual alguém aceita um estranho na qualidade de filho’”.

Desta forma, a consangüinidade presente na família biológica posiciona o filho como não estranho, semelhante, enquanto na família adotiva circularia o sentido da não familiaridade. Como se a condição genética garantisse o reconhecimento do outro como igual, ou não estranho.

A solicitação de Graça, no momento do cadastramento no Fórum, para que bebê fosse parecido com os pais adotivos, a ausência de relatos de estranhamento na relação, ou seja, o sentido da afinidade imediata, o sorriso de Júnior significado como um sinal de reconhecimento e adaptação, acrescido da busca por semelhanças físicas e comportamentais entre o bebê e sua família adotiva, sinalizam a tentativa de experienciar a chegada do bebê na família nos moldes da família biológica e ocultar a situação da adoção. Desta forma, abordar a adoção implica em, necessariamente, defrontar-se com a força que o discurso do “homem biológico” tem em nossa sociedade.

Em cada um desses aspectos levantados verificamos a força que o sentido de consangüinidade exerce e o sofrimento emocional gerado pela presença do discurso do biológico durante a inserção do bebê na família adotiva. Associar tais conflitos exclusivamente a fantasias ou temores infundados, como, às vezes, abordado nesta área, seria, ao nosso ver, desconsiderar toda a complexidade que envolve esta questão. Por um lado, tem-se um movimento pró adoção que valoriza a construção social, seja com relação aos papéis desempenhados no contexto familiar, seja com relação à vinculação afetiva. Por outro lado, tem-se também um discurso de valorização maciça dos aspectos biológicos/genéticos em vários âmbitos sociais. Como exemplo temos discursos que circulam sobre a constituição do grupo familiar (fazer parte da família é partilhar do mesmo sangue, características herdadas, etc.) e relação afetiva (vínculo de sangue). A própria evolução da medicina, no campo da genética, em que a saúde e doença são concebidas sob o ponto de vista da condição genética da pessoa, é um forte circunscritor, marcando a compreensão do ser humano como puramente biológico. Este aspecto apresentou-se nas relações estabelecidas entre o bebê e as

peçoas, ora como figura ora como fundo, configurando caminhos diversos de desenvolvimento das relações permeado, em algumas situações, por conflitos.

6.4. Algumas possibilidades de intervenções

A partir de 1990, com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Cassin, 2000; Cury; Silva; Mendez, 2000; Nogueira, 1998), a adoção passou a ser considerada sob o ponto de vista da proteção da criança, priorizando-se os interesses desta. Nos últimos 15 anos, vários foram os avanços nesta área, ampliando-se os espaços de discussão por meio de encontros, fóruns de discussão, criação de grupos de apoio e organização, dentro do Judiciário, de serviços voltados para este campo. Diante deste panorama, novos desafios vêm se apresentado, gerando a necessidade de maiores conhecimentos sobre os fenômenos pertinentes a esta questão, o que possibilitaria a elaboração de projetos mais estruturados de atuação.

As formas de atendimento e os equipamentos sociais para auxiliar o trabalho da equipe psicossocial ainda são pouco estruturados, havendo uma sobrecarga de trabalho para a equipe, que atua não somente neste campo. Além disso, as dificuldades em realizar parcerias com outros serviços públicos, muitas vezes pouco preparados para atuar nesta área, acabam também impossibilitando uma melhor qualidade no atendimento às famílias e crianças. As atividades no que diz respeito à assistência e proteção à criança e à família estão em pleno processo de construção, suscitando vários questionamentos a cada novo fenômeno que se apresenta. A forma de cadastramento dos casais pretendentes à adoção, a qualidade dos abrigos e situações em que ocorrem os abrigamentos, as condições em que se encontram as famílias biológicas e os motivos da retirada ou abandono da criança, a possibilidade de acompanhamento da família adotiva com a chegada do adotando, são alguns dos

pontos emergentes, sendo fundamental conhecimentos mais sistematizados para uma maior e melhor estruturação das intervenções.

Uma das atividades já em andamento refere-se ao grupo de discussão composto pelos membros do GIAAA, juntamente com alguns profissionais da equipe psicossocial do Fórum. Tais reuniões possibilitaram a elaboração de vídeos sobre cadastramento de pessoas pretendentes à adoção, abrigamento de crianças e reintegração familiar, que auxiliarão nas reflexões sobre esses temas em diversos contextos.

Focando especificamente as famílias adotivas, um dos pontos a ser ressaltado diz respeito à possibilidade de orientação a estas famílias. Encontramos entre os profissionais da equipe interprofissional a possibilidade de exercer um papel de maior apoio e orientação, além do de avaliação, apesar do excesso de trabalho a que são submetidos (Paiva, 2004). No entanto, para a família acompanhada, tais profissionais e, em alguns momentos, até mesmo eu como pesquisadora, éramos posicionados como avaliadores, suscitando o temor de serem considerados pouco aptos a ficar com a criança, implicando a retirada dessa. Provavelmente tal configuração dificultaria a construção de um espaço, por esses profissionais, onde as angústias pudessem ser expressas, sem que isso incorresse no sentido avaliativo e no temor da perda do bebê. Com a chegada do bebê, a família passa por intensas experiências emocionais, em que o êxtase por um sonho realizado se defronta com as dúvidas, conflitos, inseguranças e temores associados à adoção. Oferecer a possibilidade de um serviço de apoio e orientação, criando-se um espaço de reflexão para acolher as angústias de famílias em guarda provisória seria de suma importância para auxiliá-las no esclarecimento de dúvidas e na construção de novos sentidos para suas experiências, menos atravessadas pelos discursos sociais, muitas vezes pejorativos no que diz respeito à adoção.

Gostaríamos de ressaltar que tal espaço seria fundamental, não apenas para famílias em situação de adoção, mas para qualquer família, pois independente da consangüinidade, os conflitos familiares, dificuldades na relação como outro, fazem parte de qualquer dinâmica familiar.

Geralmente discute-se a importância do acompanhamento e do estágio de convivência de famílias em situação de adoção tardia, pois no contato com a criança, os estranhamentos e os conflitos associados a condição de adoção são mais flagrantes (Costa, 2005; Vargas, 1998, 2001). No entanto, na família de Júnior, cuja situação era de adoção de bebê, preconceitos, temores e dificuldades frente à adoção apresentaram-se, num jogo de figura e fundo, nos campos interativos estabelecidos entre a família, pessoas próximas, assim como no contato social cotidiano. Tal fato mostra o quão dinâmica e conflitante é a adoção de bebês para a família. Segundo Becker (2000), no caso de adoção de crianças muito pequenas e bebês, a adaptação depende mais dos pais adotivos e assemelha-se à situação de uma família biológica. Assim, a preparação da família durante o período de espera seria de suma importância.

Mesmo neste caso, a ênfase está no período anterior à chegada do bebê, desconsiderando-se todo o processo de inserção da criança e a vivência da família, principalmente por considerá-la similar à família biológica. No entanto, embora muitas das situações vivenciadas por Júnior e sua família possam ser consideradas semelhantes a uma família biológica, outras foram muito peculiares à situação da adoção, como podemos compreender ao longo do tempo em que eles foram acompanhados. Neste sentido, a família adotiva sempre apresentará suas peculiaridades (Brodzinsky; Schechter; Hening, 1993; Leon, 2002).

Não seria um preconceito às avessas procurar negar as particularidades de uma família que adota uma bebê ? Pensar a adoção de bebê como semelhante à situação de nascimento de um bebê em uma família biológica não seria desconsiderar todas a singularidade da situação de adoção, independente da idade do adotante? No percurso realizado pela família de Júnior, os sentidos construídos nos campos interativos revelaram que a temática da adoção atravessava as relações gerando, em alguns momentos, sentimentos de tédio e desconforto. Tal aspecto indica a necessidade de maiores reflexões sobre o processo de inserção do bebê na família adotiva e a necessidade de um maior acompanhamento a estas famílias.

Uma maior atenção a esta famílias mostra-se fundamental para auxiliá-las neste momento, tanto sob a perspectiva de trabalhos mais individualizados de acompanhamentos, quanto de intervenções em grande escala com o intuito de proporcionar espaços de discussão sobre os vários discursos construídos sobre adoção, presentes em nossa sociedade.

Gostaríamos de ressaltar a condição da família que recebe um bebê em adoção em situação de guarda provisória, quando ainda não foi destituído o poder familiar da família biológica. Embora a probabilidade de um bebê, colocado em família adotiva, ser retirado para retornar a sua família de origem, seja remota, segundo a experiência da equipe interprofissional do Fórum, por lei é de direito da família biológica reivindicar a criança caso a deseje. Tal situação gera momentos de tensão e angústia na família adotiva, durante o período em que a adoção não é concluída, como visto em nosso trabalho. Por um lado, tem-se a família biológica cuja consangüinidade garante a filiação e o poder familiar, por outro lado, tem-se uma família que já está constituindo um vínculo com a criança, permeado pela convivência e não pela consangüinidade. Como lidar com esta situação em que há uma família que está

construindo um vínculo com um bebê, enquanto a outra família, por ser biológica, teria o direito a esse, caso desejasse?

Seria importante pensar alternativas para que houvesse uma destituição bem fundamentada, ou seja, respeitando o direito da família biológica em reaver seu filho, caso desejasse, porém agilizando o processo de destituição do poder familiar, em situações em que a reintegração mostrou-se inviável. Há várias situações em que a adoção deve ser concluída, mas os ritos processuais e a sobrecarga de processos no Fórum acabam tornando todo o processo moroso, refletindo em vivências de intensa angústia na família adotiva, por não ter a situação da adoção definida, gerando a sensação de que, a qualquer momento, o bebê possa ser retirado.

Além disso, para casos mais complexos, a constituição da chamada “família acolhedora”, seria uma alternativa para evitar o abrigo prolongado da criança enquanto sua situação legal não se resolve (Amorós, Palacios, Fuentes, Leon & Mesas, 2003). Neste caso, a criança permaneceria em uma família cuja função seria de acolhimento e, somente após a destituição do poder familiar, ela seria recolocada em uma outra família para adoção. Assim, à família biológica seria dada a oportunidade de ser auxiliada, de forma mais exaustiva, possibilitando, inclusive, a reintegração da criança; à criança haveria a possibilidade de ser acolhida em uma família, evitando o abrigo; e à família adotante haveria a possibilidade de construir uma relação afetiva com uma criança em adoção, cujo poder familiar da família biológica já teria sido destituído, sem o temor de perdê-la a qualquer momento.

Em termos de Brasil, discussões sobre a proteção da criança e do adolescente, baseada no direito à convivência familiar, têm sido realizadas em vários espaços. Atualmente, o governo federal criou uma comissão que, juntamente com entidades

civis e colaboradores de várias áreas, teve como objetivo elaborar um “plano nacional” e “diretrizes” de política de promoção, defesa e garantia do direito de crianças e adolescentes à convivência familiar e comunitária. Neste, são abordados três eixos temáticos fundamentais: a família de origem, o abrigo, e a adoção. No primeiro, há todo um delineamento de estratégias relativas às políticas públicas de apoio sócio-familiar, focando a família de origem e a comunidade na qual se insere, visando a importância da preservação dos vínculos familiares e comunitários. No segundo, as discussões e diretrizes de ação visam a intervenção institucional, nas situações de rompimento ou ameaça de rompimento dos vínculos familiares, os abrigos e as alternativas ao acolhimento institucional, como as famílias acolhedoras, com ênfase na excepcionalidade e na provisoriidade destas medidas, e, ainda, na restauração e na preservação dos vínculos familiares. No terceiro campo, a atenção se dá nos casos de adoção, em virtude da perda da própria família, por orfandade ou pela destituição do poder familiar, em razão de ação ou omissão dos pais (Brasil, 2005). Tal projeto, traça planos de ações em cada um desses eixos temáticos, buscando elaborar e sistematizar formas de atendimentos que possibilitem condições fundamentais para o desenvolvimento pleno de crianças e adolescentes.

Além destes aspectos, intervenções em grande escala, através de palestras, reportagens, documentários, artigos em revista de circulação nacional, fóruns de discussão que contemplassem grandes grupos ou nossa sociedade, de uma maneira geral seriam fundamentais. Tais ações poderiam auxiliar na reflexão e re-significação dos sentidos de adoção, de força genética, de filiação, de paternidade e maternidade, de relação familiar e de relação afetiva, dentre outras questões que se apresentam na relação pais-filhos, em famílias biológica e não biológicas.

Estes são alguns pontos por nós levantados com o intuito de estimularmos e contribuirmos para a ampliação das discussões neste campo, na expectativa de que este trabalho possa oferecer a possibilidade de novas compressões sobre o processo de construção das relações afetivas na família, não biológica e biológica, pois toda relação afetiva implica em uma adoção mútua.

7. Considerações Finais

“O importante e bonito no mundo é isso: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam.”

Guimarães Rosa

Procuramos, por meio do acompanhamento de uma família adotiva, em situação de guarda provisória, dar relevo ao processo de inserção do bebê em seu primeiro ano de chegada, ressaltando a configuração da trama relacional familiar, os sentidos de relação afetiva construídos no aqui-agora das situações, os momentos em que a temática da adoção emergia e os sentidos construídos a partir desta experiência. Através do acompanhamento à família pudemos compreender o aspecto dinâmico da construção das relações afetivas do bebê na família e os conflitos vivenciados durante este período.

Pensar sobre relação afetiva implica em considerarmos o contexto mais amplo em que envolve as pessoas, as experiências emocionais despertadas, a partir do contato com o outro, no campo interativo, que mostra-se atravessado por aspectos da matriz sócio-histórica, que se concretiza no aqui-agora, por meio das características pessoais de cada parceiro envolvido. O caráter construído das relações possibilita vislumbrarmos o relacionamento afetivo como fluido, situado em um contexto específico sócio-cultural, que se constitui a cada momento.

A despeito de todas as particularidades de uma família em situação de adoção, gostaríamos de ressaltar a importância do processo de adoção nas relações de um modo geral, e nas relações familiares, mais especificamente. Estar com o outro implica em atentarmos para a nossa rede de significações, os lugares que assumimos e atribuímos ao parceiro no campo interativo e por ele ocupados ou não. Nesse jogo de

forças, discursos presentes em nossa sociedade, a história de vida de cada pessoa envolvida, atravessam o campo interativo despertando vivências emocionais múltiplas, circunscrevendo determinados lugares a serem ocupados por cada parceiro e sentidos de relação afetiva a serem construído naquele momento.

A consangüinidade pode propiciar a oportunidade de duas pessoas partilharem um mesmo espaço físico, no entanto, a construção da relação afetiva requer um investimento constante, um olhar atento para os aspectos envolvidos na situação e os sentidos construídos a partir desse interjogo. Neste sentido, caberia concebermos a relação afetiva mãe-filho, pai-filho, entre irmão, etc. não em termos de um padrão constante ao longo do tempo, e sim como uma condição em mutação, cujos sentidos vão se constituindo a cada momento, conforme as particularidades de cada participante na situação e o contexto mais amplo em que se encontram inseridos, sendo que alguns sentido podem apresentar uma maior constância.

Finalizando, gostaríamos de ressaltar que este trabalho teve como objetivo último poder contribuir, de alguma forma, na ampliação das discussões sobre a chegada do bebê na família adotiva, no processo de adaptação e de construção das relações afetivas. Apoiados na idéia de que o processo de pesquisa implica na emergência de novas questões, esperamos poder ter explicitado os sentidos, por nós construídos, a partir do contato com a família adotiva, mas principalmente abrir a possibilidade de que novos sentidos sejam construídos, possibilitando uma maior compreensão sobre este tema, tão importante e que nos toca tão profundamente, por dizer respeito a uma condição fundamental do ser humano, a de estar com outro e construir relações afetivas.

Gostaríamos de encerrar este trabalho com as palavras sábias do poeta Carlos Drummond de Andrade:

Verdade

*“A porta da verdade estava aberta,
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez*

*Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam.*

*Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em metades
diferentes uma da outra*

*Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era totalmente bela.
E carecia optar. Cada um optou conforme
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.”*

(Carlos Drummond de Andrade)

8. Referências Bibliográficas

- AINSWORTH, M.D.S. Patterns of attachment behavior shown by the infant in interaction with his mother. *Merril-Palmer Quarterly*, v.10, p. 51-58, 1964.
- AINSWORTH, M.D.S.; BLEHAR, M.C.; WATERS, E.; WALL, S. **Patterns of attachment**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1978.
- AMORIM, K.S. **Concretização de discursos e práticas histórico-sociais, em situações de frequência de bebês a creche**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2002.
- AMORIM, K.S. **Processo de (re)construção de relações, papéis e concepções a partir da inserção de bebês na creche**. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Psicologia e Educação, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1997.
- AMORÓS, P.; PALACIOS, J.; FUENTES, N.; LÉON, E.; MESAS, A.. **Familias canguro. Una experiencia de protección a la infancia**. Colección Estudios sociales, nº 13. Espanha: Fundación La Caixa, 2003.
- ANDREI, E.. Adoção – mitos e preconceitos. In: FREIRE, F. **Abandono e Adoção: contribuições para uma cultura da adoção III** Curitiba: Terra dos Homens, 2001. p. 41-50.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1981. 279 p.
- BADINTER, E. **Um Amor Conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 370 p.
- BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. 275 p.
- BALONE, G. **Crianças adotadas e de orfanato**. www.psiqweb.med.br/infantil/adoc.html, 2003.
- BECKER, M.J. Subseção IV – Da adoção. In: CURY, M.; SILVA, A.F.M.; MENDEZ, E.G.. **Estatuto da Criança e do Adolescente Comentado**. 3º ed. São Paulo: Malheiros. 2000. P. 158-159.
- BERTHOUD, C.M.E. **Filhos do coração**. Taubaté: Cabral, 1997. 160 p.
- BOWLBY, J. **Apego: Volume I da Trilogia Apego e Perda**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 493 p.

- _____. **Cuidados maternos e saúde mental**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 239 p
- _____. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 228 p
- _____. **Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- BRASIL – Secretaria Especial dos Direitos Humanos e Ministério do Desenvolvimento Social e do Combate à Fome. **Plano nacional de promoção, defesa e garantia do direito de crianças e adolescentes à convivência familiar e comunitária**. Brasília. 2005.
- _____. - Ministério da Saúde. **Resolução nº 196/96 sobre pesquisa envolvendo seres humanos**. Brasília: Conselho Nacional de Saúde. 1996.
- BRAZELTON, T. **O desenvolvimento do apego: uma família em formação**. Porto Alegre: Artes médicas, 1988.
- BRETHERTON, I. The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. **Developmental Psychology**, v. 28, n. 5, p. 759-775. 1992.
- _____. The roots and growing points of attachment theory. In: Parkes, C. M.; Stevenson-hinde, J.; Marris, P. **Attachment across the life cycle**. London: Routledge. 1991. p. 9-33.
- BRIGAS, M. Teoria do apego, família e violência. **Contexto Enferm**, v. 8, n. 2, p. 53-61. 1999.
- BRODZINSKY, D.M., SCHECHTER, M.D., HENIG, R.M. **Being Adopted. The lifelong search for self**. New York: Anchor Books, 1993.
- BUSSAB, V.S.R. **Afetividade e interação social em crianças: perspectiva psicopatológica**. 2003. Tese (Livre docência)- Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. 219 p.
- BUSSAB, V.S.R.; RIBEIRO, F. L. Biologicamente Cultural. In: SOUZA, L ; FREITAS, F.Q; RODRIGUES, M.M.P. **Psicologia, reflexões (im)pertinentes**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. p. 175-193.

- CARVALHO, A M A. Etologia e o Comportamento Social. In: SOUZA, L ; FREITAS, F.Q; RODRIGUES, M.M.P. **Psicologia, reflexões (im)pertinentes**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. p. 195- 224.
- CARVALHO, I.L. Adoção – Enfoque multidisciplinar do instituto. In: ALVIM, T. A **Repertório de jurisprudência e doutrina sobre o direito de família: aspectos constitucionais, civis e processuais**. v.2. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1995.
- CASSIN, W.C. **O psicólogo judiciário e a cultura da adoção: limites, contradições e perspectivas**. 2000. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Psicologia e Educação, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2000
- CHISHOLM, K. Attachment in children adopted from romanian orphanages. In: CRITTENDEN, P.M.; CLAUSSEN, A.H. **The organization os attachment relationships: maturation, culture and context**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2000. p.171-189
- _____. A three year follow-up of attachment and indiscriminate friendliness in children adopted from romanian orphanages. **Child Development**, v. 69, n. 4, p. 1092-1106, 1998.
- CHRISTIANSEN, I. B. Is blood thicker than water? A discussion of how the rootmetaphor ‘blood is ticker than water is expressed in Danish adoptive kinship. may, p. 11-13, 2001. **Conference/Workshop on International Adoption “Where, How and to Whom Adopted Children Belong’**, Hampshire College: Amherst.
- COSTA, L. F.; CAMPOS, N. M. V. A avaliação psicossocial no contexto da adoção: vivências das famílias adotantes. **Psicologia, Teoria e Pesquisa**, v. 19, n. 3. 2003
- COSTA, N.R.A. **Cosntrução de sentidos relacionados à maternidade e à paternidade em uma família adotiva**. 2005. 207 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, 2005.
- CURY, M.; SILVA, A.F.M.; MENDEZ, E.G.. **Estatuto da Criança e do Adolescente Comentado**. 3º ed. São Paulo: Malheiros. 2000.
- DELAMATER, J. D. E HYDE, J.S. Essentialism vs. Social Construcionism in the Study of Human Sexuality. **The Journal of Sex Research**, v. 53, n. 1, p. 10-18.1998.

- DI LORETO, O.D.M. Da adoção (e erros do pensar) ou dos erros do pensar (e da adoção). **Psicologia em Estudo**, v. 2, n. 2, p. 1-33. 1997
- DOLTO, F. **Dialogando sobre crianças e adolescentes**. Campinas: Papirus, 1989.
- DOLTO, F.; HAMAD, N. **Destinos de crianças: adoção, famílias de acolhimento, trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 167 p.
- ELTINK, C. “Escolhas” na adoção: construção de subjetividades no processo de integração da criança adotiva na família substituta. qualificação (doutorado), Departamento de Psicologia e Educação, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.
- ESPINOZA, M.J.; YURASZECK, J.T.; SALAS, C.U. Adopción: una familia para un niño o una forma de hacer familia. **Revista chilena de pediatría**, v.75, n. 1, p. 13-21. jan. 2004.
- FOGEL, A. **Developing through relationships: origins of communication, self, and culture**. Hertfordshire: Harvester Wheatsheaf, 1993. 221 p.
- FONSECA, C. Mãe é uma só?: Reflexões em torno de alguns casos brasileiros. **Psicologia USP**, v. 13, n. 2. P. 49-68. 2002.
- _____. Quando cada caso não é um caso. Pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 10, p. 58-78. jan.fev.mar.abr. 1999.
- _____. **Caminhos da adoção**. São Paulo: Cortez. 1995. 151 p.
- FREIRE, F. **Abandono e Adoção: contribuições para uma cultura da adoção III**. Curitiba: Terra dos Homens, 2001a, 349 p.
- _____. O que é adoção? In: CeCIF . **101 perguntas e respostas sobre adoção**. São Paulo: CeCIF, 2001b. p. 21.
- _____. **Abandono e Adoção: contribuições para uma cultura da adoção II**. Curitiba: Terre des Hommes, 1994.
- GOSELIN, C. Fonction des comportements parentaux: révision de la notion de sensibilité maternelle. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, v 16, n 2, 2000. ISSN 0102-3722.
- GUANAES, C. **A terapia de grupo como recurso conversacional: o processo de negociação de sentidos em um grupo ambulatorial de curta duração em saúde mental**. 2004. 214 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, 2004.

- HARRÉ, R; GILLET, G. **A mente discursiva: os avanços na ciência cognitiva.** Porto Alegre: Artmed. 1999, 154 p.
- HOKSBERGEN, F.J, HOKSBERGEN, R.A.C., RIKSEN-WALRAVEN, J. M. & KOHNSTAMM, G.A. Early intervention in adoptive families: supporting maternal sensitive responsiveness, infant-mother attachment, and infant competence. **Journal Child Psychology and Psychiatry**, v. 38, n. 8, p. 1039-1050. 1997.
- HUGHES DA . Adopting children with attachment problems. **Child Welfare**, v. 78, n. 5, p. 541-60, Sep-Oct. 1999.
- KLAUS, M. H.; KENNELL, J. H.; KLAUS, P. H. **Vínculo: construindo as bases para um apego seguro e para a independência.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. 187 p.
- KLAUS, M.H.; KENNELL, J.H. **Pais/bebês: a formação do apego.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. 360 p.
- LEON, I.G. Adoption losses: naturally occurring or socially constructed? **Child Development**, v.73, n. 2, p. 652-663, march-april. 2002.
- LÉVI-STRAUSS, C. As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis: Vozes, 1982, 540 p.
- LYRA, M.C.D.P. Desenvolvimento de um sistema de relações historicamente construídos: contribuições da comunicações no início da vida. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 13, n. 2, p.257-268. 2000.
- MAIN, M. De l'attachement à la psychopathologie. **Enfance**, v. 3, p. 13-27. 1998.
- MALDONADO, M.T. **Os caminhos do coração: pais e filhos adotivos.** São Paulo: Saraiva, 1995, 103 p.
- MARIANO, F.N. **O cenário jurídico: a análise de processos de adoção no município de Ribeirão Preto (1991-2000).** Dissertação (Mestrado), Departamento de Psicologia e Educação, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 269 p.
- MONLÉON, J. V.. Qui sont mēs parents? Filiation adoptive en fonctions du temps et de l'endroit. **Arch. Pediatr**, v.7, n. 5, p. 529-535. 2000.

- MONTAGNER, H. L'attachement, les débuts de la tendresse. Paris: Éditions Odile Jacob, 1988. 332 p.
- MOTTA, M.A.P. **Mães abandonadas: a entrega de um filho em adoção**. São Paulo: Cortez, 2001. 287 p.
- NOGUEIRA, P.L. **Estatuto da Criança e do Adolescente Comentado (lei 8069 de 13 de julho de 1990)**. 4. ed., São Paulo: Saraiva, 1998.
- O'CONNOR, T.G; MARVIN, R.S,RUTTER, M.; OBRICK, J.T.; BRITNER, P. A. The english and romanian adoptees study team. Child-parent attachment following early institutional deprivation. **Development and Psychopatology**. V. 15, n. 1, p.19-38. 2003.
- O'CONNOR, T.G; RUTTER, M. Attachment disorder behavior following early severe deprivation: extension and longitudinal follow-up. English and Romanian Adoptees Study Team. **J Am Acad Child Adolesc Psychiatry**. v. 39, n. 6, p. 703-12. jun. 2000.
- OLIVEIRA, Z.M.R.; GUANAES, C; COSTA, N. R. A. Discutindo o conceito de "jogos de papel": uma interface com a "teoria do posicionamento". In: ROSSETTI-FERREIRA, M.C., AMORIM, K.S.; SILVA, AP.S. E CARVALHO, A M A **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 69-80.
- PAIVA, L.D. **Adoção: significados e possibilidade**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2004. 180 p.
- PEREIRA, J.M.F.; SANTOS, M.A. O enfoque Psicológico da Adoção: Revisão da Literatura. In: LABATE, R.C. **Caminhando para a assistência integral**. Ribeirão Preto: Scala, 1999. p. 225-247.
- _____. Características de casais adotantes e de crianças desejadas: uma análise comparativa. In: **Resumos de Comunicações Científicas da XXVIII Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia**, 1998. Ribeirão Preto: 1998. p. 172.
- PIERREHUMBERT, B. Le colloque imaginaire: une génération plus tard. **Enfance**, v. 3, p. 3-12. 1998.
- PINHEIRO, O. G. Entrevista: uma prática discursiva. In: SPINK, M.J. P. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p 183-214.

- RODRIGUES, S. **Direto Civil. Direito da Família**, v.6. São Paulo: Saraiva. 2002.
- RORIZ, T.M. **Inclusão/exclusão social e escolar de crianças com paralisia cerebral, sob a óptica dos profissionais da saúde**. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) – Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.
- ROSSETTI-FERREIRA, M.C. **Análise do desenvolvimento humano enquanto uma construção através de uma rede dinâmica de significações**. Projeto temático, Fapesp (relatório de pesquisa – 03, maio 2000/abril 2001).
- _____. O apego e as reações da criança à separação da mãe. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48, p. 3-19. 1984.
- ROSSETTI-FERREIRA, M.C., AMORIM, K.S., VITÓRIA, T. Integração família e creche – O acolhimento é o princípio de tudo. In: Marturano, E.M, Loureiro, S.R.; Zuardi, A.W. **Estudos em saúde mental** - Curso de Pós-Graduação em Saúde Mental da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP Ribeirão Preto, 1997. p. 109-131
- _____. Emergência de novos significados durante o processo de adaptação de bebês à creche. In: PEDROSA, M.I. **Investigação da criança em interação social – Coletâneas da ANPEPP**. Recife: Editora da UFPE, 1996. p. 111-143.
- ROSSETTI-FERREIRA, M.C., AMORIM, K.S.; SILVA, AP.S.; CARVALHO, A M. **A Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- ROSSETTI-FERREIRA, M.C., AMORIM, K.S.; SILVA, AP.S. Rede de Significações: alguns conceitos básicos. In: ROSSETTI-FERREIRA, M.C., AMORIM, K.S.; SILVA, AP.S.; CARVALHO, A M. **A Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 23-33.
- _____. Uma perspectiva teórico-metodológica para a análise do desenvolvimento humano e do processo de investigação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 13, n. 2, p. 281-193. 2000.
- RUTTER, M. Maternal deprivation, 1972-1978: new findings, new concepts, new approaches. **Chid Development**, v. 50, 283-305. 1979.

- SANTOS-OLIVEIRA, N.G.; BUSSAB, V.S.R. Comportamentos comunicativos do bebê como parceiro ativo na interação. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 6, n. 1/2, p. 34-38. 1996
- SCHETTINI FILHO, L. Qual é a melhor idade para contar para a criança a respeito de sua origem? In: CeCIF . **101 perguntas e respostas sobre adoção**. São Paulo: CeCIF. 2001, p. 46-47.
- _____. **Compreendendo os pais adotivos**. Recife: Edições Bagaço, 1998a
- _____. **Compreendendo o filho adotivo**. 3. ed. Recife: Edições Bagaço, 1998b.
- SCHREINER, G. Se a mãe biológica de meu filho aparecer poderá levá-lo de mim? In: CeCIF . **101 perguntas e respostas sobre adoção**. São Paulo: CeCIF. 2001, p. 82.
- SERRANO, S.A. **O abrigo de crianças de 0-6 anos de idade em Ribeirão Preto: caracterizando esse contexto**. Projeto (Mestrado)- Departamento de Psicologia e Educação, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004.
- SILVA, A.P.S.; ROSSETTI-FERREIRA, M.C.; CARVALHO, A.A.M. Circunscritores: limites e possibilidades no desenvolvimento In: ROSSETTI-FERREIRA, M.C., AMORIM, K.S.; SILVA, AP.S.; CARVALHO, A M **A Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 81-92.
- SILVA, A.P.S. **(Des)continuidades no envolvimento como crime: construção de identidade narrativa de ex-infratores**. São Paulo: IBCCRIM, 2003. 198 p.
- _____. **Mudanças e continuidades no desenvolvimento: trajetórias de indivíduos envolvidos na prática de delitos**. 1999. Projeto (Doutorado) Departamento de Psicologia e Educação, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- SOLON, L.A.G. **Perspectivas da criança em processo de adoção tardia**. Qualificação (Mestrado)- Departamento de Psicologia e Educação, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.
- SOUZA, M.C. Parentes de sangue: incesto, substância e relação no pensamento timbira. **Mana – Estudos de de Antropologia Social**, v. 10, n. 1, 2004. abril.
- SPINK, M. J. P.; FREZZA, R.M. Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da Psicologia Social. In: SPINK, M.J. P. **Práticas discursivas e**

- produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas.**
2. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 17-40.
- SPINK, M. J. P.; LIMA, H. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: SPINK, M.J. P. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 93-122.
- SPINK, M. J. P.; MEDRADO, B. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, M.J. P. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 41-62.
- SPITZ, R.A **O primeiro ano de vida.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 390 p.
- STAMS,G.J.J.M.; JUFFER,F.; VAN IJZENDOORN,M.H. Maternal sensitivity infant attachment, and temperament in early childhood predict adjustment in middle childhood: the case of adopted children and their biologically unrelated parents. **Developmental Psychology**, v.38, n. 5, p.806-821, 2002.
- STECK B, Parent child relations problems in adoption **Prax Kinderpsychol Kinderpsychiatr**, v. 47, n. 4, p. 240-62. apr. 1998.
- STOVALL, K.C.; DOZIER,M. The development of attachment in new relationships: single subject analyses for 10 foster infants. **Development Psychopatoly**, v. 12, p. 133-156, 2000.
- TITTONI, J.; JACQUES, M. G. C. Pesquisa. In: STREY, M. N et al. **Psicologia Social contemporânea: livro texto.** Rio de Janeiro: Vozes, 1998. p. 73-85.
- VALSINER, J. **Culture and the development of children's actions.** Great Britain: John Wiley & Sons, 1987.
- VALSINER, J; VANDER VEER, R. **The social Mind – Construction of the idea.** Cambridge: Univ. Press, 2000.
- VARGAS, M. M. Da família sonhada à família possível- A necessidade de preparação para a adoção. In: FREIRE, F. **Abandono e Adoção: contribuições para uma cultura da adoção III.** Curitiba: Terra dos Homens, 2001. p. 99-105.

- _____. O que é adoção tardia? In: CeCIF . **101 perguntas e respostas sobre adoção**. São Paulo: CeCIF, 2001. p. 58.
- _____. **Adoção tardia: da família sonhada à família possível**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- VASCONCELOS FERREIRA, M. **Separações mãe-bebê: diversos sentidos na construção de uma relação**. Dissertação (Mestrado) Departamento de Psicologia e Educação, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, 2000.
- VIEIRA, E. M. **Prática Médica e Corpo Feminino**. cap.1, 1990. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1990.
- YOGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 161 p.
- WEBER, L. N. D. **Laços de Ternura: pesquisa e história de adoção**. 2. ed. Curitiba: Juruá, 1999, 231 p.
- _____. Da institucionalização à adoção: um caminho possível? **Igualdade**, v. 9, p. 1-9. 1995.
- WEREBE, M.J.; NADEL-BRULFERT, J. **Henri Wallon**. São Paulo: Ática, 1986. 186 p.
- WOLD, A **Direito de família**. 10.ed. São Paulo: Revistas dos Tribunais, 1995.
- YAZLLE, C.H.D. **Pré-escolas convivendo com a paralisia cerebral: uma análise do processo de inclusão/exclusão**. 2001. Dissertação (Mestrado) Departamento de Psicologia e Educação, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, 2001.
- YIN, R.K. **Estudos de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- ZEANAH C.H. Disturbances of attachment in young children adopted from institutions. **Journal Dev Behav Pediatr**, v. 21, n. , p. 230-6, jun. 2000.

8. Anexos e Apêndices

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP

Anexo 1

Of.CEIP/019/2002/24.4.2002

Senhora Pesquisadora:

De ordem da Sra. Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, comunicamos a V. Sa. que o trabalho intitulado "A CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES AFETIVAS DURANTE A INSERÇÃO DO BEBÊ NA FAMÍLIA", foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, em sua 19ª Reunião Ordinária, realizada em 23/04/2002, e enquadrado na categoria: **APROVADO**, de acordo com o Processo CEP-FFCLRP nº 049/2002 - 2002.1.255.59.2.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,


Denise Lucia Trujillo Morgon
Secretária do CEP-FFCLRP-USP

Ilustríssima Senhora
Regina Cláudia Mingorance
Departamento de Psicologia e Educação - FFCLRP-USP

em mãos

PODER JUDICIÁRIO
COMARCA DE RIBEIRÃO PRETO
VARA DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE

Senhora Professora,

Sirvo-me da presente para comunicar que este Juízo autorizou a realização dos projetos de pesquisa denominados "*A construção de sentidos de maternidade e paternidade na inserção de um bebê na família*", "*Encontros e desencontros na construção da subjetividade em adolescentes adotados*", "*A construção das relações de apego durante a inserção do bebê na família*" e "*Adoção: a inserção de bebês a famílias adotantes e o processo de construção da subjetividade*", com a utilização de dados e informações à disposição da *Vara da Infância e da Juventude*.

Os psicólogos Valter e Valéria estarão à disposição das pesquisadoras para facilitar a consulta de dados e os contatos com as pessoas que serão objeto das pesquisas.

Sendo o quanto se me apresenta para o momento, subscrevo-me com protestos de consideração e respeito.

Paulo César Gentile
Juiz de Direito

Ilma. Sra.
Profª Doutora Maria Clotilde Rossetti-Ferreira
Coordenadora do CINDEDI-FFCLRP-USP

Termo de consentimento livre e esclarecido

Meu nome é Regina, sou psicóloga e pesquisadora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP – Ribeirão Preto e estou ligada ao grupo de pesquisa do CINDEDI – Centro de Investigação sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil. Estamos realizando um estudo sobre a construção das relações afetivas entre o bebê e as pessoas presentes no seu contexto de desenvolvimento. O objetivo deste trabalho é conhecer melhor como se estabelecem as relações afetivas entre o bebê e as pessoas do seu convívio. Para isso, estamos entrevistando e acompanhando os casais que estão passando pela primeira experiência de ter um(a) filho(a), seja este natural ou adotivo(a) e demais pessoas que mantêm um contato constante com este bebê.

No desenvolvimento de nossa pesquisa, gostaríamos de acompanhá-lo(a) em diferentes momentos desse processo da entrada do bebê na família, por isto, a pesquisa será composta de várias etapas ou procedimentos, que explicamos a seguir:

1) **Entrevistas:** serão realizadas 8 entrevistas individuais, em épocas diferentes: a) no primeiro mês de contato com o bebê; b) após o primeiro mês da chegada do bebê na família e, posteriormente, a cada visita feita pela pesquisadora à família (3º mês, 6º, 8º, 9º, 11º e 12º meses).

As entrevistas ocorrerão em horários e locais de sua escolha e em comum acordo comigo, protegendo-lhe a privacidade. Nela conversaremos sobre sua história de vida, sobre seu relacionamento com o bebê, expectativas e perspectivas em relação a ele.

2) **Gravações em vídeo:** gostaríamos de filmar momentos do bebê consigo, em sua residência, durante 30 minutos. No primeiro mês de chegada do bebê as gravações serão semanais, no segundo mês quinzenais, no 3º, 6º, 8º, 9º, 11º e 12º meses, serão mensais. As gravações serão realizadas no horário de sua escolha, envolvendo situações de banho, alimentação e atividades livres com o bebê. Caso deseje, estas filmagens poderão ser posteriormente editadas em uma fita e entregue a você.

Gostaríamos muito de sua colaboração, sendo importante esclarecer que:

- 1- O projeto foi autorizado pelo Juiz da Vara da Infância e Juventude de Ribeirão Preto, à época, Dr. Paulo César Gentile, permitindo o contato com as famílias adotantes.
- 2- Solicitamos a sua ajuda para o contato com as famílias biológicas que estejam esperando bebês; caso não seja possível, faremos o contato através de médicos-obstetras.
- 3- Sua participação é inteiramente voluntária e você pode participar em uma ou mais etapas/procedimentos da pesquisa: entrevistas, gravações. Além disso, você é livre para desistir de qualquer uma destas participações, no momento que desejar.
- 4- Quaisquer dúvidas que você tenha quanto às etapas/procedimentos da pesquisa poderão ser esclarecidas em qualquer momento.
- 5- O estudo é longitudinal, ou seja, durará aproximadamente um ano, porém se você decidir, pode interromper sua participação a qualquer momento.
- 6- Conversaremos sobre questões pessoais, envolvendo sua história de vida, relacionamento com seus pais, com o bebê, e outros. Entretanto não há necessidade de falar de situações que lhe tragam algum tipo de constrangimento.

7- Seu companheiro(a) e as pessoas em contato constante com o bebê, em sua casa, também serão consultadas e, se concordarem, serão entrevistadas e participarão das gravações em vídeo. As informações das entrevistas serão sigilosas, ou seja, os participantes desse trabalho não terão conhecimento do relato um do outro.

8- Caso você nos autorize, as entrevistas serão gravadas, transcritas e arquivadas junto a um banco de dados do CINDEDI, no qual tem acesso apenas os pesquisadores do grupo.

9- Será garantido o anonimato em relação aos seus depoimentos sob a forma de nome fictício (falso) e não referência a locais ou situações que possam lhe identificar. Com relação às gravações em vídeo, as imagens serão vistas só pelos participantes do CINDEDI. Em outras situações de possível exposição da imagem, como congressos, você será antes consultado(a) para que autorize ou não o uso da imagem, tendo a possibilidade de assistir a fita editada antes da sua apresentação no evento.

10- Acreditamos que as entrevistas possam lhe beneficiar por se tratar de momentos saudáveis de acolhimento de angústias, receios, dúvidas, que podem ser esperados nesta fase de tantas mudanças que você está passando. Além de que, os dados obtidos neste trabalho poderão auxiliar para uma melhor compreensão de como se estabelecem as relações afetivas entre o bebê e as pessoas próximas ao seu convívio. Tais informações mostram-se importantes para se pensar, posteriormente, em trabalhos de intervenção à nível preventivo, visando contribuir para o desenvolvimento do bebê e da família como um todo.

11- Ao final do trabalho, nos comprometemos a lhe fazer um relato sobre o que foi obtido no estudo, caso você deseje.

Considerando as questões acima:

Eu, _____, aceito participar das seguintes etapas deste estudo: () entrevistas () gravações em vídeo, sabendo que a minha participação é inteiramente voluntária. Recebi uma cópia deste termo e tive a possibilidade de lê-lo com atenção.

Assinatura do participante: _____

RG: _____

Data: _____

Assinatura do pesquisador: _____

Regina Claudia Mingorance
CRP: 06/50653-2

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Ribeirão Preto – USP
Av. Bandeirantes, 3900
Bloco C – sala 7 – CINDEDI
Ribeirão Preto – SP.
Tel: (016) 602 -3850

Termo de consentimento livre e esclarecido

(destinado aos possíveis participantes da pesquisa, como outros familiares ou pessoas próximas, cuja presença seja relevante no contexto de desenvolvimento do bebê)

Meu nome é Regina, sou psicóloga e pesquisadora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP – Ribeirão Preto e estou ligada ao grupo de pesquisa do CINDEDI – Centro de Investigação sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil. Estamos realizando um estudo sobre a construção das relações afetivas entre o bebê e as pessoas presentes no seu contexto de desenvolvimento. O objetivo deste trabalho é conhecer melhor como se estabelecem as relações afetivas entre o bebê e as pessoas do seu convívio. Para isso, estamos entrevistando e acompanhando os casais que estão passando pela primeira experiência de ter um(a) filho(a), seja este natural ou adotivo(a) e demais pessoas que mantém um contato constante com este bebê.

Através do contato com os pais, percebemos que sua presença é importante neste momento de desenvolvimento do bebê e por isso, pedimos autorização a eles e a você para entrevistá-lo e filmar momentos do bebê consigo, durante 30 minutos.

Gostaríamos muito de sua colaboração pois suas opiniões e contato com o bebê são muito importantes para nossa pesquisa, sendo importante esclarecer que:

1- Sua participação é inteiramente voluntária e você pode participar em uma ou mais etapas/procedimentos da pesquisa: entrevistas, gravações. Além disso, você é livre para desistir de qualquer uma destas participações, no momento que desejar.

2- Quaisquer dúvidas que você tenha quanto às etapas/procedimentos da pesquisa poderão ser esclarecidas em qualquer momento.

3- Julgamos não haver nenhum risco para você em participar da pesquisa.

4- Caso você nos autorize, as entrevistas serão gravadas, transcritas e arquivadas junto a um banco de dados do CINDEDI, no qual tem acesso apenas os pesquisadores do grupo.

5- Será garantido o anonimato em relação aos seus depoimentos sob a forma de nome fictício (falso) e não referência a locais ou situações que possam lhe identificar. Com relação às gravações em vídeo, as imagens serão vistas só pelos participantes do CINDEDI. Em outras situações de possível exposição da imagem, como congressos, você será antes consultado(a) para que autorize ou não o uso da imagem, tendo a possibilidade de assistir a fita editada antes de ser apresentada no evento.

6- Ao final do trabalho, nos comprometemos a lhe fazer um relato sobre o que foi obtido no estudo, caso você deseje.

Considerando as questões acima:

Eu, _____, aceito participar das seguintes etapas deste estudo: () entrevistas () gravações em vídeo, sabendo que a minha participação é inteiramente voluntária. Recebi uma cópia deste termo e tive a possibilidade de lê-lo com atenção.

Assinatura do participante: _____

RG: _____

Data: _____

Assinatura do pesquisador: _____

Regina Claudia Mingorance

CRP: 06/50653-2

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Ribeirão Preto – USP

Av. Bandeirantes, 3900

Bloco C – sala 7 – CINDEDI

Ribeirão Preto – SP.

Tel: (016) 602 -3850

Roteiro de entrevista

Dados de identificação.

Nome:

Data de nascimento:

Escolaridade:

Profissão:

Religião:

Eu gostaria de poder conversar com você sobre sua infância, os seus relacionamentos naquela época, seu momento atual de vida e sobre o processo de adoção. Fique à vontade para começarmos por onde você achar melhor.

A) Infância, constelação familiar, relacionamentos, maiores e menores afinidades, mudanças e eventos perturbadores.

- 1) Conte-me um pouco sobre sua infância, as pessoas com quem você convivia e como era configurada sua família.
- 2) Como eram as relações entre vocês? Quais as pessoas com maiores afinidades e quais tinham menos ligações?
- 3) Nos momentos em que você estava com medo ou angustiada(o), ou quando você buscava fazer algo diferente e desafiador, quem você procurava ou gostaria que estivesse com você? Havia alguém que você não gostava de ficar longe?
- 4) Teve eventos que de alguma forma te marcaram ? Para cada evento, quem você procuro e te apoiou? Você gostaria de falar sobre ?
- 5) Olhando as relações que você teve durante sua infância, você acha que estas experiências influenciaram no seu jeito de ser hoje em dia? Como? (investigar adoção)

B) Momento atual, relacionamentos, afinidades, casamento e processo de adoção

- 6) Atualmente, conte-me um pouco sobre a sua família e as pessoas com quem você convive, que você tem mais intimidade. Em momentos difíceis ou mais desafiantes, a quem você recorre?
- 7) Fale-me um pouco sobre seu relacionamento com seu parceiro(a). Há quanto tempo estão juntos, quando decidiram ter filhos e surgiu a idéia de adoção?
- 8) Conte-me como está sendo para você este período desde quando vocês começaram a pensar sobre a adoção. (preconceitos, sentimentos, fantasias e tomada de decisão para adotar)
- 9) Como você imagina que será o bebê que vocês irão adotar? Você já o conheceu ?
- 10) Como você imagina que vai ser quando o bebê chegar a sua casa? Quais as coisas mais fáceis e mais difíceis que você imagina que possam acontecer?

Roteiro de entrevista após o primeiro mês de chegada do bebê

Relações com o bebê, rede de apoio, preferências do bebê, expectativas e fantasias em relação ao bebê.

- 1) Como está sendo para você e sua família este primeiro mês como o bebê em casa? Como você pensava que seria?
- 2) Tem alguém que você busca conversar ou que você gostaria que estivesse com você neste momento? (pessoa mais próxima que apoia)
- 3) Conte-me um pouco sobre as coisas boas e dificuldades que estão acontecendo neste primeiro mês do bebê aqui com vocês. O que você acha que pode estar influenciando? Você sente diferença pelo fato dele ser adotivo?
- 4) Como você vêm percebendo o bebê, o jeito de ser dele e comportamentos? Você percebe se ele tem preferência por alguém?
- 5) Vou te propor uma brincadeira de imaginação. Se um gênio aparecesse e você pudesse fazer três pedidos, o que você pediria a ele?